



ALICE
MUNRO
AMIGA DE
JUVENTUDE



BIBLIOTECA AZUL
PRÊMIO NOBEL
DE LITERATURA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Alice Munro

AMIGA DE JUVENTUDE

*Tradução
Elton Mesquita*



BIBLIOTECA AZUL

Copyright © 1990 by Alice Munro
Copyright da tradução © 2014 by Editora Globo s.a.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *Friend of My Youth*

Editor responsável: Ana Lima Cecílio

Editoras assistentes: Erika Nogueira Vieira e Juliana de Araujo Rodrigues

Editor digital: Erick Santos Cardoso

Preparação: Thiago Blumenthal

Revisão: Jane Pessoa, Vanessa Carneiro Rodrigues

Capa: Mariana Newlands

Diagramação: Jussara Fino

Foto de capa: Leland J. Prater/ Latinstock/© CORBIS/Corbis (DC)

cip-brasil. catalogação na publicação
sindicato nacional dos editores de livros, rj

M939a

Munro, Alice, 1931-

Amiga de juventude / Alice Munro; tradução Elton Mesquita.

1ª ed. – São Paulo: Globo, 2014.

Tradução de: *Friend of my youth*

isbn 978-85-250-5810-2

1. Ficção canadense. i. Mesquita, Elton. ii. Títul.

14-11827 cdd: 869.13

cdu: 821.111(71)-3

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por editora globo s.a.

Av. Jaguaré, 1485

05346-902 São Paulo-sp

www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Amiga de juventude](#)

[Five points](#)

[Meneseteung](#)

[Aperte-me forte, não me deixe ir](#)

[Laranjas e maçãs](#)

[Imagens do gelo](#)

[Bondade e misericórdia](#)

[Ah, de que serve](#)

[Diferente](#)

[Olha a peruca](#)

[Notas](#)

À memória de minha mãe

AMIGA DE JUVENTUDE

Com agradecimentos a R. J. T.

Eu costumava sonhar com minha mãe e, embora os detalhes do sonho variassem, a surpresa que eu sentia era sempre igual. Nunca mais sonhei com isso, creio que por ser transparente demais em sua esperança, por mostrar um perdão fácil demais.

No sonho eu tinha a minha idade real, vivia igual à minha vida de verdade, e descobria que minha mãe ainda estava viva (quando na verdade ela havia morrido quando eu tinha pouco mais que vinte anos, e ela, pouco mais que cinquenta). Às vezes eu me via em nossa antiga cozinha, e minha mãe estava lá, esticando a massa para a torta sobre a mesa, ou lavando pratos na velha bacia cor de creme com borda vermelha. Mas outras vezes eu topava com ela na rua, em locais onde jamais esperaria vê-la. Ela aparecia caminhando pelo saguão de um belo hotel, ou em uma fila no aeroporto. Parecia estar muito bem — não exatamente jovem, não de todo livre da doença paralisante que a manteve prisioneira por uma década ou mais antes de sua morte, mas tão melhor do que eu me lembrava que eu ficava atônita. Ela dizia: “Ah, é só o meu braço que treme um pouco e esse lado do meu rosto fica meio duro. É incômodo, mas dá para viver”.

Eu recuperava então o que tinha perdido na vida desperta — a vivacidade de voz e de rosto que minha mãe tinha antes que seus músculos da garganta endurecessem e uma máscara impessoal e angustiada recobrisse seus traços. No sonho eu pensava: “Como eu pude me esquecer disso? Do humor casual dela, não irônico, só alegre, da leveza, da impaciência, da confiança?”. Eu dizia então que sentia muito por já fazer tanto tempo desde minha última visita — querendo dizer não que me sentisse culpada, mas sim que

lamentava ter me deixado levar por apreensões infundadas em vez de aceitar aquela realidade —, e eu achei tão estranha, tão benévola a resposta factual que ela me deu.

Ela disse: “Ah, bom, antes tarde do que nunca. Eu sabia que algum dia veria você”.

Quando minha mãe era uma jovem de rosto suave e travesso, com pernas robustas metidas em meias-calças opacas e brilhantes de seda (como eu a vi em uma fotografia dela com os alunos), ela foi ensinar em uma escola minúscula chamada Grieves School, em Ottawa Valley. A escola ficava em um canto do terreno da fazenda que pertencia à família Grieves — uma fazenda muito boa para aquela área. Campos bem drenados sem rocha pré-cambriana permeando o solo, um pequeno rio ladeado por salgueiros passando ao longo do terreno, um lote de bordos para produção de xarope, celeiros para estocar madeira e uma casa grande e desadornada cujas paredes de madeira tinham sido deixadas para envelhecer sem nunca terem sido pintadas. Minha mãe dizia: “E quando a madeira envelhece em Ottawa Valley, eu não sei a razão, mas ela não fica cinza, fica preta. Deve ser alguma coisa no ar”. Ela falava frequentemente de Ottawa Valley, que era o seu lar — ela crescera a cerca de trinta quilômetros da Grieves School —, de maneira dogmática e fascinada, enfatizando os aspectos que a distinguiam de qualquer outro lugar da Terra. As casas ficam pretas, o xarope de bordo tem um gosto que nenhum xarope feito em outra parte consegue imitar, ursos passeiam à vista das fazendas. Claro que fiquei decepcionada quando finalmente conheci o lugar. Não era um vale, ou seja, não era um vão entre colinas; era uma mistura de planície e rochedos baixos com vegetação espessa e pequenos lagos — uma mixórdia de terrenos desarranjados e desarmônicos, difíceis de descrever.

Os celeiros de madeira e a casa sem pintura, comuns em fazendas pobres, não eram um sinal de pobreza no caso dos Grieves, mas de política. Eles tinham dinheiro, mas não gastavam. Isso era o que diziam para minha mãe. Os Grieves trabalhavam

duro e, apesar de não serem ignorantes, eram muito retrógrados. Não tinham carro, eletricidade, telefone ou trator. Alguns achavam que era porque eles eram cameronianos — eles eram os únicos naquele distrito escolar que seguiam aquela religião —, mas na verdade a igreja deles (que eles próprios sempre chamavam de Presbiteriana Reformada) não proibia motores, eletricidade ou invenções de qualquer tipo, apenas jogo de cartas, danças, filmes e, aos domingos, qualquer atividade que não fosse religiosa ou inadiável.

Minha mãe não sabia dizer quem eram os cameronianos ou por que eram chamados assim. “É alguma religião esquisita da Escócia”, dizia ela, do alto de seu anglicanismo obediente e despreocupado. A professora sempre ficava hospedada na casa dos Grieves, e minha mãe ficou um tanto receosa pela perspectiva de morar naquela casa de madeira negra de domingos paráliticos, lampiões a óleo de carvão e noções primitivas. Mas ela estava noiva na época, e queria incrementar o enxoval em vez de passear pelo país se divertindo, e imaginou que poderia visitar sua casa um domingo a cada três (nos domingos, na casa dos Grieves, era permitido acender o fogo para se aquecer, mas não para cozinhar; não se podia nem ferver água para o chá nem escrever uma carta ou matar uma mosca. Mas minha mãe descobriu que estava livre dessas regras. Flora Grieves disse, rindo: “Não, não, isso não se aplica a você. Pode continuar com o seu jeito de sempre”. E depois de algum tempo minha mãe fez amizade com Flora, a ponto de nem querer ir para casa nos domingos, como tinha planejado).

Flora e Ellie Grieves eram as duas irmãs remanescentes da família. Ellie era casada com um homem chamado Robert Deal, que vivia lá e trabalhava na fazenda, embora ninguém tivesse passado a chamar o lugar de “Fazenda dos Deal” por causa disso. Pelo que as pessoas falavam, minha mãe esperava que as irmãs Grieves e Robert Deal estivessem pelo menos na meia-idade, mas Ellie, a caçula, tinha apenas trinta anos, e Flora era sete ou oito anos mais velha. Robert Deal devia ficar pelo meio.

A casa fora dividida de forma inesperada. O casal não vivia com Flora. Na época do casamento, ela lhes dera a sala da frente, a

sala de jantar, os quartos da frente e a cozinha de inverno. Não foi preciso decidir quanto ao banheiro pois não havia nenhum. Flora ficou com a cozinha de verão, com caibros expostos e paredes de tijolo aparente, a velha despensa transformada em estreita sala de jantar e de estar e os dois quartos dos fundos, um dos quais era o de minha mãe. A professora moraria com Flora na parte mais pobre da casa. Mas minha mãe não se importou. Ela imediatamente preferiu Flora, que era alegre e animada, ao silêncio e ao clima de quarto de doente dos cômodos frontais. No domínio de Flora nem todas as diversões eram proibidas. Ela tinha um tabuleiro de *crokinole*^[1] — e ensinou minha mãe a jogar.

A divisão da casa fora feita, é claro, na expectativa de que Robert e Ellie formassem uma família, para o que precisariam de espaço. Mas isso não aconteceu. Eles já eram casados havia doze anos e nenhum filho sobrevivera. Ellie engravidara seguidas vezes, mas teve dois bebês natimortos e perdeu os outros durante a gravidez. Durante o primeiro ano de estadia de minha mãe, Ellie parecia ficar cada vez mais tempo de cama, e minha mãe achou que ela devia estar grávida novamente, mas ninguém jamais mencionou nada a respeito. Eram gente que não mencionava esse tipo de coisa. Não dava para notar pela aparência de Ellie quando ela se levantava para caminhar, pois sua figura parecia arruinada, espichada, com o peito encovado. Ela tinha um cheiro de quarto de doente, e se apoquentava de forma infantil por qualquer motivo. Flora tomava conta dela e fazia todo o trabalho. Lavava as roupas, arrumava os quartos, preparava as refeições servidas dos dois lados da casa e também ajudava Robert com a ordenha e a separação da nata do leite. Ela se levantava antes do amanhecer e nunca parecia se cansar. Durante a primeira primavera que minha mãe passou lá houve uma grande limpeza geral durante a qual Flora subiu e desceu as escadas sozinha, trazendo as janelas de tempestade para baixo. Depois ela as lavou e deixou empilhadas de lado e carregou todos os móveis para fora dos cômodos, um depois do outro, para esfregar e polir o madeirame e o assoalho. Ela lavou cada prato e copo, supostamente já limpos, que estavam nas prateleiras. Escaldou todas as colheres e panelas. Uma energia e uma

necessidade tão fortes a possuíram que ela mal conseguia dormir — minha mãe acordava com o barulho dos canos do fogão sendo removidos, ou da vassoura enrolada em um pano de prato batendo nas teias de aranha enfumaçadas. Das janelas lavadas e sem cortinas vinham torrentes impiedosas de luz. Foi uma limpeza arrasadora. Minha mãe passou a dormir em lençóis alvejados e engomados que lhe causaram erupções na pele. A adoentada Ellie reclamava diariamente do cheiro de verniz e sapólio. Flora ficou com as mãos em carne viva. Mas sua disposição permaneceu inabalável. O lenço e o avental que ela usava e o macacão folgado que tomara emprestado de Robert para quando subia em algum lugar davam-lhe a aparência de uma comediante — atlética, imprevisível.

Minha mãe disse que ela rodopiava feito um dervixe.

— Você parece um dervixe rodopiando, Flora — disse ela, e Flora estacou. Ela quis saber o que aquilo significava. Minha mãe explicou, embora receosa de ofender a devoção da anfitriã. (Não devoção exatamente — não chegava a isso. Rigor religioso.) Mas, claro, ela não se ofendeu. Não havia sinal de azedume ou vigília vaidosa no comportamento religioso de Flora. Ela não temia os pagãos — sempre vivera no meio deles. Ela gostou da ideia de ser um dervixe, e foi contar à irmã.

— Sabe o que a professora disse que eu sou?

Flora e Ellie eram mulheres de olhos e cabelos escuros, de ombros estreitos e pernas compridas. Ellie era uma ruína, claro, mas Flora ainda era soberbamente graciosa e empertigada. Minha mãe dizia que ela às vezes parecia uma rainha — mesmo indo até a cidade encarapitada em uma carroça. Para ir à igreja eles usavam uma charrete ou um tobogã, mas quando iam à cidade, muitas vezes precisavam levar sacos de lã (pois tinham algumas ovelhas) ou de hortaliças para vender, e tinham que trazer mantimentos para casa. Era uma viagem de alguns quilômetros, e não acontecia com frequência. Robert ia na frente, conduzindo o cavalo — Flora sabia conduzir um cavalo perfeitamente bem, mas era o homem quem devia dirigir. Flora ficava atrás, segurando os sacos. Ela ia e voltava em pé, equilibrando-se com facilidade, usando o chapéu preto.

Quase ridícula, mas só quase. Minha mãe achava que ela parecia uma rainha cigana, com os cabelos negros e a pele que parecia sempre um pouco bronzeada, uma serenidade ousada, elegante. Só que, claro, sem os braceletes dourados e as roupas coloridas. Minha mãe invejava nela o porte delgado, os malares.

Retornando no outono para o segundo ano letivo, minha mãe descobriu o que havia de errado com Ellie.

— Minha irmã está com uma doença ruim — disse Flora. Na época não se mencionava o câncer.

Minha mãe já tinha ouvido falar disso. As pessoas comentavam. Minha mãe já conhecia muita gente do distrito na época. Ela tinha feito amizade com uma jovem que trabalhava nos correios. Essa moça viria a ser uma das damas de honra de minha mãe. A história de Flora, Ellie e Robert — pelo menos a parte que todos conheciam — fora contada em várias versões. Minha mãe não achou que estava dando ouvido a fofocas, pois sempre ficava alerta contra comentários desagradáveis a respeito de Flora — isso ela não toleraria. Mas ninguém disse nada do tipo. Todos diziam que Flora se comportava feito uma santa. Mesmo quando chegava a extremos — como a divisão da casa —, eram os extremos de uma santa.

Robert fora trabalhar na fazenda dos Grieves alguns meses antes de o pai delas morrer. Elas já o conheciam da igreja. (“Ah, a igreja”, dizia minha mãe, que uma vez comparecera a um culto por curiosidade, “um prédio sinistro do outro lado da cidade, sem órgão ou piano, com janelas simples de vidro, um pastor caquético fazendo sermões que duravam horas, um homem batendo em um diapasão na hora dos hinos...”) Robert viera da Escócia e estava seguindo para o oeste. Estava passando algum tempo com parentes ou conhecidos, membros da exígua congregação. Ele foi até os Grieves, provavelmente na esperança de ganhar algum dinheiro. Em pouco tempo ele e Flora ficaram noivos. Eles não podiam ir a bailes ou a festas com jogo como os outros casais, mas saíam para longos passeios. A guardiã — não oficial — da irmã era Ellie. Ellie

na época era uma louquinha arteira, uma menina ainda um tanto infantil, de cabelos longos, impudente e cheia de energia. Ela subia correndo as colinas e derrubava os talos de círio-do-rei com um pedaço de pau, gritando, pulando e fingindo ser um guerreiro a cavalo. Ou o próprio cavalo. Isso era quando ela tinha quinze, dezesseis anos. Somente Flora conseguia controlá-la, e geralmente apenas ria dela, pois estava acostumada com a irmã e já não se perguntava se ela era certa da cabeça. Elas se adoravam demais. Ellie, de corpo magro e longilíneo e rosto pálido e longo, era uma cópia de Flora — o tipo de cópia que se vê muito em famílias, onde por descuido ou exagero a beleza de uma pessoa se torna a aparência sem graça, ou quase, de outra. Mas Ellie não sentia ciúmes por isso. Ela adorava pentear o cabelo de Flora e prendê-lo com grampos. Elas se divertiam muito lavando os cabelos uma da outra. Ellie apertava o rosto contra a garganta de Flora, como um lobo filhote se esfregando na mãe. Assim, quando Robert reivindicou Flora, ou Flora a ele — ninguém sabia ao certo —, Ellie teve que ser incluída. Ela não demonstrou animosidade contra Robert, mas os perseguia e emboscava nos passeios; saltava diante deles saindo dos arbustos ou se aproximava tão furtivamente por trás que podia soprar de leve em seus pescoços. As pessoas a viam fazer isso. E ouviam falar de suas brincadeiras. Ela sempre fora terrível nas brincadeiras e às vezes aquilo a fazia se encrencar com o pai, mas Flora a protegia. Ela pôs cardos na cama de Robert. Ajeitou o lugar dele à mesa com a faca e o garfo trocados. Substituiu os baldes de leite, dando-lhe o velho, que tinha um furo. Talvez por causa de Flora, Robert a suportava.

O pai fizera Flora e Robert marcarem o dia do casamento para dali um ano, e depois que ele morreu, eles não adiantaram a data. Robert continuou morando na casa. Ninguém sabia como falar com Flora que aquilo era escandaloso, ou pelo menos que parecia escandaloso. Flora apenas perguntava por quê. Em vez de apressar o casamento, ela o adiou — da primavera seguinte para o começo do outono, para que um ano inteiro se passasse entre a morte do pai e o casamento. Um ano entre o funeral e o casamento: aquilo

Ihe parecia apropriado. Ela confiava completamente na paciência de Robert e em sua própria pureza.

E estava bem que o fizesse. Mas no inverno teve início uma comoção. Era Ellie, que vomitava e chorava, e um dia fugiu e se escondeu no monte de feno. Ela uivava quando a descobriram e a retiraram de lá, e pulou e correu em círculos pelo celeiro, rolando na neve. Ellie estava louca. Flora teve que chamar o médico. Ela disse a ele que as regras da irmã não tinham vindo, e perguntou se o acúmulo de sangue estaria fazendo mal. Robert precisou capturá-la e amarrá-la, e, juntos, ele e Flora a colocaram na cama. Ela não aceitava comida, só sacudia a cabeça com força de um lado a outro, uivando. Parecia que morreria sem dizer palavra. Mas de alguma forma a verdade veio à tona. Não pelo médico, que não conseguia se aproximar de Ellie, que se debatia, selvagem. Robert provavelmente confessou. Flora finalmente compreendeu a verdade, apesar de todo o seu idealismo.

Nada de bolo ou roupas novas, nada de viagem de lua de mel, nada de parabéns. Apenas uma visita às pressas à casa paroquial. Algumas pessoas, ao verem os nomes no jornal, acharam que o editor havia confundido as irmãs. Achavam que devia tratar-se de Flora. Um casamento às pressas para Flora! Mas não, Flora foi quem passou a roupa de Robert — só pode ter sido ela — e quem tirou Ellie da cama, deu banho nela e a deixou apresentável. Foi Flora quem colheu um gerânio da janela e o prendeu no vestido da irmã. E Ellie não o arrancara. Ellie agora estava dócil, já não se debatia ou chorava. Ela deixou que Flora a aprontasse, deixou que a casassem, e daquele dia em diante não se comportou mais feito louca.

Flora dividiu a casa. Ela mesma ajudou Robert a erguer as partições necessárias. A gestação chegou a termo — ninguém nem fingiu que era cedo demais — mas o bebê nasceu morto depois de um longo e excruciante trabalho de parto. Talvez Ellie tivesse prejudicado o bebê ao pular do caibro do celeiro, rolar na neve e ter se machucado toda. Mesmo se ela não tivesse feito isso, as pessoas iriam esperar que algo desse errado, com aquela criança ou talvez com a que viesse depois. Deus punia os casamentos irregulares —

todo mundo acreditava nisso, não só os presbiterianos. Deus pagava a luxúria com bebês mortos, idiotas ou com lábios leporinos, membros secos e pés deformados.

Nesse caso, a punição continuou. Ellie teve um aborto depois do outro, depois outro natimorto, e depois mais abortos. Ela ficava grávida constantemente, e nessas ocasiões tinha acessos de vômito que duravam dias, dores de cabeça, cólicas, tonturas. Os abortos eram tão dolorosos quanto as gestações que chegavam a termo. Ellie não conseguia trabalhar. Caminhava pela casa se agarrando às cadeiras. Seu silêncio entorpecido acabou e ela começou a reclamar. Se alguém vinha visitá-la, ela desfiava pormenores sobre as dores de cabeça ou descrevia o último desmaio, e até mesmo — isso diante de homens, moças solteiras e crianças — dava detalhes sangrentos daquilo que Flora chamava de suas “decepções”. Quando as pessoas mudavam de assunto ou tiravam as crianças de perto, ela ficava calada e magoada. Ellie exigia remédios novos, destratava o médico, irritava Flora. Acusava Flora de lavar os pratos fazendo barulho só por despeito, de puxar seus cabelos com força ao penteá-los, de trocar o remédio por água com açúcar por ser sovina. Não importava o que ela dizia, Flora a apascentava. Todos os que iam à casa deles saíam com alguma história para contar. Flora dizia:

— Cadê minha menininha, cadê? Cadê minha Ellie? Essa aqui não é a Ellie, alguém deixou uma reclamação no lugar dela!

Nas noites de inverno, depois de ajudar Robert com as tarefas no celeiro, Flora tomava banho, trocava de roupa e ia até o quarto ao lado para ler para Ellie e ajudá-la a dormir. Minha mãe às vezes ia junto, levando alguma costura que estivesse fazendo para o enxoval. A cama de Ellie ficava na sala de jantar grande, onde havia um lampião a gás sobre a mesa. Minha mãe se sentava a um lado da mesa, costurando, e Flora se sentava do outro lado, lendo em voz alta. Às vezes Ellie dizia:

— Não estou ouvindo. — Ou se Flora parava para descansar um pouco: — Eu não dormi ainda.

O que Flora lia? Histórias sobre a vida na Escócia — não eram os clássicos. Histórias sobre crianças de rua e vovós engraçadas. O

único título de que minha mãe se lembrava era *Wee McGregor*. Ela não conseguia acompanhar as histórias muito bem, nem rir quando Flora ria e Ellie gemia, porque grande parte estava em dialeto escocês, ou era lido com aquele sotaque carregado. Ela ficava surpresa por Flora conseguir falar naquele sotaque — não era o modo como Flora falava normalmente.

(Mas não seria assim que Robert falava? Talvez por isso minha mãe nunca tenha relatado nada do que Robert falava, nunca o tenha feito contribuir para alguma cena. Ele devia ter estado ali, devia ficar sentado com elas no aposento. Eles só aqueciam o cômodo principal da casa. Eu o imagino com cabelos negros e ombros fortes, com a força de um cavalo puxador de arado, e a mesma beleza sombria de prisioneiro.)

Então Flora dizia:

— Por hoje chega.

Então pegava outro livro, um livro velho escrito por algum pregador da fé deles. Nesse livro havia coisas que minha mãe jamais havia ouvido. Que coisas? Ela não dizia. Tudo o que havia na antiga e monstruosa religião deles. Aquilo fazia Ellie dormir, ou a fazia fingir que dormia, depois de algumas páginas.

Toda a complexa configuração de eleitos e condenados — devia ser disso que minha mãe falava: todos os argumentos sobre a ilusão e a necessidade do livre-arbítrio. Condenação e redenção traiçoeira. O acúmulo torturante, incongruente — mas para algumas mentes, irresistível — de noções entrecruzadas e contraditórias. Minha mãe conseguia resistir àquilo. A fé dela era dócil, seu ânimo na época era forte. Não era de ideias que ela tinha curiosidade.

Mas minha mãe perguntava (silenciosamente): “Que história é essa de ficar lendo para uma moribunda?”. Era o mais perto que ela chegava de criticar Flora.

A resposta — que era a única coisa possível, aos que acreditam nela — nunca pareceu ocorrer a ela.

Na primavera uma enfermeira chegou. Era assim que se fazia naquela época. As pessoas morriam em casa, e uma enfermeira

vinha cuidar de tudo.

O nome da enfermeira era Audrey Atkinson. Uma mulher robusta que usava corpetes rígidos feito aros de barril, com cabelos frisados da cor de castiçais de bronze e a boca delineada por batom num desenho bem mais generoso que o escasso contorno original. Ela veio de carro até a entrada — carro próprio, um cupê verde-escuro, brilhante e moderno. As histórias sobre Audrey Atkinson e seu carro se espalharam rapidamente. Perguntas foram feitas. Onde ela conseguira o dinheiro? Algum trouxa rico teria alterado o testamento em favor dela? Teria ela exercido alguma influência? Ou simplesmente afanara dinheiro metido embaixo de algum colchão? Como era possível confiar nela?

O carro dela foi o primeiro a passar a noite na entrada da casa dos Grieves.

Audrey Atkinson disse que jamais fora chamada para tratar de um caso em uma casa tão primitiva. Ela não entendia como alguém podia viver daquele jeito.

— Não é nem por eles serem pobres — disse ela a minha mãe. — O problema não é esse, isso eu entenderia. Nem é pela religião deles. Pelo que seria? Eles não ligam para nada!

No início ela tentou angariar a simpatia de minha mãe, como se fossem aliadas naturais naquele lugar retrógrado. Ela falava como se ambas tivessem idades próximas — mulheres inteligentes, com estilo, que gostavam de diversão e tinham ideias modernas. Ela se ofereceu para ensinar minha mãe a dirigir. Ofereceu cigarros. Minha mãe ficou mais tentada pela ideia de aprender a dirigir que pelos cigarros. Mas respondeu que não, que esperaria o marido ensiná-la. Audrey Atkinson ergueu as sobancelhas louro-avermelhadas na direção de minha mãe, pelas costas de Flora, e minha mãe ficou furiosa. Ela antipatizava com a enfermeira bem mais que Flora.

— Eu sabia como ela era, e Flora não — dizia minha mãe. Ela queria dizer que tinha sentido cheiro de vida barata, talvez de lugares com bebida alcoólica, homens torpes e negócios escusos, que Flora não notava por não ser mundana.

Flora iniciou outra grande limpeza na casa. Ela esticou as cortinas em estiradores, bateu os tapetes no varal e subiu em escadas para atacar a poeira acumulada nas sancas. Mas era interrompida o tempo todo pelas reclamações da enfermeira Atkinson.

— Será que dava para ter menos correria e bate-bate? — perguntava a enfermeira Atkinson, com educação grosseira. — É só por causa da minha paciente.

Ela sempre chamava Ellie de “minha paciente” e agia como se fosse a única que pudesse protegê-la e obter respeito para ela. Mas ela mesma não respeitava Ellie.

— Upa-lá! — dizia, erguendo subitamente a pobre criatura em meio aos travesseiros. E dizia a Ellie que não tolerava bagunça e choro. — Você só se prejudica fazendo isso — dizia ela. — E isso não vai me fazer atender você mais rápido. Do que você precisa é aprender a se controlar.

Ela ralhava ao ver as escaras de Ellie, como se fossem mais uma desgraça na casa. Exigia loções, pomadas, sabão caro — a maioria, certamente para proteger sua pele, que, segundo ela, sofria com a água calcificada. (“Como pode ser calcificada?”, minha mãe perguntou a ela — defendendo a casa, já que ninguém o fazia. “Como pode ser calcificada se vem direto do tonel de chuva?”)

A enfermeira Atkinson também queria nata — ela disse que eles deviam guardar alguma, e não vender tudo para a leiteria. Ela queria fazer sopas nutritivas e pudins para a paciente. Ela fazia pudins e geleias com misturas prontas, que jamais tinham entrado naquela casa. Minha mãe estava convencida de que ela comia tudo sozinha.

Flora ainda lia para Ellie, mas agora eram apenas passagens curtas da Bíblia. Quando terminava e se levantava, Ellie tentava se agarrar a ela. Ellie chorava, às vezes fazia reclamações ridículas. Ela dizia que havia uma vaca chifruda lá fora que queria entrar para matá-la.

— Às vezes eles têm essas ideias — dizia a enfermeira Atkinson. — Não pode ceder, senão ela vai prender você aqui dia e noite. Eles são assim, só pensam neles mesmos. Agora, quando eu

fico sozinha com ela, ela se comporta direitinho. Não dá trabalho nenhum. Mas depois que você vem eu tenho um trabalho horrível, porque ela vê você e fica agitada. Você não quer dificultar meu trabalho, quer? Quer dizer, você me trouxe aqui para tomar conta dela, não foi?

— Ellie, escute, Ellie, coração, eu tenho que ir — disse Flora. Então, dirigindo-se à enfermeira: — Eu entendo. Eu entendo que você tem que controlar mesmo, e eu admiro você, admiro você por seu trabalho. No seu trabalho você precisa ter tanta paciência e bondade...

Minha mãe não sabia se Flora era realmente tão cega, ou se aqueles elogios indevidos eram sua maneira de despertar a paciência e a bondade que a enfermeira Atkinson não tinha. A enfermeira Atkinson era obtusa demais e gostava demais de si mesma para um truque desses funcionar.

— É um trabalho difícil sim, não é para qualquer um — disse ela. — Não é como ser enfermeira em hospital, onde elas já têm tudo ajustado bonitinho. — Ela não podia conversar mais: estava tentando ouvir melhor o programa *Make Believe Ballroom* no radinho de pilha.

Minha mãe estava ocupada com as provas finais e os exercícios de junho na escola. Ela estava se preparando para seu casamento em julho. Suas amigas apareciam de carro e a levavam para a costureira, para festas, para escolher os convites e encomendar o bolo. Veio a época dos lilases, as tardes ficaram mais longas, os pássaros voltaram e também seus ninhos, e minha mãe parecia florescer, no centro das atenções, prestes a embarcar na deliciosa e solene aventura do casamento. Seu vestido receberia apliques de rosas de seda, o véu seria preso em um casquete de pérolas minúsculas. Ela pertencia à primeira geração de jovens que economizavam dinheiro e pagavam o próprio casamento — eventos bem mais chiques, que seus pais não podiam pagar.

Na última noite que minha mãe passou com eles, a amiga dos correios veio para levá-la de carro, com suas roupas e livros e as coisas que ela fizera para o enxoval e os presentes que recebera dos alunos e de outras pessoas. Houve bastante confusão e muito

riso na hora de colocar tudo no carro. Flora foi ajudar. Ela disse, rindo:

— Isso de casamento dá mais trabalho do que eu pensava.

Ela deu um caminho de mesa para minha mãe, tricotado em segredo. Era impossível manter a enfermeira Atkinson afastada nas ocasiões importantes — ela trouxe um spray de colônia. Flora ficou na encosta ao lado da casa acenando em despedida. Ela fora convidada para o casamento, mas, é claro, disse que não poderia ir, que não poderia “sair” por aquela época. Essa foi a última vez que minha mãe a viu, um vulto enérgico e solitário acenando, de avental e lenço de limpeza, na encosta verde ao lado da casa de paredes negras, na luz do entardecer.

— Bom, quem sabe agora ela consiga o que era para ser dela — disse a amiga dos correios. — Talvez agora eles possam se casar. Será que ela é velha demais para começar uma família? Qual a idade dela mesmo?

Minha mãe achou que esse era um jeito rude de se referir a Flora, e respondeu que não sabia. Mas teve que admitir para si mesma que estava pensando a mesma coisa.

Quando ela se casou e foi morar em sua própria casa, a quase quinhentos quilômetros de distância, minha mãe recebeu uma carta de Flora. Ellie tinha morrido. Morrera firme na fé — disse Flora — e grata por poder descansar. A enfermeira Atkinson iria ficar um pouco mais, até que chegasse a hora de ir para o próximo paciente. Isso foi no final do verão.

As notícias sobre o que aconteceu em seguida não vieram de Flora. Quando ela escreveu no Natal, dava a impressão de que imaginava que a notícia já tinha chegado.

Flora escrevera:

“Você já deve ter ouvido que Robert e a enfermeira Atkinson se casaram. Eles estão morando aqui, na parte da casa que é de Robert. Eles estão reformando para ficar do gosto deles. Que indelicado de minha parte chamá-la de ‘enfermeira Atkinson’, como eu fiz. O certo é chamá-la de Audrey.”

É claro que a amiga dos correios escrevera, e outras amigas também. Foi um grande choque, um escândalo, um assunto que agitou o distrito — o casamento tão secreto quanto o primeiro (embora certamente não pelo mesmo motivo), a enfermeira Atkinson agora parte permanente da comunidade, Flora passada para trás pela segunda vez. Ninguém sequer notara nenhum período de namoro, e se perguntavam como aquela mulher o tinha atraído. Teria ela prometido filhos, mentindo sobre a idade?

As surpresas não pararam depois do casamento. A noiva começou imediatamente os trabalhos de “reforma” que Flora mencionara. Primeiro, eletricidade, e depois, um telefone. Agora ouviam a enfermeira Atkinson — ela sempre seria chamada de enfermeira Atkinson — reclamando, na linha coletiva, dos pintores, decoradores e dos serviços de entrega. Ela estava renovando tudo. Estava comprando um fogão elétrico e instalando um banheiro, e quem sabia de onde vinha o dinheiro? Será que era dela, obtido em transações em leitos de morte, em heranças suspeitas? Será que era de Robert, será que ele tinha pedido sua parte? A parte de Ellie, deixada para ele e a enfermeira Atkinson, o casal despudorado, se divertirem.

Todas as melhorias aconteceram em apenas um lado da casa. O lado de Flora continuou como antes. Não havia luz elétrica, nem papel de parede novo ou novas persianas. Quando a casa foi pintada por fora — cor de creme com quinas verde-escuras —, o lado de Flora permaneceu intocado. Essa estranha e franca declaração foi vista primeiro com pena e reprovação, então com um pouco menos de simpatia, como sinal da teimosia e excentricidade de Flora, e finalmente como uma piada. As pessoas saíam de suas rotas só para ver.

Sempre havia um baile em homenagem aos recém-casados na escola. Uma bolsa de dinheiro — chamavam de “coleta de fundos” — era dada ao casal. A enfermeira Atkinson deixou claro que não se importaria em seguir o costume, não obstante o fato de a família à qual se integrara ser contra bailes. Algumas pessoas acharam que seria uma vergonha fazer sua vontade, como um tapa no rosto de Flora. Outros ficaram curiosos demais para se conter. Queriam ver

como os recém-casados se comportariam. Será que Robert dançaria? Em que roupas a noiva se mostraria? Houve algum atraso, mas finalmente o baile aconteceu, e minha mãe obteve suas informações.

A noiva usava o mesmo vestido do casamento, ou pelo menos foi o que ela disse. Mas quem usaria um vestido daqueles num casamento na casa paroquial? Certamente tinha sido comprado especialmente para o baile. Puro cetim branco com decote meia taça estupidamente juvenil. O noivo usava um terno azul-escuro novo, e ela prendera uma flor em sua lapela. Faziam uma figura que só vendo. O cabelo dela estava arrumado e cegava as vistas com reflexos acobreados, e parecia que seu rosto ficaria estampado em algum paletó se ela o encostasse no ombro do par durante a dança. É claro que ela dançou. Dançou com todos os homens presentes, exceto o noivo, que ficou sentado amarfanhado em uma das carteiras da sala ao longo da parede. Dançou com todos os homens presentes — todos disseram que tinham que dançar, pois era o costume —, e então arrastou Robert para fora para receber o dinheiro e agradecer a todos pelos votos de felicidade. Até mesmo insinuou às senhoras que pegavam seus casacos que não estava se sentindo bem, pelo motivo costumeiro das recém-casadas. Ninguém acreditou nela, e de fato nada jamais se concretizou nesse particular, se é que a enfermeira Atkinson realmente tinha esperanças disso. Algumas mulheres acharam que ela estava mentindo por malícia, insultando-as ao insinuar que eram crédulas. Mas ninguém a contestou, ninguém foi rude com ela — talvez porque fosse claro que ela podia ser rude o bastante para agredir qualquer um.

Flora não compareceu ao baile.

— Minha cunhada não dança — disse a enfermeira Atkinson. — Ela vive no passado. — Ela os convidou a rir de Flora, a quem sempre chamava de cunhada, embora não tivesse o direito de fazê-lo.

Minha mãe escreveu uma carta a Flora depois de saber de tudo isso. Estando afastada da cena, e talvez sentindo-se importante devido à sua própria condição de recém-casada, ela deve ter se

esquecido do tipo de pessoa para quem estava escrevendo. Ela ofereceu simpatia, demonstrou ultraje e disse coisas ríspidas e desagradáveis sobre a mulher que tinha — assim entendia minha mãe — tratado Flora tão mal. Uma carta de Flora veio em resposta, dizendo que ela não sabia onde minha mãe obtivera aquelas informações, mas que ela parecia ter entendido errado, ou escutado gente maliciosa, ou se precipitado ao partir para conclusões injustificadas. O que acontecera na família de Flora não era da conta de ninguém, e certamente ninguém precisava sentir pena dela, ou ficar zangada por ela. Flora disse estar feliz e satisfeita com sua vida, como sempre estivera, e que não se metia nas ações e vontades dos outros porque essas coisas não lhe diziam respeito. Ela desejava muita felicidade no casamento de minha mãe e esperava que logo ela estivesse ocupada com suas responsabilidades para não precisar preocupar-se com as vidas das pessoas que tinha conhecido.

Aquela carta bem escrita, segundo minha mãe, a tocou fundo. Ela e Flora pararam de se corresponder. Minha mãe ocupou-se da própria vida até finalmente tornar-se prisioneira dela.

Mas ela pensava em Flora. Nos últimos anos, quando às vezes falava nas coisas que poderia ter sido ou feito, minha mãe dizia:

— Se eu tivesse me tornado escritora (eu acho que podia ter sido; podia mesmo ter sido escritora), eu teria escrito a história da vida de Flora. Sabe como seria o título? *A donzela*.

A donzela. Ela dizia essas palavras em um tom solene e sentimental que eu não suportava. Eu sabia exatamente, ou achava que sabia, o valor que minha mãe dava a elas. A dignidade e o mistério. O tom de zombaria tornando-se reverência. Eu tinha quinze ou dezesseis anos na época, e achava que sabia o que se passava na mente de minha mãe. Eu enxergava o que ela faria com Flora, o que ela já havia feito. Ela a tornaria uma figura nobre, alguém que aceita a deserção, a traição, que perdoa e se afasta não só uma, mas duas vezes. Nenhuma reclamação. Flora prossegue com os trabalhos animados, limpa a casa e a baia da vaca, remove os dejetos ensanguentados da cama da irmã, e quando o futuro finalmente parece se abrir para ela — Ellie morrerá

e Robert implorará perdão e Flora o silenciará com o altivo presente de si mesma —, Audrey Atkinson chega de carro e expulsa Flora outra vez, mais completa e inexplicavelmente do que da primeira vez. Ela tem que tolerar a pintura da casa, as luzes elétricas, toda a próspera atividade na porta ao lado. *Make Believe Ballroom, Amos'n' Andy*.^[2] Nada mais de comédias escocesas ou antigos sermões. Ela tem que os ver partir para o baile — seu antigo amor e aquela mulher estúpida, cruel e nem um pouco bonita no vestido de casamento de cetim branco. Ela é ridicularizada (e é claro que ela passou a fazenda para Ellie e Robert, claro que ele herdou tudo, e agora tudo pertence a Audrey Atkinson). Os maus prosperam. Mas está tudo bem. Está tudo bem — os eleitos são envoltos em paciência e humildade e iluminados por uma certeza que os eventos não perturbam.

Era isso o que eu achava que minha mãe pensava daquilo tudo. Seu próprio sofrimento dera às suas ideias uma conotação mística, e havia às vezes um tom sussurrado, uma nota solene em sua voz que me irritava, alertando-me para o que parecia ser um perigo pessoal. Eu pressentia uma névoa de lugares-comuns e inanidades beatas espreitando, um poder incontestável de mãe aleijada que poderia me capturar e me sufocar. Não haveria um fim para aquilo. Eu tive que me manter cínica e com a língua ferina, discutindo e desmontando argumentos. Por fim desisti até mesmo daquele tipo de reconhecimento e comecei a me opor a ela em silêncio.

Esta é uma maneira rebuscada de dizer que não servi de conforto e fui péssima companhia para minha mãe quando ela não tinha quase mais ninguém a quem recorrer.

Eu tinha minhas próprias ideias a respeito da história de Flora. Eu não pensava que poderia ter escrito um romance, mas sim que iria escrever um. Eu tomaria uma abordagem diferente. Eu entendi perfeitamente a história de minha mãe e incluí o que ela deixara de fora. Minha Flora seria tão negra quanto a dela era branca. Rejubilando-se com cada afronta sofrida e com sua capacidade para o perdão, espiando os destroços da vida da irmã. Uma bruxa presbiteriana, lendo seu livro venenoso. Uma brutalidade rival é

necessária, comparativamente à inocente brutalidade da enfermeira grosseira, para fazê-la recuar, florescendo à sua sombra. Mas ela recua; o poder do sexo e da cobiça comum a fazem recuar e a trancam em sua parte da casa com as lamparinas de óleo de carvão. Ela se apequena, ela cede, seus ossos se endurecem e suas juntas incham, e — oh, sim, é isso, é isso, eu vejo a beleza nua do final que eu vou inventar! — ela fica aleijada com artrite, mal pode se mover. Agora Audrey Atkinson aparece com poder total — ela exige a casa inteira. Ela quer derrubar as divisórias que Robert ergueu com a ajuda de Flora quando se casou com Ellie. Ela providenciará um quarto para Flora, tomará conta dela (Audrey Atkinson não quer ser vista como um monstro, e talvez não seja). Assim, um dia Robert carrega Flora — pela primeira e última vez ele a carrega em seus braços — para o quarto que sua esposa Audrey preparou para ela. E quando Flora se instala em seu cantinho bem iluminado e aquecido, Audrey Atkinson começa a limpar os cômodos agora vagos, os aposentos de Flora. Ela carrega uma pilha de livros velhos para o quintal. É primavera outra vez, época de faxina geral, a temporada em que a própria Flora realizava tais atos, e agora o rosto pálido de Flora aparece atrás das novas cortinas de renda. Ela se arrastou de seu cantinho, ela vê o céu azul-claro com suas nuvens altas deslizando sobre os campos úmidos, os corvos brigões, os regatos inundados, os galhos de árvore enrubescendo. Ela vê a fumaça se erguendo do incinerador no quintal onde seus livros estão queimando. Aqueles livros velhos e fétidos, como Audrey chamava. Palavras e páginas, as lombadas escuras e sinistras. Os eleitos, os condenados, as magras esperanças, os tremendos tormentos — virando fumaça. Esse era o fim.

Para mim, a pessoa misteriosa nessa história, do jeito que minha mãe contava, era Robert. Ele nunca diz nada. Ele começa um noivado com Flora. Ele caminha ao lado dela ao longo do rio enquanto Ellie salta sobre eles. Ele encontra os cardos de Ellie na cama. Ele faz o trabalho de carpintaria exigido por seu casamento com Ellie. Ele escuta ou não escuta enquanto Flora lê. Finalmente ele se senta encolhido na carteira escolar enquanto sua esposa vistosa dança com todos os homens.

Esses são todos os seus atos e aparições públicas. Mas ele foi quem começou tudo, em segredo. Ele fez *aquilo* com Ellie. Ele fez aquilo com a garotinha magra e louca na época em que estava comprometido com a irmã dela, e fez de novo e de novo quando ela não passava de um pobre corpo arruinado, uma parideira fracassada estirada na cama.

Ele também deve ter feito com Audrey Atkinson, mas com resultados menos desastrosos.

Essas palavras, “fez *aquilo*” — as palavras que minha mãe, assim como Flora, jamais conseguiria se forçar a dizer —, eram simplesmente excitantes para mim. Eu não sentia asco decente ou uma indignação razoável. Eu recusei o aviso. Nem mesmo o destino de Ellie pôde me manter afastada. Não quando eu pensava naquele primeiro encontro — o desespero, os puxões e rasgos de roupa, o esforço. Eu costumava lançar longos olhares cobiçosos aos homens naquela época. Eu admirava seus pulsos, pescoços, cada trecho de peito que um botão desabotoado mostrasse e até mesmo suas orelhas, seus pés calçados. Eu não esperava nada razoável deles, só me afogar em sua paixão. Eu tinha pensamentos parecidos a respeito de Robert.

O que tornou Flora má em minha história era a mesma coisa que a tornara admirável na história de minha mãe — seu afastamento do sexo. Eu combatia tudo o que minha mãe queria me dizer sobre o assunto; eu desprezava até mesmo a queda de tom em sua voz, a cautela lúgubre com que ela abordava o assunto. Minha mãe crescera em uma época em que o sexo era algo sinistro para as mulheres. Ela sabia que era possível morrer disso. E assim ela honrava a decência, o pudor, a frigidez que podiam nos proteger. E eu cresci no horror dessa proteção, a delicada tirania que para mim parecia se estender por todas as áreas da vida, favorecendo chás das cinco, luvas brancas, todo tipo de inanição afetada. Eu preferia palavras feias, um senso de superação, eu me provocava pensando no domínio e na irresponsabilidade masculinos. O estranho é que as ideias de minha mãe se alinhavam a algumas noções progressistas da época dela, e as minhas ecoavam as noções que minha época preferia. Isso

apesar de nós duas nos acreditarmos independentes, vivendo em lugares atrasados que não registravam tais mudanças. Era como se as inclinações que pareciam mais profundamente arraigadas em nossas mentes, as mais particulares e únicas, tivessem vindo como esporos no vento, procurando um lugar que os recebesse bem para pousar.

Um pouco antes de ela morrer, quando eu ainda morava lá, minha mãe recebeu uma carta da Flora verdadeira. A carta veio daquela cidade perto da fazenda, para onde Flora costumava ir de charrete com Robert, segurando os sacos de lã ou batatas.

Flora disse que não estava mais vivendo na fazenda.

“Robert e Audrey ainda estão lá”, dizia ela. “Robert está com uns problemas nas costas, mas fora isso está muito bem. Audrey não tem uma boa circulação, frequentemente fica sem ar. O médico diz que ela precisa perder peso, mas nenhuma dieta tem funcionado. A fazenda anda muito bem. Eles não têm mais carneiros, agora mexem com gado leiteiro. Como você deve saber, o que mais se faz hoje em dia é obter uma cota de leite do governo e aí pronto. O velho estábulo agora tem máquinas de ordenha com os equipamentos mais modernos, está realmente impressionante. Quando vou lá visitá-los, mal reconheço onde estou.”

Ela continuou, dizendo que já morava na cidade havia alguns anos, e que tinha arranjado emprego de balconista em uma loja. Ela deve ter dito que tipo de loja, mas não consigo me lembrar. Ela não disse nada, é claro, sobre o que a teria levado a essa decisão — se ela havia sido expulsa da própria fazenda, ou se tinha vendido sua parte, aparentemente com pouco lucro. Ela enfatizou sua amizade com Robert e Audrey. Disse que sua saúde andava bem.

“Ouvi dizer que você não anda tendo muita sorte com a sua saúde”, escreveu ela. “Eu encontrei Clea Barnes nos correios — Clea Stapleton quando era solteira —, e ela me disse que você tem algum problema nos músculos, que isso afetou sua fala. Fiquei triste ao saber disso, mas hoje em dia eles conseguem fazer muita coisa, e eu espero que os médicos possam ajudar você.”

Uma carta inquietante, que deixava de mencionar tanta coisa. Não havia nada sobre a vontade de Deus ou Seu papel em nossas aflições. Não dizia se Flora ainda ia àquela igreja. Acho que minha mãe nunca respondeu. Sua caligrafia bela e legível, sua grafia de professora, tinha se deteriorado, e ela tinha dificuldades de segurar a caneta. Ela sempre começava cartas e nunca as terminava. Eu as encontrava pela casa inteira. *Minha querida Mary*, diziam. *Minha cara Ruth; Joanne, minha pequena (embora eu saiba que você não é mais pequena); Clea, minha velha amiga; Querida Margaret*. Elas eram suas amigas da época da escola Normal e do segundo grau. Algumas eram ex-alunas. Ela dizia, desafiadora: eu tenho amigas por todo o país. Eu tenho amigas muito queridas.

Eu me lembro de ver uma carta que começava assim: *Minha amiga de juventude*. Eu não me lembro para quem era. Todas eram amigas de sua juventude. Não me lembro de nenhuma começando com *Minha cara e admirada Flora*. Eu sempre olhava para as cartas, tentava ler a saudação e as poucas frases escritas, e como não suportava a tristeza, eu me impacientava com a linguagem floreada, o apelo direto ao amor e à piedade. Eu pensava que ela obteria mais resultados (de mim, quer dizer), se conseguisse se retirar com dignidade, em vez de se expor o tempo todo, lançando aquela sombra de inválida sobre as coisas.

Na época eu já havia perdido o interesse em Flora. Eu estava sempre pensando em histórias, e então já devia ter alguma outra em mente.

Mas desde então eu tenho pensado nela. Pergunto-me em que tipo de loja ela arranhou trabalho. Uma loja de ferramentas ou um armarinho, onde ela precisaria usar um macacão, ou uma drogaria, onde ela usaria um uniforme de enfermeira, ou uma loja de roupas, onde se esperaria dela que se vestisse de forma urbana e na moda? Ela deve ter tido de aprender sobre processadores de comida ou motosserras, camisolas, maquiagem, até preservativos. Teria de trabalhar o dia inteiro sob luzes elétricas e operar uma caixa registradora. Será que ela usaria permanente, pintaria as unhas, usaria batom? Ela deve ter encontrado um lugar para viver — uma quitinete sobre a rua principal, ou um quarto em uma pensão.

Como ela continuaria sendo uma cameroniana? Como ela iria até a igreja, tão fora do caminho, a menos que conseguisse comprar um carro e aprendesse a dirigir? E se ela fizesse isso, poderia dirigir não só até a igreja, mas para outros lugares. Poderia sair de férias. Poderia alugar um chalé no lago por uma semana, aprender a nadar, visitar alguma cidade. Poderia comer em restaurantes, possivelmente onde bebidas alcoólicas são servidas. Poderia travar amizade com mulheres divorciadas.

Poderia encontrar um homem. O irmão viúvo de uma amiga, talvez. Um homem que não soubesse que ela era uma cameroniana ou o que era um cameroniano. Que não soubesse nada da história dela. Um homem que nunca ouvira falar da pintura parcial da casa, ou das duas traições, ou que toda sua dignidade e inocência tinham sido necessárias para impedir que ela virasse motivo de piada. Ele talvez quisesse levá-la para dançar, e ela teria que explicar que não podia ir. Ele ficaria surpreso, mas não desalentado — toda essa história cameroniana talvez lhe parecesse antiquada de um jeito quase charmoso. Assim como para os demais. As pessoas diriam que ela tinha crescido em uma religião esquisita. “Ela viveu por muito tempo em uma fazenda em algum cafundó. Ela é um pouco estranha, mas é muito boa mesmo. É bonita também. Especialmente depois que mandou ajeitar o cabelo.”

Eu poderia entrar em alguma loja e encontrá-la.

Não, não. A essa altura ela já estaria morta há muito tempo.

Mas supondo que eu entrasse em alguma loja — quem sabe uma loja de departamentos. Eu imagino um lugar com atmosfera enérgica, vitrines simples e diretas, o visual moderno-antiquado dos anos 1950. Suponha que uma mulher alta e bonita, bem desenvolvida, viesse me atender, e de alguma forma eu soubesse, apesar do cabelo bufante e laqueado e dos lábios e unhas cor-de-rosa ou coral — de alguma forma eu soubesse que era Flora. Eu sentiria vontade de dizer que eu sabia, que eu conhecia sua história, embora jamais tivéssemos nos encontrado. Eu me imagino tentando dizer a ela (hoje isso é um sonho, eu entendo como um sonho). Eu a imagino escutando com uma postura agradável. Mas ela balança a cabeça. Ela ri para mim, e em seu sorriso há um grau

de zombaria, uma leve malícia segura de si. Cansaço também. Ela não está surpresa por eu lhe dizer isso, mas está cansada, de mim e de minha ideia a seu respeito, minhas informações, dessa minha noção de que eu possa saber alguma coisa sobre ela.

É claro que é em minha mãe que estou pensando, minha mãe como ela aparecia naqueles sonhos, dizendo: “Não é nada, é só um tremor”; dizendo, com um surpreendente e leve senso de perdão: “Ah, eu sabia que você viria um dia”. Minha mãe me surpreendendo, e fazendo isso de forma quase indiferente. Sua máscara, sua sina e a maior parte de sua doença removidas. Quão aliviada eu ficava, e feliz. Mas agora eu lembro que também me sentia desconcertada. Eu tinha que admitir que me sentia levemente trapaceada. Sim. Ofendida, enganada, trapaceada por essa reviravolta bem-vinda, essa trégua. Minha mãe, ao mover-se despreocupadamente para fora da velha prisão, mostrando poderes e escolhas que eu nunca imaginei que ela tivesse, muda mais coisas do que apenas a si mesma. Ela transforma o amargo nó de amor que tenho carregado por todo esse tempo em um fantasma — algo inútil e não desejado, como uma gravidez fantasma.

Eu descobri que os cameronianos são ou foram um remanescente inflexível dos aliancistas — aqueles escoceses que, no século XVII, comprometeram-se, junto a Deus, a resistir a livros de orações, bispos, qualquer mácula papista ou interferência do rei. O nome vem de Richard Cameron, um pregador “de base” ou fora da lei, que logo foi eliminado. Os cameronianos — que há muito tempo preferem ser chamados de presbiterianos reformados — iam para a batalha cantando os Salmos 74 e 78. Eles fizeram em pedaços o altivo bispo de St. Andrews na estrada e passaram com os cavalos em cima do cadáver. Um dos seus ministros, em um clima de firme júbilo durante seu próprio enforcamento, excomungara todos os outros pregadores do mundo.

FIVE POINTS

Enquanto bebem vodca com suco de laranja no parque dos trailers, nos penhascos sobre o lago Huron, Neil Bauer conta uma história a Brenda. Aconteceu bem longe dali, em Victoria, na Colúmbia Britânica, onde Neil cresceu. Neil não é muito mais jovem que Brenda — menos de três anos —, mas para ela às vezes parece haver um abismo de gerações, pois ela cresceu e ficou ali, e casou-se com Cornelius Zendt aos vinte anos de idade, e Neil cresceu na Costa Oeste, onde as coisas eram bem diferentes, e ele saíra de casa aos dezesseis para viajar e trabalhar pelo mundo.

O que Brenda viu de Victoria, em fotos, foram flores e cavalos. Flores derramando-se de cestas penduradas em postes de iluminação antiquados, enchendo grotas e decorando parques; cavalos carregando vagões abarrotados de gente para apreciar as paisagens.

— Isso é tudo porcaria para turista — diz Neil. — Metade das coisas lá é só porcaria para turista. Não é disso que eu estou falando.

Ele está falando sobre Five Points, que era — é — uma seção, talvez uma esquina da cidade, onde havia uma escola, uma drogaria, uma mercearia chinesa e uma loja de doces. Quando Neil estava na escola, a loja era administrada por uma velha rabugenta com sobancelhas pintadas. Ela costumava deixar o gato esparramado ao sol na janela. Depois que ela morreu, o pessoal novo — europeus, mas não eram poloneses nem tchecos, eram de algum país menor — Croácia é país? — assumiu a loja e mudou tudo. Jogaram fora as balas velhas, os balões que não inflavam, as esferográficas que não escreviam e os feijões saltadores mexicanos mortos. Pintaram o lugar inteiro e instalaram mesas e cadeiras. Eles

ainda vendiam doces — agora em jarros limpos, em vez de caixas de papelão fedendo a urina de gato — e réguas e borrachas. Mas também passaram a funcionar como cafeteria, com refrigerantes, bolos caseiros e café.

A esposa, que fazia os bolos, era muito tímida e meticulosa, e quando alguém se aproximava para pagar a conta, ela chamava o marido em croata, ou seja lá o que for — digamos que seja croata —, de um jeito tão assustado que até parecia que estavam invadindo sua casa e interrompendo seus afazeres particulares. O marido falava inglês muito bem. Era um sujeitinho calvo, educado e nervoso, fumante compulsivo. Ela era uma mulher grande e pesada com ombros curvos, sempre de avental e suéter. Ele lavava as janelas, varria a calçada e recebia o dinheiro, e ela fazia os bolos e pãezinhos, e fazia coisas que os fregueses nunca tinham visto antes, mas que logo se tornaram populares, como *pierogi* e pão de semente de papoula.

As suas duas filhas falavam inglês como canadenses e iam à escola do convento. No fim da tarde, elas apareciam ainda de uniforme e imediatamente começavam a trabalhar. A mais nova lavava as xícaras de café, os copos e limpava as mesas, e a mais velha cuidava de todo o resto. Ela servia os fregueses, ficava no caixa, estocava as prateleiras e afugentava as crianças pequenas que ficavam por ali sem comprar nada. Quando a mais nova terminava a limpeza, ia sentar-se na salinha dos fundos e fazia o dever, mas a mais velha jamais se sentava. Se não houvesse nada para fazer no momento, ela apenas ficava no caixa, observando.

A mais jovem se chamava Lisa, a mais velha, Maria. Lisa era pequena e tinha boa aparência — era só uma criança pequena. Mas Maria, já talvez perto dos treze, tinha os seios grandes e caídos, uma barriga redonda pronunciada e pernas grossas. Ela usava óculos, e seu cabelo era arrumado em tranças ao redor da cabeça. Parecia ter cinquenta anos.

E se comportava de acordo, tanto que assumiu o controle da loja. Os pais pareciam dispostos a passar a direção para ela. A mãe retirava-se para a salinha dos fundos, e o pai se tornou um faz-tudo. Maria compreendia o inglês e o dinheiro, e nada a abalava.

Todas as crianças diziam: “Ui, a Maria não é *nojenta*?”. Mas tinham medo dela. Ela parecia já saber tudo sobre como tocar um negócio.

Brenda e o marido também tocam um negócio. Tinham comprado uma fazenda ao sul de Logan e encheram o celeiro com eletrodomésticos usados (que Cornelius sabe consertar), móveis de segunda mão e tudo mais — pratos, quadros, facas, garfos, enfeites e joias — que as pessoas gostam de pensar que estão comprando barato. Chama-se Celeiro de Móveis Zendt. Na área, muita gente chama de “Mobília Usada na Estrada”.

Eles nem sempre trabalharam com isso. Brenda lecionara na escola de enfermagem, e Cornelius, doze anos mais velho que ela, trabalhara na mina de sal em Walley, no lago. Depois do acidente, eles tiveram que pensar em algo que ele pudesse fazer sentado, e usaram o dinheiro que receberam para comprar uma fazenda velha com boas construções. Brenda pediu demissão, pois havia coisas demais para resolver e Cornelius não dava conta sozinho. Em certas horas do dia, às vezes por dias inteiros, ele precisa se deitar e assistir à televisão, ou apenas ficar deitado no chão da sala, suportando a dor.

À noite Cornelius gosta de dirigir até Walley. Brenda nunca se oferece — ela espera que ele pergunte: “Não quer dirigir?”, nos dias em que não quer abalar suas costas com o movimento dos braços e pernas. As crianças costumavam ir junto, mas agora que já estão crescidas — Lorna no segundo ano do segundo grau, Mark na nona série do primeiro —, geralmente preferem não ir. Brenda e Cornelius se sentam na van e olham para as gaivotas enfileirando-se no quebra-mar, os elevadores de grãos, as enormes rampas e os poços iluminados de verde da mina onde Cornelius trabalhava, as pirâmides de sal bruto cinzento. Às vezes um grande barco fica atracado. Claro, também há navios de lazer no verão, windsurferistas, pessoas pescando no píer. A hora do pôr do sol é indicada diariamente em um placa na praia e as pessoas vêm só para assistir. Agora, em outubro, a placa não informa nada e as luzes estão acesas ao longo do píer — um ou dois teimosos ainda estão

pescando —, e a água é turbulenta e fria e o porto está completamente ordenado.

O trabalho ainda prossegue na praia. Desde o começo da primavera anterior, rochedos foram colocados em certas áreas, areia foi despejada em outras, um cordão litoral de pedra foi construído, tudo formando uma curva protegida da praia, com uma estrada rústica acompanhando, na qual eles dirigem. As costas de Cornelius não importam — ele quer ver. Caminhões, escavadeiras e tratores andaram ocupados o dia inteiro e ainda estão parados lá, temporariamente inúteis, domados, ao cair da tarde. É ali que Neil trabalha. Ele dirige os veículos, move rochas, limpa a área e faz a estrada em que Brenda e Cornelius dirigem. Ele trabalha para a Fordyce Construction Company, de Logan, encarregada do projeto.

Cornelius olha para tudo. Ele sabe o que os barcos estão carregando (trigo, sal, milho) e para onde estão indo, ele entende como o porto está sendo aprofundado, e sempre quer dar uma olhada no enorme cano que vai em diagonal até a praia e a atravessa, despejando água, lodo e pedras do fundo do lago que jamais tinham visto à luz do dia. Ele vai e fica parado ao lado do cano escutando a comoção lá dentro, as batidas e os rangidos das pedras e da água em enxurrada. Ele pergunta como um inverno rigoroso afetará toda essa transformação e esses arranjos se o lago simplesmente jogar as pedras e a praia para o lado e voltar a erodir os penhascos de argila.

Brenda ouve Cornelius e pensa em Neil. Ela gosta de estar no local em que Neil passa os dias. Gosta de pensar no barulho e na força contínua das máquinas e nos homens de braços expostos nas cabines, confortáveis com tanto poder, como se naturalmente soubessem no que ia dar toda aquela azáfama e a remodelação da costa. A autoridade casual e bem-humorada deles. Ela adora o cheiro do trabalho em seus corpos, a linguagem do trabalho que eles falam, sua absorção no trabalho e a pouca atenção que dispensam a ela. Ela adora ter um homem recém-saído desse ambiente.

Quando está lá com Cornelius e não vê Neil durante algum tempo, ela às vezes se sente inquieta e abandonada, como se

estivesse em um mundo prestes a lhe virar as costas. Logo depois de ter estado com Neil ela se sente em um reino só seu — e o que não é seu reino então? Na noite que antecede ao encontro dos dois — por exemplo, a noite passada —, ela deveria se sentir feliz e ansiosa, mas na verdade as últimas vinte e quatro horas, até mesmo os últimos dois ou três dias, parecem importantes demais e repletos de armadilhas, e ela não consegue sentir nada além de precaução e inquietação nervosa. É uma contagem regressiva — ela chega a contar as horas. Ela costuma preenchê-las com boas ações — serviços de limpeza pela casa que até então tinha evitado, aparar o gramado, reorganizar as coisas no Celeiro de Móveis, até tirar as ervas daninhas do jardim de pedras. A manhã do dia marcado é quando as horas passam mais lentamente e estão cheias de perigos. Ela sempre tem uma história que explica aonde ela está indo naquela tarde, mas o motivo da expedição não pode ser nada absolutamente necessário, pois isso chamaria muita atenção para o episódio. Assim, sempre há uma chance de surgir algum imprevisto que faça Cornelius dizer:

— Você não pode deixar isso mais para o fim da semana? Não dá para fazer isso outro dia?.

O que a incomoda não é não poder se encontrar com Neil. Ele a esperaria uma hora ou duas, então compreenderia o que tinha acontecido. É que ela acha que não conseguiria suportar. Estar tão perto, e então ter de abrir mão. E no entanto ela não sente nenhum anseio físico durante aquelas últimas horas torturantes. Mesmo sua preparação secreta — o banho, a depilação, os óleos e os perfumes — não a excita. Ela permanece anestesiada, perturbada por detalhes, mentiras, arranjos, até o momento em que finalmente vê o carro de Neil. Ao medo de não conseguir sair se sucede, durante a viagem de quinze minutos, o medo de que ele não apareça naquele ponto solitário e escondido do pântano onde se encontram. Durante aquelas últimas horas, aquilo pelo que ela anseia acaba não sendo mais tão físico — de forma que perder um encontro não é como perder uma refeição quando se está faminta, mas sim uma cerimônia da qual dependessem sua vida ou salvação.

Na época em que Neil era um adolescente mais velho — mas não velho o suficiente para entrar em bares, ainda vadiando na Doceria Five Points (os croatas tinham mantido o nome) —, a mudança chegara, e quem vivia na época ainda se lembra (isso é o que Neil pensa, mas Brenda diz: “Eu não sei... no que me diz respeito, era como se isso tudo estivesse acontecendo em outra parte”). Ninguém sabia o que fazer a respeito, ninguém estava preparado. Algumas escolas eram rígidas a respeito de cabelo longo (nos rapazes), outras achavam melhor deixar isso de lado e concentrar-se nas coisas sérias. Tudo o que pediam era para prender o cabelo com um elástico. E quanto às roupas? Colares e contas de semente, sandálias de corda, algodão indiano, padrões africanos, tudo repentinamente macio e solto e brilhante. Em Victoria a mudança pode não ter sido tão bem contida quanto em outras partes. Acabou se espalhando. Talvez o clima amolecasse as pessoas, não apenas os jovens. Houve uma profusão de flores de papel, fumaça de maconha e música (“Coisas que pareciam tão loucas na época”— diz Neil — “e tão comportadas agora.”), e aquela música jorrava das janelas do centro da cidade, enfeitadas com bandeiras desonradas sobre os canteiros de flores em Beacon Hill Park até as giestas nos penhascos perto do mar e as praias felizes encarando os picos mágicos das montanhas Olímpicas. Todos participavam daquilo. Professores universitários andavam por ali com flores atrás da orelha, as mães do pessoal apareciam usando aquelas roupas. Neil e seus amigos desprezavam essas pessoas, naturalmente — os velhos antenados, os experimentadores tímidos. Neil e seus amigos levavam o mundo das drogas e da música a sério.

Quando queriam usar drogas eles saíam da doceria. Às vezes chegavam até o cemitério e sentavam-se no quebra-mar. Às vezes sentavam-se perto do barracão nos fundos da loja. Não podiam entrar, pois o barracão estava trancado. Então voltavam para a doceria e bebiam cocas e comiam hambúrgueres, cheesebúrgueres, pãozinhos de canela e bolos, porque ficavam com muita fome. Eles se inclinavam nas cadeiras e observavam os padrões se movendo no velho teto de folha prensada que os croatas tinham pintado de

branco. Flores, torres, pássaros e monstros se destacavam e nadavam no ar acima de suas cabeças.

— O que vocês usavam? — pergunta Brenda.

— Era muito bom, quando não vendiam nada estragado para gente. Haxixe, ácido, às vezes mescalina. Às vezes a gente misturava. Nada muito sério.

— O máximo que eu fiz foi dar uns tragos em um baseado na praia, sem nem saber direito o que era, e quando eu cheguei em casa meu pai me deu um tapa na cara.

(Não era verdade. Foi Cornelius. Ele dera-lhe um tapa no rosto. Foi antes de se casarem, quando Cornelius trabalhava na mina no turno da noite e ela ficava na praia com alguns amigos da sua idade. No dia seguinte Brenda lhe contou, e ele a estapeara.)

Tudo o que eles faziam na doceria era comer, ficar de bobeira, felizes e chapados, participando de brincadeiras idiotas como corrida de carrinhos no tampo da mesa. Certa vez um sujeito deitou no chão e eles esguicharam ketchup nele. Ninguém se importou. Os fregueses diurnos — donas de casa comprando as coisas da padaria, aposentados matando tempo com uma xícara de café — nunca iam lá à noite. A mãe e Lisa iam de ônibus para casa, onde quer que fosse. Então o pai também começou a ir embora um pouco depois da hora do jantar. Maria ficava tomando conta. Ela não se importava com o que faziam, contanto que não estragassem nada e pagassem.

Esse era o mundo das drogas que pertencia aos rapazes mais velhos, que mantinham os mais novos de fora. Levou algum tempo até perceberem que os mais novos também tinham algo. Eles também tinham um segredo. Iam ficando insolentes e presunçosos. Alguns deles começaram a atazanar os mais velhos para que os deixassem comprar drogas. Logo tornou-se claro que eles tinham dinheiro de origem desconhecida.

Neil tinha — ainda tem — um irmão mais novo chamado Jonathan. Agora tomou jeito, casou, é professor. Jonathan começou a dar bandeira; outros meninos também não conseguiram manter o segredo e logo todos ficaram sabendo. O dinheiro vinha de Maria. Maria pagava para que fizessem sexo com ela. Eles faziam no

barracão dos fundos, depois que ela fechava a loja. Ela tinha a chave do barracão.

Ela também tinha o controle diário do dinheiro. Esvaziava o caixa à noite, fazia a contabilidade. Os pais confiavam que ela o faria. Por que não? Ela era boa de aritmética e dedicada ao negócio. Entendia toda a operação melhor do que eles. Parece que os pais eram ambivalentes e supersticiosos com relação a dinheiro e não queriam guardá-lo no banco. Mantinham o dinheiro em um cofre, talvez até numa maleta reforçada escondida em algum lugar, e iam pegando quando precisavam. Talvez achassem que não podiam confiar em ninguém, nem nos bancos — ninguém fora da família, enfim. Que presente dos céus Maria não deve ter parecido a eles. Responsável e inteligente, de aparência ruim o bastante para não ser tentada a nutrir esperanças quanto a algo além do negócio da família. Que grande apoio era Maria.

Ela era uns vinte centímetros mais alta e quinze ou vinte quilos mais pesada que os rapazes aos quais pagava.

Sempre há alguns momentos ruins quando Brenda sai da interestadual — onde ela pode inventar uma desculpa para estar dirigindo, se alguém a vir — e entra na estrada secundária. A van é notável e inconfundível. Mas ao arremeter adiante, ao ver-se dirigindo onde não deveria, ela se sente mais forte. Quando entra na estrada sem saída do pântano, já não há desculpa possível. Se ela for vista ali, acabou tudo. Ela ainda tem que dirigir mais de meio quilômetro em campo aberto até chegar às árvores. Ela esperava que plantassem milho ali, que cresceria bastante e a acobertaria, mas eles não fizeram isso, plantaram feijões. Pelo menos não haviam borrifado agrotóxicos nas laterais da estrada; a grama, a erva daninha e as touceiras silvestres tinham crescido bastante, embora não o suficiente para esconder a van. Havia varas-de-ouro e paineirinhas com as vagens abertas, cachos pendurados de frutas brilhantes e venenosas e videira selvagem se espalhando sobre tudo, alcançando até a estrada. E finalmente ela chegava, entrava no túnel de árvores. Cedro, cicuta, mais ao

longe no solo úmido o lariço de aparência diáfana, muito bordo mole com as folhas mosqueadas de amarelo e castanho. Não havia água parada, nem poças negras, mesmo lá para trás, junto às árvores. Eles tinham tido sorte, era um verão bem seco. Ela e Neil tinham tido sorte, não os fazendeiros. Se tivesse sido um ano úmido, jamais poderiam ter se encontrado ali. Os recessos de barro seco entre os quais ela manobra a van seriam lama pura e o retorno mais à frente seria um atoleiro viscoso.

Isso, a dois quilômetros para dentro. Há alguns pontos delicados por onde dirigir — duas protuberâncias de terreno erguendo-se do pântano e uma ponte estreita de madeira sobre um regato onde ela não vê água nenhuma, apenas abundante agrião amarelado e urtigas sugando o barro seco.

Neil dirige um velho Mercury azul-escuro que parece uma piscina, uma mancha de escuridão úmida sob as árvores. Ela força a vista para localizá-lo. Não se importa em chegar alguns minutos na frente dele para se recompor, ajeitar o cabelo, examinar o rosto e borrifar colônia no pescoço (às vezes também entre as pernas). Mais que alguns minutos de espera a deixam nervosa. Ela não tem medo de cães selvagens, estupradores ou bisbilhoteiros observando das moitas. Ela costumava colher frutinhas ali quando era criança; por isso conhecia o lugar. Ela tem medo do que pode não estar lá, não do que está. A ausência de Neil, a possibilidade de sua deserção, uma negativa súbita. Isso pode transformar qualquer lugar, qualquer coisa, em algo feio, ameaçador e estúpido. Árvores, jardins, parquímetros ou mesinhas de café — não faria diferença. Uma vez ele não aparecera; estava doente. Intoxicação alimentar ou a ressaca mais incrível que já tivera. “Algo terrível”, dissera ele no telefone aquela noite — e ela teve que fingir que era alguém ligando para oferecer um sofá. Ela nunca esqueceu a espera, o murchar da esperança, o calor, os insetos — era julho —, seu corpo suando lentamente, sentada na van como uma admissão doentia de fracasso.

Ele está lá, ele chegou primeiro; ela vê um farol do Mercury na profunda sombra dos cedros. Era como alcançar a água quando se está morta de calor, arranhada e toda mordida, depois de passar a

tarde quente de verão colhendo frutinhas pelas moitas. A doçura envolvente, uma bondade fresca absorvendo todos os problemas nas profundezas abruptas. Ela estaciona a van, ajeita o cabelo e sai; testa a porta para confirmar que está fechada, senão ele a mandará voltar correndo para fazê-lo, assim como Cornelius — “tem certeza de que bateu a porta?”. Ela atravessa caminhando o pequeno espaço ensolarado, o chão recoberto de folhas, vendo-se caminhar metida numa calça branca apertada e num top azul-turquesa, salto alto e cinto branco baixo, bolsa no ombro. Uma mulher de belas formas, de pele clara com sardas e olhos azuis pintados com sombra azul e lápis, enfeitada e atraente em qualquer luz. Seus cabelos ruivos — tratados no dia anterior — refletem a luz do sol como uma coroa de pétalas. Ela usa salto alto apenas para este instante, apenas para atravessar a estrada enquanto ele a observa; o salto faz suas pernas parecerem mais longas e dá um toque extra de gingado na pélvis.

Muitas vezes, muitas mesmo, eles fizeram amor no carro de Neil, bem ali no ponto de encontro, embora sempre digam um ao outro para esperar. “Pare. Espere chegarmos ao trailer.” Depois de um tempo “espere” passa a significar o oposto. Uma vez, começaram ainda dirigindo. Brenda desceu a calcinha e subiu a saia leve sem dizer palavra, olhando direto para a frente, e eles acabaram parando ao lado da estrada, aceitando o risco incrível. Agora, quando passam pelo local, ela sempre diz algo do tipo: “Não vá sair da estrada” ou “Alguém devia colocar uma placa”.

Neil diz: “É um sinal histórico”.

Eles têm um histórico de paixão como as famílias têm uma história, ou pessoas que estudaram na mesma escola. Eles não têm muito mais que isso. Nunca compartilharam uma refeição ou assistiram a um filme juntos. Mas passaram por algumas aventuras complicadas, e perigos — não apenas coisas como parar ao lado da estrada. Eles se arriscaram surpreendendo um ao outro, e sempre acertadamente. Em sonhos, às vezes sentimos que já tivemos aquele sonho antes, que já sonhamos aquilo inúmeras vezes, e sabemos que não é assim tão simples. Sabemos que existe todo um sistema subterrâneo a que chamamos “sonhos”, pois não temos

melhor nome para eles, e sabemos que esse sistema não é como as estradas e os túneis, mas sim como a rede vascular de um corpo vivo, esticando e enrodilhando-se, imprevisível, mas por fim familiar — onde estamos agora e onde sempre estivemos. Era assim para eles no que dizia respeito a sexo, a ir se encontrar num local como aquele. Eles compreendiam aquilo da mesma maneira e até agora tinham confiado um no outro.

Teve uma vez, na estrada, que Brenda viu um conversível branco se aproximando, um velho Mustang branco com a capota arriada — era verão —, e ela deslizou até o chão do carro.

— Quem é que está lá? — perguntou ela. — Olhe! Rápido! Quem é?

— São moças — respondera Neil. — Quatro ou cinco moças. Procurando rapazes.

— Minha filha — disse Brenda, subindo outra vez. — Ainda bem que eu não estava de cinto.

— Você tem uma filha com idade para dirigir? Sua filha tem um conversível?

— É da amiga dela. Lorna ainda não dirige. Mas ela pode: já tem dezesseis.

Ela sentiu que havia coisas no ar que ele poderia ter dito, mas esperava que não dissesse. As coisas que os homens se sentem obrigados a dizer sobre as moças.

— Você também podia ter uma filha dessa idade — disse ela. — Talvez até tenha e não saiba. E ela mentiu para mim. Disse que ia jogar tênis.

Novamente ele deixou de dizer o que ela não queria ouvir — algum remoque sarcástico sobre mentiras. O perigo passara.

Tudo o que ele disse foi:

— Calma. Fique calma. Não aconteceu nada.

Ela não tinha como saber o quanto ele entendia seus sentimentos naquele instante, ou se ele entendia alguma coisa. Eles quase nunca mencionavam aquela parte da vida. Nunca mencionavam Cornelius, embora Neil tivesse conversado primeiro com ele ao aparecer no Celeiro de Móveis. Ele tinha ido procurar uma bicicleta — algo barato para usar nas estradas de terra. Eles

não tinham bicicletas na época, mas ele ficou um pouco e conversou com Cornelius sobre o tipo que queria, as maneiras de consertar ou calibrar aquele tipo de bicicleta, e disse a eles que ficassem atentos se aparecesse alguma. Disse que apareceria outra vez. Ele voltou pouco tempo depois, e apenas Brenda estava por lá. Cornelius tinha ido para casa deitar-se; era um de seus dias ruins. Neil e Brenda deixaram tudo claro um para o outro então, sem dizer nada de definitivo. Quando ele telefonou e a convidou para tomar uma bebida em um bar na estrada do lago, ela soube o que ele estava pedindo, e soube o que devia responder.

Ela disse que nunca tinha feito nada parecido antes. De certa forma, aquilo era mentira; mas também era verdade.

Durante o horário comercial Maria não deixava que as transações oficiais interferissem uma na outra. Todos pagavam como de costume. Ela não se comportava de maneira diferente; ainda tomava conta do lugar. Os rapazes sabiam que tinham algum poder de barganha, mas nunca sabiam ao certo quanto. Um dólar. Dois dólares. Cinco. Ela não dependia apenas de um ou dois deles. Sempre havia vários amigos lá fora, esperando e dispostos, quando ela levava um deles até o barracão antes de pegar o ônibus para casa. Ela os avisava de que pararia de negociar com eles se falassem alguma coisa, e por algum tempo eles acreditaram. Ela não os contratava regularmente, no começo, nem tão frequentemente assim.

Isso, no começo. Depois de alguns meses, as coisas começaram a mudar. As necessidades de Maria aumentaram. As negociações ficaram mais abertas e espinhosas. A história se espalhou. Os poderes de Maria começaram a ser erodidos, e então, esfacelados.

Anda, Maria, me dá dez. Pra mim também. Me dá dez também, Maria. Anda, Maria, você me conhece.

Vinte, Maria. Me dá vinte. Anda. Vinte pratas. Você tá me devendo, Maria. Anda logo. Você quer que eu fale? Anda, Maria.

Vinte, vinte, vinte. Maria abrindo a mão. Indo ao barracão toda noite. E como se isso já não fosse ruim o bastante, alguns rapazes começam a negacear. Agora querem o dinheiro antes. Recebem o dinheiro e dizem “não”. Dizem que ela nunca os pagou. Ela pagava, pagava na frente de testemunhas, e todas as testemunhas negavam que ela tivesse pagado. Eles balançam a cabeça e provocam Maria. *Não. Você não pagou ele. Eu não vi você pagar. Me paga agora e eu vou. Eu prometo que vou. Eu vou. Me dá vinte, Maria.*

E os rapazes mais velhos, cientes da história pelos irmãos mais novos, estão indo até ela no caixa e dizem: “E eu, Maria? Você também me conhece. Anda, Maria, só vinte, que tal?”. Esses rapazes nunca vão para o barracão com ela. Nunca. Ela achava que iriam? Eles nem prometem nada, só pedem dinheiro. *Você me conhece há um tempão, Maria.* Eles ameaçam, eles coagem. *Eu sou seu amigo também, não sou, Maria?*

Ninguém era amigo de Maria.

A serenidade de matrona atenta de Maria se fora — ela parecia má, amuada, instável. Ela olhava para eles com ódio, mas continuava a dar dinheiro. Continuava entregando as notas. Nem mesmo tentava barganhar, discutir, recusar. Ela apenas obedecia, furiosa — uma fúria silenciosa. Quanto mais a provocavam, mais rapidamente as notas de vinte voavam da gaveta. Já não era preciso muito — às vezes nada — para ganhar o dinheiro.

Neil e seus amigos agora andam chapados o tempo todo. O tempo todo, agora que têm dinheiro. Eles veem jorros doces de átomos fluindo no tampo de fórmica das mesas. Suas almas coloridas disparam em jatos por debaixo das unhas. Maria enlouqueceu, a loja sofre uma hemorragia de dinheiro. Como isso pode continuar? Como isso vai acabar? Maria deve estar metendo a mão na maleta de dinheiro; o caixa no final do dia não teria dinheiro o bastante. E por todo esse tempo a mãe continua a assar pão e fazer *pierogi*, e o pai continua varrendo a calçada e saudando os fregueses. Ninguém disse nada para eles. E eles continuam como sempre.

Tiveram que descobrir sozinhos. Encontraram uma conta que Maria deixara de pagar — algo assim, alguém aparecendo com uma dívida pendente —, e eles foram pegar dinheiro e descobriram que não havia mais nada. O dinheiro não estava onde eles o deixavam, lá no cofre ou na maleta, ou seja o que fosse, e não estava em lugar nenhum — simplesmente sumira. E foi assim que descobriram.

Maria conseguira dar tudo. Tudo o que tinham economizado, os lucros lentamente acumulados, todo o dinheiro com o qual mantinham o negócio. Tudo mesmo. Agora não podiam mais pagar o aluguel, nem a conta de luz ou os fornecedores. Não podiam mais manter a doceria. Pelo menos, acreditavam que não podiam. Talvez simplesmente não tivessem mais ânimo para continuar.

A loja foi fechada. Colocaram uma placa na porta: fechado indefinidamente. Quase um ano se passou até o lugar reabrir. Tinha virado uma lavanderia automática.

As pessoas disseram que tinha sido a mãe de Maria, aquela mulher grande, meiga e perpetuamente encurvada, quem tinha insistido em dar queixa da filha. Ela tinha medo da língua inglesa e da caixa registradora, mas levou Maria a julgamento. Claro que Maria só podia ser condenada como menor de idade, e só podiam mandá-la para algum centro de correção juvenil. Não havia nada a ser feito quanto aos rapazes. Todos eles mentiram, mesmo assim — disseram que não tinham sido eles. Os pais de Maria devem ter encontrado outros empregos, devem ter continuado a viver em Victoria, pois Lisa continuou lá. Ela ainda ia nadar na Associação de Moços, e em alguns anos estava trabalhando na Eaton's, na seção de cosméticos. Por aquela época, ela era uma moça prepotente e glamorosa.

Neil sempre tem vodca e suco de laranja em casa. É escolha de Brenda. Ela leu em algum lugar que o suco de laranja repõe a vitamina c que o álcool suga, e ela espera que realmente não dê para sentir cheiro de vodca no hálito. Neil também arruma o trailer — é o que ela pensa, por causa da sacola de papel cheia de latas

de cerveja encostada no armário da cozinha, dos jornais empilhados de qualquer jeito, do par de meias jogado em um canto. Talvez o colega de Neil faça isso. Um sujeito chamado Gary, que Brenda nunca conheceu, de quem sequer viu uma foto, e que não reconheceria se visse na rua. Será que ele a conhecia? Ele sabe que ela vai para lá, sabe quando; será que ele ao menos sabe seu nome? Será que ele reconhece seu perfume, o cheiro do seu sexo, quando chega em casa à noite? Ela gosta do trailer, o modo como nada ali foi feito para parecer equilibrado ou permanente. As coisas se assentam onde for mais conveniente. Não há cortinas nem descansos para pratos, nem mesmo saleiro e pimenteiro — só o pacote de sal e a latinha de pimenta, do jeito que vêm do supermercado. Ela adora ver a cama de Neil — mal arrumada, com um cobertor xadrez grosseiro e um travesseiro fino. Não é uma cama de núpcias nem uma cama para doentes, com seus confortos e complicações. É a cama de sua luxúria e do seu sono, exaustiva e distante em partes iguais. Ela adora a vitalidade do corpo dele, tão certa de seus direitos. Ela quer receber ordens dele, nunca pedidos. Ela quer ser seu território.

É só no banheiro que a sujeira a incomoda um pouco, como a sujeira de qualquer outra pessoa, e ela gostaria que eles limpassem melhor o vaso e a pia.

Eles se sentam à mesa para beber, olhando pela janela do trailer para a água do lago, revolta, brilhante feito aço. Ali as árvores, expostas aos ventos do lago, estão quase desnudas. Ossos de bétula e álamos rijos e brilhantes feito palha emolduram a água. Pode nevar no mês seguinte. Nevará com certeza dali a dois meses. O tráfego marítimo vai cessar, os barcos do lago serão ancorados durante o inverno e um cenário selvagem de gelo irromperá entre a costa e o mar aberto. Neil diz que não sabe o que vai fazer quando o trabalho na praia acabar. Talvez ficar por ali e tentar arranjar outro trabalho. Talvez viver do seguro-desemprego por algum tempo, comprar uma moto de neve, aproveitar o inverno. Ou ele pode procurar trabalho em outra parte, visitar amigos. Ele tem amigos por toda a América do Norte e fora dela. Ele tem amigos no Peru.

— E o que aconteceu? — pergunta Brenda. — Você não faz ideia do que aconteceu com Maria?

Neil diz que não, não faz ideia.

A história não quer deixar Brenda em paz; incomoda-a feito um gosto na boca, recobrando a língua.

— Bom, talvez ela tenha se casado — ela diz. — Depois de sair. Muita gente se casa sem ser bonita. Com certeza. Quem sabe ela não perdeu peso e está mais bonita.

— Claro — responde Neil. — Talvez agora sejam os caras que pagam para ela, para variar.

— Ou quem sabe ela ainda esteja num desses lugares. Um desses lugares para onde eles mandam as pessoas.

Agora ela sente uma dor entre as pernas. Não é incomum, após um desses encontros. Se ela se levantasse agora, sentiria uma pulsação ali, sentiria o sangue refluindo por todas as pequenas veias e artérias esmagadas e feridas no ato, sentiria a si mesma pulsando como uma grande bolha inchada.

Ela toma um bom gole e pergunta:

— Então, quanto dinheiro você pegou dela?

— Eu nunca peguei nada — responde Neil. — Eu conhecia uns caras que pegavam. Meu irmão Jonathan foi quem pegou dinheiro dela. Me pergunto o que ele diria se eu lembrasse ele disso agora.

— Caras mais velhos também. Você falou que caras mais velhos também pegavam. Não me diga que você só ficava vendo e nunca pegou nada.

— É isso mesmo que eu estou dizendo. Eu nunca peguei nada.

Brenda estala a língua, tsc-tsc, esvazia o copo e fica movendo-o sobre a mesa, olhando para os círculos úmidos e parecendo duvidar.

— Quer mais um? — pergunta Neil. Pega o copo das mãos dela.

— Eu tenho que ir — diz ela. — Logo. — Dá para fazer amor com pressa, mas para brigar é preciso tempo. É isso que eles estão começando agora? Uma briga? Ela se sente nervosa, mas feliz. Uma felicidade estreita e particular, não o tipo que flui do corpo deixando tudo macio e nos torna alegremente irresponsáveis com aquilo que

dizemos. É bem o contrário. Ela se sente leve, distante, atenta. Quando Neil traz o copo cheio, ela toma um gole imediatamente para proteger aquela sensação.

— Você tem o mesmo nome do meu marido — diz ela. — Engraçado que eu nunca tenha pensado nisso antes.

Ela pensou nisso antes. Apenas não tinha mencionado, sabendo que é algo que Neil não gostaria de ouvir.

— Cornelius não é Neil — diz ele.

— Cornelius é holandês. Alguns holandeses encurtam para Neil.

— É, mas eu não sou holandês, e meu nome não é Cornelius, é só Neil.

— É, mas se o nome dele tivesse sido encurtado, vocês teriam o mesmo nome.

— O nome dele não foi encurtado.

— Eu não disse que foi. Eu disse "se tivesse sido".

— Então para que falar disso, se não foi?

Ele deve estar sentindo o mesmo que ela — o surgimento lento mas irreprimível de uma nova emoção, a necessidade de dizer e ouvir coisas rudes. Que prazer afiado e liberador há no primeiro golpe, e que tentação se mostra à frente — destruição. Não paramos para pensar por que desejamos essa destruição. Mas queremos.

— Por que temos que beber sempre? — pergunta Neil, abrupto. — É para gente virar alcoólatra, é isso?

Brenda toma um gole rápido e empurra o copo para longe.

— Quem é que tem que beber? — pergunta ela.

Ela acha que ele quer dizer que deveriam tomar café ou Coca-Cola. Mas ele se levanta, vai até o armário de roupas, abre uma gaveta e diz:

— Vem cá.

— Eu não quero ver nada disso.

— Você nem sabe o que é.

— Claro que sei.

Claro que não sabe — não especificamente.

— Você acha que vai te morder?

Brenda bebe outra vez e continua olhando pela janela. O sol já está se pondo, empurrando a luz cálida através da mesa para aquecer suas mãos.

— Você não aprova — diz Neil.

— Eu não aprovo nem desaprovo — diz ela, ciente de ter perdido algum controle, de não estar mais tão feliz quanto antes. — Eu não me importo com o que você faz. Isso é com você.

— Eu não aprovo nem desaprovo — diz Neil, em uma voz fina. — Não me importo com o que você faz.

Esse é o sinal que um deles tinha que dar. Um clarão de ódio, pura maldade, como o faiscar de uma lâmina. O sinal para que a briga venha a descoberto. Brenda toma um grande gole, como se merecesse. Ela sente uma satisfação desolada. Ela se ergue e diz:

— Está na minha hora de ir.

— E se eu não quiser ir ainda? — diz Neil.

— Eu disse *minha* hora de ir, não a sua.

— Ah. Você está com o carro aí fora?

— Eu posso ir a pé.

— São oito quilômetros até onde a van está.

— Dá para andar oito quilômetros.

— Nesses sapatos? — pergunta Neil. Os dois olham para os sapatos amarelos, que casam com os pássaros de cetim aplicados no suéter azul-turquesa. Os dois itens tinham sido comprados e usados por causa dele!

— Você não comprou esses sapatos para caminhar — diz ele.

— Você comprou só para a cada passo mostrar melhor sua bunda gorda.

Ela caminha pela estrada à beira do lago, no cascalho, que machuca seus pés através dos sapatos e faz com que ela tenha que prestar atenção a cada passo, sob risco de torcer o tornozelo. A tarde agora está fria demais para usar somente um suéter. O vento vem do lago e a atinge de lado, e sempre que passa um veículo, especialmente caminhões, uma rajada rija de vento sopra ao redor dela e os detritos voam em seu rosto. Alguns caminhões

desaceleram, é claro, e alguns carros também, e os homens a chamam das janelas. Um carro desliza para o cascalho e para na frente dela. Ela fica parada, não consegue pensar no que fazer, e depois de um instante o carro volta para a estrada e ela recomeça a caminhar.

Está tudo bem, ela não corre perigo de verdade. Ela nem se preocupa em ser vista por algum conhecido. Ela se sente livre demais para se importar. Ela pensa na primeira vez em que Neil foi até o Celeiro de Móveis, como ele pôs o braço em volta do pescoço de Sansão e disse:

— Esse cão de guarda da senhora não é lá grande coisa.

Ela achou o “senhora” impertinente, falso, algo saído de um velho filme de Elvis Presley. E o que ele disse depois foi ainda pior. Ela olhara para Sansão e dissera:

— Ele é melhor à noite.

E Neil respondera:

— Eu também.

Impertinente, metido, presunçoso, pensou ela. E já não tem mais idade para isso. A opinião dela continuou a mesma também da segunda vez. O que aconteceu é que aquilo tudo se tornou algo a superar. Ela podia dizer a ele que não precisava daquela exibição. Era dela o papel de receber os presentes dele com seriedade, para que ele também pudesse ficar sério e amável e agradecido. Como ela soube tão rapidamente que aquilo de que não gostava nele não era real?

Ela já está no segundo quilômetro, ou na segunda metade do primeiro, quando o Mercury a alcança. Estaciona no cascalho ao lado da estrada. Ela vai até ele e entra. Não vê por que não. Não significa que ela vá conversar com ele, ou ficar ao lado dele por mais tempo que o necessário para chegar à estrada do pântano e à van. A presença dele não precisa se impor a ela mais do que os detritos que sopram dos lados da estrada.

Ela desce a janela completamente para que uma rajada de vento gélido corte tudo o que ele tiver para falar.

— Quero pedir desculpas pelas coisas que eu falei — diz ele.

— Por quê? — pergunta ela. — É verdade. É gorda mesmo.

— Não.

— É sim — diz ela, em um tom peremptório e entediado que é bem sincero. Isso o faz calar por mais alguns quilômetros, até entrarem na estrada do pântano, dirigindo sob as árvores.

— Se você achou que tinha uma seringa na gaveta, não tinha.

— Não é da minha conta, seja lá o que fosse.

— Só tinha uns Percocets e Quaaludes e um pouquinho de haxixe.

Ela se lembra de uma briga que teve com Cornelius, uma que quase os fez romper o noivado. Não foi quando ele a estapeou por fumar maconha. Eles fizeram as pazes rapidamente, nesse caso. Não tinha sido nada que tivesse a ver com a vida deles. Eles estavam falando de um homem com quem Cornelius trabalhava na mina, da esposa dele e do filho retardado que tinham. Cornelius disse que a criança não passava de um vegetal. Só ficava balbuciando e sujando as fraldas num chiqueirinho no canto da sala. Ele tinha seis ou sete anos de idade e jamais faria outra coisa na vida. Cornelius disse que achava que quem tinha filhos assim tinha o direito de se livrar deles. Disse que era o que ele faria. Não havia dúvida. Havia várias maneiras para fazer isso sem ser descoberto, e ele disse que apostava que muita gente fazia isso mesmo. Ele e Brenda tiveram uma briga feia por causa disso. Mas por todo o tempo em que brigaram e discutiram, Brenda suspeitava de que Cornelius não faria tal coisa. Aquilo era algo que ele precisava dizer que faria. Para ela. Para ela, ele tinha que insistir que faria aquilo. E isso acabou deixando-a mais zangada com ele do que teria ficado se tivesse acreditado que ele estava sendo inteiramente, brutalmente, sincero. Ele queria que ela discutisse aquilo com ele. Queria o seu protesto, o seu horror, e por quê? Os homens querem que as mulheres façam um escarcéu a respeito de como lidar com bebês com problemas, de usar drogas ou dirigir feito um lunático, e por quê? Para que possam afiar sua dureza brutal e exibicionista contra a débil bondade mole feito marshmallow das mulheres? Para que possam finalmente ceder, grunhindo a contragosto, e não ter mais que ser tão maus e irresponsáveis? Seja lá o que for, no final acabamos enjoando disso.

No acidente da mina, Cornelius quase morrera esmagado. Estava trabalhando no turno da noite quando aconteceu. Um corte é feito embaixo das grandes paredes de sal-pedra, então buracos são escavados e os explosivos são alojados dentro deles; há uma explosão todas as noites, cinco para a meia-noite. O enorme pedaço de sal se solta e assim começa sua jornada até a superfície. Cornelius era erguido em uma gaiola na ponta do braço do guindaste. Sua tarefa era quebrar os pedaços de material esparsos no teto da mina e afixar os parafusos que prendiam o bloco para a explosão. Alguma coisa deu errado com os controles hidráulicos que ele operava: Cornelius empacou, forçou potência extra e isso gerou um pico de força que o ergueu subitamente, de forma que o teto de rocha pareceu se fechar feito uma tampa sobre ele. Ele se abaixou, a gaiola parou e uma protuberância rochosa o acertou nas costas.

Ele já trabalhava na mina havia sete anos e quase não contava a Brenda o que acontecia lá. Agora ele conta. Ele diz que é um mundo à parte — cavernas e colunas, quilômetros sob o lago. Se você chegar a uma passagem onde não há máquinas iluminando as paredes cinzentas, o ar empoeirado de sal, e desligar a lanterna do capacete, então saberá o que é a escuridão verdadeira, a escuridão que as pessoas na superfície da Terra jamais verão. As máquinas ficam lá embaixo para sempre. Algumas são montadas lá embaixo, levadas lá para baixo em partes. Todas são consertadas lá embaixo. E finalmente são sucateadas para fornecer peças utilizáveis, depois empilhadas em uma passagem sem saída, que é fechada — uma tumba para as máquinas subterrâneas. Elas produzem um barulho feroz por todo o tempo em que trabalham. O barulho das máquinas e dos ventiladores cala toda voz humana. E agora existe uma nova máquina que faz o que Cornelius fazia, trepado na gaiola. Ela trabalha sozinha, sem ajuda do homem.

Brenda não sabe se ele sente falta de ficar lá embaixo. Ele diz que não. Diz que não consegue olhar para a superfície da água sem ver tudo o que há por baixo, que ninguém que não tenha visto consegue imaginar.

Neil e Brenda dirigem sob as árvores, onde subitamente já não era possível sentir o vento.

— E eu peguei algum dinheiro — diz Neil. — Peguei quarenta dólares, que, comparado ao que outros caras pegaram, não era nada. Eu juro que isso foi tudo, quarenta dólares. Eu não peguei nada mais.

Ela não diz nada.

— Eu não queria confessar nada — diz ele. — Só queria falar a respeito. O que me irritou é que eu menti assim mesmo.

Agora que pode ouvir melhor a voz dele, ela nota que está quase tão monótona e cansada quanto a dela. Ela vê suas mãos ao volante e pensa que teria dificuldades em descrever a aparência dele. Ao longe — no carro, esperando por ela —, ele sempre pareceu um borrão brilhante, sua presença era um alívio e uma promessa. De perto, ele vira áreas distintas — pele sedosa ou enrijecida, cabelo feito arame ou pontas aparadas, cheiros que são só dele, ou compartilhados com outros homens. Mas principalmente é uma energia, uma qualidade do seu “eu” que ela discerne em seus dedos curtos e embotados, ou na curva bronzeada da testa — é mais como se fosse sua seiva, vindo das raízes, límpida e sempre se movendo, preenchendo-o até quase estourar. É isso que ela se dispôs a seguir — a seiva, o fluxo sob a pele, como se aquilo fosse a única coisa real.

Se ela se voltasse para o lado agora, veria Neil como ele é: a curva bronzeada da testa, a franja castanha cacheada recuando, as sobrancelhas grossas com alguns fios grisalhos, olhos claros e profundos e uma boca satisfeita, um tanto amuada e altiva. Um homem de aspecto jovial que começa a envelhecer — embora ainda seja leve e selvagem em cima dela, contrastando com Cornelius, cujo peso se adensa possessivamente sobre ela como uma tonelada de cobertores. Nessas ocasiões Brenda sente algo como uma responsabilidade. Será que ela vai sentir o mesmo a respeito desse aqui?

Neil dá a volta com o carro e o deixa pronto para partir. É hora de ela sair e ir até a van. Ele tira as mãos do volante com o motor

ainda ligado, flexiona os dedos, então agarra o volante com força novamente — quase força o suficiente para transformá-lo em polpa.

— Por Deus, não saia ainda! — diz ele. — Não saia do carro!

Ela nem colocou a mão na porta, não se mexeu para sair. Será que ele não sabe o que está acontecendo? Talvez seja necessária a experiência acumulada de muitas brigas de casais para saber. Saber que aquilo que você pensa — e, por algum tempo, deseja —, que é o fim absoluto, pode acabar sendo apenas o começo de um novo estágio, uma continuação. É isso o que está acontecendo, isso foi o que aconteceu. Ele perdeu um pouco do seu brilho para ela; pode ser que não o recupere. Provavelmente o mesmo aconteceu no que diz respeito a ela. Ela sente o peso e a raiva e a surpresa nele. E também sente isso em si. Ela pensa que até aquele momento aquilo costumava ser fácil.

MENESETEUNG

I

*Aquilégia, sanguinária
E bergamota silvestre,
Colhendo-as às braçadas,
Seguimos alegremente.*

Oferendas é o nome do livro. Letras douradas em capa azul-fosca. O nome completo do autor embaixo: Almeda Joynt Roth. O jornal local, o *Vidette*, se refere a ela como “nossa poetisa”. Parece haver um misto de respeito e desdém, por sua vocação e seu sexo — ou por sua previsível combinação. Na frente do livro, uma fotografia, com o nome do fotógrafo em um canto, e a data: 1865. O livro foi publicado depois, em 1873.

A poetisa tem um rosto comprido; um nariz comprido; olhos cheios, negros e sombrios, parecendo prestes a rolar pelas faces como lágrimas gigantes; cabelo negro cheio, emoldurando seu rosto em franjas e volutas caídas. Uma mecha de cabelo grisalho bem à mostra, embora nessa foto ela tenha apenas vinte e cinco anos. Não é uma moça bonita, mas é o tipo de mulher que pode envelhecer bem, que provavelmente não engordará. Ela usa um vestido ou casaco escuro drapeado, com brocados e um arranjo frouxo de renda branca — babados ou laços — preenchendo o decote em V. Ela também usa um chapéu, talvez de veludo, em uma cor escura que combina com o vestido. É um chapéu sem abas e sem formato distinto, algo como um barrete mole, que me faz ver intenções artísticas, ou pelos menos uma excentricidade teimosa e tímida nessa jovem mulher, cujo pescoço longo e cabeça inclinada

para diante indicam que ela é alta, esguia, e um tanto desajeitada. Da cintura para cima ela parece um jovem aristocrata de um século passado. Mas talvez fosse a moda da época.

No prefácio do seu livro ela escreve:

Em 1854 meu pai nos trouxe — minha mãe, minha irmã Catherine, meu irmão William, e eu — para o ermo do Canadá Ocidental (como era então). Meu pai confeccionava arreios, mas era um homem culto, que citava a Bíblia, Shakespeare e os escritos de Edmund Burke de cor. Ele prosperou nesta terra recém-aberta e montou uma loja de arreios e produtos de couro, e depois de um ano construiu a casa confortável em que eu vivo (sozinha) hoje. Eu tinha catorze anos e era a filha mais velha quando viemos para cá de Kingston, uma cidade cujas belas ruas eu não voltei a ver, mas de que me lembro com frequência. Minha irmã tinha onze anos, e meu irmão, nove. No terceiro verão depois de nos instalarmos, meu irmão e minha irmã adoeceram de uma febre que grassava e morreram com poucos dias de intervalo um do outro. Minha querida mãe não recuperou o ânimo depois desse golpe. Sua saúde piorou e depois de três anos ela faleceu. Então eu me tornei a dona da casa, ajudando meu pai, e fui feliz cuidando do lar por doze anos, até que, certo dia, ele morreu subitamente, na loja.

Desde meus primeiros anos eu me delicieei com poesia, e me ocupei — e às vezes confortei minhas dores, que não foram maiores, eu bem sei, que as de qualquer pessoa de passagem nesta Terra — com muitos esforços titubeantes da composição de versos. De fato, meus dedos sempre foram desajeitados para o crochê, e os fascinantes bordados que vemos hoje em dia — a abundância de frutas e cestas de flores, os menininhos holandeses, as donzelas de pala com regadores — também se mostraram estar além de minha habilidade. Assim, em vez deles eu ofereço, como produto de minhas horas de lazer, esses poemas rudes, baladas, quadrinhas e pensamentos.

Títulos de alguns poemas: “Crianças brincando”, “A feira dos ciganos”, “Visita à minha família”, “Anjos na neve”, “Champlain na foz do Meneseteung”, “O passamento da antiga floresta” e “Canção do hortelão”. Há outros poemas, mais curtos, sobre pássaros e flores silvestres e tempestades de neve. Há algumas quadrinhas de intenção cômica sobre o que as pessoas pensam enquanto escutam o sermão na igreja.

“Crianças brincando”: A autora, ainda criança, brinca com o irmão e a irmã — uma daquelas brincadeiras em que as crianças, em lados opostos, provocam e tentam capturar as do outro lado. Ela brinca ao entardecer, até perceber que está sozinha, e bem mais velha. Ela ainda escuta as vozes (fantasmagóricas) do irmão e

da irmã chamando. *Venha logo, venha. Venha logo, Meda.* (Talvez a família chamasse Almeda de Meda, ou talvez ela tenha encurtado o nome para caber no poema.)

“A feira dos ciganos”: Os ciganos montaram um acampamento perto da cidade, uma “feira”, onde vendem tecidos e berloques, e a autora, ainda criança, tem medo de que eles a roubem e a levem para longe de sua família. Em vez disso, é a sua família que é levada para longe dela, raptada por ciganos com quem ela não consegue negociar, nem mesmo localizar.

“Visita à minha família”: Uma visita ao cemitério, uma conversa que não passa de um monólogo.

“Anjos na neve”: A autora uma vez ensinou ao irmão e à irmã como fazer “anjos” deitando-se na neve e movendo os braços para fazer asas. Seu irmão sempre se levantava estouvadamente, deixando um anjo com a asa machucada. Será que isso vai ser consertado no Céu, ou ele vai ficar voando em círculos com sua asa improvisada?

“Champlain na foz do Meneseteung”: Este poema celebra a crença popular e incorreta de que Champlain teria navegado pela margem leste do lago Huron, atracando na foz do Meneseteung.

“O passamento da antiga floresta”: Uma lista de todas as árvores — nomes, aparência e usos — que foram derrubadas da floresta original, com descrição geral de ursos, lobos, águias, cervos e pássaros aquáticos.

“Canção do hortelão”: Talvez criado para formar par com o poema da floresta. É um catálogo das plantas trazidas dos países europeus, com menções à história e às lendas associadas às plantas, e ao “canadianismo” resultante dessa mistura.

Os poemas são escritos em quadras ou dísticos. Há duas tentativas de soneto, mas a estrutura de rimas é simples: *a b a b* ou *a b c b*. A rima usada é a que já foi chamada de “masculina” (“cristal”/“pardal”), embora às vezes seja “feminina” (“mato”/“regato”). Esses termos ainda são conhecidos? Todos os poemas rimam.

*Rosas brancas frias como neve
Brotam onde esses "anjos" dormitam.
Descansam apenas sob a terra leve
Ou com a glória de Deus levitam?*

Em 1879, Almeda Roth ainda vivia na casa na esquina das ruas Pearl e Dufferin, a casa que seu pai construía para a família. A casa ainda está de pé; o gerente da loja de bebidas vive lá. O exterior foi recoberto de alumínio; uma varanda fechada substituiu a antiga, aberta. O barracão de lenha, a cerca, os portões, a sentina, o celeiro — tudo isso se foi. Uma fotografia tirada nos anos 1880 mostra tudo ainda no lugar. A casa e a cerca parecem um pouco desmazeladas, precisando de tinta, mas talvez isso se deva ao matiz esmaecido da fotografia em sépia. As janelas de cortina de renda parecem olhos brancos. Não há nenhuma árvore frondosa, e de fato os elmos altos que sombreavam a cidade até os anos 1950, bem como os bordos que agora a sombreiam, são árvores jovens e esguias com cercas rústicas em redor para protegê-las das vacas. Sem a proteção daquelas árvores, resta uma clareira — quintais, varais, pilhas de lenha, barracões, celeiros e sentinas precários — tudo nu, exposto, com aparência improvisada. Poucas casas tinham algo parecido a um quintal: somente algumas bananeiras-da-terra, formigueiros e terra trabalhada com ancinho. Talvez petúnias crescendo sobre um toco de árvore em uma caixa redonda. Só a rua principal é asfaltada; as outras são estradas de terra, lamacentas ou poeirentas, de acordo com a estação. Os quintais precisam de cercas para manter os animais afastados. Vacas ficam amarradas nos lotes vazios ou pastam nos quintais, mas às vezes elas se soltam. Os porcos também se soltam, e os cães vagueiam livremente ou cochilam soberanos pelas calçadas. A cidade criou raízes, não vai desaparecer, mas ainda parece um acampamento. E, como um acampamento, está sempre em movimento — cheia de pessoas que, na cidade, geralmente vão a pé aos compromissos; cheia de animais — cavalos, vacas e cachorros, deixando montes de

excremento que as senhoras precisam evitar, levantando as saias; cheia do barulho de construção e de condutores gritando com os cavalos e dos trens que chegam várias vezes por dia.

Eu li sobre aquela época no jornal *Vidette*.

A população é mais jovem do que agora, do que jamais será novamente. Pessoas com mais de cinquenta geralmente não se mudam para um lugar novo e bruto. Já há bastante gente no cemitério, mas a maioria morreu cedo, em acidentes, ou ao nascer, ou em epidemias. É a juventude que está mais em evidência na cidade. Crianças — meninos — correm pelas ruas em bandos. A escola é obrigatória por apenas quatro meses no ano, e há muitos serviços que mesmo uma criança de oito ou nove anos pode fazer: colher linho, segurar cavalos, entregar compras, varrer as calçadas na frente das lojas. Elas passam a maior parte do tempo procurando por aventuras. Um dia seguem uma velha, a bêbada a quem apelidam Rainha Aggie. Metem-na em um carrinho de mão, levando-a por toda a cidade, e então a derrubam numa vala para ver se a deixam sóbria. Também passam muito tempo perto da estação de trem. Pulam nos vagões em movimento, passam entre eles e desafiam uns aos outros, o que ocasionalmente resulta em mutilações ou morte. E ficam de olho nos forasteiros que aparecem na cidade. Elas os seguem, se oferecem para carregar suas malas e orientá-los (por cinco centavos) até um hotel. Forasteiros que não pareçam muito prósperos são provocados e atormentados. Os boatos os cercam, a todos, como uma nuvem de moscas. Estarão vindo para a cidade para começar algum negócio, para convencer as pessoas a investirem em algum negócio, para vender remédios ou alguma geringonça, para pregar nas esquinas? Tudo isso é bem possível, todos os dias da semana. Fiquem alertas, diz o *Vidette* ao povo. Estes são tempos de oportunidade e perigo. Prostitutas, vigaristas, camelôs, charlatões e ladrões andam pelas estradas, e principalmente pelas estradas de ferro. Roubos são divulgados: dinheiro investido que ninguém nunca mais viu, um par de calças levado do varal, lenha da pilha, ovos do galinheiro. Esses incidentes aumentam na época de calor.

O calor também traz acidentes. Um número maior de cavalos se descontrola, capotando charretes. Mãos presas entre os rolos da lavadora de roupas manual, um sujeito partido em dois na serraria, um menino soterrado por lenha no depósito de madeira. Ninguém dorme direito. Os bebês definham com diarreia e os gordos perdem o fôlego. Cadáveres precisam ser enterrados às pressas. Um dia um homem sai pelas ruas badalando um chocalho de gado e gritando: "Arrependam-se! Arrependam-se!". Dessa vez não é um forasteiro, é um rapaz que trabalha no açougue. O negócio é levá-lo para casa, envolvê-lo em roupas molhadas, dar remédio para os nervos, mantê-lo na cama e rezar para que recupere o juízo. Se ele não se recuperar, vai ter que ir para o hospício.

A casa de Almeda Roth dá para Dufferin Street, uma rua de considerável prestígio. Nessa rua moram comerciantes, um dono de moinho, um operador de poços salinos. Mas Pearl Street, a rua de trás, para onde se abre o portão dos fundos, é outra história. Casas de trabalhadores ficam coladas à dela. Casas enfileiradas, pequenas mas decentes — até aí tudo bem. As coisas começam a deteriorar-se perto do fim do quarteirão, e o próximo, o último, é esqualido e desolado. Apenas os mais pobres, os pobres sem respeito e sem méritos, viviam ali, colados a um charco (drenado desde então) chamado Charco de Pearl Street. Uma vegetação densa e exuberante se espalha por lá, barracões improvisados foram erguidos, há pilhas de dejetos e destroços, crianças raquíticas aos montes, lavagem é jogada das portas. A cidade tenta forçá-los a construir latrinas, mas eles preferem fazer no mato. Se um bando de moleques se meter por lá procurando aventura, é certo que vão achar sarna para se coçar. Dizem que nem o chefe de polícia passa por Pearl Street no sábado à noite. Almeda Roth jamais passou das casas enfileiradas. Em uma dessas casas vive a jovem Annie, que ajuda Almeda com a faxina. Essa jovem, sendo uma moça decente, jamais foi até o último quarteirão ou até o charco. Nenhuma mulher decente iria.

Mas esse mesmo charco, que fica a leste da casa de Almeda Roth, proporciona uma bela vista ao amanhecer. Almeda dorme nos fundos da casa. Ela permanece no mesmo quarto que outrora

compartilhou com a irmã Catherine — ela jamais pensou em se mudar para o grande quarto da frente, onde sua mãe costumava jazer na cama o dia todo, e que mais tarde tornou-se o reino solitário do pai. De sua janela ela pode ver o sol nascendo, a névoa do charco preenchendo-se de luz. As árvores mais próximas e corpulentas parecem então flutuar na névoa, e as mais distantes parecem transparentes. Carvalhos do pântano, bordos moles, lariço, nogueira.

iii

*Cá onde o rio o mar interno
encontra,
Jorrando azuis anáguas
solene bosque afora,
Penso em pássaros e feras e em
sumidos homens,
Cujas casas repousaram
na alva areia outrora.*

Um dos forasteiros que chegaram à estação de trem fazia alguns anos era Jarvis Poulter, que agora ocupa a casa seguinte à de Almeda Roth — separada dela por um terreno vazio, que ele comprou, na Dufferin Street. A casa é mais simples que a casa dos Roth, e não tem árvores frutíferas nem flores plantadas ao redor. Presume-se que isso é o resultado natural de Jarvis Poulter ser viúvo e viver sozinho. Um homem até pode manter a casa decente, mas jamais — se for homem mesmo — vai fazer muito para decorá-la. O casamento o força a viver com mais ornamento e sentimento, e também o protege dos extremos de sua própria natureza — da frugalidade frígida, da preguiça exuberante, da esqualidez, da leitura e do sono em excesso, da bebida, do fumo, do livre pensar.

Por motivos certamente econômicos, um estimado cavalheiro de nossa cidade persiste em pegar água da fonte pública, e em complementar seu estoque de combustível com carvão coletado ao

longo da estrada de ferro. Será que ele considera compensar a cidade ou a ferrovia com um suprimento de sal grátis?

Eis o *Vidette*, repleto de indiretas, insinuações e francas acusações das quais nenhum jornal se safaria nos dias de hoje. É de Jarvis Poulter que eles estão falando — embora em outros trechos ele seja referido com grande respeito, como juiz de paz, empregador, membro da igreja. Ele é sovina, e isso é tudo. Um excêntrico, até certo ponto. O que bem pode ser resultado de sua vida solitária, sua condição de viúvo. Mesmo que isso inclua carregar água da fonte pública e encher o balde de carvão ao longo da ferrovia. Trata-se de um cidadão decente, próspero: um homem alto — só um pouquinho rechonchudo? — num terno escuro e botas polidas. Barba? Cabelos negros matizados de grisalho. Um ar severo e centrado, e uma grande verruga pálida entre os pelos grossos de uma sobrancelha? As pessoas falam de uma esposa jovem, bela e amada, morta ao dar à luz ou em algum acidente horrível, um incêndio ou desastre de trem. Não há fatos que comprovem isso, mas fica mais interessante assim. Tudo o que ele lhes disse é que a esposa morreu.

Ele chegou naquela parte do país procurando petróleo. O primeiro poço de petróleo do mundo foi aberto em Lambton County, ao sul dali, nos anos 1850. Procurando petróleo, Jarvis Poulter encontrou sal. E pôs mãos à obra para aproveitar o melhor que pudesse. Ao caminhar da igreja para casa com Almeda Roth, ele lhe conta sobre seus poços salinos. Têm 366 metros de profundidade. Água quente é bombeada até eles, e dissolve o sal. Então a salmoura é bombeada para a superfície. É derramada em grandes tachos para evaporar sobre fogo baixo e constante, o que elimina a água, deixando apenas sal puro e excelente. Um produto para o qual sempre haverá demanda.

— O sal da terra — diz Almeda.

— Sim — diz ele, franzindo o cenho. Talvez ache desrespeitoso. Não foi essa a intenção dela. Ele fala de competidores em outras cidades, imitando-o e tentando dominar o mercado. Por sorte, os poços deles não são tão fundos, o processo de evaporação deles

não é tão eficiente. Há sal por toda parte embaixo desta terra, mas não é tão fácil obtê-lo como algumas pessoas pensam.

Almeda pergunta se isso não significa que já existiu um grande mar ali.

— É bastante provável — diz Jarvis Poulter. — Bastante provável. — Ele prossegue, contando outras empreitadas suas — uma fábrica de tijolos, um forno de cal. E ele lhe explica como é a operação, e onde se encontra a boa argila. Ele também tem duas fazendas, cujos estoques de lenha fornecem o combustível para suas operações.

Entre os casais voltando da missa para casa recentemente, numa ensolarada manhã de domingo, notamos um certo homem do sal e uma dama das letras, já saídos dos verdes anos, mas ainda bem longe das cinzas da velhice. Será que temos história?

Esse tipo de coisa aparece no *Vidette* o tempo inteiro.

Será que temos história, será que temos namoro? Almeda Roth tem algum dinheiro que o pai lhe deixou, e tem a casa. Ela não é velha demais, ainda pode ter alguns filhos. É uma dona de casa decente, com a predisposição para bolos confeitados e tortas decoradas que costuma-se ver em matronas (menção honrosa na Feira de Outono). Não há nada errado com sua aparência, e naturalmente ela está em melhor forma que a maioria das mulheres casadas da mesma idade, pois não foi sobrecarregada com trabalho e filhos. Mas por que ela teria sido preterida em sua juventude casadoira, num lugar que precisa de mulheres férteis para o casamento? Ela era uma moça um tanto melancólica — pode ter sido esse o problema. A morte dos irmãos, depois a da mãe — que aliás perdeu a sanidade um ano antes de morrer, limitando-se a ficar na cama dizendo incoerências —, certamente tinha o seu peso, e por isso ela não era uma companhia animada. E tanta leitura e poesia pareciam um defeito, uma barreira, uma obsessão, antes na moça do que na mulher de meia-idade, que afinal precisava de alguma coisa para ocupar o tempo. Mas já fazia cinco anos desde que seu livro fora publicado, então talvez essa fase tivesse passado. Não teria sido o pai orgulhoso e livresco a encorajá-la, talvez?

Todos presumem que Almeda Roth pensa em Jarvis Poulter como marido e que ela diria sim se ele a pedisse. E ela anda pensando nele. Ela não quer acender demais as esperanças, não quer se fazer de tola. Ela gostaria de um sinal. Se ele fosse à igreja nos domingos à noite, haveria uma chance, durante alguns meses do ano, de caminharem para casa no escuro. Ele levaria um lampião (a iluminação ainda não chegara às ruas da cidade). Ele balançaria o lampião para iluminar o caminho à frente dos pés da senhorita, e veria seu formato esguio e delicado. Ele talvez a segurasse pelo braço quando descessem da calçada. Mas ele não vai à missa à noite.

Ele também não a procura nem vai com ela à igreja nas manhãs de domingo. Isso seria uma declaração. Ele a leva para casa, passando por seu portão, até chegar ao dela; ele ergue o chapéu e então vai embora. Ela não o convida para entrar — uma mulher morando sozinha jamais poderia fazer tal coisa. Todos sabem que assim que um homem e uma mulher de qualquer idade se encontram sozinhos entre quatro paredes tudo pode acontecer. Combustão espontânea, fornicção instantânea, ataques de paixão. Instinto bruto, triunfo dos sentidos. Que possibilidades homens e mulheres não devem ver um no outro para imaginar tais perigos. Ou, acreditando nos perigos, quão frequentemente não devem pensar nas possibilidades.

Quando caminham lado a lado, ela sente o cheiro do sabão com que ele se barbeia, o óleo do barbeiro, o tabaco de seu cachimbo, o cheiro de lã e linho e couro de suas roupas viris. As roupas pesadas, arrumadas e corretas são como as que ela costumava escovar, engomar e passar a ferro para o pai. Ela sente falta dessa tarefa — a apreciação do pai, sua autoridade bondosa e sombria. As roupas de Jarvis Poulter, seu cheiro, seus movimentos, tudo faz sua pele, próxima à dele, formigar esperançosa, e um tremor humilde faz os pelos do seu braço se erguerem. Isso deve ser interpretado como sinal de amor? Ela pensa nele indo até o quarto dela — *deles* — de camisolão e chapéu. Ela sabe que o conjunto é ridículo, mas não parece assim em sua mente. Ele tem o porte de solene insolência de um vulto em um sonho. Ele entra no

quarto e se deita na cama ao lado dela, preparando-se para tomá-la nos braços. Será que ela tira o chapéu dele? Ela não sabe, pois nessa hora um ataque de submissão e boas-vindas a domina em um arquejo abafado. Ele seria seu marido.

Ela notou uma coisa nas mulheres casadas: quantas delas precisam criar os maridos. Elas têm de começar a definir preferências, opiniões, modos ditatoriais. “Ah, sim”, dizem elas, “meu marido é muito enjoado. Não pode nem sentir o cheiro de nabo. Não come carne assada (ou só come carne assada). Ele gosta que eu use azul (marrom) o tempo inteiro. Ele não suporta música de órgão. Ele odeia ver mulher saindo com a cabeça descoberta. Ele me mataria se eu desse uma tragada em tabaco.” Assim, homens perplexos de olhar enviesado são refeitos, transformados em maridos, chefes de família. Almeda Roth não consegue se imaginar fazendo isso. Ela quer um homem que não tenha de ser criado, que já seja firme e determinado e misterioso para ela. Ela não procura companhia. Homens — exceto o pai — parecem-lhe de certa forma destituídos, sem interesse. Sem dúvida isso é necessário para que possam fazer o que precisam fazer. Será que ela própria, ao saber que havia sal na terra, descobriria como extraí-lo e vendê-lo? É improvável. Ela ficaria pensando no mar antigo. É para esse tipo de especulação que Jarvis Poulter, apropriadamente, não tem tempo.

Em vez de chamar por ela e levá-la até a igreja, Jarvis Poulter pode tentar uma outra declaração mais arriscada. Ele poderia alugar um cavalo e levá-la para um passeio pelo interior. Se ele fizesse isso, ela ficaria feliz e triste. Feliz de estar ao lado dele, de ser levada por ele, recebendo sua atenção diante do mundo. E triste por ter a paisagem arrancada dela — encoberta de certa forma pela conversa dele, por suas preocupações. O interior sobre o qual ela escreveu em seus poemas só pode ser visto com diligência e determinação. Algumas coisas devem ser ignoradas. Pilhas de estrume, claro, e campos encharcados cheios de tocos altos e calcinados, e enormes touceiras de mato só esperando o dia da queimada. Os regatos erradios foram endireitados, transformados em valas com altas margens lamacentas. Alguns campos de pasto e de plantio foram cercados com grandes e desajeitados tocos

desarraigados; outros são delimitados por um retalhado rústico de cercas de madeira em zigue-zague. A floresta foi desbastada de volta a seus limites. E as reservas florestais todas são de segundo plantio. Não há árvores ao longo das estradas, das passagens, nem ao redor das fazendas, exceto algumas recém-plantadas, de aparência nova e modesta. Há aglomerados de celeiros de lenha — os grandes celeiros que vão dominar o interior pelos próximos cem anos estão sendo construídos só agora — e cabanas de madeira de mau aspecto, e a cada seis ou oito quilômetros um pequeno povoado rústico com igreja, escola, armazém e ferraria. Uma terra bruta recém-tomada da floresta, mas repleta de gente. Cada lote de quatrocentos metros quadrados tem uma fazenda, cada fazenda tem uma família, a maioria das famílias tem dez ou doze crianças (este é o interior que enviará leva após leva de sitiantes — já começa a enviá-los — para o norte de Ontário e para o Oeste). É verdade que dá para colher flores silvestres na primavera nas reservas florestais, mas é preciso andar entre manadas de vacas chifrudas para chegar até elas.

iv

Os ciganos partiram.

A clareira onde acamparam está vazia.

Oh, agora, na Feira dos Ciganos,

com que afinco eu barganharia.

Almeda sofre bastante com a insônia e o médico lhe receitou brometo de potássio e remédio para os nervos. Ela toma as gotas de brometo, mas elas lhe provocam sonhos vívidos e perturbadores demais, e por isso ela guarda o frasco para alguma emergência. Ela disse ao médico que sentia os globos oculares secos feito vidro quente, e que suas juntas doíam. Ele disse: “Não leia muito, não estude. É melhor a senhorita se exercitar, usar o trabalho de casa pra gastar energia, pra dar aquele cansaço bom”. Ele crê que os achaques dela acabariam se ela se casasse. Ele crê nisso embora a

maior parte dos remédios para nervos seja usada por mulheres casadas.

Assim, Almeda limpa a casa e ajuda a limpar a igreja, ajuda amigos a colar papel de parede, a organizar alguma cerimônia de casamento ou faz um de seus famosos bolos para o piquenique depois da aula de religião no domingo. Em um sábado quente de agosto ela decide fazer geleia de uva. Pequenos potes de geleia de uva dão ótimos presentes de Natal e ofertas para os doentes. Mas ela começou tarde, e ao cair da noite a geleia ainda não está pronta. Na verdade, a polpa quente acabou de ser derramada no morim para drenar o sumo. Almeda bebe um pouco de chá e come uma fatia de bolo com manteiga (um capricho infantil seu), e é tudo o que quer para o jantar. Ela lava o cabelo na pia e se esfrega com a esponja para ficar limpa para o domingo. Ela não acende a luz. Fica deitada na cama com a janela escancarada e o lençol indo somente até a cintura, sentindo-se maravilhosamente cansada. Dá até para sentir a brisa fraca.

Quando acorda, sente a noite quente feito fogo, repleta de ameaças. Ela fica deitada na cama e tem a impressão de que os ruídos que escuta são facas e serrotes e machados — ferramentas zangadas cortando, penetrando e perfurando o interior de sua cabeça. Mas não é verdade. Já mais desperta, ela reconhece os sons que já ouvira outras vezes — o burburinho de uma noite de sábado de verão na Pearl Street. Geralmente o barulho gira em torno de uma briga. Há gente bêbada, impropérios, encorajamento na briga, alguém vai gritar “Assassino!”. Houve um assassinato uma vez. Mas não aconteceu em uma briga. Um velho foi esfaqueado até morrer em seu barracão, talvez por causa de alguns trocados escondidos sob o colchão.

Ela sai da cama e vai até a janela. O céu noturno está claro, com estrelas brilhando, sem lua. Pégaso está bem à frente, acima do charco. Seu pai lhe mostrara a constelação — ela conta as estrelas automaticamente. Agora pode discernir vozes distintas, contribuições individuais ao conflito. Ao que parece outras pessoas além dela acordaram. “Calem a boca!” — gritam elas. “Parem com esse arranca-rabo! Eu vou aí fora e arrevento vocês aí, hein!” Mas

ninguém cala a boca. É como se houvesse uma bola de fogo rolando pela Pearl Street, soltando faíscas — só que o fogo é o barulho. Berros, gargalhadas, gritos e pragas e as faíscas são vozes individuais disparando no ar da noite. Duas vozes pouco a pouco se definem — um uivo agudo que aumentava e diminuía e uma torrente constante de xingamentos pulsando baixo e empregando todas as palavras que Almeda associa a perigo, depravação, cheiros imundos e visões repelentes. Alguém — a pessoa que grita “Me mata! Então me mata agora!” — está apanhando. Uma mulher está apanhando. Ela continua a gritar “Me mata! Me mata!” e às vezes parece que sua boca está cheia de sangue. Mas há algo de provocador e triunfante em seu grito. Há algo de teatral nele. E as pessoas à roda gritam: “Para! Para com isso!” ou “Mata ela! Mata ela!” em um frenesi, como se estivessem no teatro, assistindo a uma partida esportiva, uma luta profissional. Sim, pensa Almeda, ela já notou aquilo antes — sempre é um pouco de farsa para aquelas pessoas; sempre há uma paródia desajeitada, um exagero, uma conexão que falta. Como se tudo que fizessem — até um assassinato — fosse algo em que não acreditavam direito, mas que eram incapazes de impedir.

Agora o som de algo sendo arremessado — uma cadeira, uma tábua? — e uma pilha de lenha ou trecho de cerca desabando. Muitos gritos de surpresa renovada, sons de fuga, pessoas saindo da frente... a comoção está mais perto. Almeda pode ver um vulto em um vestido leve, inclinado para diante, correndo. Deve ser a mulher. Ela segura algo como um pedaço de pau ou uma telha, e então se volta e o arremessa na direção do vulto mais escuro que corre atrás dela.

As vozes gritam: “Vai, pega ela! Mete o cacete!”. A maioria agora recua. Apenas os dois vultos aparecem, se agarrando, se soltando, finalmente caindo sobre a cerca de Almeda. O som que fazem fica muito confuso — engasgo, vômito, grunhidos, batidas. Então um som de dor, humilhação e abandono, longo, vibrante, engasgado, que pode ter vindo de qualquer um deles ou dos dois.

Almeda se afastou da janela e sentou-se à cama. Foi o barulho de assassinato aquilo que ela ouviu? O que fazer, o que ela deve

fazer? Ela tem de acender um lampião, descer as escadas e acender um lampião — ela tem de ir até o quintal, ela tem de descer as escadas. Até o quintal. O lampião. Ela cai na cama e traz o travesseiro até o rosto. Dali a um minuto. As escadas, o lampião. Ela já se vê lá embaixo, na sala dos fundos, puxando o cadeado da porta. Ela adormece.

E acorda espantada à luz da aurora. Ela pensa ver um grande corvo empoleirado no batente da janela, falando em um tom de desaprovação, sem surpresa, sobre os eventos da noite anterior. “Acorde e empurre o carrinho de mão!”, diz ele, ralhando, e Almeda compreende que o corvo quer dizer alguma outra coisa com “carrinho de mão” — alguma coisa abjeta e cheia de mágoa. Então ela acorda e vê que não há pássaro. Ela se levanta imediatamente e olha pela janela.

Na base da cerca, uma trouxa pálida desabada — um corpo.

Carrinho de mão.

Ela veste um roupão por cima da camisola e desce as escadas. Os cômodos da frente ainda estão na penumbra, as venezianas na cozinha estão fechadas. Algo faz *plop, plip*, um som calmo de repreensão que a faz lembrar da fala do corvo. É apenas o suco de uva sendo coado. Ela puxa o cadeado e sai pela porta dos fundos. Aranhas fizeram teias sobre a porta durante a noite, e as malvas-rosa pendem, pesadas de rocio. Perto da cerca, ela afasta as malvas-rosa pegajosas e, olhando para baixo, ela vê.

Um corpo de mulher jogado ali, virado de lado, com o rosto comprimido contra a terra. Almeda não consegue ver seu rosto. Mas há um seio nu, de mamilo castanho longo, feito uma teta de vaca, e uma anca e uma perna expostas. Um machucado grande feito um girassol na anca. A pele intacta é cinzenta como carne depenada e ainda crua de galinha. A mulher está metida em um vestido de uso indefinido, talvez uma camisola. Cheirando a vômito. Urina, bebida, vômito.

Descalça, ainda de camisola e roupão fino, Almeda se afasta correndo. Ela corre ao longo da lateral da casa entre as macieiras e a varanda. Abre o portão da frente e foge pela Dufferin Street até a

casa de Jarvis Poulter, a mais próxima da sua. Ela bate repetidas vezes com a palma da mão na porta.

— O cadáver de uma mulher — diz ela quando Jarvis Poulter finalmente aparece. Ele usa calça escura com suspensórios; sua camisa está semidesabotoada, a barba por fazer, os cabelos estão todos arrepiados. — Sr. Poulter, perdão. O cadáver de uma mulher. No meu portão dos fundos.

Ele olha para ela com intensidade.

— Ela está morta?

Seu hálito é dormido, o rosto está cheio de vincos e os olhos estão injetados.

— Sim. Acho que foi assassinada — diz Almeda. Ela pode ver um pedaço do vestíbulo austero da casa. O chapéu dele sobre uma cadeira. — Eu acordei à noite. Ouvi um tumulto na Pearl Street — diz ela, lutando para manter a voz baixa, em um tom comedido. — Eu ouvi esses... esses dois. Ouvi um homem e uma mulher brigando.

Ele pega o chapéu e o põe na cabeça. Encosta e tranca a porta da frente, metendo a chave no bolso. Eles caminham pela calçada e ela nota que está descalça. Ela controla a vontade de dizer que é responsável pelo que houve, que poderia ter corrido com um lampião, que poderia ter gritado (mas quem precisava de mais gritos?), poderia ter afugentado o homem. Poderia ter corrido atrás de ajuda na hora, não agora.

Eles viram na Pearl Street em vez de entrar no quintal dos Roth. É claro que o corpo ainda está lá. Encurvado, seminu, o mesmo de antes.

Jarvis Poulter não se apressa ou hesita. Ele caminha direto até o corpo e olha para ele, cutuca a perna com a ponta da bota, como se cutucaria um cão ou uma leitoa.

— Você aí — diz ele, não muito alto, mas firme, e cutuca outra vez.

Almeda sente o gosto de bile na garganta.

— Está viva — diz Jarvis Poulter, e a mulher confirma. Ela se mexe, dá um grunhido fraco.

Almeda diz:

— Eu vou chamar o médico. — Se ela tivesse tocado a mulher, se tivesse se forçado a tocá-la, não teria cometido o engano.

— Espere. Espere. Vamos ver se ela consegue se levantar. Anda, levanta — diz ele para a mulher. — Anda. Levantando, vai. Levantando.

Agora algo surpreendente acontece. O corpo arqueja, arroja-se de quatro com a cabeça erguida — o cabelo emplastado de sangue e vômito — e a mulher começa a bater a cabeça, com força e com ritmo, contra a cerca de tábuas de Almeda Roth. Ao bater a cabeça, a mulher reencontra a voz, abre bem a boca e solta um vagido alto, forte e repleto do que parece ser um prazer angustiado.

— Mas não está morta mesmo — diz Jarvis Poulter. — E é melhor não incomodar o médico.

— Mas o sangue — diz Almeda, quando a mulher volta o rosto ensanguentado para ela.

— É do nariz — diz ele. — Não é de agora. — Ele se inclina e segura o cabelo horrível perto do couro cabeludo para parar as batidas.

— Pare com isso agora — diz ele. — Pare com isso. Vá para casa agora. Vá para casa que é o seu lugar. — O som que saía da boca da mulher parou. Ele sacode a cabeça dela de leve, avisando, antes de soltar seus cabelos. — Vá para casa!

Liberta, a mulher se joga para diante, consegue se erguer. Ela pode caminhar. Sai zanzando e tropeçando pela rua, fazendo barulhos cautelosos e intermitentes de protesto. Jarvis Poulter a observa por um instante para se certificar de que ela está indo embora. Então ele encontra uma grande folha de bardana, com a qual limpa as mãos. Ele diz:

— E lá vai indo o seu cadáver!

O portão de trás está trancado e por isso eles dão a volta até a frente. O portão está aberto. Almeda ainda se sente enjoada. Seu abdômen está inchado; ela se sente entontecida e quente.

— A porta da frente está trancada — diz ela, fraca. — Eu saí pela cozinha. — Se pelo menos ele a deixasse, ela poderia ir até a latrina. Mas ele a segue. Ele a segue até a porta de trás e entra no

vestíbulo. Ele fala com ela usando um tom de jovialidade áspera que ela nunca ouviu nele.

— Não precisa se preocupar — diz ele. — É tudo consequência da bebida. Uma dama não deveria viver sozinha tão perto de uma vizinhança ruim assim. — Ele segura o braço dela acima do cotovelo. Ela não pode abrir a boca para falar com ele, para dizer obrigada. Se ela abrisse a boca, acabaria vomitando.

O que Jarvis Poulter sente por Almeda Roth neste instante é exatamente aquilo que não sentira durante todas as caminhadas circunspectas e todos os seus cálculos solitários do valor provável de Almeda, de sua respeitabilidade insuspeita e beleza adequada. Ele não tinha conseguido imaginá-la como esposa. Agora isso é possível. Ele é suficientemente tocado pelos cabelos soltos — prematuramente grisalhos mas densos e macios —, por seu rosto afogueado, pelas roupas leves que ninguém além de um marido deveria ver. E por sua indiscrição, agitação, por sua tolice, sua necessidade?

— Eu virei mais tarde — diz ele. — Irei com a senhorita à igreja.

Na esquina das ruas Pearl e Dufferin, no último domingo de manhã, uma dama local encontrou o corpo de uma certa mulher da Pearl Street, que se julgou a princípio estar morta, mas que se revelou apenas morta de bêbada. Ela foi arrancada de seu arrebatamento — nem um pouco celestial — pela firmeza persuasiva do sr. Poulter, um vizinho, juiz de paz, que fora convocado pela mencionada dama. Incidentes desse tipo — desagradáveis, problemáticos e degradantes para nossa cidade — ultimamente vêm se tornando bastante comuns.

V

No fundo do sono me deito

Como se fosse do oceano o leito.

E os faceiros Cidadãos da Profundeza

Me saúdam com lhaneza.

Assim que Jarvis Poulter se vai e ela escuta o portão da frente bater, Almeda corre até a latrina. Seu alívio não é completo, no entanto, e ela compreende que a dor e a sensação de inchaço na parte inferior do corpo advém do acúmulo de sangue menstrual que ainda não desceu. Ela encosta e tranca a porta dos fundos. Então, lembrando-se das palavras de Jarvis Poulter sobre a igreja, escreve em um pedaço de papel: “Eu não estou bem, prefiro ficar em casa descansando hoje”. Ela prende o papel firme no caixilho externo da pequena janela na porta da frente. Ela também tranca a porta. Ela treme, como se de choque ou raiva forte. Mas consegue acender o fogo para fazer chá. Ela ferve a água, conta as folhas de chá, prepara um grande bule de chá, cujo vapor e cheiro a enjoam ainda mais. Ela enche uma xícara enquanto o chá ainda está fraco e adiciona várias gotas escuras do remédio para os nervos. Ela se senta para beber sem abrir as venezianas da cozinha. Ali, no meio da sala, está o morim, pendurado em um cabo de vassoura estendido entre as costas de duas cadeiras. A polpa e o sumo de uva mancharam o tecido esticado de púrpura escuro. *Plop, plup*, caindo na bacia. Ela não consegue ficar ali sentada olhando para aquilo. Ela leva a xícara, o bule e o frasco de remédio para a sala de jantar.

Ela ainda está sentada lá quando os cavalos começam a passar em direção à igreja, levantando nuvens de poeira. As estradas estavam ficando quentes feito brasas. Ela ainda está ali quando o portão se abre e os passos confiantes de um homem soam na varanda. Sua audição está tão afiada que ela acredita ouvir o papel sendo arrancado do caixilho e desdobrado — ela quase consegue ouvi-lo lendo, ouvir as palavras na mente dele. Então os passos se afastam descendo os degraus. O portão se fecha. Imagens de lápides surgem em sua mente e ela ri. Lápides marcham pela rua com pezinhos metidos em botas, os corpos longos inclinados para a frente, suas expressões preocupadas e severas. Os sinos da igreja tocam.

Então o relógio no saguão bate meio-dia, uma hora já se passou.

A casa se aquece. Ela bebe mais chá e adiciona mais remédio. Ela sabe que o remédio a está afetando. É responsável pelo langor extraordinário que sente, a perfeita imobilidade, sua rendição impotente aos arredores. Tudo está bem. Parece necessário.

Os arredores — parte deles — na sala de jantar se constituem de: paredes cobertas com papel verde-escuro com padrões de guirlandas, cortinas de renda e cortinas de veludo cor de amora nas janelas, uma mesa com toalha de crochê e uma tigela de frutas de cera, um tapete rosa-cinza com buquês de rosas azuis e cor-de-rosa, um aparador coberto com toalhinhas bordadas contendo vários copos e pratos padronizados e utensílios para o chá. Muitas coisas para vigiar. Em cada padrão os enfeites parecem repletos de vida, prontos para se mover, fluir, mudar. Talvez explodir. A ocupação de Almeda Roth durante o dia é ficar de olho nelas. Não tanto para impedir que mudem e sim para surpreendê-las no ato — entender, fazer parte do processo. Há tanta coisa acontecendo ali que não é preciso sair. Nem mesmo o pensamento de sair dali existe agora.

É claro que, enquanto observa, Almeda não consegue escapar das palavras. Ela pode achar que consegue, mas não consegue. Logo todo esse brilhar e inchar das coisas começa a sugerir palavras — não palavras específicas, mas um fluxo de palavras em algum lugar, prontas para se mostrarem a ela. Até mesmo poemas. Sim, novamente poemas. Ou um poema. Não é essa a ideia? Um grande poema que conteria tudo e, oh, que faria todos os outros poemas, os que ela escreveu, inconsequentes, mera tentativa e erro, farrapos? Estrelas e flores e pássaros e árvores e anjos na neve e crianças mortas ao entardecer — isso não é tudo. É necessário adentrar o tumulto obscuro da Pearl Street e a ponta polida da bota de Jarvis Poulter e a anca de galinha depenada com a flor preta e azul. Almeda está bem longe agora de simpatias ou medos humanos, ou considerações cordatas de dona de casa. Ela não pensa no que poderia ser feito para ajudar a tal mulher ou em manter o jantar de Jarvis Poulter quente ou pendurar suas longas ceroulas no varal. A bacia transbordou e o sumo de uva escorre

pelo assoalho da cozinha manchando as tábuas, e a mancha não vai sair nunca.

Ela precisa pensar em muita coisa ao mesmo tempo — Champlain e os índios nus e o sal bem lá no fundo da terra, mas com o sal o dinheiro, a intenção de fazer dinheiro borbulhando para sempre em cabeças como a de Jarvis Poulter. Também as brutais tempestades de inverno e os feitos desajeitados e ignorantes da Pearl Street. As mudanças climáticas são frequentemente violentas, e se pensarmos a respeito, não há paz nem mesmo nas estrelas. Tudo isso só pode ser suportado se for canalizado em um poema, e a palavra “canalizado” é apropriada, pois o nome do poema será — é — “O Meneseteung”. O nome do poema é o nome do rio. Não, na verdade é o rio, o Meneseteung, que é o poema — com as grotas fundas, cachoeiras e poças serenas sob as árvores no verão e os blocos de gelo rangentes que jorram no final do inverno e as desoladoras enchentes de primavera. Almeda olha bem, bem para dentro do rio de sua mente e para a toalha de mesa, ela vê as rosas de crochê boiando. Elas parecem amarrotadas e tolas, as rosas de crochê de sua mãe. Não parecem muito com rosas de verdade. Mas seu esforço, sua independência que flutua, seu prazer ensimesmado tão tolo, parecem admiráveis a ela. Um sinal de esperança. *Meneseteung*.

Ela não sai da sala até o entardecer, quando retorna à latrina e descobre que está sangrando, seu fluxo começou. Ela terá que pegar uma toalha, aplicá-la no local, cobrir-se com bandagens. Nunca antes, em tempos de saúde, Almeda passou o dia inteiro de camisola. Ela não sente nenhuma ansiedade quanto a isso. Indo pela cozinha ela passa por cima da poça de sumo de uva. Ela sabe que terá que limpar aquilo, mas não ainda, e sobe as escadas deixando pegadas roxas e sentindo o cheiro do sangue que lhe escapa e o suor do seu corpo, sentado o dia todo na sala fechada e quente.

Não há necessidade de alarme.

Pois ela não achou que as rosas de crochê fossem flutuar para longe, ou que lápides podiam andar pelas ruas. Ela não confunde

aquilo com a realidade, e não confunde nada com a realidade, e por isso sabe que ainda está sã.

vi

*Eu sonho convosco à noite
Durante o dia vou vos ver
Pai, mãe
Irmã, irmão,
Nada tendes a dizer?*

22 de abril de 1903. Na última terça-feira, entre as três e as quatro da manhã, faleceu em sua residência uma dama de talento, refinada, cuja pena, em dias passados, enriqueceu nossa literatura local com um volume de versos sensíveis e eloquentes. É uma infelicidade que nos últimos anos a mente desta bela pessoa tenha ficado um tanto nublada, e seu comportamento, em consequência disso, tenha ficado um tanto ríspido e incomum. Sua atenção ao decoro e aos cuidados e adornos pessoais sofreram com isso, a ponto de ela vir a tornar-se, aos olhos dos que não conheciam seu orgulho e delicadeza pretéritos, uma excêntrica conhecida, e até mesmo alvo de troça. Mas agora todos esses lapsos são varridos da memória, e o que lembramos dela são seus excelentes versos publicados, seu trabalho de outrora na escola dominical, seu zelo cuidadoso para com os pais, e a fé inabalável em sua religião. A última doença que a acometeu foi de duração misericordiosamente curta. Ela contraiu um resfriado depois de ficar toda encharcada ao vaguear pelo charco da Pearl Street (dizem que alguns moleques a perseguiram até a água, e alguns de nossos jovens são tão ousados e cruéis, tendo perseguido essa dama à vista de todos, que a história não pode ser completamente ignorada). O resfriado transformou-se em pneumonia e ela morreu, acompanhada no último momento por uma antiga vizinha, a sra. Bert (Annie) Friels, que testemunhou seu passamento tranquilo e fiel.

Janeiro de 1904. Um dos fundadores de nossa comunidade, um dos primeiros e sacudidos homens de negócio dessa cidade, foi abruptamente retirado do seio de nossa convivência na última segunda pela manhã, enquanto cuidava da correspondência no escritório de sua firma. O sr. Jarvis Poulter possuía um espírito comercial aguçado e vivaz, que muito lhe serviu na criação de não só uma mas de várias empresas locais, trazendo os benefícios da indústria, a produtividade e o emprego à nossa cidade.

Assim prossegue o *Vidette*, prolixo e confiante. Quase nenhuma morte fica sem ser descrita, ou uma vida sem ser avaliada.

Eu procurei por Almeda Roth no cemitério. Encontrei a lápide da família. Só havia um nome nela: Roth. Então notei duas placas de pedra no chão, a certa distância — dois metros? — da lápide em pé. Uma das placas dizia "Papai", a outra, "Mamãe". Um pouco adiante encontrei duas outras placas de pedra, com os nomes "William" e "Catherine". Tive que limpar a grama que crescera ali e afastar a terra para poder ver o nome completo de Catherine. Não havia datas de nascimento ou morte de ninguém, nada sobre serem muito amados. Era um memorial bem particular; não era mesmo para o mundo. Também não havia rosas — nenhum sinal de roseiras. Mas talvez tivessem sido arrancadas. O zelador não gosta dessas coisas; atrapalham o cortador de grama, e se não tiver restado ninguém para reclamar, ele as arranca.

Eu pensei que Almeda devia ter sido enterrada em algum outro lugar. Quando esse lote foi comprado — na época da morte das duas crianças — ainda deviam esperar que ela se casasse, que no fim ela repousasse ao lado do marido. Talvez não tivessem deixado lugar para ela ali. Então percebi que as placas no chão se afastavam em ângulo da lápide em pé, como em leque. Primeiro as duas para os pais, então as duas para as crianças, mas estas estavam dispostas de tal forma que havia espaço para uma terceira para completar a disposição. Eu me afastei da placa que dizia "Catherine" o mesmo número de passos que levou para sair de "Catherine" e chegar a "William", e nesse ponto eu comecei a puxar

a grama e a escavar a terra com as mãos nuas. Logo toquei a pedra e soube que estava certa. Eu trabalhei mais um pouco até conseguir expor toda a placa e nela eu li "Meda". Ali estava ela com as outras, encarando o céu.

Eu verifiquei com cuidado as bordas da pedra. O único nome que havia era "Meda". Então era verdade que esse era seu apelido na família. Não apenas no poema. Ou talvez ela tenha escolhido seu nome do poema, para ser gravado em pedra.

Eu achei que não havia mais ninguém vivo no mundo que soubesse disso, que tivesse feito essa conexão. E eu seria a última pessoa a fazer isso. Mas talvez não seja o caso. As pessoas são curiosas. Algumas são. Elas são levadas a descobrir coisas, mesmo coisas triviais. Elas juntarão os fatos. Você vê essas pessoas andando por aí com blocos de notas, raspando a terra de lápides, lendo microfilmes, na esperança de ver esse pequeno gotejar de tempo, de fazer uma conexão, de resgatar uma coisa do entulho.

E eles podem entender tudo errado no fim. Eu posso ter entendido errado. Eu não sei se ela algum dia tomou láudano. Muitas damas tomavam. Eu não sei se ela fazia geleia de uva.

APERTE-ME FORTE, NÃO ME DEIXE IR

Ruínas da "Igreja da Floresta". Velho cemitério, William Wallace declarado Guardião da Escócia aqui, 1298.

*Tribunal onde sir Walter Scott fazia julgamentos, 1799-1832.
Philiphaug? 1945.*

Cidade cinza. Pedras velhas e cinzentas, como em Edimburgo. E também estuque castanho-acinzentado, não tão velho. Biblioteca já foi a cadeia (cárcere).

Área em redor repleta de colinas, quase montanhas baixas. Cores: dourado, lilás, cinza. Alguns trechos escuros parecem pinheiros. Reflorestamento? Bosque nos limites da cidade: carvalho, faia, bétula, azevinho. Folhas viradas, castanho-dourado. Sol saiu, mas com vento forte e umidade parece sair do solo. Riozinho bonito e limpo.

Uma lápide muito afundada, torta, nome, data etc., tudo sumiu, só ficaram caveira e ossos cruzados. Moças com cabelo rosa passam fumando.

Hazel riscou a palavra "julgamentos" e escreveu "justiça". Então riscou "lilás", que parecia uma palavra débil demais para descrever as colinas, belas e sinistras. Ela não sabia o que escrever no lugar.

Ela apertara o botão ao lado da lareira para pedir uma bebida, mas ninguém apareceu.

Hazel sentia frio naquele quarto. Quando ela se hospedou no Royal Hotel, um pouco mais cedo naquela tarde, uma mulher com cabelo dourado bufante e um rosto afilado e suave lhe dera todas as informações, comunicara a hora do jantar e apontara o salão no

segundo andar como o lugar onde ela deveria ficar — excluindo dessa forma o bar aquecido e barulhento lá embaixo. Hazel se perguntou se hóspedes mulheres eram consideradas respeitáveis demais para ficar no bar. Ou será que ela não era respeitável o bastante? Ela usava calças de veludo cotelê, tênis e uma parca. A mulher de cabelo dourado usava um tailleur justo azul-claro com botões brilhantes, meia-calça de náilon branca e sapatos de salto alto que teriam matado Hazel em meia hora. Ao voltar depois de duas horas de passeio, ela pensou em colocar seu único vestido, mas decidiu não ser intimidada. Ela vestiu uma calça de veludo negro e uma blusa de seda, para mostrar que estava se esforçando, e escovou e prendeu o cabelo, que era tão grisalho quanto loiro, e fino o bastante para se embaraçar ao vento.

Hazel era viúva. Estava na casa dos quarenta e ensinava biologia na escola de segundo grau em Walley, Ontário. Naquele ano ela tinha saído de férias. Ela era do tipo que se espera encontrar sentada sozinha em um canto, em algum lugar ao qual não pertencia, escrevendo em um caderno de anotações para impedir a chegada do pânico. Ela descobrira que geralmente se sentia otimista pela manhã, mas que o pânico se tornava um problema ao entardecer. Esse tipo de pânico não tinha nada a ver com dinheiro ou ingressos ou arranjos ou quaisquer perigos que pudesse encontrar em um lugar estranho. Tinha a ver com certo esmorecimento de propósitos, e a pergunta era: “Por que eu estou aqui?”. Era possível perguntar isso em casa, e há quem o faça, mas geralmente há muita coisa acontecendo lá para abafar a questão.

Ela notou a data que escrevera ao lado de “Philiphaugh”: 1945. Em vez de 1645. Ela achou que devia ter sido influenciada pelo estilo do cômodo. Janelas de blocos de vidro, carpete vermelho-escuro com padrões em volutas, cortinas de cretone com flores vermelhas e folhas verdes em fundo bege. Móveis pesados, empoeirados e escuros. Lâmpadas de chão. Tudo aquilo podia ter estado ali quando Jack, o marido de Hazel, ia àquele hotel durante a guerra. Alguma coisa devia ter estado na lareira na época: um bico de gás ou um gradil verdadeiro para o carvão. Agora não havia nada ali. E deveriam manter o piano aberto, afinado, para os bailes.

Ou então teriam tido um gramofone com lps. O salão estaria cheio de militares e moças. Ela imaginava o batom escuro das moças, os cabelos armados, os vestidos de crepe de boa qualidade com decotes meia taça ou colarinhos de renda branca avulsos. Os uniformes dos homens ficavam duros e raspavam os braços e os rostos das moças, e tinham um odor azedo, tostado, excitante. Hazel tinha quinze anos quando a guerra acabou, e por isso não chegou a ir a muitas festas daquele tipo. E quando finalmente foi a uma, era jovem demais para ser levada a sério, e teve que dançar com outras moças, talvez com o irmão mais velho de uma amiga. O cheiro e a textura dos uniformes devem ter sido imaginados.

Walley é um porto lacustre. Hazel cresceu ali, assim como Jack, mas ela nunca o conheceu, ou lembrava-se de já tê-lo visto, até ele aparecer a um dos bailes da escola acompanhando a professora de inglês, que era uma das damas de companhia. Na época Hazel tinha dezessete anos. Quando Jack dançou com ela, Hazel estava tão nervosa e excitada que chegava a tremer. Ele perguntou o que estava havendo, e ela teve de dizer que achava que estava ficando resfriada. Jack negociou com a professora de inglês e levou Hazel para casa.

Eles se casaram quando Hazel tinha dezoito anos. Nos primeiros quatro anos de casamento eles tiveram três filhos. Depois disso, mais nenhum. (Jack dizia aos outros que Hazel finalmente descobrira o que estava causando aquilo.) Jack foi trabalhar para uma empresa de venda e conserto de eletrodomésticos assim que saiu da Força Aérea. O negócio pertencia a um amigo que não tinha ido à guerra. Até o dia de sua morte Jack trabalhara naquele lugar, mais ou menos na mesma função. Claro que ele precisou aprender sobre novidades, como os fornos de micro-ondas.

Depois de quinze anos de casamento, Hazel começou a fazer cursos de extensão. Então passou a ir a uma faculdade a oitenta quilômetros de distância como aluna em tempo integral. Ela obteve o diploma e se tornou professora, que era o que planejara fazer quando tinha se casado.

Jack deve ter estado naquela sala. Facilmente poderia ter olhado para aquelas cortinas, sentado naquela cadeira.

Um homem entrou, finalmente, para perguntar o que ela gostaria de beber.

— Uísque escocês — disse ela. Aquilo o fez sorrir.

— “Uísque” já basta.

É claro. Não se pede uísque escocês na Escócia.

Jack ficava estacionado perto de Wolverhampton, mas costumava ir até ali nas folgas. Ele tinha ido procurar sua única parenta conhecida na Bretanha para passar algum tempo com ela: uma prima da mãe chamada Margaret Dobie. Ela não era casada, vivia sozinha. Era uma mulher de meia-idade na época, então já devia estar bem velha agora, se ainda estivesse viva. Jack não manteve contato com ela após retornar ao Canadá — ele não gostava de escrever cartas. Mas ele a mencionava, e Hazel encontrou seu nome e endereço ao examinar as coisas dele. Ela escreveu para Margart Dobie, apenas para dizer que Jack morrera, e que ele frequentemente mencionava suas visitas à Escócia. A carta nunca foi respondida.

Jack e a prima pareciam ter se dado bem. Ele ficara com ela em uma casa grande, fria e negligenciada em uma fazenda nas colinas. Ela vivia lá com os cães e as ovelhas. Ele pegava a moto emprestada e dava voltas pela região. Ia até a cidade, até este hotel, para beber, fazer amigos, se meter em brigas com outros oficiais ou perseguir as moças. Ali ele encontrara Antoinette, a filha do hoteleiro.

Antoinette tinha dezesseis anos, jovem demais para ir a festas ou ao bar. Ela tinha de escapular para se encontrar com Jack atrás do hotel ou na estrada que acompanhava o rio. Uma mocinha adorável, delicada, risonha e cabeça de vento. *Pequena Antoinette*. Jack falava sobre ela diante de Hazel, com Hazel, como se se tratasse de alguém que tivesse conhecido não apenas em outro país mas também em outro mundo. Hazel costumava chamá-la de “Coisa Loura”. Ela imaginava Antoinette usando um macacão lanoso em tons pastéis, e imaginava que a moça devia ter um cabelo sedoso de bebê, uma boca macia e delicada.

Hazel também era loura quando Jack a conheceu, embora não fosse risonha. Ela era tímida, pudica e inteligente. Jack triunfou com

facilidade sobre a timidez e o pudor, e não se irritava, como a maioria dos homens, com a inteligência dela. Ele levava como piada.

Agora o sujeito retornava com a bandeja. Na bandeja havia dois uísques e uma jarra de água.

Ele serviu Hazel e pegou o outro copo. Sentou-se na cadeira diante dela.

Então ele não era o barman. Era um estranho que tinha lhe pagado um drinque. Ela ensaiou recusar.

— Eu toquei a sineta — disse ela. — Pensei que você tinha vindo por causa da sineta.

— A sineta não funciona — disse ele com satisfação. — Não. Antoinette me disse que tinha hospedado você aqui, então achei melhor vir ver se você estava com sede.

Antoinette.

— Antoinette — disse Hazel. — Ela é a senhora com quem falei hoje à tarde? — Ela sentiu como se algo esmorecesse em seu corpo: o coração, o estômago, a coragem — seja lá o que for capaz de esmorecer.

— Antoinette — disse ele. — É ela sim.

— E ela é a gerente do hotel?

— É a dona do hotel.

O problema era o oposto do que ela esperava. Não era que as pessoas tivessem ido embora e os prédios tivessem sumido sem deixar rastro. Era o oposto. A primeira pessoa com quem ela conversara aquela tarde tinha sido Antoinette.

Mas ela deveria ter sabido. Ela deveria ter sabido que Antoinette, tão organizada, não empregaria aquele sujeito como barman. Aquela calça marrom folgada, o buraco de queimadura na frente do suéter de gola em v. Debaixo do suéter ele usava camisa e gravata encardidas. Mas não parecia desmazelado ou desalentado. Em vez disso, parecia um homem com uma imagem própria tão elevada que podia até arcar com uma aparência um pouco desleixada. Ele tinha um corpo forte e troncado, um rosto retangular corado, cabelos brancos fofos assomando vigorosamente em uma franja que lhe recobria a testa. Ele parecia feliz de ter sido

confundido com o barman por ela, como se ele tivesse lhe pregado uma peça. Numa sala de aula, ela o teria identificado como possível encrenqueiro, não do tipo barulhento, ou bobo, ou do tipo sarcástico e enojado, mas o tipo que fica no fundo da sala, esperto e indolente, fazendo comentários ambíguos. Subversão leve, astuta e determinada — uma das coisas mais difíceis de se erradicar da sala de aula. O que se faz num caso desses — dizia Hazel aos professores mais jovens, ou aos que se desencorajavam mais facilmente que ela — é encontrar uma maneira de estimular a inteligência deles. Transforme em uma ferramenta, não em um brinquedo. A inteligência de pessoas assim é subutilizada.

E por que ela se importava com aquele homem mesmo? O mundo não é uma sala de aula. Ela disse mentalmente: “Eu conheço o seu tipo. Mas não preciso fazer nada quanto a isso”.

Pensava nele para manter os pensamentos longe de Antoinette.

Ele disse que seu nome era Dudley Brown e que era advogado. Disse que morava ali (ela achou que ele queria dizer que tinha um quarto no hotel) e que seu escritório ficava na mesma rua, mais à frente. Um hóspede permanente — então era viúvo, ou então um solteirão. Aquele ar de satisfação jovial geralmente não sobrevivia à vida de casado.

Jovem demais, apesar dos cabelos grisalhos, alguns anos jovem demais para ter estado na guerra.

— Então você veio em busca das suas raízes? — perguntou ele. Ele pronunciou a palavra com o mais exagerado sotaque americano.

— Eu sou canadense — disse Hazel, com polidez. — Nós não falamos assim.

— Ah, me desculpe — disse ele. — Nós temos essa mania. Colocamos vocês todos juntos, canadenses e americanos.

Então ela começou a falar de seus negócios para ele — e por que não? Ela lhe disse que o marido tinha estado ali durante a guerra e que eles sempre planejaram fazer aquela viagem juntos, mas nunca fizeram, o marido morreria, e ela acabara vindo por conta própria. Isso era apenas meia verdade. Ela sempre sugerira essa viagem a Jack, mas ele sempre dissera não. Hazel achava que

era por sua causa — ele não queria viajar com ela. Por muito tempo ela levava aquilo para o lado pessoal, mais do que devia. Ele devia estar falando sério quando dizia: “Não, não vai ser a mesma coisa”.

Ele estava errado se queria dizer que as pessoas não estariam mais ali onde costumavam ficar. Quando Dudley Brown perguntou o nome da tal prima no interior e Hazel respondeu: “Margaret Dobie, srta. Dobie, mas ela já deve ter morrido”, ele apenas riu. Riu, sacudiu a cabeça e disse: “Ah, não, de jeito nenhum, não mesmo”.

— Maggie Dobie não está morta mesmo. Ela é bem velhinha, sim, mas acho que ela não anda pensando em morrer, não. Ela vive no mesmo terreno onde sempre viveu, mas em outra casa. Ela tem muito boa saúde.

— Ela não respondeu minha carta.

— Ah. E não ia mesmo.

— Então acha que ela não receberia uma visita, não é?

Ela quase queria que ele dissesse “não”. *Infelizmente a srta. Dobie é muito reclusa. Não, visita nenhuma.* Mas por que desejaria isso, quando tinha vindo de tão longe?

— Bom, se você for lá sozinha, eu não sei, isso é uma coisa — disse Dudley Brown. — Eu não sei como ela reagiria. Mas se eu ligar antes e falar de você, e nós formos lá, então acho que ela vai receber você muito bem. Você quer? O caminho até lá é bem bonito. É só escolher um dia quando não estiver chovendo.

— Isso seria muito gentil de sua parte.

— Ah, não é longe.

Na sala de jantar, Dudley Brown fez sua refeição em uma pequena mesa, e Hazel, em outra. Era uma sala bonita, com paredes azuis e janelas em seteira que davam para a praça da cidade. Hazel não sentia o estado de negligência nem o clima pesado que pairavam no salão. Antoinette os servia. Ela ofereceu legumes em bandejas de prata usando implementos de operação complicada. Ela se comportava de maneira correta, até desdenhosa. Quando não estava servindo, ficava perto do aparador, alerta, espigada, o

cabelo rígido de laquê, tailleur impecável, pés esguios e nada inchados em sapatos de salto alto.

Dudley disse que não queria peixe. Hazel também tinha recusado.

— Viu, nem os americanos — disse Dudley. — Nem os americanos comem essas coisas congeladas. E já era para eles estarem acostumados, eles congelam tudo.

— Eu sou canadense — disse Hazel. Ela achou que ele se desculparia, lembrando-se de já ter sido advertido antes. Mas nem ele nem Antoinette prestaram atenção nela. Eles tinham começado uma discussão com o tom de hostilidade ensaiada que quase os fazia parecer casados.

— Bom, eu não comeria nenhuma outra coisa — disse Antoinette. — Eu não como peixe que não tenha sido congelado. E não sirvo, também. Antigamente podia ser, quando não havia tanta química na água, tanta poluição. Tem tanta poluição agora nos peixes que a gente precisa congelar para matar tudo. Não é verdade? — disse ela, voltando-se para incluir Hazel na conversa. — Eles sabem disso na América.

— É só que eu achei o assado melhor — disse Hazel.

— Então para comer peixe seguro, tem que congelar — disse Antoinette, ignorando-a. — E outra coisa: eles separam os melhores peixes para congelar. Os peixes frescos que ficam são os rejeitados.

— Eu quero os rejeitados, então — disse Dudley. — Prefiro arriscar com a química.

— Pior para você. Na minha boca peixe fresco não entra, nem um pedacinho.

— Nem que você quisesse. Não aqui por essas bandas.

Enquanto a lei a respeito do consumo de peixes era estabelecida, Hazel deu algumas olhadelas para Dudley Brown. Ele mantinha o rosto sério, que indicava, mais do que um risinho poderia, uma mistura definitiva de afeição e desdém. Hazel continuava a olhar para o tailleur de Antoinette. O tailleur de Antoinette a fazia pensar em Joan Crawford. Não o estilo, mas as perfeitas condições. Ela lera uma entrevista com Joan Crawford, havia muito anos, que descrevia os pequenos truques que Joan

Crawford tinha para manter o cabelo, roupas, sapatos, unhas, nas melhores condições. Ela se lembrava de algo sobre o jeito certo de passar costuras a ferro. Nunca passe costuras abertas a ferro. Antoinette parecia o tipo de mulher que sabia isso tudo de cor.

Afinal, ela não tinha esperado encontrar Antoinette ainda charmosa, esfuziante e infantil. Pelo contrário. Hazel imaginara — e não sem satisfação — uma mulher baixinha usando dentadura. (Jack costumava lembrar-se do hábito de Antoinette de jogar caramelos na boca entre um beijo e outro, e fazê-lo esperar até que ela sugasse o açúcar do último pedaço.) Uma alma afável, tagarela, banal, uma vovozinha claudicante — era isso o que ela esperava que restasse de Antoinette. E ali estava aquela mulher vigilante, contida, burra-astuta, de cabelo laqueado, maquiada e preservada como um peixe congelado. E alta, também. Não era provável que ela já tivesse sido uma adorável desajeitada, mesmo aos dezesseis.

Mas o quanto seria possível encontrar em Hazel da moça que Jack acompanhara do baile até a casa? O quanto de Hazel Joudry, uma moça pálida, de voz aguda e rachada, que usava o cabelo louro para trás com dois laços de celuloide rosa, em Hazel Curtis? Hazel também era magra — esguia, e não com aparência quebradiça feito Antoinette. Ela tinha músculos que ganhara na jardinagem, nas caminhadas e na prática do esqui. Essas atividades também secaram, enrugaram e endureceram sua pele, e em algum momento ela parara de se importar com isso. Ela jogara fora todos os produtos para a pele, lápis, as pomadas mágicas que ela comprara em momentos de ousadia ou desespero. Ela deixou o cabelo crescer na cor que quisesse e o prendeu atrás da cabeça. Ela partiu a casca de sua beleza cada vez mais cara e duvidosa e escapou pela rachadura. Fizera aquilo anos antes de Jack morrer. Isso tinha algo a ver com a maneira como ela assumia o controle da sua vida. Ela disse e pensou que chegava uma época em que era necessário assumir o controle da própria vida, e chegou a instar outros que fizessem o mesmo. Ela insistia na ação, no exercício, na direção. Ela não se importa que as pessoas saibam que ela teve o que se chama um colapso nervoso quando estava na casa dos trinta. Por quase dois meses ela ficou incapaz de sair de casa.

Ficava na cama a maior parte do tempo. Preenchia com lápis de cor as figuras dos livros infantis de colorir. Era tudo o que era capaz de fazer para controlar o medo e a dor sem foco. Então ela se controlou. Mandou buscar panfletos de faculdades. O que a fez recomeçar? Ela não sabe. Ela tem que dizer de não sabe. Ela tem de dizer que talvez tivesse começado a se sentir entediada. Talvez tenha ficado entediada com o colapso nervoso.

Ela sabia que, ao se levantar da cama (e isso ela não diz), estava deixando uma parte de si para trás. Ela suspeitava que fosse a parte relacionada a Jack. Mas ela não pensou na época que o abandono fosse permanente. E de qualquer forma, não havia outro jeito.

Quando terminou o assado com legumes, Dudley se levantou abruptamente. Fez um aceno de cabeça para Hazel e disse a Antoinette:

— Vou nessa, pombinha.

Ele realmente disse isso — “pombinha”? Seja lá o que tenha sido, Dudley empregou o tom de sátira necessário ao tratar Antoinette carinhosamente. Talvez ele tenha dito “mocinha”. Ali as pessoas falavam “mocinha”. O motorista do ônibus de Edimburgo chamara Hazel assim naquela tarde.

Antoinette serviu a Hazel um pedaço de pudim de damasco e imediatamente começou a lhe falar de Dudley. Diziam que as pessoas eram reservadas na Bretanha — Hazel acreditara nisso por suas leituras, se não por influência de Jack —, mas pelo jeito não era sempre assim.

— Ele foi ver a mãe, antes que ela durma — disse Antoinette.
— Ele sempre vai para casa cedo domingo à noite.

— Ele não vive aqui? — perguntou Hazel. — Digo, aqui no hotel?

— Ele não disse isso, disse? — disse Hazel. — Tenho certeza de que ele não disse isso. Ele tem onde morar. Tem uma casa linda. Ele mora com a mãe lá. Agora ela fica o tempo todo na cama — é daquele tipo que tem que ter alguém fazendo tudo pra ela. Ele contratou uma enfermeira normal e outra só para o período noturno. Mas ele sempre vai lá no domingo à noite para ver como

ela está e conversar um pouco, mesmo que ela não o reconheça mais. Ele deve ter querido dizer que sempre vem comer aqui. Ele não esperaria que a enfermeira cozinhasse pra ele. Ela não cozinaria mesmo. Hoje em dia ninguém mais faz nada além do estipulado. Todo mundo quer saber direitinho o que é para fazer, para não precisar fazer uma palhinha a mais. Aqui no hotel é a mesma coisa. Se eu disser: “Varra o chão”, e não disser: “Guarda a vassoura quando terminar”, eles deixam a vassoura no chão.

Hazel pensou que aquela era a hora. Ela não conseguiria falar se adiasse mais tempo.

— Meu marido costumava vir aqui — disse ela. — Ele vinha aqui durante a guerra.

— Bom, já faz tempo isso, não é? Você quer o café agora?

— Por favor — disse Hazel. — Ele veio para cá por causa de uma parente. Uma tal srta. Dobie. O sr. Brown parece que sabe de quem se trata.

— Ela é bem velhinha — disse Antoinette, em um tom que Hazel considerou desaprovador. — Ela mora longe, lá para o lado do vale.

— O nome do meu marido era Jack. — Hazel esperou, mas não obteve resposta alguma. O café era ruim, o que a surpreendeu, pois o resto do jantar tinha sido muito bom. — Jack Curtis — disse ela. — A mãe dele era uma Dobie. Ele costumava vir aqui quando estava de folga... Ficava com a prima e vinha para a cidade à noite. Ele costumava vir aqui para o Royal Hotel.

— Aqui era muito cheio e corrido durante a guerra — disse Antoinette. — Pelo menos é o que dizem.

— Ele falava sobre o Royal Hotel e mencionava você, também — disse Hazel. — Eu me surpreendi ao ouvir o seu nome. Não achava que você ainda estaria aqui.

— Eu não fiquei aqui o tempo todo — disse Antoinette, como se supor o contrário fosse um insulto. — Morei na Inglaterra quando era casada. É por isso que eu falo diferente das pessoas daqui.

— Meu marido morreu — disse Hazel. — Ele mencionou você. Disse que o seu pai era dono do hotel. Disse que você era loura.

— Eu ainda sou — disse Antoinette. — Meu cabelo continua da mesma cor de sempre. Nunca precisei mexer nele. Eu não me lembro muito bem da época da guerra. Eu era muito pequena na época. Acho que eu ainda não tinha nascido quando a guerra começou. Quando foi que a guerra começou? Eu nasci em 1940.

Duas mentiras em uma conversa, não havia dúvidas. Mentiras interesseiras, deliberadas, tão óbvias, ditas com tamanha cara de pau.... Mas como Hazel poderia saber se Antoinette estava mentindo ao dizer que não conhecera Jack? Antoinette não teria escolha a não ser dizer aquilo, já que devia ter mentindo o tempo todo sobre a própria idade.

Pelos próximos três dias choveu de forma intermitente. Quando não estava chovendo, Hazel caminhava pela cidade, olhando os repolhos brotando nos canteiros, as finas cortinas floridas nas janelas, até mesmo coisas como tigelas de frutas de cera na mesa de uma sala de jantar apertada e limpa. Ela deve ter achado que era invisível, do jeito como ia parando e espiando as coisas. Logo se acostumou às casas enfileiradas. Virando uma esquina, ela às vezes era agraciada com a visão súbita e enevoada das colinas fascinantes. Ela caminhou ao longo do rio e entrou em um bosque todo de faias, com cascas feito couro de elefante e calombos feito olhos. Pareciam emanar luz cinzenta no ar.

Quando chovia, ela ficava na biblioteca, lendo sobre história. Lia sobre os velhos mosteiros que havia ali em Selkirk County, sobre os reis e a floresta real, as lutas com os ingleses. Flodden Field. Ela já sabia de algumas coisas pelo que tinha lido na Enciclopédia Britânica antes mesmo de sair de casa. Ela sabia quem era William Wallace, e que Macbeth matara Duncan em batalha, em vez de tê-lo assassinado na cama.

Dudley e Hazel agora tomavam uísque no salão todas as noites antes do jantar. Um radiador elétrico aparecera, e fora instalado diante da lareira. Depois do jantar Antoinette sentava-se com eles. Todos tomavam café juntos. No final da noite Dudley e Hazel tomavam mais um uísque. Antoinette assistia à televisão.

— Que história longa — disse Hazel, educadamente. Ela contou a Dudley um pouco do que andara lendo e vendo. — Quando eu vi o nome “Philiphaugh” no prédio do outro lado da rua, não sabia o que significava.

— Em Philiphaugh começa a liça — disse Dudley, obviamente citando. — Agora você já sabe?

— Os Pactuantes^[3] — respondeu Hazel.

— Você sabe o que aconteceu depois da batalha de Philiphaugh? Os Pactuantes enforcaram todos os prisioneiros. Bem no meio da praça, na frente da sala de jantar das casas. Depois eles chacinaram todas as mulheres e crianças no campo. Muitas famílias viajavam com o exército de Montrose^[4] porque muitos ali eram mercenários irlandeses. Católicos, claro. Não... eles não chacinaram todos. Alguns foram forçados a marchar até Edimburgo. Mas no caminho decidiram fazê-los marchar para fora da ponte.

Ele disse aquilo no tom de voz mais simpático, sorrindo. Hazel encontrara aquele sorriso antes e nunca soube bem o que significava. Um homem sorrindo assim estava desafiando o interlocutor a não acreditar, não reconhecer, não concordar, que as coisas tinham de ser assim para sempre?

Era difícil discutir com Jack. Ele aguentava um monte de bobagem — dos clientes, das crianças, provavelmente de Hazel também. Mas ele ficava irritado todos os anos no Dia do Armistício^[5] porque o jornal local sempre publicava alguma história lúgubre sobre a guerra.

Uma das manchetes dizia “na guerra não há vencedores”. Jack atirou o jornal ao chão.

— Santo Deus! Eles acham que se *Hitler* tivesse vencido daria tudo na mesma?

Ele também ficava zangado ao ver os manifestantes pacifistas na televisão, embora geralmente não dissesse nada, apenas bufasse na direção da tela de um modo controlado, mas no limite. Pelo que Hazel entendia, ele achava que muita gente — mulheres, é claro, mas, à medida que o tempo passava, mais e mais homens também — estava determinada a estragar a imagem da melhor época da sua vida. Estavam estragando tudo com arrependimentos

devotos, reprovações e mentiras deliberadas. Nenhum deles admitiria que algum aspecto da guerra pudesse ter sido divertido. Até na Legião^[6] era preciso ficar circunspeto ao tratar do assunto. Não deixavam mais ninguém dizer que não trocariam aquela época por nada do mundo.

No começo do casamento, Jack e Hazel costumavam ir a bailes, ou ao clube da Legião, ou à casa de outros casais, e logo os homens começavam a contar histórias da guerra. Jack não contava muitas histórias, nem as mais longas, e suas histórias não tinham nada de heroísmo nem cenas em que a morte olhava os soldados nos olhos. Geralmente ele mencionava casos engraçados. Mas ele podia se dar ao luxo, pois fora piloto de bombardeiro, uma das coisas mais admiráveis que um homem podia ser. Ele participara de dois períodos inteiros de operação (“opês” — até as mulheres falavam das tais “opês”). O que quer dizer que ele participara de cinquenta surtidas de bombardeio.

Hazel costumava ficar sentada com as outras jovens esposas, escutando, humilde e orgulhosa e — pelo menos no seu caso — distraída com o desejo. Aqueles maridos chegaram até elas rijos de coragem provada. Hazel tinha pena das mulheres que haviam se entregado a homens inferiores.

Dez ou quinze anos mais tarde as mesmas mulheres sentavam-se com os rostos tensos ou trocavam olhares, ou mesmo se desculpavam e saíam (Hazel às vezes fazia isso) quando começavam as histórias. O grupo de homens que contava as histórias tinha diminuído, e ficou ainda menor. Mas Jack ainda estava no centro dele. Ele ficou mais propenso a descrições, a considerações mais profundas... Alguns diziam que ele tinha ficado prolixo. Ele lembrava-se então do barulho dos aviões no campo de pouso americano próximo, o poderoso som dos aviões esquentando ao alvorecer e então decolando de três em três, voando sobre o mar do Norte em grandes formações. As Fortalezas Voadoras. Os americanos bombardeavam durante o dia e seus aviões nunca voavam sozinhos. Por que não?

— Eles não sabiam navegar — disse Jack. — Bom, sabiam, mas não do nosso jeito. — Ele tinha orgulho de certa habilidade extra,

ou temeridade, que não se preocupava em justificar. Ele falava sobre como os aviões da raf se perdiam uns dos outros quase imediatamente, voando sozinhos por seis, sete horas seguidas. Às vezes a voz que os guiava no rádio era uma voz alemã com perfeito sotaque britânico, fornecendo informações falsas letais. Ele falava sobre aviões aparecendo do nada, planando acima ou abaixo do piloto, da destruição de aviões em clarões oníricos de luz. Não era como nos filmes, nada tão concentrado ou organizado — nada fazia sentido. Às vezes ele achava ter ouvido muitas vozes, ou música instrumental, esquisita mas familiar, além ou dentro dos barulhos do avião.

Então ele parecia retornar à terra — em mais de uma maneira — e ficava contando suas histórias sobre folgas e bêbados, lutas durante o apagão em frente aos bares, peças pregadas na caserna.

Na terceira noite Hazel achou melhor falar com Dudley sobre a viagem para ver a srta. Dobie. A semana estava passando e a ideia da visita não mais a alarmava tanto, agora que ela tinha se acostumado ao lugar.

— Eu venho buscar você de manhã — disse Dudley. Ele parecia satisfeito por ter sido lembrado. — Vou arranjar tudo com ela. Parece que o tempo vai limpar também. Amanhã ou depois nós vamos.

Antoinette estava assistindo a um programa na tv em que os participantes escolhiam uns aos outros por meio de um complicado ritual para um encontro romântico e retornavam na semana seguinte para contar a experiência. Ela ria francamente das confissões desastrosas.

Antoinette costumava sair para se encontrar com Jack usando apenas uma camisola sob o casaco. Jack costumava dizer que o pai arrancaria o couro dela. “De nós dois.”

— Eu levo você de carro, então, para ver a srta. Dobie — Antoinette disse a Hazel durante o café. — Dudley anda muito ocupado.

Hazel disse:

— Não, não, tudo bem, se Dudley não anda com tempo...

— Já está tudo arranjado — disse Antoinette. — Mas nós vamos um pouco antes do que Dudley tinha planejado. Pensei que podíamos ir daqui a pouco, antes do almoço. Eu só tenho que ver algumas coisas antes.

E assim elas partiram no carro de Antoinette, por volta das onze e meia. A chuva havia parado, as nuvens tinham se embranquecido, os carvalhos e as faias ainda pingavam a água da chuva da noite passada, sacudindo suas folhas cor de ferrugem e ouro. A estrada passava entre paredes baixas de pedra, cruzando o pequeno rio de águas claras.

— A srta. Dobie tem uma casa boa — disse Antoinette. — Um bangalozinho ótimo. Fica em um canto da fazenda antiga. Quando ela vendeu a fazenda, ficou com um cantinho e construiu um bangalô para ela. A casa antiga virou um cortiço.

Hazel tinha uma imagem mental nítida da outra casa, a antiga. Ela imaginava a grande cozinha, de paredes de reboco rústico, com janelas sem cortinas. Uma grande quantidade de baldes, implementos, armas, varas de pescar, latas de óleo, lanternas, cestas. Um rádio de pilha. Uma senhora grande e pesada usando calças, sentada em uma cadeira sem encosto, lubrificando uma arma, descascando batatas ou limpando um peixe. Jack dizia que não havia nada que ela não soubesse fazer, fornecendo aquela imagem a Hazel. Ele também se incluía nela. Ele ficara sentado nos degraus da porta da cozinha, em dias de brilho enevoadado como aquele — exceto que as árvores e a grama na época eram verdes — brincando com os cães ou tentando tirar o lodo dos sapatos que tomara emprestado à anfitriã.

— Jack pegou os sapatos da srta. Dobie emprestados uma vez — disse a Antoinette. — Parece que ela tinha pés grandes. Talvez ele só tivesse botas. Mas, enfim, ele usou os sapatos em um baile e depois foi até o rio, não sei para quê... — para encontrar alguma garota, claro, provavelmente Antoinette. — E aí ele sujou os sapatos de lodo, deixou-os encharcados. Estava tão bêbado que não tirou nada do corpo ao cair na cama, só desmaiou em cima do cobertor. A srta. Dobie não disse uma palavra a respeito. Na noite

seguinte ele chegou tarde em casa de novo, e foi para a cama no escuro... E aí um balde de água fria caiu no rosto dele! Ela tinha arranjado um sistema de cordas e pesos, e aí quando as molas da cama cederam ao peso do corpo dele, o balde se inclinou e derramou a água para ensinar uma lição a ele. Ela não deve ter se incomodado com todo aquele trabalho — disse Antoinette. Depois disse que deveriam parar e almoçar. Hazel achava que tinham saído cedo para que a visita acabasse cedo, pois Antoinette não devia ter muito tempo. Mas agora, pelo jeito, estavam tomando cuidado para não chegarem cedo demais.

Elas pararam em um bar que tinha um nome famoso. Hazel lera sobre um duelo que acontecera ali. Era o tema de uma velha balada. Mas agora o bar parecia comum, e era gerenciado por um inglês que estava em meio aos trabalhos de redecação. Ele esquentou os sanduíches no micro-ondas.

— Eu não teria um desses em casa — disse Antoinette. — Eles deixam a comida úmida.

Ela começou a falar sobre a srta. Dobie e a menina que fora contratada para cuidar dela.

— Bom, ela não é mais menina. O nome dela é Judy Armstrong. Ela era uma, como é que chama, “órfã”. Foi trabalhar para a mãe de Dudley. Trabalhou lá por algum tempo, e aí se meteu em encrenca. Acabou tendo um bebê. Como sempre acontece. Não foi fácil para ela ficar na cidade depois disso, por isso foi sorte que a srta. Dobie estava na época de precisar de alguém. Judy e o filho foram para lá, e acabou sendo o melhor para todo mundo.

Elas ficaram no bar até Antoinette achar que Judy e a srta. Dobie estariam prontas para recebê-las.

O vale se estreitou. A casa da srta. Dobie ficava perto da estrada, com colinas íngremes por trás. Em frente, uma brilhante sebe de louro e arbustos úmidos de folhas rubras ou pesados de frutinhas. A casa era revestida de estuque, com pedras engastadas aqui e ali em estilo suburbano caprichoso.

Uma jovem estava na entrada. Seu cabelo era glorioso — um leque ondulado de cabelos ruivos brilhantes sobre o ombro. Ela

usava um vestido um tanto estranho para a hora do dia, algo como um vestido de festa de material castanho fino e sedoso, permeado de fios metálicos dourados. Ela devia estar sentindo frio, pois tinha os braços cruzados, apertando os seios.

— Chegamos, Judy — disse Antoinette, falando alto, como se para alguém um pouco surdo ou teimoso. — Dudley não pôde vir. Estava ocupado demais. Essa é a pessoa de quem ele falou no telefone.

Judy corou quando se deram as mãos. Suas sobrancelhas eram muito claras, quase invisíveis, emprestando a seus olhos castanho-escuros um olhar indefeso. Ela parecia desalentada — seria por causa dos visitantes, ou seria apenas a exuberância dos seus cabelos enfunados? Mas devia ter sido ela quem os havia escovado até brilharem, e arrumado para chamarem a atenção.

Antoinette perguntou se a srta. Dobie estava bem.

A voz de Judy soou embargada de muco quando ela tentou responder. Ela limpou o pigarro e disse:

— A srta. Dobie tem estado bem este ano todo.

Então houve alguma confusão quanto a tirar os casacos — Judy não sabia direito quando se inclinar para pegá-los, ou como indicar o caminho para Antoinette e Hazel. Mas Antoinette tomou conta da situação e liderou o grupo passando pelo saguão até a sala de estar, repleta de móveis com estofos padronizados, ornamentos de porcelana e latão, grama dos pampas, penas de pavão, flores secas, relógios, quadros e almofadas. No meio disso, uma velha sentava-se em uma cadeira de encosto alto, contra a luz das janelas, esperando por elas. Embora fosse velha, não era nem um pouco encarquilhada. Tinha braços e pernas grossos e um halo espesso de cabelos brancos. Sua tez era morena como o tom de castanho rubro de certas maçãs, e ela tinha grandes bolsas roxas sob os olhos. Mas os olhos eram brilhantes e ágeis, como se alguma inteligência neles espiasse para fora quando desse na telha — algo rápido e descuidado como um esquilo saindo e se escondendo atrás daquele rosto escuro, pesado e enverrugado.

— Então é você a mulher do Canadá — disse ela a Antoinette.

— Não, não sou eu. Eu sou do Royal Hotel, você já me conhece. Sou amiga de Dudley Brown. — Ela pegou uma garrafa de vinho madeira da bolsa e apresentou como uma credencial. — Você gosta deste tipo, não é?

— Veio lá do Canadá — disse a srta. Dobie, pegando a garrafa. Ela ainda usava sapatos masculinos — usava-os naquele instante, desatados.

Antoinette repetiu o que dissera antes, mais alto, e apresentou Hazel.

— Judy! Judy, você sabe onde estão os copos! — disse a srta. Dobie. Judy estava entrando com uma bandeja. Nela vinham pires e xícaras empilhados, um bule, um prato de torta de frutas fatiada, leite e açúcar. O pedido por copos pareceu desorientá-la, e ela olhou em redor, confusa. Antoinette pegou a bandeja de suas mãos.

— Acho que ela quer provar o vinho antes, Judy — disse Antoinette. — Olha quanta coisa boa! Você mesma fez a torta? Posso levar um pedaço para Dudley? Ele gosta tanto de torta. Vai acabar achando que foi feita para ele. O que é impossível, já que ele só ligou hoje de manhã, e demora bem mais para fazer torta, não é? Mas ele não vai notar a diferença.

— Agora eu lembrei quem você é — disse a srta. Dobie. — A mulher do Royal Hotel. Você e Dudley Brown chegaram a se casar?

— Eu já sou casada — disse Antoinette, irritada. — Eu me divorciaria, se soubesse onde meu marido está. — Sua voz logo se acalmou, de forma que ela terminou parecendo assegurar a srta. Dobie: — Quem sabe um dia.

— Então por isso você foi para o Canadá — disse a srta. Dobie.

Judy apareceu com algumas taças. Todos viram que suas mãos eram instáveis demais para servir o vinho. Antoinette pegou a garrafa das mãos da srta. Dobie e ergueu a taça para a luz.

— Pegue um guardanapo por favor, Judy — disse Antoinette. — Ou uma toalhinha limpa. Limpa, entendeu?

— Jack, o meu marido — interrompeu Hazel, resoluta, falando com a srta. Dobie —, Jack Curtis, o meu marido, serviu a Aeronáutica e costumava vir aqui ver a senhorita durante a guerra.

A srta. Dobie entendeu de primeira.

— Por que o seu marido viria me ver?

— Ele não era meu marido ainda. Ele era bem jovem na época. Era seu primo. Do Canadá. Jack Curtis, Curtis. Mas a senhorita deve ter tido muitos parentes que a visitaram nesses anos todos.

— Visita, nunca. Nós morávamos bem longe — disse a srta. Dobie, firme. — Eu morava com mamãe e papai e depois morei só com mamãe, e depois sozinha. Eu larguei a criação de ovelhas e fui trabalhar na cidade. Trabalhei nos correios.

— Foi isso mesmo que ela fez — disse Antoinette, solene, enquanto servia o vinho.

— Mas eu nunca morei na cidade — disse a srta. Dobie, com um orgulho que soava obscuro, vingativo. — Não. Todo dia eu ia para lá, aquele chão todo, de moto.

— Jack mencionou sua moto — disse Hazel, para encorajá-la.

— Nessa época eu morava na casa velha. Agora tem uma gente horrível lá.

Ela estendeu a taça pedindo mais vinho.

— Jack costumava pegar sua moto emprestada — disse Hazel. — E ia pescar com a senhorita, e na hora de limpar os peixes, os cães comiam as cabeças deles.

— Uff... — disse Antoinette.

— Que bom que eu não consigo ver daqui — disse a srta. Dobie.

— A casa — explicou Antoinette, em um tom pesaroso. — O casal que mora lá não é casado. Eles arranjaram tudo, mas não são casados. — E, como se isso a lembrasse naturalmente de algo, ela perguntou: — Como vai Tania?

— Está bem — disse Judy, que não estava tomando vinho. Ela ergueu a bandeja com a torta e a depôs novamente. — Já está no jardim.

— Ela vai de ônibus — disse a srta. Dobie. — O ônibus vem e apanha ela na porta.

— Não é ótimo? — disse Antoinette.

— E traz ela de volta — continuou a srta. Dobie, impressionada. — Traz ela de volta certinho na porta.

— Jack dizia que a senhorita tinha um cachorro que comia mingau. E que uma vez ele pegou seus sapatos. Jack, quer dizer. Meu marido.

A srta. Dobie pareceu remoer aquilo por algum tempo. Então ela disse:

— Tania é a de cabelo ruivo.

— Tem os cabelos da mãe — disse Antoinette. — E os olhos castanhos da mãe. É Judy todinha.

— Ela é ilegítima. — disse a srta. Dobie, como quem varre para longe um monte de bobagem. — Mas Judy a cria bem. Judy trabalha bem. Fico feliz porque elas têm uma casa. São os inocentes quem sempre são apanhados.

Hazel achou que aquilo terminaria de demolir Judy, fazendo com que ela saísse correndo para a cozinha. Em vez disso ela pareceu tomar uma decisão. Ela se ergueu e distribuiu a torta. O rubor em nenhum momento abandonara seu rosto ou pescoço ou a parte do peito que o vestido de festa deixava nua. Sua pele ardia como se ela tivesse levado tapas, e sua expressão enquanto se inclinava para entregar as fatias era a de uma criança que reprimia um grito com fúria, amargura e desdém. A srta. Dobie disse a Hazel:

— Você sabe declamar algo?

Hazel teve que pensar alguns instantes até atinar com o que a srta. Dobie queria dizer. Então respondeu que não sabia.

— Eu posso declamar, se você quiser.

Ela depôs a taça vazia, endireitou os ombros e juntou os pés.

— Desculpe não ficar de pé — disse.

Ela começou a falar em um tom forçado e inconstante que logo se tornou controlado e tenaz. O sotaque escocês ficou mais forte. Ela prestava menos atenção ao conteúdo do poema que ao esforço tremendo de declamá-lo na ordem certa — palavra após palavra, linha após linha, verso após verso. Seu rosto se escureceu mais com o esforço. Mas a declamação tinha certa força expressiva; não era como uma apresentação de “decorebas” que Hazel lembrava-se de ter precisado aprender na escola. Era mais como a melhor oferenda

do acadêmico no baile da escola, uma espécie de martírio público voluntário, com cada inflexão, cada gesto ensaiado e ordenado.

Hazel começou a compreender certos trechos. Uma ladainha sobre fadas, um menino raptado por fadas, daí uma menina chamada Bela Jennet se apaixona por ele. A Bela Jennet estava respondendo arrevesadamente ao pai e se enrolando em seu verde manto para ir encontrar seu amor. Então pelo jeito já era o dia das bruxas, na calada da noite, e um grande pelotão de fadas veio cavalgando. Não fadas delicadas, de modo algum, mas um bando rude que cavalgava pela noite causando um estrépito horrendo.

Bela Jennet sem medo

Se postou no horrendo urzedo

E o barulho ia aumentando

Ao chegarem cavalgando!

Judy sentava-se com o prato de torta no colo e comia uma fatia grande. Então comeu outra — ainda com a expressão ferosa, implacável. Quando ela se inclinou para a frente oferecendo a torta, Hazel sentiu o cheiro do seu corpo — não um cheiro ruim, mas ainda assim um cheiro que banhos frequentes e desodorantes tinham tornado incomum. Vinha em ondas quentes de entre os seios enrubescidos da moça.

Antoinette, sem se importar em fazer barulho, pegou um pequeno cinzeiro de latão, tirou os cigarros da bolsa e começou a fumar (ela disse que se permitia três cigarros por dia).

Primeiro passou um negro corcel,

Então um castanho, em tropel;

Mas o corcel branco ela agarrou,

E o cavaleiro ao chão derrubou!

Hazel percebeu que não adiantava fazer mais perguntas sobre Jack. Alguém ali provavelmente se lembrava dele — alguém que o tivesse visto passar na estrada de motocicleta ou que falou com ela uma noite no bar. Mas como ela encontraria essa pessoa? Antoinette devia tê-lo esquecido de verdade. Antoinette tinha

coisas demais com que se ocupar no presente. Quanto às coisas com que a srta. Dobie se ocupava, elas pareciam ser recolhidas do ar, na base do capricho e da teimosia. Agora, um elfo tomava a frente no poema.

Nos braços dela ele virou

Lagarto, serpe de fero colmilho;

Mas bem forte ela o apertou

Para ser o pai de seu filho!

Uma nota de satisfação sombria na voz da srta. Dobie indicava que o fim estava perto. O que era aquilo de “ferro com milho”? Não importava, Jennet enrolava o amante em seu verde manto, um “homem nu em pelo”, e a Rainha das Fadas lamentava sua perda, e bem no ponto em que a plateia podia achar que havia alguma coisa nova por vir — pois a voz da srta. Dobie tornara-se resignada outra vez, e acelerara um pouco, como se preparada para uma longa marcha — a declamação terminou.

— Bom Deus — disse Antoinette, ao se certificar que acabara. — Como é possível guardar tanta coisa na cabeça? Dudley faz a mesma coisa. A senhorita e Dudley, que duplinha!

Judy começou a distribuir as xícaras e os pires, que tilintaram. Ela começou a servir o chá. Antoinette deixou que ela chegasse até esse ponto e só então a deteve.

— A essa altura o chá deve ter ficado muito forte, não é, querida? — disse Antoinette. — Acho que está forte demais para mim. Nós temos de voltar, também. A srta. Dobie deve estar querendo descansar, depois de tudo isso.

Judy pegou a bandeja sem reclamar e foi até a cozinha. Hazel foi atrás dela, levando a torta.

— Acho que o sr. Brown queria vir — disse ela a Judy, baixinho. — Acho que ele não sabia que íamos sair tão cedo assim.

— Ah, sim — disse a moça amarga e corada, enquanto derramava o chá na pia.

— Pode abrir minha bolsa, fazendo um favor? — pediu Antoinette.
— Pode pegar um cigarro para mim? Eu preciso de mais um cigarro. Se eu abaixar a cabeça para procurar, vou ficar enjoada. Acho que vou ter dor de cabeça, de tanto ouvir aquela falação entediante.

O céu escurecera novamente, e elas prosseguiram sob uma chuva leve.

— Ela deve ter uma vida solitária — disse Antoinette. — Judy, quer dizer.

— Ela tem Tania.

A última coisa que Antoinette fez, quando estavam saindo, foi colocar algumas moedas nas mãos de Judy.

— Para Tania — disse ela.

— Quem sabe ela não se case — disse Hazel. — Mas será que por aqui tem alguém para casar?

— Não sei se ela conseguiria encontrar alguém aqui ou em outro lugar. Considerando as circunstâncias dela.

— Hoje em dia isso não importa mais tanto. As moças têm filhos antes e se casam depois. Estrelas de cinema e moças comuns também. Não é importante.

— Por aqui, importa sim — disse Antoinette. — Aqui não tem estrelas de cinema. Um homem pensa duas vezes. Pensa na família. Seria um insulto para a mãe dele. Seria ainda que ela não estivesse mais em condições de saber de nada. E se o seu ganha-pão envolve lidar com o público, há que se pensar nisso também.

Ela estava tirando o carro da estrada.

— Com licença — disse, e saiu do carro, dirigindo-se até uma parede de pedra. Inclinou-se para a frente. Estava chorando? Não. Estava vomitando. Seus ombros encolhidos tremiam. Ela vomitou sem escândalo na parede, sobre as folhas caídas da floresta de carvalhos. Hazel abriu a porta e foi na direção dela, mas Antoinette a manteve afastada com um gesto.

O som desprotegido e íntimo de alguém vomitando na quietude de uma estrada longe no interior, a chuva, a neblina.

Antoinette continuou inclinada para a frente, apoiando-se na parede por algum tempo. Então ela se empertigou e retornou ao carro, onde se limpou com lenços, trêmula, mas cuidadosamente.

— Eu fico assim com essa dor de cabeça que eu tenho.

— Você quer que eu dirija?

— Você não está acostumada a dirigir desse lado.

— Eu vou devagar.

— Elas trocaram de lugar — Hazel se surpreendeu por Antoinette concordar — e Hazel começou a dirigir devagar, enquanto Antoinette sentava com os olhos fechados a maior parte do tempo e com as mãos tapando a boca. Sua pele transparecia cinza por baixo da maquiagem rosada. Mas perto dos limites da cidade ela abriu os olhos, baixou as mãos e disse algo como:

— Aqui é Cathaw.

Elas estavam passando por um campo baixo ladeando o rio.

Antoinette continuou, falando rápido como se temesse um novo acesso de vômito:

— É onde no poema a moça sai e perde a virgindade etc.

O campo era marrom, encharcado e cercado pelo que pareciam ser conjuntos habitacionais populares.

Hazel surpreendeu-se ao se lembrar de um verso inteiro. Podia ouvir a voz da srta. Dobie cantarolando forte:

Jóias podeis ter mui belas,

Verdes mantos fiar podeis;

Mas ao deixardes de ser donzelas

Nunca mais vós o sereis!

A srta. Dobie tinha uma enxurrada de palavras à sua disposição; com elas, podia soterrar qualquer coisa.

— Antoinette não está bem — disse Hazel a Dudley Brown ao entrar no saguão aquela tarde. — Ela está com enxaqueca. Nós fomos lá ver a srta. Dobie.

— Ela deixou uma mensagem avisando — disse Dudley, depositando o uísque e a água.

Antoinette estava na cama. Hazel a ajudara a chegar lá, pois ela estava tonta demais para conseguir sozinha. Antoinette deitou

de camisola e pediu uma toalha de rosto para remover o que restava de maquiagem, evitando assim borrar a fronha. Então pediu uma toalha maior, para o caso de passar mal outra vez. Ela disse a Hazel como pendurar seu tailleur — ainda o mesmo, ainda miraculosamente imaculado — no cabide almofadado. O quarto era de tamanho razoável e estreito. Dava para a parede de estuque do banco ao lado. Ela dormia em uma cama de estrutura metálica. Na penteadeira estava toda a parafernália que ela usava para tingir o cabelo. Será que ela ficaria contrariada ao notar que Hazel tinha visto? Provavelmente não. Talvez já tivesse esquecido aquela mentira. Ou talvez estivesse preparada para continuar mentindo — como uma rainha, que torna verdade tudo o que diz.

— Ela falou para a cozinheira subir lá para tratarem do jantar — disse Hazel. — O jantar vai ficar no aparador, e é para nós mesmos nos servirmos.

— Vamos nos servir disso aqui primeiro — disse Dudley. Ele trouxera a garrafa de uísque.

— A srta. Dobie não conseguiu se lembrar do meu marido.

— Não?

— Tinha uma moça lá. Uma mulher jovem, aliás. Que toma conta da srta. Dobie.

— Judy Armstrong.

Ela esperou para ver se ele conseguiria se conter e não perguntar mais nada, se ele conseguiria se forçar a mudar de assunto. Ele não conseguiu.

— Ela ainda tem aquele cabelo ruivo lindo?

— Sim. Você achou que ela teria cortado?

— As moças hoje em dia fazem coisas horríveis com os cabelos. Eu vejo cada coisa. Mas Judy não é dessas.

— Ela serviu uma torta de amora bem boa — disse Hazel. — Antoinette disse que ia trazer um pedaço pra você. Mas acho que esqueceu. Acho que ela já estava se sentindo mal quando saímos.

— Talvez a torta estivesse envenenada — disse Dudley. — Como nas histórias, sabe.

— Judy comeu duas fatias, eu comi um pouco e a srta. Dobie também, então acho que não.

— Talvez tenha sido só o pedaço de Antoinette.

— Antoinette não comeu nada. Só tomou um pouco de vinho e fumou um cigarro.

Depois de um momento de silêncio, Dudley disse:

— E a srta. Dobie, tratou vocês bem?

— Ela recitou um poema enorme.

— Ah, é, ela faz isso. O nome certo é “balada”, não “poema”. Você se lembra qual foi?

Os versos que acorreram à mente de Hazel diziam respeito à virgindade. Mas ela os rejeitou por serem maliciosos, e tentou se lembrar de outros.

— “Jogue-me em um balde de leite?” — disse ela, hesitando. — “Depois, na água da bilha?”

— “Mas aperte-me forte, não me deixe ir” — berrou Dudley, bem feliz. — “Eu serei o pai da sua filha!”

Eram quase tão grosseiros como os primeiros versos de que ela tinha se lembrado, mas ele não pareceu se importar. Ele chegou a se jogar para trás na cadeira, parecendo aliviado. Ergueu a cabeça e começou a recitar o mesmo poema, mas entoando com prazer sereno e com estilo, em uma voz masculina morna, triste e esplêndida. Seu sotaque ficou mais forte, mas, já tendo absorvido boa parte do poema antes, quase a contragosto, Hazel conseguiu discernir cada palavra. O rapaz capturado por fadas, vivendo uma vida de aventuras e vantagens — para começar, era incapaz de sentir dor —, mas sentindo-se farto à medida que envelhecia, temendo “pagar o pecado no inferno”, ansiando por um ambiente humano, e assim seduzindo uma moça ousada, ensinando-a a maneira de libertá-lo. Ela deve apertá-lo forte, segurá-lo não importa qual seja o horror no qual as fadas o transformem, segurando até que os truques delas terminem, e então elas o deixarão ir. Claro que o estilo de Dudley era antiquado, e claro que ele zombou um pouco de si próprio. Mas aquilo era apenas a superfície. A recitação era como cantar. Dava para mostrar o próprio desejo sem temer parecer um tolo.

Por fim um homem, em seus braços

Nu em pelo apareceu.

Ela o cobriu com o verde manto

E verdadeiro amor venceu!

Você e a srta. Dobie, que duplinha.

— Nós vimos o local em que ela foi encontrar o rapaz — disse Hazel —, na volta, Antoinette me mostrou. Perto do rio. — Hazel achou que era um milagre ela estar ali, no meio das vidas daquelas pessoas, vendo o que ela vira de suas maquinações, suas feridas. Jack não estava ali, Jack não estava ali no fim das contas, mas ela estava.

— Carterhaugh? — disse Dudley, parecendo empolgado e desdenhoso. — Isso não é perto do rio! Antoinette não sabe do que fala! Ali é a campina alta, fica acima do rio. É onde ficavam os anéis das fadas. Fungos. Se tivesse lua hoje, poderíamos ir lá e ver.

Hazel sentiu algo, como se um gato tivesse pulado em seu colo. Sexo. Ela sentiu os olhos se arregalando, a pele apertando, os membros ficarem a postos, atentos. Mas a lua não sairia — outra coisa que o tom de voz dele deixara claro. Ele serviu mais uísque, e não foi para ajudar com a sedução. Toda a fé e energia, a aptidão, o esquecimento necessário para manter um caso ainda que sem importância — Hazel sabia, pois tivera dois casos sem importância, um na faculdade e outro em uma conferência de professores —, tudo aquilo estava além das forças deles no momento. Eles deixariam a atração passar por eles e refluir de volta para longe. Antoinette permitiria, Hazel tinha certeza disso. Antoinette teria tolerado alguém que estava de partida, que não importava de verdade, que era apenas uma espécie de americana. Aquilo foi outra coisa que os fez recuar — a aceitação de Antoinette. Era o suficiente para torná-los ponderados e meticulosos.

— A menina estava lá? — disse Dudley, em voz mais serena.

— Não. Estava no jardim. — Hazel pensou no quão pouco era preciso (uma recitação) para mudar sua predisposição, da provocação ao conforto.

— Estava? Que nome deram para essa menina! Tania.

— Não é um nome tão diferente. Não hoje em dia.

— Eu sei. Agora se usam uns nomes estapafúrdios, estrangeiros, como Tania, Natasha, Erin, Solange, Carmen. Ninguém mais tem nomes de família. Essas moças com cabelo armado que eu vejo nas ruas. Elas que escolhem os nomes. Elas são as mães.

— Minha neta se chama Brittany — disse Hazel. — E já ouvi falar de uma menina chamada Cappuccino.

— Cappuccino! É sério? Por que não batizam logo de Carpaccio? Fettucini? Alsácia-Lorena?

— Acho até que batizam.

— Schleswig-Holstein! Esse sim é um nomão!

— Mas quando você viu Tania pela última vez? — perguntou Hazel.

— Eu não a vejo. Eu não vou lá. Nós temos alguns assuntos financeiros, mas eu não vou lá.

Ela quase disse: “Bom, você devia ir. Você devia ir, e não fazer arranjos estúpidos que Antoinette pode estragar como fez hoje”. Mas foi ele quem falou primeiro. Ele se inclinou para a frente e disse com uma sinceridade levemente bêbada:

— O que que eu posso fazer? Não consigo agradar duas mulheres.

Uma declaração que poderia ser considerada convencida, presunçosa, evasiva.

Mas era verdade. Hazel se deteve. Era verdade. A princípio Judy parecia ter todas as prerrogativas, por causa da filha, da solidão, dos lindos cabelos. Mas por que Antoinette tinha que perder, só porque já estava na pista havia muito tempo, era calculista, sabia suportar as perdas e sabia como melhorar a aparência com esforço? Antoinette deve ter sido útil e leal e talvez carinhosa na vida privada. E nem mesmo pedia o coração todo do homem. Talvez fizesse vista grossa a escapadelas secretas de vez em quando (mas ficaria doente; teria que virar a cabeça e vomitar). Judy não toleraria nada daquilo. Ela estaria repleta do fervor das baladas, toda juras e imprecações. Ele não aguentaria tanto sofrimento, tantas reclamações. Então Antoinette tinha estragado

os planos de Dudley para o bem dele mesmo? Ela devia achar que sim — e ele também veria da mesma forma depois de algum tempo. Talvez até mesmo naquele instante — agora que a balada havia agitado e confortado seu coração.

Jack dissera algo assim uma vez. Não sobre duas mulheres, mas sobre fazer uma mulher — bom, era Hazel — feliz. Ela se lembrou do que ele dissera. “Eu posso fazer você bem feliz.” Querendo dizer que sabia como levá-la ao orgasmo. Era algo que os homens diziam então, quando estavam tentando persuadir suas conquistas, e era isso que queriam dizer. Talvez ainda dissessem. Provavelmente não seriam tão discretos atualmente. E ele estava certo sobre o que prometera. Mas ninguém tinha dito aquilo a Hazel antes, e ela ficara fascinada, interpretando a promessa literalmente. Parecia-lhe algo precipitado e arrebatador, fascinante mas presunçoso. Ela precisou tentar se ver como alguém que podia *ser feita feliz*. Todo o conjunto preocupado, esforçado, complicado que era Hazel — será que era algo que se podia pegar e *fazer feliz*?

Um dia, cerca de vinte anos depois, ela dirigia pela rua principal de Walley e viu Jack. Ele olhava para fora, na janela da loja de eletrodomésticos. Ele não estava olhando em sua direção, não viu o carro. Isso era quando ela estava na faculdade e tinha um monte de tarefas para resolver, aulas às quais comparecer, resumos, laboratórios, trabalho de casa. Ela só conseguia notar algo se parasse por um minuto ou dois, como naquela hora, esperando o sinal abrir. Ela notou Jack — o quão magro e jovem ele parecia, de calça social e suéter, o quão cinzento e incorpóreo. Ela não chegou nem perto de ter um pressentimento de que ele iria morrer na loja (ele morreu lá mesmo; desabou para a frente ao conversar com um cliente — mas isso foi anos mais tarde). Ela não considerou imediatamente tudo o que a vida dele tinha se tornado — duas ou três noites da semana na Legião, as outras noites passadas no sofá da hora de jantar à hora de dormir, vendo televisão, bebendo. Três drinques, quatro. Nunca ficava mal, nunca fazia barulho, nunca desmaiou. Lavava o copo na pia da cozinha antes de ir para a cama. Uma vida de tarefas, rotinas, temporadas, amenidades. Tudo o que ela via era a quietude em redor dele, a aparência que dava

para chamar de “fantasmagórica”. Ela viu que a beleza dele — uma beleza particular da Segunda Guerra Mundial, com um quê de mordacidade, uma passividade ativa — ainda estava intacta, mas já não tinha poder. Uma doçura fantasmagórica era o que ele lhe mostrava através da vitrine.

Talvez estivesse se esforçando por aproximar-se dele, tanto agora como na época. Cheia de esperanças deletérias, ardor e acusações. Ela não entrou na ocasião — se lembrou de uma prova, ou de que precisava fazer compras. E se ela agora se permitisse, seria como testar a dor em um membro decepado. Um teste rápido, uma pontada que traz por alguns instantes a forma do que foi perdido. Seria o suficiente.

Àquela altura ela já estava um tanto bêbada, e pensou em dizer a Dudley Brown que talvez ele *estivesse* fazendo duas mulheres felizes. O que ela queria dizer com isso? Talvez que ele desse a elas algo em que se concentrar. Uma barreira que talvez fosse possível romper em um homem, um nó em sua mente que um dia fosse possível desfazer, uma quietude que se pudesse despertar, uma ausência da qual fazê-lo se arrepender. O tipo de coisa que nos força a prestar atenção mesmo quando temos certeza de que aprendemos a não fazê-lo. Daria para ser feliz com isso?

E aliás, o que é que faz um homem feliz?

Deve ser algo bem diferente.

LARANJAS E MAÇÃS

— Eu contratei uma menina vistosa de Shawtown — disse o pai de Murray. — Ela é dos Delaney, mas não parece ter nenhum mau hábito por enquanto. Coloquei na seção masculina.

Isso foi na primavera de 1955. Murray tinha acabado de terminar a faculdade. Voltara para casa e vira imediatamente o que o destino lhe reservava. Todos viam no rosto escurecido e chupado do pai, ou aumentando quase que diariamente em seu estômago, a massa dura que o mataria antes do inverno. Em seis meses Murray seria o dono do negócio e ficaria no pequeno escritório que parecia uma gaiola nos fundos da loja, de frente para a seção de linóleos.

Na época a Zeigler's ainda se chamava Loja de Departamentos Zeigler. Tinha quase a mesma idade que a cidade. O edifício atual — três andares, tijolo vermelho, nome em letras angulares de tijolo cinzento que Murray sempre considerou irreverentes, orientais de um modo desconcertante — tinha sido construído em 1880, substituindo o prédio de madeira anterior. A loja não vendia mais verduras ou ferramentas, mas ainda tinha roupas infantis, femininas e masculinas, não perecíveis, calçados, confecção, utensílios domésticos e mobília.

Murray foi ver se gostava da vistosa. Encontrou-a confinada atrás de fileiras de camisas envoltas em celofane. Bárbara. Alta e bem desenvolvida, como dissera o pai em um tom baixo e pesaroso. Seus cabelos negros e grossos não faziam cachos ou caíam, lisos — erguiam-se como uma crista da testa alva e ampla. As sobrancelhas, também negras e espessas, reluziam. Murray descobriu depois que ela costumava passar vaselina nelas, e arrancar os pelos que cresciam acima do nariz.

A mãe de Bárbara tinha sido o arrimo de uma fazenda no interior. Quando ela morreu, a família migrou para Shawtown, um vilarejo semirural depauperado perto de Walley. O pai de Bárbara fazia alguns bicos e os dois irmãos dela tinham se encrencado por causa de carros e invasão de domicílios. Mais tarde um deles acabou desaparecendo. O outro se casou com uma moça organizada e acabou se aquietando. Era ele que vinha à loja, apenas para ficar vagando, com o pretexto de visitar Bárbara.

— Cuidado com ele — Bárbara disse aos outros funcionários. — Ele é um babaca, mas é bem amigo do alheio.

Ouvindo falar disso, Murray se impressionou com aquela falta de sentimento familiar. Ele era filho único, não mimado mas favorecido, e se sentia preso a muitos vínculos de obrigação, decência e amor. Assim que voltou da faculdade, teve de sair cumprimentando todos que trabalhavam na loja, a maioria dos quais ele conhecia desde a infância. Tinha de bater papo e ficar sorrindo pelas ruas de Walley, afável feito um príncipe coroado.

O irmão de Bárbara foi pego com um par de meias em um bolso e um pacote de ganchos para cortina no outro.

— Para que você acha que ele queria os ganchos de cortina? — Murray perguntou a Bárbara. Ele estava ansioso para brincar a respeito, demonstrando assim que não pensava mal de Bárbara por causa do irmão.

— Como é que eu vou saber? — disse Bárbara.

— Talvez ele precise ser orientado — disse Murray. Ele tinha feito alguns cursos de sociologia, pois durante algum tempo quisera tornar-se ministro da Igreja Unida.

— Talvez ele precise é ser enforcado — disse Bárbara.

Murray apaixonou-se por ela naquele instante, se é que já não estava apaixonado. Ele pensou: "Eis aqui uma moça nobre". Um ousado lírio alvinegro saído do charco irlandês — Lorna Doone com uma língua mais ferina e o espinhaço mais rijo. Ele pensou que sua mãe não iria gostar dela (no que estava completamente certo). Sentia-se mais feliz do que jamais estivera desde que tinha perdido a fé (era uma maneira insatisfatória de relatar o caso. Era mais como se ele tivesse entrado em um cômodo fechado ou aberto uma

gaveta e descoberto que sua fé secara, tornando-se um montinho de pó no canto).

Ele sempre disse que se decidira ali mesmo a conquistar Bárbara, mas não usou nenhuma tática além de uma demonstração aberta de adoração. Uma capacidade para a adoração era notável nele desde os dias de escola, assim como seu gênio afável e uma tendência de travar amizade com perdedores. Mas ele era resistente o suficiente — tinha vantagens de sobra por seu lado — para evitar as provocações mais sérias. As menos sérias ele conseguia suportar.

Bárbara se recusou a andar em um carro alegórico como competidora dos Comerciantes do Centro pelo título de Rainha da Parada do Dia do Canadá.

— Eu concordo totalmente com você — disse Murray. — Concursos de beleza são degradantes.

— São as flores de papel — disse Bárbara. — Elas me fazem espirrar sem parar.

Murray e Bárbara agora vivem na Pousada Zeigler, a mais ou menos quarenta quilômetros a noroeste de Walley. A terra é dura e repleta de colinas. Os fazendeiros a abandonaram perto da virada do século e deixaram que a vegetação tomasse conta de tudo. O pai de Murray comprou duzentos acres ali, construiu uma cabana primitiva e chamou o lugar de seu campo de caça. Quando Murray perdeu a loja em Walley e a casa maior e a menor no terreno atrás da loja, ele se mudou para o novo terreno com Bárbara e os dois filhos pequenos. Dirigiu um ônibus escolar para obter algum dinheiro e trabalhou o resto do tempo construindo oito novos chalés e renovando o que já existia, para servir de sede e como habitação da família. Ele estudou e tornou-se carpinteiro, pedreiro, eletricitista, encanador. Derrubou árvores, represou o riacho e limpou as margens e aterrou com areia para formar um lago artificial com uma pequena praia. Por motivos óbvios (como ele diz), Bárbara cuidava das finanças.

Murray diz que esta é uma história comum. Será que merece ser chamada de clássica?

— Meu bisavô começou o negócio. Meu avô fortaleceu o negócio pra valer. Meu pai preservou. E eu perdi.

Ele não se importa de contar às pessoas. Não que ele pule em cima delas e já comece a tagarelar imediatamente. Os hóspedes estão acostumados a vê-lo sempre trabalhando. Consertando o píer, pintando o barco a remo, carregando as compras, cavando canais de drenagem; ele parece competente e nada cansado, tão alegremente dedicado a seja lá qual for o trabalho da ocasião, que eles o tomam por um lavrador que virou hoteleiro. Ele tem o tipo de paciência e afabilidade discreta, o corpo pouco atlético mas fortalecido e resistente, o rosto queimado de sol, o porte jovial em corpo envelhecido que se espera de um homem do interior. Mas os mesmos hóspedes voltam ano após ano, e às vezes tornam-se amigos que são convidados na última noite de estadia para jantar à mesa da família. (Os frequentadores consideram uma conquista fazer amizade com a altiva Bárbara. Alguns nunca conseguem.) Então acabam ouvindo a história de Murray.

— Meu avô costumava subir no telhado do nosso prédio em Walley — diz Murray. — Subia no telhado e atirava dinheiro. Toda tarde de sábado. Vinte e cinco centavos, dez, cinco centavos, dinheiro miúdo, como se dizia na época. O povo corria. Os homens que fizeram Walley gostavam de ostentar. Não eram bem-educados. Não eram requintados. Achavam que estavam construindo Chicago.

Então algo diferente aconteceu, segundo Murray. Vieram as senhoras e os reitores e as escolas. E foram-se os bares — em seu lugar, festas elegantes em jardins. O pai de Murray era um ancião de St. Andrew; ele representava o Partido Conservador.

— Engraçado, nós costumávamos dizer “representava” em vez de “concorria pelo”. A loja era uma instituição na época. Nada mudara por décadas. Os antigos mostradores de tampos de vidro curvado, o troco passando tinindo pelos cilindros de metal... Toda a cidade era assim até os anos 1950. Os olmos ainda não tinham

morrido. Ainda eram jovens. No verão a praça se recobria de velhos toldos de tecido.

Quando Murray decidiu se modernizar, foi até o fim. Era 1965. Ele recobriu todo o prédio de estuque branco, as janelas foram bloqueadas. Restaram pequenas janelas chiques no nível dos olhos ao longo da rua, como se para exibir as joias da coroa. O nome Zeigler — só isso — escrito no estuque em neon rosa e letra de mão. Ele removeu os balcões na altura da cintura e acarpetou o assoalho polido, instalou iluminação indireta e muitos espelhos. Uma grande claraboia sobre a escadaria (tinha uma goteira, teve de ser consertada e por fim foi retirada antes do segundo inverno). Árvores, pequenas fontes, até um chafariz no banheiro feminino.

Loucura.

Enquanto isso o shopping já abria ao sul da cidade. Será que Murray deveria ter mudado para lá? Estava endividado demais para isso. Além do mais, tinha se tornado um promotor municipal. Não apenas mudara a imagem da Zeigler como a sua própria, tornando-se um falastrão ocupado na cena municipal. Ele participou de comitês. Participou do comitê de construção civil. Foi assim que descobriu que um homem chamado Logan, corretor e empreiteiro, estava obtendo dinheiro do governo para restaurar edifícios antigos, quando na verdade estava derrubando os edifícios antigos, preservando apenas traços dos alicerces para incorporar em seus edifícios de apartamento novos, feios, mal construídos e lucrativos.

— A-há! Corrupção — diz Murray, quando conta a história. — O povo deve saber! Eu abri o jogo para os jornais. Praticamente gritei nas esquinas. O que é que eu estava pensando? Será que eu achava que as pessoas *não* sabiam? Eu devia estar querendo me sabotar, só pode. Eu queria me sabotar. Acabei virando um encrenqueiro tão grande, atraí tanto a atenção do público, que fui desligado do comitê. Perdi credibilidade. Foi o que disseram. Eu também perdi a loja. Perdi para o banco. E também a casa maior que meu avô construiu e a casa menor no mesmo terreno, onde Bárbara, eu e os garotos vivíamos. O banco não podia se apropriar delas, mas eu vendi para quitar a dívida — foi assim que eu quis

fazer. Foi sorte minha mãe não estar viva pra presenciar nossa falência.

Às vezes Bárbara pede licença enquanto Murray está falando. Ela pode estar indo pegar mais café, pode voltar em um instante. Ou pode pegar Sadie, o cão, e ir passear perto do lago, em meio a troncos pálidos de álamo e bétula, sob as ramas pendentes de abeto-cicuta. Murray não se incomoda de explicar as ausências, embora fique escutando disfarçadamente para ouvir quando ela retorna. Todos os que travam amizade com eles têm de entender como Bárbara equilibra contato humano com ausências, assim como têm de entender que Bárbara não quer *fazer* nada. Ela faz muita coisa, é claro. Ela cozinha, gerencia a pousada. Mas quando as pessoas descobrem o quanto ela já leu, e o fato de ela não ter feito faculdade, elas às vezes sugerem que ela devia fazer isso, obter um diploma.

— Para quê? — diz Bárbara.

E descobrem então que ela não quer ser professora, ou acadêmica, ou bibliotecária, ou editora, que ela não quer dirigir documentários para a televisão, resenhar livros ou escrever artigos. A lista de coisas que Bárbara não quer fazer é maior que o seu braço. Parece que ela só quer fazer o que já faz — ler, sair para passear, comer e beber com prazer, tolerar alguma companhia. E a menos que as pessoas saibam valorizar isso nela — suas ausências, sua indolência robusta (ela tem um ar indolente mesmo quando cozinha um excelente jantar para trinta pessoas) —, elas logo deixam de fazer parte da companhia que ela acha tolerável.

Enquanto Murray se ocupava renovando a loja e tomando dinheiro emprestado e se envolvendo na vida municipal, Bárbara estava lendo. Ela sempre lera, mas agora deixava que o hábito tomasse mais e mais o seu tempo. Os filhos já estavam na escola. Em alguns dias Bárbara nem saía de casa. Havia sempre uma xícara de café perto de sua cadeira e uma pilha de livros grossos e empoeirados da biblioteca: *Em busca do tempo perdido*, *José e seus irmãos*, livros de russos menores dos quais Murray jamais ouvira falar. Bárbara tem mania de leitura, dizia a mãe dele — ela

não se preocupa em trazer tanto livro da biblioteca para casa? Nunca se sabe quem andou folheando.

Lendo livros tão pesados, Bárbara acabou ficando pesada também. Ela não chegou a engordar realmente, mas ganhou uns onze quilos, bem distribuídos no corpo alto, jamais delicado. Seu rosto também mudou — as linhas firmes foram amaciadas por carne, fazendo-a parecer mais macia e de certa forma mais jovem. Suas bochechas incharam um pouco e sua boca parecia mais discreta. Às vezes ela exibia — ainda exibe — uma expressão de mocinha teimosa e autocentrada. Hoje em dia ela lê livros finos de tchecos, japoneses ou romenos, mas ela ainda é pesada. Seu cabelo ainda é longo, também, e negro, exceto ao redor do rosto, onde já ficou branco, como se um véu tivesse sido jogado por cima dele.

Murray e Bárbara estão no carro, passando por entre as colinas, atravessando estradas sinuosas e cheias de aclives em direção ao terreno plano, dividido em retângulos, das terras de plantio. Estão dirigindo até Walley por um motivo especial. Há duas semanas Bárbara descobriu um caroço na carne de uma nádega. Ela estava se enxugando ao sair do lago — a última nadada, a última ocasião com clima ameno do ano. O caroço era do tamanho de uma bola de gude.

— Se eu não fosse tão gorda, teria encontrado antes — disse ela, sem arrependimento ou alarme. Ela e Murray falavam do caroço como se fosse um dente ruim, um aborrecimento a ser tratado. Ela teve o caroço removido no hospital de Walley. Então marcaram a biópsia.

— Existe câncer de bunda? — perguntou ela ao médico. — Que coisa humilhante!

O médico disse que o caroço talvez fosse um tumor flutuante — células malignas originadas em outra parte do corpo. Uma mensagem lacrada. E podiam continuar sendo um mistério — células ruins cujo lar jamais fosse encontrado. Se é que eram células ruins.

— Ninguém sabe o que será — dissera o médico.

No dia anterior a recepcionista da clínica ligou e disse que os resultados tinham chegado. Ela marcou uma consulta para Bárbara com o médico no escritório em Walley para a tarde do dia seguinte.

— Foi só isso? — perguntara Murray.

— Só o quê?

— Foi só isso que ela disse?

— Ela é só a recepcionista. É só isso que ela diz mesmo.

Eles passam por entre as paredes dos milharais. Os talos chegam a dois metros e meio de altura. Em breve os fazendeiros vão ceifá-los. O sol está baixo o suficiente mesmo no meio da tarde para brilhar entre os talos de milho, banhando-os em luz cor de cobre e ouro. Eles dirigem por uma refulgência ordenada quilômetro após quilômetro.

Na noite anterior ficaram acordados até tarde; assistiram a um filme bem antigo: *A filha do bosque maldito*. Murray o tinha visto ainda criança, no Roxy Theatre em Walley. Tudo de que ele se lembrava era a parte sobre Buddy ser morto e Henry Fonda desbastando o caixão de pinho.

Pensando nisso ele começa a cantar:

— “Ah, derrubaram o velho pinheiro e levaram pra serraria.” Eu sempre pensei — diz ele, se interrompendo — que essa música era desse filme.

Bárbara continua a cantar:

— “Para fazer um caixão de pinho / para o meu benzinho.” — E então ela diz: — Não seja frouxo.

— Não é isso — diz Murray. — Eu só esqueci o que vinha depois.

— Não fique na sala de espera, é horrível. Vá para a praia e espere por mim lá. Eu vou por Sunset Steps.

Eles têm de passar pela fazenda onde Beatrice Sawicky mantinha os cavalos. Por algum tempo ela teve uma escola de equitação que não durou muito. Depois ela passou a abrigar cavalos, e deve ter conseguido viver assim, pois continuou trabalhando com isso, se manteve ali, até uns quatro ou cinco anos, quando vendera tudo e — presumivelmente — se mudara. Eles não

sabiam para onde ela iria; tinham-na visto algumas vezes na cidade, mas nunca falavam com ela. Quando passavam por ali de carro e viam os cavalos nos campos, um deles dizia:

— O que será que houve com Victor?

Não era sempre, mas pelo menos uma vez por ano um deles dizia aquilo ao passar por ali, e o outro respondia:

— Só Deus sabe.

Ou algo assim. Mas desde que Beatrice e os cavalos partiram, eles não dizem mais nada.

A primeira vez que Victor Sawicky entrou na loja, ele espantou as atendentes — foi o que Murray disse a Bárbara — como um gato entre pombos. E de fato, muitas das atendentes que Murray herdara com a loja pareciam pombos — senhoras solteironas e grisalhas cuja pureza não as impediu de se tornar atarracadas e peitudas. Era fácil imaginar um rocio tépido de alarme entre aqueles seios quando Victor aparecia. Uma das mulheres subiu atabalhoadamente a rampa até o pequeno escritório de Murray para lhe dizer que havia um estrangeiro lá embaixo e que nenhuma delas conseguia entender o que ele queria.

Ele queria roupas de trabalho. Não era tão difícil assim entender o que ele dizia (afinal, ele vivera vários anos na Inglaterra). Não era o sotaque polonês que desarmara as balconistas da Zeigler, era a aparência de Victor. Murray imediatamente colocou Victor na mesma classe de ser humano que Bárbara, mas dos dois, Murray achava Victor mais esplêndido e perturbador. Ele pudera olhar para Bárbara e dizer: “Eis aí uma moça rara”. Mas ela ainda era uma moça, e ele queria dormir com ela (já estavam casados há sete anos). Victor atraiu sua atenção como um animal esguio de porte principesco faria — um palomino dourado, ousado mas tenso, tímido ao ver a comoção que causava. Dava vontade de dizer algo calmante mas respeitoso, e então afagar o pescoço brilhante dele — se ele deixasse.

Murray repetiu:

— Roupas de trabalho.

Victor era alto, tinha a tez polida e parecia ter ossos leves. No café do British Exchange Hotel, onde ele e Murray começaram a ir, uma garçonne lhe dissera um dia:

— O senhor se importa com uma coisa? É que a gente apostou aqui... qual a sua altura?

— Um e noventa e oito — disse Victor.

— Só? A gente achava que era mais para dois e dez, dois e quinze...

Sua pele tinha um tom pálido cor de oliva, o cabelo era louro escuro, os olhos eram de um azul-claro e brilhante, um pouco protuberantes, e as pálpebras nunca se erguiam de todo. Os dentes eram grandes e manchados de nicotina, como seus dedos. Ele fumava o tempo todo. Fumava enquanto considerava com expressão intrigada os macacões na Zeigler. Todos os macacões tinham as pernas curtas demais.

Victor dissera que ele e a esposa, que era inglesa, tinham comprado uma fazenda nos limites da cidade. Murray queria conversar com ele sem as balconistas deslumbradas por perto, e então o levou pela rua, pela primeira vez, até o British Exchange. Ele conhecia a fazenda sobre a qual Victor falava, e não achava que era grande coisa. Mas Victor dissera que não tencionavam plantar nada lá. Eles iam criar cavalos e abrir uma escola de equitação. Victor perguntou a Murray sua opinião sobre se aquilo seria ou não um sucesso. Havia meninas ricas o suficiente por perto?

— Eu creio que se você tem uma escola de equitação, precisa ter meninas ricas. São elas que gostam de montar a cavalo.

— Você pode fazer propaganda nos jornais da cidade, e aí elas vão no verão — disse Murray.

— Ah, claro. Para o acampamento. Acampamento de equitação. Aqui e nos Estados Unidos elas sempre vão para acampamentos no verão, não é?

Victor pareceu deliciado com a ideia. Tudo era absurdo para ele, tudo era aceitável. Os invernos — É verdade que tem geada de outubro a maio? A neve chega mesmo até as janelas? Dá para beber a água do poço sem ferver, ou há risco de pegar febre tifoide? Qual árvore tem a lenha que dá mais calor no forno?

Mais tarde Murray não conseguia lembrar quais questões vieram no primeiro dia, ou se chegou a haver algum limite entre as questões práticas e as perguntas mais pessoais e gerais. Ele achava que não havia — elas vinham todas misturadas. Quando Victor ficava em dúvida sobre algo, ele perguntava. Quando aqueles prédios foram levantados? Qual a principal religião das pessoas daqui, e elas levam a sério? Quem é aquele homem que parece importante? E aquela mulher que parece triste? As pessoas trabalham no quê? Existem agitadores, livres-pensadores, pessoas muito ricas, comunistas? Que tipo de crime é cometido, qual foi a última vez em que houve um assassinato, existe bastante adultério? Murray jogava golfe? Tinha um barco de lazer, os empregados o chamavam de “senhor”? (Não muito, não e não.) Os olhos azuis de Victor continuavam a brilhar de prazer, fosse qual fosse a pergunta, qual fosse a resposta. Ele espichava as longas pernas para fora do assento na lanchonete e cruzava as mãos atrás da cabeça. Ele deleitava-se, absorvendo tudo. Logo Murray lhe falava sobre como o avô jogava moedas para a rua, sobre os ternos escuros e roupas com costas forradas em seda do pai, sobre suas próprias ideias de se tornar pastor.

— Mas você não virou pastor?

— Eu perdi a fé — Murray sempre achou que tinha de sorrir ao dizer isso. — Quer dizer...

— Eu sei o que é.

Quando ia ver Murray no escritório, Victor não perguntava a nenhuma das funcionárias se podia entrar. Em vez disso, ia direto até o escritório, subindo a rampa até a pequena gaiola. O lugar tinha paredes de ferro moldado ao redor, mais ou menos da altura de Murray — perto de um e oitenta. Victor tentava se aproximar furtivamente, mas claro que sua presença já havia perturbado a loja, causando ondas de atenção, enganos, emoção. Murray geralmente sabia quando ele estava chegando, mas fingia que não sabia. Então Victor, para fazer surpresa, metia a cabeça brilhante em cima da parede, com o pescoço entre duas das pontas decorativas. Ele sorria por causa do efeito bobo.

Murray achava isso absurdamente lisonjeador.

Victor tinha sua própria história, é claro. Ele era dez anos mais velho que Murray; tinha dezenove quando a guerra começou. Era um estudante na época, em Varsóvia. Recebera lições de voo, mas não tinha tirado o brevê ainda. Ainda assim, ia até a pista de pouso e decolagem onde os aviões da Força Aérea Polonesa ficavam — ele e alguns amigos foram até lá quase como se fosse uma brincadeira, na manhã da invasão alemã, e quase como uma brincadeira eles levantaram voo, e então voaram até a Suécia. Depois disso ele foi até a Inglaterra e se juntou à Força Aérea Polonesa, que estava subordinada à raf. Ele participou de muitas surtidas, foi derrubado na França. Conseguiu escapar; escondeu-se na mata, comeu batatas cruas dos campos, foi ajudado pela resistência francesa e prosseguiu até a fronteira da Espanha. Então retornou à Inglaterra. E para sua grande decepção, descobriu que não tinha mais permissão para voar. Ele sabia demais. Se fosse derrubado outra vez e interrogado, saberia demais. Ele ficou tão desapontado, tão inquieto, tornou-se tão inconveniente, que recebeu outro trabalho: foi enviado à Turquia, em uma missão mais ou menos secreta, para fazer parte de uma rede que ajudava poloneses, e outros, que estavam fugindo pelos Bálcãs.

Era isso que ele fazia enquanto Murray e seus amigos construíram aeromodelos e tentavam montar uma nacela no barracão de bicicletas da escola, para fingir que estavam bombardeando a Alemanha.

— Mas você acredita mesmo nisso tudo? — perguntou Bárbara.

— As pessoas levaram mesmo aviões poloneses para a Suécia antes que os alemães os pegassem — retorquiu Murray, teimoso. — E as pessoas eram mesmo derrubadas na França e fugiam.

— Você acha que alguém tão chamativo quanto Victor conseguiria fugir? Você acha que alguém tão chamativo quanto Victor seria mandado em missão secreta? Tem de ser alguém parecido com o Alec Guinness pra ser mandado em missão secreta.

— Talvez ele seja tão chamativo que pareça inocente — disse Murray. — Talvez ele parecesse a última pessoa na Terra que seria mandada em missão secreta, e por isso é que ninguém desconfiava.

Talvez pela primeira vez, ele achou que o cinismo de Bárbara era automático e irritante. Era como uma mania, um tique.

Tiveram essa conversa depois que Victor e Beatrice foram jantar com eles. Murray estivera ansioso para que Victor e Bárbara se conhecessem. Queria apresentar um ao outro, quase como se para exibi-los mutuamente. Mas quando a oportunidade se apresentou nenhum dos dois estava em seu melhor dia. Pareciam neutralizar-se, desinteressados, nervosos, irônicos.

O dia do jantar, no fim de maio, fora invulgarmente frio e chuvoso. As crianças — Felicity tinha cinco anos, Adam tinha três — haviam brincado dentro de casa o dia inteiro, ficando no caminho de Bárbara, bagunçando a sala de estar que ela tinha limpadado, e na hora de dormir ainda não estavam cansados o suficiente para se aquietar. A noite longa não ajudava. Houve muitos pedidos de água, histórias de dor de barriga, queixumes sobre um cão que quase mordera Felicity na semana anterior. Por fim Adam correu até a sala de estar só com a parte de cima do pijama, gritando: “Eu quero bicoto, eu quero bicoto!”. “Bicoto” era tatibitate para “biscoito”, e ele já nem falava mais assim. Parecia bastante provável que ele tivesse sido incentivado a dar aquela performance por influência de Felicity. Murray o ergueu e o levou até o quarto das crianças e deu umas palmadas na bunda convenientemente pelada. Então passou para Felicity só para garantir e voltou à sala de jantar esfregando as mãos, representando um papel que detestava, o do disciplinador severo. A porta do quarto permaneceu fechada, mas não conseguiu abafar um uivo prolongado e vingativo.

Tudo dera errado desde o começo da visita. Murray abriu a porta e disse, expansivo: “A castanheira despede seus archotes, e as flores caem do espinheiro e vão ao vento!” — referindo-se ao clima, e achando que Beatrice apreciaria um poema inglês.^[Z] Victor, sorrindo distraído, perguntou:

— O quê? O que você dizer?

E Beatrice respondeu:

— É um poema, como se alguém tivesse perguntado: “O que é aquilo atravessando a estrada?”, e ela tivesse respondido: “É uma marmota”.

A alegria de Victor continuava apagada. Seu sorriso largo, de olhos vivazes, e sua risada pareciam fora de lugar, forçados, sem energia. Até sua pele parecia baça, cor de argila. Ele era como a estátua de um príncipe em uma história de que Murray se lembrava, uma história infantil. O príncipe tem seus olhos de joia arrancados para serem vendidos e ajudar os pobres, e por fim dá também sua pele dourada para o mesmo fim. Uma andorinha o ajuda quando ele torna-se cego, e fica sendo sua única amiga.

A casa inteira cheirava a comida. Bárbara fizera leitão assado. Ela fizera batatas seguindo uma nova receita, fatiando-as e cozinhando-as no forno em um prato untado com manteiga. A Murray as batatas pareceram gordurosas, e um tanto cruas. As outras verduras haviam passado do ponto, pois Bárbara tinha sido distraída pelas crianças, atrapalhada na cozinha. A torta de noz-pecã ficou muito pesada e a crosta tostou demais. Beatrice nem experimentou. Beatrice não experimentou as batatas em seu prato. Não sorriu quando Adam fez a investida desastrosa. Provavelmente achava que crianças deviam ser treinadas e mantidas na linha que nem cavalos.

Murray refletiu que ele nunca conhecera uma mulher louca por cavalos de que ele tivesse gostado. Eram mulheres estritas, ditadeiras, desprovidas de humor, e geralmente não eram bonitas. Beatrice tinha uma tez rosada, quase crua. Seu cabelo era baço, grisalho, cortado sem estilo. Ela não usava batom — uma excentricidade que era uma declaração ou de religiosidade ou de descuido desdenhoso em uma mulher daquela época. Seu vestido de cinto folgado cor de cogumelo anunciava que ela não tinha nenhuma esperança quanto ao jantar, nem faria concessões à ocasião.

Bárbara, por contraste, usava uma saia de algodão encerado em amarelo, laranja e cobre, um cinto preto justo, uma blusa preta de decote baixo e brincos baratos e grandes de argola. Uma das coisas a respeito de Bárbara que Murray não compreendia e de que não se orgulhava — em contraste com as coisas que ele não compreendia mas de que se orgulhava — era esse gosto por roupas provocantes baratas. Decotes baixos, cintos justos, calças justas

estilo toureiro. Ela saía pelas ruas de Walley mostrando o corpo, que era generoso, no estilo da época — ou um dos estilos da época, não o estilo de Audrey Hepburn, mas sim de Tina Louise —, e o embaraço que Murray sentia quanto a isso era complexo e quase tabuístico. Ele sentia que ela fazia algo que não se coadunava a sua seriedade e seu distanciamento, seu tom cáustico. Ela estava se comportando de um modo que a mãe dele teria previsto. (“Eu sei que ela é uma boa moça, mas acho que ela não teve uma boa educação”, dissera sua mãe, e até Murray compreendeu que ela não se referia aos livros que Bárbara pudesse ter lido, ou às notas que tinha recebido na escola.) O mais preocupante era que ela estava se comportando de uma forma que não condizia nem com sua natureza sexual, ou o que Murray conhecia dela — e ele precisava presumir que conhecia tudo. Ela não era muito apaixonada, na verdade. Às vezes ele achava que ela fingia ser mais apaixonada do que era. Aquele tipo de roupas o fazia pensar nisso, e isso era justamente algo que ele não podia mencionar a ela. Havia algo incerto, arriscado, excessivo nelas. Ele estava disposto a aceitar todo tipo de faceta difícil de Bárbara — sua falta de caridade, talvez, ou intransigência —, mas não coisas que a fizessem parecer um tanto tola, ou triste.

Havia um buquê de lilases no centro da mesa. Ficavam no caminho dos pratos e deixavam cair as flores na toalha, fazendo bagunça. Murray foi ficando mais irritado cada vez que as via, e finalmente disse:

— Bárbara, precisa mesmo dessas flores na mesa? (A voz aborrecida do marido correto.) — A gente nem vê com quem está conversando.

Na hora, ninguém estava conversando.

Bárbara se inclinou para a frente, exibindo o decote descaradamente. Ela levantou o buquê sem dizer palavra, causando uma chuva de lilases na toalha e no prato de carne. Um dos seus brincos caiu, aterrissando no molho de maçã.

Era para terem rido, mas ninguém conseguiu rir. Bárbara encarou Murray com puro ódio e destruição no olhar. Ele achou que tanto fazia, podiam muito bem se levantar da mesa, abandonar a

comida que não queriam, a conversação insossa. Podiam ir cada um para o seu rumo.

Victor pegou a argola do molho com uma colher. Limpou-a no guardanapo e, curvando-se um pouco para Bárbara, o depôs ao lado do prato dela. Ele disse:

— Venho tentando me lembrar qual é a heroína de um livro que... você me lembra ela.

Bárbara prendeu o brinco de volta na orelha. Beatrice olhava para além da cabeça do marido, ou através dela, para o papel de parede elegante, mas barato — medalhões bege em fundo de marfim — que a mãe de Murray escolhera para a cabana do jardineiro.

— É Katerina Ivanovna Verkhovtsev — disse Victor. — É a noiva...

— Eu sei quem é — disse Bárbara. — Eu a acho chata.

Murray percebeu pela pausa abrupta que ela estivera a ponto de dizer “chata pra cacete”.

— É a Beatrice — Murray disse a Bárbara enquanto a ajudava com os pratos. Ele tinha se desculpado pelos lilases. Disse que Beatrice o perturbava, que tinha estragado a noite para todos.

— Victor muda quando ela está por perto — disse ele. — A luz dele se apaga.

Ele pensou em Beatrice abatendo-se sobre Victor para extinguir a luz dele. Seus ossos pontiagudos. Saias úmidas.

— Não gostei de nenhum deles — disse Bárbara, e foi então que tiveram a conversa sobre pessoas notáveis e missões secretas. Mas eles acabaram bebendo o vinho até o fim e rindo sobre o comportamento de Adam e Felicity.

Victor começou a aparecer à noite. Pelo jeito, o jantar não sinalizara para ele nenhum rompimento ou dificuldade no relacionamento com Murray. De fato, pareceu deixá-lo mais confortável. Ele agora podia dizer coisas sobre seu casamento — não reclamações ou explicações, apenas coisas como “Beatrice

quer...” ou “Beatrice acredita que...” — sabendo que seria compreendido.

E depois de algum tempo, ele começou a falar mais.

— Beatrice está impaciente porque o celeiro não está pronto para receber os cavalos, mas primeiro eu tenho de cuidar dos problemas de drenagem, e as telhas não chegaram. Daí o clima na fazenda agora não está bom. Mas é um belo verão. Eu estou feliz aqui.

Finalmente ele disse:

— Beatrice é a dona do dinheiro. Você sabe disso? Então ela tem que embarcar com as consequências. Não, espere, eu falei errado?

Era como Murray tinha suspeitado.

— Ele se casou pelo dinheiro e agora tem de trabalhar por ele — disse Bárbara. — Mas ainda consegue aparecer por aqui.

— Ele não vai trabalhar o dia e a noite toda — disse Murray. — Ele nem vem mais tomar café de dia.

Eles continuaram a falar de Victor dessa maneira — Bárbara atacando, Murray defendendo. Tinha virado um jogo. Murray ficou aliviado ao ver que Bárbara não fazia Victor se sentir indesejado ali; ela não parecia aborrecida quando ele aparecia à noite.

Ele geralmente chegava perto do horário em que Murray guardava o cortador de grama ou coletava os brinquedos ou drenava o lagunho ou mexia no irrigador no gramado da mãe (como de costume, a mãe de Murray estava passando parte do verão longe dali, em Okanagan Valley). Victor tentava ajudar, curvando-se para executar as tarefas como um robô gentil e interessado. Então eles colocavam as duas espreguiçadeiras de madeira no meio do quintal e se sentavam. Ouviam Bárbara trabalhando na cozinha, sem ligar as luzes, pois ela dizia que ficava muito quente. Quando ela terminava, ia tomar um banho e saía para o jardim descalça, de pernas à mostra, com os longos cabelos úmidos e cheirando a sabão de limão. Murray entrava e fazia três drinques, com gim, água tônica, gelo e limão. Geralmente ele esquecia que Bárbara não guardava os limões na geladeira e tinha que gritar perguntando onde estavam, ou se ela tinha se esquecido

de comprar. Victor se levantava da cadeira e se espreguiçava na grama; a ponta do cigarro brilhava na penumbra. Eles olhavam para o alto tentando ver um satélite — ainda era algo raro e fascinante de se ver. Ouviam os irrigadores automáticos, às vezes gritos distantes, sirenes da polícia, risos. Era o som de programas de tv vindo pelas janelas abertas e portas teladas ao longo da rua. Às vezes havia o som de portas teladas batendo quando as pessoas deixavam um pouco os programas de lado, e vozes animadas mas incertas chamando dos outros quintais onde as pessoas sentavam-se para beber, como eles, ou observar o céu. Havia uma sensação de vida alheia, audível, mas solitária, flutuando livres umas das outras sob o teto de galhos de faias e bordos em frente às casas e nos espaços vazios nos fundos, assim como pessoas conversando na mesma sala flutuam livres na fímbria do sono. O som de cubos de gelo tilintando invisíveis era introspectivo e confortante.

Às vezes os três participavam de um jogo que Bárbara tinha inventado ou adaptado. Se chamava “Laranjas e Maçãs”, e ela usava esse jogo para manter as crianças ocupadas nas viagens de carro. Era um jogo de escolhas, indo das mais fáceis às mais difíceis. Começava com pasta de amendoim ou mingau de aveia, por exemplo, depois pasta de amendoim ou molho de maçã, que era mais difícil. As escolhas realmente difíceis podiam ser entre duas coisas de que se gostasse muito ou duas coisas que se odiasse muito, ou entre coisas que por algum motivo fossem quase impossíveis de comparar. Não havia maneira de vencer. O prazer estava em criar escolhas torturantes ou em ser torturado por elas, e o jogo só acabava quando alguém gritava: “Eu desisto. Não posso mais. Que coisa idiota. Não quero mais pensar nisso!”. O que você prefere: milho fresquinho na espiga ou sorvete de morango caseiro?

O que você prefere: mergulhar em um lago gelado num dia escaldante ou entrar em uma cozinha quente onde estão assando pão, depois de caminhar por um charco numa tempestade de neve?

O que você prefere: fazer amor com a sra. Khrushchev ou com a sra. Eisenhower?

O que você prefere: comer um pedaço de sebo de porco frio ou ouvir um discurso no almoço do Clube Kiwanis?

As coisas iam mal na fazenda. A água do poço não era boa de beber. A parte de cima das batatas secou por causa de uma praga. Vários tipos de inseto invadiram a casa e os drenos não tinham sido finalizados. Mas parecia que isso não era nada comparado à maldade humana. Uma noite, antes de Bárbara se juntar a eles, Victor disse a Murray:

— Eu não posso mais comer na fazenda. Tenho de fazer as refeições na lanchonete.

— Mas é tão ruim assim? — disse Murray.

— Não, não. É sempre ruim, mas o que eu descobri agora é pior.

Veneno. Victor disse ter encontrado uma garrafa de ácido prússico. Ele não sabia há quanto tempo Beatrice o obtivera, mas achava que não fazia muito tempo. Não havia em que usar aquilo na fazenda. Só havia uma aplicação que ele conhecia.

— Claro que não — disse Murray. — Ela não faria isso. Ela não é louca. Ela não ia sair por aí envenenando as pessoas.

— Você não sabe de nada. Você não sabe o tipo de pessoa que ela é nem o que ela pode fazer. Você pensa que ela não envenena, mas ela é uma inglesa. A Inglaterra está cheia de assassinos e geralmente são senhoras e cavalheiros e maridos e esposas. Eu não posso comer na casa dela. Já nem sei se é seguro dormir lá. A noite passada eu estava acordado ao lado dela, e ela dormindo era fria que nem uma cobra. Eu me levantei e dormi no chão do outro quarto.

Murray se lembrou do apartamento do zelador, já vazio há anos. Era no terceiro andar da loja, nos fundos.

— Bom, se você acha isso mesmo — disse ele. — Se você realmente quiser sair de lá... — E depois de Victor aceitar com surpresa, alívio e gratidão, Murray disse: — Bárbara vai limpar tudo para você.

Não lhe ocorreu na ocasião que ele mesmo ou Victor eram capazes de varrer e esfregar alguns cômodos sujos. Também não ocorreu a Bárbara. Ela limpou o apartamento no dia seguinte e forneceu lençóis e toalhas, algumas panelas e pratos, embora, é claro, se mostrasse cética quanto ao perigo de envenenamento.

— O que ela ganharia com ele morto?

Victor conseguiu um emprego imediatamente. Ele virou vigia noturno nas instalações de superfície da mina de sal. Ele gostava de trabalhar à noite. Já não tinha carro, e assim caminhava até o trabalho à meia-noite, e de volta ao apartamento pela manhã. Se Murray estivesse na loja antes de oito e meia, ouviria Victor subindo as escadas do fundo. Como ele conseguia dormir à clara luz do dia naquele quarto que era uma caixa, sob o teto plano e quente?

— Eu durmo lindamente — disse Victor. — Eu cozinho, como, durmo. Eu sinto alívio. É uma paz assim de repente.

E um dia Murray chegou em casa sem avisar, no meio da tarde.

Aquelas palavras tomaram forma em sua mente depois. Eram tão banais e sombrias. *Um dia eu cheguei em casa sem avisar...* Será que há alguma história em que um homem chega em casa sem avisar e encontra uma surpresa agradável?

Ele chegou em casa sem avisar, e encontrou — não Victor e Bárbara juntos na cama. Victor nem estava na casa — não havia ninguém na casa. Victor não estava no quintal. Adam estava no quintal, espadanando na piscina de plástico. Não muito longe da piscina, Bárbara estava deitada na toalha desbotada, manchada de óleo de bronzear, que usavam quando iam à praia. Ela usava o maiô preto sem alça, que lembrava um corpete e não seria considerado nem um pouco atraente em alguns anos. Cortava as coxas ao meio, cingindo-as juntas; apertava a cintura, estômago, quadris, e erguia ou projetava os seios de forma que pareciam ser feitos de algo firme como isopor. Os braços, pernas, peito e ombros de Bárbara eram brancos ao sol, embora se mostrassem levemente bronzeados quando ela fosse para dentro. Ela não estava lendo, embora tivesse um livro aberto ao seu lado. Quedava-se de costas com os braços relaxados dos lados do corpo. Murray estava prestes a chamá-la através da porta telada, mas não o fez.

Por que não? Ele a viu levantar um braço para proteger os olhos. Então ela ergueu os quadris e mudou discretamente de posição. O movimento poderia ser considerado completamente

natural, casual — um dos quase involuntários ajustes que nossos corpos fazem. O que alertou Murray de que não era esse o caso? Certa pausa ou impressão de movimento deliberado, certa autoconsciência a respeito da carne movendo-se e se ajustando deixou claro para ele — um homem que conhecia o corpo da mulher — que a mulher não estava sozinha. Pelo menos em pensamento, ela não estava sozinha.

Murray foi até a janela perto da pia. O quintal ficava escondido do beco dos fundos e da rampa de entrega nos fundos da loja por uma alta sebe de cedros. Mas era possível ver o quintal — a parte onde Bárbara estava — de uma janela do terceiro andar. Bárbara não tinha instalado cortinas no apartamento. E Murray viu Victor sentado nessa janela. Victor levava uma cadeira para lá para que pudesse se sentar e apreciar a vista com calma. Havia algo estranho em seu rosto, como se ele estivesse usando uma máscara de gás.

Murray foi até o quarto e pegou os binóculos que tinha comprado recentemente (cogitava começar a caminhar pelos campos, ensinando às crianças os nomes dos pássaros). Ele se moveu bem silenciosamente pela casa. Adam fazia muito barulho lá fora, e distraía.

Quando ele olhou para Victor pelos binóculos, viu um rosto como o seu — parcialmente escondido por binóculos. Victor também os usava. Victor estava olhando para Bárbara com binóculos.

Parecia que ele estava nu — pelo menos o que dava para ver dele estava —, sentado em uma cadeira de encosto reto na janela de seu quarto quente. Murray sentia o calor do quarto e o assento duro e molhado de suor, e a excitação poderosa mas controlada e concentrada do homem. E olhando para Bárbara ele sentia o brilho ao longo da superfície do seu corpo, a energia toda coletada na pele enquanto ela se entregava ao ataque. Ela não jazia totalmente parada — havia um constante rumor passando por ela, com pequenas viradas e estremecimentos. Ajustes, viradas. Era insuportável lhe assistir. Na presença do filho, em plena luz do dia, no próprio quintal, ela jazia na grama convidando-o. Prometendo —

não, pois ela já estava entregando — a mais deliciosa cooperação. Era obsceno e fascinante e insuportável.

Murray via a si mesmo: um homem de binóculos observando um homem de binóculos observando uma mulher. Uma cena de filme. Uma comédia.

Ele não sabia para onde ir. Ele não podia ir até o quintal e dar um fim naquilo. Não podia voltar à loja ciente do que se passava acima de sua cabeça. Ele saiu de casa, pegou o carro, que deixava na garagem da mãe, e saiu. Agora ele tinha outro grupo de palavras para acrescentar a “Um dia eu cheguei em casa sem avisar”: “Eu entendi que minha vida tinha mudado”. Mas ele não entendeu. Ele disse: “Minha vida mudou, minha vida foi mudada”, mas ele não entendeu nada daquilo.

Ele dirigiu pelas ruelas de Walley, passou um cruzamento de trem, saiu da cidade em direção ao campo. Tudo parecia igual e ao mesmo tempo como uma imitação ressentida de si mesmo. Ele dirigiu com as janelas abaixadas, tentando sentir a brisa, mas estava indo devagar demais. Fora da cidade, obedecia à velocidade máxima permitida dentro dela. Um caminhão buzinou para passar por ele. Isso foi em frente à fábrica de tijolos. O barulho da buzina do caminhão e a luz do sol refletindo dos tijolos atingiram-no de uma só vez, um golpe na cabeça que o fez choramingar como se estivesse de ressaca.

A vida prosseguia, cercada pelo desastre como por um círculo extático de fogo. Ele sentia a casa transparente, sua vida transparente — mas ainda de pé —, ele mesmo um estranho, pisando macio e observando com malícia. O que mais seria revelado a ele? No jantar, sua filha disse:

— Mamãe, por que é que esse verão nós não vamos à praia? — e foi duro acreditar que ela não sabia de tudo.

— Você vai — disse Bárbara. — Você vai com a mãe da Heather.

— Mas por que você e eu e o Adam não vamos?

— Adam e eu gostamos daqui — Bárbara diz em um tom seguro e presumido — sedoso. — Eu me canso de ficar falando com as Outras Mães.

— Você não gosta da mãe de Heather?

— Claro que gosto.

— Não gosta.

— Gosto. Eu sou só preguiçosa, Felicity. Sou antissocial.

— Não é, não — disse Felicity, com satisfação. Ela saiu da mesa e Bárbara começou a descrever, como para entreter Murray, o acampamento na praia que as Outras Mães preparavam. As cadeiras dobráveis e guarda-sóis, brinquedos e colchões infláveis, toalhas e mudas de roupa, loções, óleos, antissépticos, Band-Aids, chapéus de sol, limonada, refresco, picolés caseiros e quitutes saudáveis.

— Que é para os monstros não ficarem choramingando por batata frita — disse Bárbara. — Elas nunca olham para o lago a menos que um dos filhos esteja lá. Ficam falando sobre a asma dos filhos ou sobre onde comprar camisetas mais barato.

Victor ainda ia visitá-los à noite. Eles ainda se sentavam no quintal e bebiam gim. Agora parecia que nos jogos e na conversa fiada tanto Victor quanto Bárbara cediam lugar a Murray, sorrindo simpáticos, aplaudindo qualquer piada, entusiasmando-se quando ele via uma estrela cadente. Ele frequentemente os deixava sozinhos juntos. Ia até a cozinha pegar mais gim ou gelo; ia dar uma olhada nas crianças, fingindo que tinha ouvido uma delas chorando. Imaginava então que o longo pé nu de Victor escorregaria para fora da sandália e beliscaria, e então massagearia, a panturrilha oferecida de Bárbara, sua coxa esticada. Suas mãos deslizariam sobre todas as partes do corpo que pudessem alcançar. Por um instante arriscado suas línguas talvez se tocassem. Mas quando ele voltava fazendo barulho, eles sempre estavam prudentemente separados, conversando sobre alguma coisa traiçoeiramente comum.

Victor teve de partir mais cedo do que costumava, para o trabalho na mina de sal.

— Lá vou eu para mina de sal — disse ele. O que era dito pela população local como piada, para ele era verdade.

Então Murray fez amor com Bárbara. Jamais fora tão áspero com ela, tão livre. Sentia uma impressão de corrupção e desespero. “Isso é destruição”, pensou ele. Outra frase em sua mente: “Isso é a destruição do amor”. Ele caiu no sono, acordou e a possuiu outra vez. Ela estava cheia de uma nova complacência e passividade e o beijou, se despedindo no café, com o que pareceu a ele uma simpatia nova, reluzente. O sol brilhava todos os dias e machucava seus olhos, particularmente nas manhãs. Eles estavam bebendo mais à noite: agora eram três ou quatro drinques em vez de dois, e ele estava usando mais gim.

Chegou uma época em que ele não conseguia mais ficar na loja à tarde, e assim, passou a dirigir pelo campo. Dirigia pelas cidades próximas — Logan, Carstairs, Dalby Hill. Às vezes chegava até o campo de caça que pertencera ao pai e agora pertencia a ele. Ali saía para caminhar; também ficava nos degraus do chalé negligenciado, lacrado com tábuas. Às vezes ele sentia um terrível júbilo naquele problema todo. Ele estava sendo roubado. Estava sendo libertado de sua vida.

Naquele verão, como em outros verões, chegou um domingo em que passaram o dia colhendo amoras ao longo das estradas do interior. Murray, Bárbara, Adam e Felicity colhiam amoras, e no caminho para casa compraram milho de um fazendeiro. Bárbara fez o jantar anual do primeiro milho da estação com a primeira torta fresca de amora. O clima mudara já enquanto colhiam as frutas, e ao comprarem o milho, a esposa do fazendeiro estava fechando as persianas da barraca; carregava o que não tinha vendido de volta para o caminhão. Eles eram seus últimos fregueses. As nuvens eram muito escuras, e um vento que havia meses não se via erguia os galhos das árvores, arrancando as folhas secas. Algumas gotas de chuva batiam contra o para-brisa, e quando chegaram a Walley a tempestade já desabava com força. A casa estava tão fria que Murray teve de ligar a fomalha, e com a primeira onda de calor um

cheiro de celeiro se evolou pelo ambiente — cheiro esquecido de caverna cheia de raízes, de terra e concreto úmido.

Murray saiu na chuva e pegou o irrigador e a piscina de plástico. Enfiou as cadeiras do gramado sob o beiral.

— Nosso verão acabou? — disse ele a Bárbara, sacudindo a água dos cabelos.

As crianças assistiam a algo da Disney e o vapor do milho na panela embaçava as janelas. Eles jantaram. Bárbara lavava os pratos enquanto Murray colocava as crianças na cama. Depois de fechar a porta do quarto dos filhos, Murray foi até a cozinha e encontrou Bárbara na mesa, na penumbra, bebendo café. Ela usava um suéter do inverno anterior.

— E quanto a Victor? — disse Murray. Ele acendeu as luzes. — Você deixou algum cobertor para ele no apartamento?

— Não.

— Então ele vai passar frio hoje à noite. O prédio não tem aquecimento.

— Ele pode vir e pegar cobertores se sentir frio.

— Ele não viria pedir.

— Por que não?

— Ele não viria.

Murray foi até o armário do saguão e encontrou dois cobertores pesados. Ele os carregou até a cozinha.

— Não acha que é melhor levar para ele? — Ele os deixou em cima da mesa, na frente dela.

— Por que você não leva? — disse Bárbara. — Como você sabe se ele está lá?

Murray foi até a janela da pia.

— A luz está acesa. Ele está lá.

Bárbara se levantou, rija. Ela tremeu, como se sentisse um calafrio.

— Esse suéter é o bastante? — disse Murray. — Você não precisa de um casaco? Não vai pentear o cabelo?

Ela foi até o quarto. Quando saiu, estava usando uma blusa de cetim branca e calça preta. Ela tinha penteado o cabelo e passado

um batom novo, bem pálido. Sua boca parecia descorada, perversa, no rosto bronzeado pelo verão.

Murray perguntou:

— Sem casaco?

— Não vai dar tempo de sentir frio.

Ele pôs os cobertores nos braços dela. Abriu a porta para que ela passasse.

— É domingo — disse ela. — As portas estão fechadas.

— Certo — disse Murray, e pegou as chaves sobressalentes do gancho da cozinha. Certificou-se de que ela sabia qual abria a porta lateral do prédio.

Ele ficou observando a mancha branca da blusa de Bárbara se afastando até sumir, e então começou a andar rapidamente, respirando alto. Ele parou no quarto e pegou as roupas que ela tinha tirado. O jeans, a camiseta e o suéter. Ele os levou ao rosto e os cheirou, pensando: “Isso é que nem uma peça”. Queria ver se ela tinha trocado de calcinha. Ele sacudiu o jeans mas a calcinha não estava lá. Procurou no cesto de roupa suja, mas não a encontrou. Teria ela sido dissimulada o suficiente para enfiá-la entre as roupas das crianças? De que servia ser dissimulada agora?

Os jeans tinham o cheiro característico de quando são usados por muito tempo — um cheiro não só do corpo, mas dos seus esforços. Ele sentia o cheiro de sabão em pó nelas, cheiro velho de cozinha. Farinha, que ela esfregara nas calças aquela noite preparando a massa para a torta. O cheiro da camiseta era de sabão, suor, talvez de fumaça. Era fumaça — fumaça de cigarro? Ele não tinha certeza, ao cheirar outra vez, de que era fumaça. Pensou na mãe dizendo que Bárbara não era bem-educada. As roupas da mãe jamais teriam aquele cheiro, o cheiro do seu corpo, da sua vida. Ela havia tentado dizer que Bárbara não tinha boas maneiras, mas será que também não havia tentado dizer: *solta*? Uma mulher solta. Quando ele ouvia as pessoas dizendo isso, sempre pensava em blusas desabotoadas, roupas escorregando do corpo para indicar apetite, disponibilidade. Agora ele achava que significava só isso: “solta”. Uma mulher que podia facilmente se perder, que não

estava presa, que não era confiável, que podia afastar-se em um descuido.

Ela tinha se soltado das amarras da própria família. Tinha-os abandonado completamente. Será que ele não deveria ter enxergado naquilo que ela poderia deixá-lo também?

Será que durante todo aquele tempo ele não havia entendido?

Ele compreendera que haveria surpresas.

Ele voltou até a cozinha. (*Ele cambaleia até a cozinha.*) Serviu-se de meia dose de gim, sem água tônica ou gelo. (*Ele se serve de meia dose de gim.*) Pensou em outras humilhações. Sua mãe ganharia uma vida nova. Iria tomar conta das crianças. Ele e as crianças se mudariam para a casa da mãe. Ou talvez as crianças fossem e ele ficasse ali, bebendo gim. Bárbara e Victor talvez fossem vê-lo, querendo ser amigos. Podiam estabelecer morada e convidá-lo para visitá-los à noite, e ele talvez fosse.

Não. Não pensariam nele. Baniriam os pensamentos a seu respeito, iriam para longe.

Quando era criança, Murray raramente se metia em brigas. Ele era diplomático e tinha bom humor. Mas por fim envolvera-se em uma luta e fora derrubado no chão do pátio da escola de Walley. Apagara por cerca de meio minuto. Ele ficou deitado de costas, atordoado, e viu as folhas de um galho se transformarem em pássaros — pretos, depois brilhantes, quando o sol apareceu entre as folhas e o vento as farfalhou. Ele fora derrubado para um espaço livre, leve, onde cada forma era clara e mutável, enquanto ele permanecia o mesmo. Ele ficou lá deitado e pensou: “Aconteceu comigo”. O lance de setenta e oito degraus da praia até o parque no topo do penhasco se chama Sunset Steps. Do lado dos degraus há uma placa onde são colocados os horários do pôr do sol de todos os dias do começo de junho até o fim de setembro. “veja o sol se pôr duas vezes”, diz a placa, com uma seta apontando para os degraus. A ideia é que os visitantes corram até o topo da escadaria para ver a última nesga de sol se pondo uma segunda vez. Os visitantes acham que essa tradição, assim como o costume de exibir a hora do pôr do sol, deve ser algo antigo em Walley. Mas trata-se de uma novidade imaginada pela Câmara de Comércio.

A calçada também é nova. O coreto à moda antiga no parque é novo. Nunca houve um coreto ali antes. Todo esse charme e essas invencionices agradam aos visitantes — Murray não poderia ser contra, pois está no negócio de turismo — e hoje em dia o povo da cidade também gosta. Durante aquele verão nos anos 1960, quando Murray passou um bocado de tempo dirigindo pelo interior, parecia que tudo de épocas anteriores estava sendo arrancado, varrido, deixado para apodrecer, ignorado. O novo maquinário estava destruindo a aparência das fazendas, as árvores estavam sendo derrubadas para construção de estradas mais largas, lojas, escolas e casas de aldeia estavam sendo abandonadas. Os vivos pareciam almejar áreas de estacionamento, shopping centers e gramados suburbanos lisos feito tinta. Murray teve de encarar o fato de estar defasado, de ter valorizado como se fossem finais certas coisas que eram apenas acidentais e temporárias.

Foi por encarar esse fato que se seguiu a orgia de destruição e renovação em que ele se meteria alguns meses depois.

E agora parece que o mundo está retornando ao velho modo de pensar de Murray. As pessoas andam restaurando casas velhas e construindo casas novas com varandas antiquadas. É difícil encontrar alguém que não seja a favor de árvores ensombradas, mercearias, bombas de gasolina, celeiros, balanços, nichos e recessos. Mas Murray não consegue mais evocar o prazer que sentia com essas coisas, ou encontrar abrigo nelas.

Quando Murray chega ao fim da calçada, no ponto em que os cedros se aglomeram na praia, ele se senta em um rochedo. Primeiro ele notou que estranho e belo rochedo era aquele, cortado por uma linha como se tivesse sido partido diagonalmente e as metades tivessem sido reunidas sem muita precisão em um padrão imperfeito. Ele sabia o bastante sobre geologia para entender que a linha era uma falha e que o rochedo devia ter vindo do escudo pré-cambriano que ficava a cento e sessenta quilômetros dali. Rocha formada antes da última Era do Gelo, muito mais velha que a costa onde se assentava. Basta ver como fora dobrada, e também partida — a camada superior endurecida em ondas feito creme suave batendo.

Ele perdeu o interesse pelo rochedo e se sentou nele. Agora está sentado olhando para o lago. Uma linha de azul-turquesa no horizonte, fina, parecendo desenhada em tinta azul, depois azul-claro até o quebra-mar, mudando em ondas verdes, cor de prata, rebentando na areia. Os franceses tinham chamado o lago de *La Mer Douce*. Mas é claro que a cor podia mudar em pouco tempo; podia ficar feia, de acordo com o vento e do que era remexido lá do fundo.

As pessoas se sentam e observam o lago como jamais ficariam vendo um campo de grama ou trigo ondulante. Por quê, se é o mesmo movimento? Deve ser o levar-se embora em correnteza, o esboroar-se, que os compele. A água que retorna todo o tempo — devorando e alterando o litoral.

Algo parecido acontece com alguém morrendo desse jeito. Ele viu o pai; viu outros também. Um deixar-se ir, um desaparecimento — camada fina após camada até os ossos leves.

Ele não está olhando naquela direção, mas sabe quando Bárbara aparece. Ele se vira e a vê no topo dos degraus. A alta Bárbara, usando um xale de lã cor de trigo feito à mão, começando a descer a escadaria sem pressa ou hesitação, sem se segurar na balaustrada — seu ar costumeiro: deliberado, mas indiferente. Ele não consegue discernir nada pela maneira como ela se move.

Quando Bárbara abriu a porta dos fundos seu cabelo caía em fiapos úmidos, molhado da chuva, e a blusa de cetim tinha se manchado completamente.

— O que você está fazendo? — disse ela. — O que você está bebendo? Isso é gim puro?

Então Murray disse o que nenhum deles jamais mencionou novamente — ou esqueceu:

— Ele não quis você?

Bárbara veio até a mesa e puxou a cabeça dele contra o cetim molhado e os pequenos botões cruéis, puxou-o implacavelmente para o meio de seus seios rijos. Ela disse:

— Nós nunca vamos falar disso. Nunca vamos falar disso, ok?

Ele sentia o cheiro de fumaça de cigarro nela agora, e o cheiro da pele estrangeira. Ela o apertou forte até ele repetir:

— Ok.

E ela manteve a palavra, mesmo quando ele lhe disse que Victor tinha ido embora no ônibus matutino, deixando uma mensagem para ambos. Ela não pediu para ver ou tocar na mensagem, não perguntou o que havia nela.

(“Eu estou muito agradecido e agora tenho dinheiro bastante, então acho que é a hora de seguir com a vida em outra parte. Acho que vou para Montreal, lá eu vou gostar de falar francês.”)

No último degrau, Bárbara se agacha e pega alguma coisa branca. Ela e Murray caminham um na direção do outro ao longo da calçada, e em pouco tempo Murray consegue discernir do que se trata: um balão branco, parecendo murcho, frouxo.

— Olhe só isso — diz Bárbara quando se aproxima dele. Ela lê de um cartão preso ao fio do balão. “Anthony Burler. Doze anos de idade. Escola Primária Joliet. Crompton, Illinois, 15 de outubro.” Isso foi há três dias. Será que deu para chegar voando aqui em três dias, só?

Então ela diz:

— Eu estou bem. Não foi nada. Não foi nada ruim. Não há nada com que se preocupar.

— Não — diz Murray. Ele segura os braços dela, sente o cheiro de cozinha e folhas secas dos cabelos negros e prateados.

— Você está tremendo? — pergunta ela.

Ele não acha que esteja.

Facilmente, sem culpa, à maneira dos há muito casados, ele cancela a mensagem que surgiu em sua mente quando a viu no topo da escadaria: “Não me desaponte novamente”. Ele olha para o cartão na mão dela e diz:

— Tem mais coisa escrita. “Livro favorito: *O último dos moicanos*.”

— Ah, isso é para o professor — diz Bárbara, com a fungada familiar na voz de quem acha graça, desconsiderando e afiançando.

— Isso é mentira.

IMAGENS DO GELO

Três semanas antes de morrer — afogado em um acidente de barco em um lago cujo nome ninguém o ouvira mencionar — Austin Cobbett se via refletido bem no fundo de três espelhos na Crawford Roupas Masculinas, em Logan, olhando para si mesmo metido em uma camisa esporte cor de vinho e em uma calça xadrez cor de vinho, marrom e bege. Ambas com vincos permanentes.

— Escute — Jerry Crawford disse a ele —, com a camisa mais escura e a calça em tom mais claro, não tem erro. É bem jovem.

Austin gargalhou.

— Você conhece a expressão “pernil se fingindo de cordeiro”?^[8]

— Isso só vale para mulheres — disse Jerry. — Mas isso tudo mudou. Não existe mais isso de roupa de velho, roupa de velha. A moda é para todos.

Quando Austin se acostumasse com o que estava usando, Jerry falaria com ele sobre um cachecol de cores complementares e um suéter cor de creme. Austin precisava se cobrir o máximo possível. Desde a morte da esposa, um ano antes, e desde que a Igreja Unida finalmente conseguira um novo pastor (Austin, que tinha mais de setenta anos, estava oficialmente aposentado, mas havia persistido no cargo durante toda a discussão quanto à contratação de um novo pastor e sobre quanto iriam pagar), ele perdera peso, seus músculos tinham se encolhido e ele adquiria cada vez mais a forma escavada e barriguda de um velho. Seu pescoço tinha as veias saltadas, seu nariz parecia espichar e suas bochechas pendiam. Ele era um galho velho e ressequido — ressequido mas firme, e ainda disposto o bastante para aguentar um segundo casamento.

— As calças precisam ser ajustadas — disse Jerry. — Tem tempo para isso, não é? Quando é o grande dia?

Austin ia se casar no Havaí, onde sua futura esposa vivia. Ele falou uma data umas duas semanas à frente.

Phil Stadelman, do Toronto Dominion Bank, entrou e não reconheceu Austin pelas costas, embora Austin tivesse sido seu pastor. Ele nunca o vira em roupas como aquelas.

Phil contou sua piada da Aids — Jerry não conseguiu impedi-lo.

Por que o *newfie*^[9] cobriu o machucado com um preservativo?

Porque ele tinha medo de Band-Aids.

Então Austin se virou, e em vez de dizer: “Bom, não sei quanto aos senhores, meus amigos, mas eu acho difícil rir da Aids”, ou: “Aposto que o pessoal da Terra Nova também conta piadas sobre o pessoal de Huron County”, ele disse: “Essa é boa”. Ele riu.

Essa é boa. Então ele pediu a opinião de Phil sobre suas roupas.

— Você acha que vão rir quando me virem chegar no Havaí?

Karin soube disso quando foi até a lanchonete beber uma xícara de café depois de terminar seu turno como guarda de cruzamento. Ela ficou sentada no balcão e ouviu os homens conversando em uma mesa às suas costas. Ela virou no banco e disse:

— Olha, eu já sabia, ele mudou. Eu o vejo todo dia e eu já sabia.

Karin é uma mulher alta e magra de pele áspera e voz rouca, longos cabelos louros, escuros perto da raiz. Ela está deixando o cabelo crescer, e já chegou ao ponto em que daria para cortar, mas ela não o cortou ainda. Ela era uma moça loura, esguia, tímida e bonita, andando na garupa da moto do marido. Ela ficou um pouco estranha — não muito, ou não poderia ter virado guarda de cruzamento, mesmo com a recomendação de Austin Cobbett. Ela interrompe conversas. Parece estar sempre usando o mesmo jeans e um velho casaco de lona azul-marinho. Ela tem uma expressão dura e desconfiada, e tem uma rixa pública com o ex-marido. Ela escreve no carro dele com o dedo: *Cristão falso. Falso bajulador.*

Brent Duprey não presta. Ninguém sabe que ela escreveu *Lázaro de bosta*, porque voltou lá (ela faz isso à noite) e apagou com a manga do casaco. Por quê? Pareceu perigoso, algo que poderia metê-la em encrenca — encrenca de um tipo vagamente sobrenatural, não uma conversa com o chefe de polícia — e ela não tem nada contra o Lázaro da Bíblia, só contra a Casa de Lázaro, de que Brent é o dono, e onde ele mora agora.

Karin vive onde ela e Brent moraram juntos nos últimos meses — no andar sobre a loja de ferramentas, nos fundos, um cômodo enorme com uma cama (do bebê) e uma cozinha na extremidade. Ela passa muito tempo na casa de Austin, limpando, preparando tudo para sua partida para o Havaí. A casa em que ele vive ainda é a velha casa paroquial na Pondicherry Street. A igreja construiu uma casa nova para o novo pastor, uma casa bem boa, com um pátio e uma garagem dupla — as esposas dos pastores costumam trabalhar agora; ajuda muito se conseguem um emprego de enfermeira ou professora, e para isso são necessários dois carros. A velha casa paroquial é uma casa de tijolos branco-acinzentada cuja varanda e cumeeiras têm os rebordos pintados de azul. A casa precisa de uma reforma. Isolamento, lixamento com areia, pintura nova, novos caixilhos para as janelas, novos ladrilhos no banheiro. Voltando a pé para casa à noite, Karin às vezes se distrai pensando no que faria com a casa se fosse dela e ela tivesse dinheiro.

Austin mostra a ela uma foto de Sheila Brothers, a mulher com quem ele vai se casar. Na verdade, é uma foto de três pessoas: Austin, a esposa e Sheila Brothers diante de um prédio de madeira e alguns pinheiros. Um retiro, onde ele conheceu — eles conheceram — Sheila. Austin está usando a camisa preta de pastor com o colarinho virado. Ele parece suspeito, com um sorriso pastoral recatado. A esposa olha para longe de Austin, mas o laço do seu cachecol florido adeja no pescoço dele. Cabelos brancos fofos, vulto delgado. Chique. Sheila Brothers — sra. Brothers, viúva — olha diretamente à frente, e é a única que parece realmente alegre. Cabelo louro curto penteado emoldurando o rosto à maneira

executiva, calças marrons, suéter branco, com o grande volume dos seios e do estômago bem aparentes. Ela encara a câmera e não parece preocupada em como vai sair.

— Ela parece feliz — diz Karin.

— Bom. Ela não sabia na época que iria se casar comigo.

Ele mostra um cartão-postal da cidade onde Sheila mora. A cidade onde ele vai morar no Havaí. Mostra também uma fotografia da casa dela. A rua principal da cidade tem uma fileira de palmeiras no meio, com prédios baixos brancos ou rosados, postes de iluminação enfeitados com cestos de flores transbordantes, e sobre tudo isso paira um céu de profunda cor azul-turquesa em que o nome da cidade — um nome havaiano impossível de pronunciar ou lembrar — é escrito em letras fluidas como uma fita de seda. O nome flutuando no céu parecia tão possível quanto todo o resto da imagem. Quanto à casa, mal dava para vê-la — só um pedaço da sacada entre o vermelho e dourado das árvores e arbustos fluorescentes. Mas havia uma praia diante da casa, com areia pura feito creme e ondas brilhantes feito joias rebentando. Onde Austin Cobbett passearia com a agradável Sheila. Não admira precisar de tanta roupa nova.

O que Austin quer que Karin faça: livrar-se de tudo. Até dos livros, da velha máquina de escrever, das fotos da esposa e dos filhos. O filho dele vive em Denver, a filha, em Montreal. Ele escreveu para eles, falou com eles ao telefone e pediu que reivindicassem o que quisessem dele. Seu filho quer os móveis da sala de jantar, que um caminhão de mudanças vai buscar na semana seguinte. A filha disse que não quer nada (Karin acha que ela vai reconsiderar; as pessoas sempre querem *alguma coisa*). Todos os móveis, livros, quadros, cortinas, tapetes, pratos e panelas vão ser leiloados. O carro de Austin também, e o cortador de grama e o limpador de neve que o filho lhe dera no Natal anterior. Isso acontecerá depois que Austin partir para o Havaí, e o dinheiro vai para a Casa de Lázaro. Austin fundou a Casa de Lázaro quando era pastor. Mas ele não a batizou assim; chamou-a de Casa da Vitória. Mas agora

tinham decidido — Brent Duprey tinha decidido — que seria melhor darem-lhe um nome mais religioso, mais cristão.

A princípio Austin ia dar todas as coisas para que usassem na Casa. Então ele considerou que seria mais respeitoso dar dinheiro a eles, para que gastassem como quisessem, comprando o que gostassem, em vez de serem obrigados a usar os pratos da esposa e a sentar no velho sofá de chita.

— E se eles pegarem o dinheiro e comprarem bilhetes de loteria? — Karin pergunta a ele. — Você não acha que vai ser uma grande tentação para eles?

— Não se chega a parte alguma na vida sem tentações — diz Austin, com um sorrisinho enlouquecedor. — E se eles ganharem na loteria?

— Brent Duprey é uma víbora.

Brent assumiu todo o controle da Casa de Lázaro, que Austin fundou. Era um lugar para pessoas que queriam parar de beber, ou que queriam mudar a vida nociva que levavam; agora a casa se tornou um desses lugares de “segundo nascimento”, com sessões noite adentro de oração, cantoria, gemidos e confissões. Foi assim que Brent assumiu o controle — tornando-se mais religioso que Austin. Austin conseguira fazer Brent parar de beber; ele insistiu e insistiu até conseguir arrancar Brent da vida que ele estava vivendo, levando-o a uma nova vida onde ele administrava a Casa com o dinheiro da igreja, do governo etc., e Austin cometeu o grande erro de achar que poderia conter Brent. Quando Brent começou na estrada da santidade, não parou mais, e logo afastou-se da religião quieta e cautelosa de Austin, alienando-o das pessoas da congregação que queriam um cristianismo mais estrito e feroz. Austin foi afastado da Casa de Lázaro e da igreja mais ou menos na mesma época, e Brent mandava no novo pastor sem dificuldade. Apesar disso, ou por causa disso, Austin quer dar o dinheiro à Casa de Lázaro.

— Quem pode dizer se a maneira de Brent não é mais próxima de Deus do que a minha? — diz ele.

Hoje em dia Karin fala tudo o que lhe vem na telha para qualquer um ouvir. Ela diz a Austin:

— Não me faça vomitar.

Austin diz que ela deve anotar direitinho seu horário, para ser paga por todo aquele trabalho, e também que, se houver algo que ela queira, deve lhe dizer, para que possam conversar.

— Dentro do razoável — diz ele. — Se você disser que quer o carro ou o limpador de neve, eu teria que dizer não, pois isso prejudicaria as pessoas da Casa de Lázaro. Mas tem o aspirador de pó.

É assim que ele a vê — como alguém que está sempre pensando em faxina? O aspirador de pó aliás já é uma relíquia.

— Aposto que sei o que Brent disse quando você contou a ele que eu ficaria encarregada disso — diz ela. — Aposto que ele disse: “Você não vai chamar um advogado para ver se ela tem andado na linha?”. Ele falou, não falou?

Em vez de responder, Austin diz:

— Por que eu confiaria em um advogado mais do que confio em você?

— Foi isso o que você disse a ele?

— Eu estou dizendo a você. Na minha opinião, ou a gente confia ou não confia. Quando decidimos confiar, temos que começar de onde estamos.

Austin raramente menciona Deus. Mas ainda assim dá para sentir Deus pairando na fímbria de frases como essa, o que é tão desconfortável — Karin sente como se algo desmoronasse na base da espinha — que chega a sentir vontade de que ele mencionasse logo francamente, e deixasse aquilo para trás.

Quatro anos antes, Karin e Brent ainda estavam casados e o bebê ainda não tinha nascido, nem eles haviam se mudado para o andar em cima da loja de ferramentas. Eles moravam no antigo matadouro. Era um prédio de apartamentos barato que pertencia a Morris Fordyce, mas havia muito tempo o lugar fora realmente um matadouro. Nos dias úmidos Karin sentia cheiro de porco, e sempre sentia outro cheiro que achava que era sangue. Brent farejou as paredes, se agachou e farejou o chão, mas não conseguia sentir o

cheiro que ela detectava. Como ele poderia notar outra coisa que não os vapores etílicos que subiam de sua própria pança? Brent estava sempre bêbado na época, mas não era alcoólatra. Ele jogava hóquei na equipe acima de trinta anos — ele era mais velho que Karin — e se gabava de jamais ter jogado sóbrio. Ele trabalhou para a Fordyce Construction por algum tempo, e depois trabalhou derrubando árvores para a prefeitura. Ele bebia no trabalho quando dava, e depois do trabalho ia beber no Fish and Game Club, ou no Green Haven Motel Bar, que chamavam de Greasy Heaven.^[10] Certa noite ele ligou um trator que estava estacionado na porta do Greasy Heaven e o dirigiu pela cidade até o Fish and Game Club. Claro que ele foi capturado e autuado por dirigir um trator bêbado, o que rendeu boas piadas pela cidade. Ninguém que tivesse rido da piada apareceu para pagar a multa. E Brent só ficava mais louco. Em outra noite ele removeu os degraus que levavam ao seu apartamento. Ele não destruiu os degraus em um ataque de raiva; ele os removeu calculada e metodicamente, degraus e apoios, um a um, descendo os degraus de costas ao fazê-lo, e deixando Karin lá em cima, praguejando. A princípio ela rira — tinha tomado algumas cervejas também —, mas depois percebera que era sério, que ela estava sendo isolada lá em cima, e então começara a xingar. Os vizinhos covardes ficavam olhando das portas atrás dele.

Brent voltou para casa na tarde seguinte e ficou espantado, ou fingiu ficar. Gritou: “O que aconteceu com os *degraus*?”. Ele andou pelo saguão pisando duro, mexendo o rosto exausto, empolgado e cruzado de rugas, piscando os olhos azuis, com um sorriso inocente de conspirador.

— A porra do Morris! Arrancou a porra dos degraus. Eu vou processar esse filho da puta. Puta que pariu, *caralho*!

Karin estava no andar de cima sem nada para comer além de meio pacote de sucrilhos sem leite e uma lata de feijão. Ela pensou em ligar para alguém e pedir uma escada, mas estava com muita raiva, muito teimosa. Se Brent queria matá-la de fome, ela iria mostrar a ele. Morreria de fome.

Essa época foi realmente o começo do fim, foi a mudança. Brent foi atrás de Morris Fordyce para bater nele e lhe dizer que ele

seria processado. Morris falou com ele de forma sóbria e razoável, até Brent decidir que não ia processar ou bater em Morris, mas sim cometer suicídio em vez disso. Morris chamou Austin Cobbett, pois Austin tinha fama de saber lidar com gente desesperada. Austin não convenceu Brent a parar de beber, ou a ir à igreja, mas o convenceu a não se matar. Então, uns dois anos depois, quando o bebê morreu, Austin era o único pastor que conheciam para chamar. Quando ele finalmente chegou para vê-los e falar sobre o funeral, Brent já tinha bebido tudo o que havia na casa e saído para conseguir mais. Austin foi atrás dele e passou os cinco dias seguintes — com um breve intervalo para enterrar o bebê — fazendo companhia a Brent na bebedeira. Então passou a semana seguinte cuidando de Brent enquanto ele se recuperava, e o mês seguinte conversando longamente com ele até Brent decidir que não iria mais beber, que havia sido tocado por Deus. Austin disse que Brent queria dizer com isso que havia sido tocado pela riqueza da própria vida e pelo poder do seu eu interior. Brent disse que não era ele mesmo nem por um segundo; tinha sido Deus.

Karin frequentou a igreja de Austin com Brent por algum tempo; ela não se importava. Ela sabia, no entanto, que somente aquilo não seguraria Brent. Ela o via se levantar com força para cantar os hinos, gingando os braços, apertando os punhos, o corpo inteiro dedicado. Igual a quando ele bebia três ou quatro cervejas e não havia como impedi-lo de sair à procura de mais. Ele estava repleto de energia. E logo ele se libertou da influência de Austin e levou grande parte da igreja com ele. Muitas pessoas chegavam querendo aquela libertação, queriam mais barulho e oração e cantoria em vez de conversas persuasivas em tom baixo. Já fazia tempo que desejavam aquilo.

Nada daquilo a surpreendeu. Não a surpreendeu que Brent tivesse aprendido a preencher os formulários e a causar a impressão certa e a obter o dinheiro do governo. Que ele assumisse o controle da Casa da Vitória, para onde Austin o tinha convidado, e expulsado Austin. Ele sempre foi cheio de possibilidades. Ela não se surpreendeu realmente que ele tivesse se irritado com ela por beber uma cerveja e fumar um cigarro, como antes ele costumava

se irritar quando ela queria ir embora da festa e deitar-se às duas da manhã. Ele disse que daria a ela uma semana para decidir. Nada de beber, nada de fumar, Cristo como Salvador. Uma semana. Karin não esperou uma semana. Depois que Brent partiu, ela parou de fumar, quase parou de beber, e também parou de frequentar a igreja de Austin. Ela também desistiu de tudo que não fosse uma rixa lenta e fumegante contra Brent, que cresceu e cresceu. Um dia Austin a deteve na rua, e ela pensou que ele ia dizer algo gentil, pessoal e acusativo, por causa dessa rixa ou por ela ter parado de ir à igreja, mas tudo o que ele fez foi pedir a ela que o ajudasse a cuidar da esposa, que estava saindo do hospital e indo para casa naquela semana.

Austin está falando ao telefone com a filha em Montreal. O nome dela é Megan. Ela está na casa dos trinta, é solteira e produtora de tv.

— A vida tem muitas surpresas — diz Austin. — Você sabe que isso não tem nada a ver com sua mãe. Essa é uma vida nova, completamente. Mas eu me arrependo de... Não, não. Só quis dizer que há mais de uma maneira de amar a Deus, e apreciar o mundo é uma delas, com certeza. Essa foi uma revelação que veio tarde para mim. Tarde demais pra servir à sua mãe... Não. A culpa é um pecado e uma sedução. Eu disse isso a muitas pobres almas que gostavam de se chafurdar em culpa. Remorso é outra história. Como ter uma vida longa sem experimentar remorso?

Karin se põe a pensar: "Eu estava certa; Megan quer mesmo alguma coisa". Mas depois de mais alguma conversa — Austin diz que talvez comece a jogar golfe ("Não ria"), e que Sheila faz parte de um clube de leitura de peças (ele acha que será a estrela do grupo com sua experiência de perorar no púlpito) — a ligação chega ao fim. Austin vai até a cozinha — o telefone fica no salão da frente; trata-se de uma casa antiquada — e olha para Karin, que está limpando os armários altos.

— Pais e filhos, Karin — diz ele, suspirando, suspirando e parecendo algo divertido. — Ah, que teia emaranhada nós tecemos,

a primeira vez que temos filhos. Então eles querem que sempre sejamos os mesmos, querem que sejamos pais... e se perturbam terrivelmente se fizermos algo que eles achem que não devemos fazer. Terrivelmente.

— Acho que ela vai acabar se acostumando — diz Karin, sem muita simpatia.

— Ah, ela vai, vai sim. Pobre Megan.

Então ele diz que vai ao centro cortar o cabelo. Ele não quer esperar mais, pois sempre parece tolo com um corte de cabelo novo. Sua boca se encurva para baixo quando ele sorri — primeiro para cima, depois para baixo. Esse deslize para baixo é o mais notável na aparência dele — o rosto deslizando para baixo formando papadas, peito encovado e barriga estufada, abrupta e estranha. O movimento repetido deixou canais, linhas profundas. Mas Austin ainda fala — é uma perversão sua fazê-lo — como se falasse de um corpo leve e pronto, um corpo que desse prazer de carregar por aí.

Pouco depois o telefone toca de novo e Karin precisa descer as escadas e atender.

— Karin? É você, Karin? É Megan!

— Seu pai acabou de sair para cortar o cabelo.

— Ótimo. Ótimo. Que bom. Assim eu posso falar com você. Eu queria uma chance de falar com você.

— Oh.

— Karin. Escute. Eu sei que estou me comportando direitinho do jeito que filhos adultos se comportam nessa situação. Eu não gosto disso. Não gosto disso em mim. Mas não posso impedir. Eu estou desconfiada. Fico me perguntando o que está acontecendo. Ele está bem? O que você pensa disso tudo? Como é essa mulher com quem ele vai casar?

— Eu só vi uma foto dela, foi só.

— Eu estou muito ocupada agora e não posso largar tudo para ir aí e conversar cara a cara com ele. E ele é difícil de conversar. Ele fala o que a gente espera ouvir, parece aberto, mas na verdade ele é muito fechado. Ele nunca prestou muita atenção na própria pessoa, sabe o que eu digo? Ele nunca fez nada antes por algum

motivo *pessoal*. Ele sempre fez coisas para *outras* pessoas. Sempre gostou muito de encontrar pessoas que *precisavam* que certas coisas fossem feitas por elas. Bom, você sabe disso. Até levando você para casa, sabe, para cuidar da mamãe — não foi bem por causa da mamãe ou por causa dele que ele fez aquilo.

Karin consegue imaginar Megan — o cabelo longo, liso e escuro, partido ao meio e penteado sobre os ombros, os olhos com maquiagem pesada e pele bronzeada e boca com batom rosa-pálido, o corpo rechonchudo vestido em boas roupas. Aquela voz traria tais imagens à mente mesmo que não se pudesse vê-la. A suavidade, a rica sinceridade. Um leve realce em cada palavra e pequenos espaços para consideração entre elas. Ela fala como se ouvisse a si mesma. Um pouco demais, até. Estaria bêbada?

— Vamos ser honestas, Karin. A mamãe era uma esnobe — (Sim, ela está bêbada.) — Bom, ela tinha de ser alguma coisa. Sempre arrastada de um fim de mundo para outro, sempre fazendo o bem. Ela não gostava mesmo disso de fazer o bem. Então agora, *agora*, ele desiste de tudo, e quer começar a viver a boa vida. No Havaí! Não é bizarro?

“Bizarro”. Karin já ouviu essa palavra na televisão e ouviu pessoas, geralmente jovens, usando-a, e ela sabe que não foi “bazar” o que Megan falou. Mas é disso que a palavra a faz lembrar: os bazares de igreja que a mãe de Megan costumava organizar, sempre tentando dar algum estilo à coisa, fazer algo diferente. Guarda-sóis listrados na calçada de uma cafeteria em um ano, chás de Devonshire sob um caramanchão de rosas no ano seguinte. Então ela pensa na mãe de Megan no sofá coberto de chita na sala de estar, fraca e amarela depois da quimioterapia, usando um lenço ao redor da cabeça quase calva. Mas ela ainda conseguia olhar para Karin com uma leve surpresa, quase formal, quando Karin aparecia. “Você quer alguma coisa, Karin?” Ela é quem perguntava a Karin as coisas que Karin devia perguntar a ela.

Bizarro. Bazar. Esnobe. Quando Megan se meteu por aquele lado, Karin devia ter dito ao menos: “Eu sei disso”. Mas tudo o que ela pensa em dizer é:

— Megan. Vai sair cara essa ligação.

— Dinheiro, Karin! Nós estamos falando do meu *pai*. Nós estamos falando se o meu pai está são ou se ele ficou *tantã*, Karin!

Um dia depois, um telefonema de Denver. Don, o filho de Austin, ligando para dizer ao pai que é melhor esquecerem os móveis da sala de jantar, pois o custo de envio é muito alto. Austin concorda. O dinheiro pode ser mais bem gasto, diz ele. Quanto valeria aquilo tudo, de qualquer forma? Então Austin recebe uma ligação para explicar o tal leilão da mobília e o que Karin anda fazendo.

— É claro, é claro, sem problema — diz Austin. — Eles vão listar tudo e o preço pelo qual venderam. Podem mandar uma cópia sem problema. Eles têm computador, pelo que eu sei. A gente já não está na Idade das Trevas.

— Sim — diz Austin. — Eu esperava que você entendesse a questão do dinheiro. É um projeto querido para mim. E você e sua irmã estão bem de vida. Tenho sorte de ter os filhos que tenho... A aposentadoria e a pensão da igreja, do que mais eu preciso? E essa mulher, estou dizendo a você, essa mulher Sheila... dinheiro para ela não falta, digamos assim... — Ele ri de maneira traquinas, respondendo a algo que o filho diz.

Depois de desligar, ele diz a Karin:

— Bom, meu filho está preocupado com minhas finanças e minha filha está preocupada com meu estado mental. Estado mental-emocional. O jeito masculino e feminino de encarar as coisas. O jeito masculino e feminino de expressar ansiedade. Por baixo é a mesma coisa. A velha ordem mudando, abrindo espaço para a nova ordem.

De qualquer maneira, Don não se lembraria de tudo que havia na casa. Como ele poderia? Ele veio no dia do funeral mas a esposa não estava com ele. Estava grávida demais para locomover-se até aqui. Não podia contar com ela para isso. Os homens não se lembram bem dessas coisas. Ele só pediu a lista de móveis para fingir que está de olho em tudo e que é melhor ninguém tentar enganá-lo. Ou ao pai.

Karin ia ganhar algumas coisas, e ninguém precisava saber onde ela as havia obtido. Ninguém ia até a casa dela. Um prato com padrão de salgueiro-chorão. As cortinas floridas em azul e cinza. Uma jarra pequena e bojuda de vidro cor de rubi com tampa de prata. Uma toalha de mesa de damasco que ela passara a ferro até brilhar feito um campo de neve e os guardanapos enormes que a acompanhavam. A toalha de mesa pesava tanto quanto uma criança, e os guardanapos tombavam frouxos das taças feito lírios — para quem tinha taças. Só pra começar, ela já levou seis colheres de prata para casa no bolso do casaco. Ela sabe que não deve mexer com o serviço de chá de prata ou com os pratos bons. Mas algumas taças de sobremesa de vidro rosa e haste longa chamaram sua atenção. Ela consegue ver sua casa transformada com aquelas coisas. Mais ainda, ela pode sentir a quietude e o contentamento que se estenderiam até ela. Sentada em uma sala assim decorada, ela não precisaria sair. Jamais precisaria pensar em Brent e em maneiras de atormentá-lo. Uma pessoa sentada em uma sala assim podia arrasar qualquer intruso.

Tinha algo mesmo que você queria?

Na segunda-feira da última semana de Austin — ele devia voar para o Havaí no sábado — teve início a primeira grande tempestade de inverno.

O vento veio do oeste sobre o lago. Neve forte durante todo o dia e a noite. As escolas fecharam na segunda e na terça, e Karin não precisou trabalhar. Mas ela não aguentava ficar em casa; pôs o casaco de lona e enrolou a cabeça e metade do rosto em um cachecol de lã e avançou em meio às ruas cheias de neve até a casa paroquial.

A casa está fria, o vento entra pelas frestas de portas e janelas. Os pratos parecem gelo no armário da cozinha na parede oeste. Austin está vestido, mas deitado no sofá da sala, enrolado em lençóis e cobertores. Não está lendo, assistindo a tv ou cochilando, pelo que ela pode ver. Só está lá com o olhar perdido. Ela faz uma xícara de café instantâneo.

— Você acha que vai passar até sábado? — Ela tem a sensação de que, se ele não partir sábado, pode acabar não partindo nunca mais. A coisa toda pode ser cancelada, todos os planos podem falhar.

— Vai passar na hora certa — diz ele. — Não estou preocupado.

O bebê de Karin morrera durante uma tempestade de neve. À tarde, enquanto Brent bebia com seu amigo Rob e assistia a televisão. Karin disse que o bebê estava doente e que ela precisava de dinheiro para levá-lo de táxi ao hospital. Brent mandou ela se foder. Achava que ela só estava querendo aporrinhá-lo. E em parte estava — o bebê só tinha vomitado uma vez, e gemido, e não parecia muito quente. Então, perto da hora do jantar, depois que Rob se fora, Brent foi até o bebê para brincar com ele, esquecendo que ele estava doente.

— O neném tá que nem fogo! — gritou ele, e exigiu saber por que ela não o levava ao hospital.

— Me diz você — replicou Karin, e eles começaram a brigar. — Você disse que não precisava, então tá, ele não precisa.

Brent ligou para a companhia de táxi, mas não havia carros na rua por causa da tempestade, que até então nem ele nem Karin tinham notado. Ele ligou para o hospital e perguntou o que fazer, e eles disseram para baixar a febre enrolando o bebê em toalhas úmidas. Eles fizeram isso, e pela meia-noite a tempestade já tinha amainado e os veículos limpa-neve estavam nas ruas, e eles puderam levar o bebê ao hospital. Mas ele morreu. Teria morrido de qualquer maneira, provavelmente; tinha meningite. Mesmo que ele fosse um bebê amado e paparicado e vivesse em um lar onde o pai não bebesse nem brigasse com a mãe o tempo todo, ele teria morrido; provavelmente teria morrido de qualquer maneira.

Mas Brent queria a culpa para si. Às vezes ele queria que fosse culpa dos dois. Aquela confissão era como açúcar para ele. Karin mandou ele calar a boca, *calar a boca*.

Ela disse:

— Ele teria morrido de qualquer maneira.

Quando a tempestade passa, na tarde de terça, Karin põe o casaco, sai e retira a neve da calçada da casa paroquial. A temperatura parece estar caindo ainda mais; o céu está limpo. Austin diz que é para ir ao lago, olhar o gelo. Quando uma grande tempestade chega no começo do ano, o vento empurra as ondas até a costa e elas congelam. Há gelo por toda parte em formações improváveis. As pessoas vão até lá e tiram fotos. O jornal costuma publicar as melhores. Austin também quer tirar algumas fotos. Ele diz que é para mostrar ao pessoal no Havaí. Assim, Karin também tira a neve do caminho do carro e eles partem. Austin dirige com muito cuidado. E ninguém mais aparece por lá. Está frio demais. Austin se segura em Karin enquanto lutam para avançar na calçada — o lugar onde a calçada estaria, pois a neve a soterrou. Placas de gelo caem dos galhos pesados dos salgueiros e a luz do sol brilha através delas, vinda do oeste. São como muralhas de pérola. O gelo se entretetece no arame da cerca alta e a deixa parecida com um cortiço de abelhas. As ondas congelaram ao bater na costa, criando montes e cavernas, um cenário louco que vai até a borda da água. E todos os brinquedos do playground, balanços de criança e barras de escalar, foram transformados pelo gelo, exibindo protuberâncias como canos de órgão, enterrados no que parecem ser estátuas semiesculpidas, formas de gelo que podem ser pessoas, animais, anjos, monstros ainda por terminar.

Karin fica nervosa quando Austin fica sozinho para tirar fotos. Ele parece trêmulo para ela — e se ele cair? Pode quebrar uma perna, um quadril. Os velhos quebram o quadril e aí acabou para eles.

Até tirar as luvas para mexer na câmera parece arriscado. Um dedão congelado pode bastar para mantê-lo ali, fazê-lo perder o avião.

De volta no carro, ele precisa esfregar e soprar as mãos. Ele a deixa dirigir. Se algo ruim acontecesse com ele, será que Sheila Brothers iria até lá para tomar conta dele, será que se instalaria na casa paroquial e contrariaria as ordens dele?

— Que tempo louco — diz ele. — No norte de Ontário está agradável, até os laguinhos estão abertos ao público, a temperatura não está de congelar. E aqui nós estamos presos no gelo e no vento das Grandes Planícies.

— Nada disso vai importar quando você chegar ao Havaí — diz Karin, firme. — Seja o norte de Ontário, as Grandes Planícies ou aqui, você vai ficar feliz por estar longe. Ela nunca liga para você?

— Quem?

— *Ela*. A sra. Brothers.

— Ah, Sheila. Ela me liga tarde da noite. A hora é muito adiantada no Havaí.

O telefone toca e Karin está sozinha na casa, na manhã antes do dia da partida de Austin. Uma voz de homem, incerta e soando pesarosa.

— Ele não está aqui agora — diz Karin. Austin foi ao banco. — Eu posso falar para ele ligar quando voltar.

— Bom, é ligação a distância... Eu estou em Shaft Lake.

— Shaft Lake — repete Karin, procurando um lápis na prateleira do telefone.

— Nós só queríamos saber. Só estávamos verificando se o horário da chegada dele está certo. Alguém tem de ir lá para recebê-lo. Então ele chega em Thunder Bay às três em ponto, é isso?

Karin parou de procurar um lápis. Finalmente ela diz:

— Acho que é isso sim. Pelo que eu sei. Se você ligar perto do meio-dia, ele já vai estar aqui.

— Não sei se vou estar perto de um telefone nesse horário. Eu estou no hotel daqui, mas tenho de sair. Acho melhor deixar um recado. Vai haver alguém esperando por ele no aeroporto em Thunder Bay às três em ponto amanhã, ok?

— Ok.

— Diga a ele que também arranjamos um lugar para ele ficar.

— Oh. Ok.

— É um trailer. Ele disse que não se importaria de ficar em um trailer. É que já faz um bom tempo que não temos pastores por aqui.

— Ah — diz Karin. — Ok. Sim. Eu digo para ele.

Assim que ela desliga, Karin encontra o número de Megan na lista acima do telefone e liga para ela. O telefone toca três ou quatro vezes e então a voz de Megan surge, soando mais vigorosa que da última vez. Vigorosa mas provocante.

— Infelizmente a dona da casa não está no momento. Deixe seu nome, mensagem e número de telefone e nós entraremos em contato assim que for possível.

Karin já começou desculpando-se, dizendo que é importante, quando é interrompida por um bipe e se dá conta de que é uma dessas secretárias eletrônicas. Ela começa de novo, falando rápido mas distintamente depois de tomar fôlego.

— Eu só queria dizer. Só quero que você saiba. Seu pai está bem. Ele está bem de saúde, está bem da cabeça e tudo mais. Então não precisa se preocupar. Ele parte para o Havaí amanhã. É que eu estava pensando, eu estava pensando sobre nossa conversa de outro dia. Então achei melhor falar para você não se preocupar. É Karin quem está falando.

Quando Karin termina de dizer aquilo ela escuta Austin na porta. Antes que ele possa perguntar ou imaginar o que ela está fazendo ali no saguão, ela dispara uma sequência de perguntas. Ele foi ao banco? O frio não fez seu peito doer? Quando é que o caminhão do leilão ia vir? Quando o pessoal do Comitê vai querer as chaves da casa paroquial? Ele iria telefonar para Don e Megan antes de partir ou depois de chegar lá, ou o quê?

Sim. Não. O caminhão, segunda-feira. As chaves na terça, mas não havia pressa — se ela ainda não tivesse terminado, então na quarta estaria o.k. Sem mais telefonemas. Ele e os filhos já disseram tudo o que tinham a dizer um para o outro. Quando ele chegar lá, escreverá uma carta. Uma carta para cada um.

— Depois que você se casar?

Sim. Bom. Talvez antes disso.

Ele pôs o casaco em cima do suporte do corrimão. Então ela o viu estender a mão para se firmar, segurando o corrimão. Ele finge estar mexendo com o casaco.

— Você está bem? — pergunta ela. — Quer uma xícara de café?

Por um instante ele não diz nada. Seus olhos passam direto por ela. Como pode alguém acreditar que esse velhinho vacilante cujo corpo parece estar secando a cada dia esteja a caminho de casar-se com uma viúva remediada para passar o resto dos seus dias caminhando por praias ensolaradas? Não é do feitio dele fazer algo assim. Ele planeja se desgastar rápido, rápido, com pessoas o mais ingratas possível, ingratas como Brent. Enquanto engana os outros, fazendo-os pensar que ele é uma pessoa mudada. Senão alguém pode impedi-lo de partir. Saindo de mansinho, enganando-os, apreciando fazê-lo.

Mas ele realmente está buscando algo no casaco, de cujas dobras pega um frasco de uísque.

— Ponha um pouco para mim em um copo — diz ele. — Não precisa de café. É só uma precaução. Contra a fraqueza. Por causa do frio.

Ele está sentado nos degraus quando ela traz o uísque. Ele bebe, trêmulo. Sacode a cabeça para trás e para a frente, como se tentasse desanuviá-la. Ele se levanta.

— Bem melhor — diz. — Ah, muito melhor. Agora, quanto às fotos do gelo, Karin. Eu queria saber se você pode pegá-las semana que vem? Se eu deixar o dinheiro? Elas ainda não ficaram prontas.

Embora tenha acabado de sair do frio, ele está branco. Se colocassem uma vela atrás de sua cabeça, daria para ver o brilho na frente como se ele fosse de cera ou porcelana fina.

— Você vai ter de deixar seu endereço. Para eu poder mandar.

— Fique com elas até eu escrever para você. Vai ser melhor.

E assim ela acabou ficando com um rolo inteiro de fotos do gelo, junto a todas as outras coisas que queria. As fotos mostram o céu mais azul do que jamais esteve, mas os padrões de gelo na cerca, a

forma dos canos de órgão não são tão fáceis de ver. É necessária uma figura humana, também, para mostrar o tamanho das coisas. Ela devia ter pegado a câmera e fotografado Austin, que desapareceu. Desapareceu tão completamente quanto o gelo, a menos que o corpo apareça na primavera. Um degelo, um afogamento, e ambos desaparecem. Karin olha para as fotos das monstruosidades pálidas de gelo, as fotos que Austin tirou. Ela o faz tão frequentemente que chega a sentir que ele está nelas, afinal. Um espaço vazio, mas brilhante.

Agora ela acha que ele sabia. Bem no final ele soube que ela descobrira tudo, que tinha entendido o que ele estava tramando. Não importa o quão sozinho você seja, o quão ardiloso e determinado... sempre se quer alguém que saiba, não é? Para ele, talvez tivesse sido ela mesma. Cada um sabia o que o outro estava tramando, e nenhum dos dois deu bandeira, e eis um vínculo além do normal. Sempre que ela pensa nisso, se sente como se tivesse sido aprovada — algo muito inesperado.

Ela põe uma das fotos em um envelope e o envia a Megan (ela arrancou a lista de endereços e números de telefone da parede, para o caso de precisar). Ela envia outro a Don. E outro, carimbado e com endereço, para o outro lado da cidade, para Brent. Ela não escreve nada nas fotos nem junta nenhum recado a elas. Ela não voltará a incomodar nenhuma dessas pessoas. O fato é que em breve ela estará partindo dali.

Ela só quer deixá-los imaginando.

BONDADE E MISERICÓRDIA

Bugs disse adeus à terra que desaparecia, um trecho azul-escuro de Labrador. O navio passava pelo estreito de Belle Isle, no terceiro dia depois da partida de Montreal.

— Agora tenho que chegar até os rochedos brancos de Dover — disse ela. Ela fez uma careta, arredondando os olhos e a boca pequena e ágil, boca de cantora, como se tivesse de aceitar algum aborrecimento. — Ou então cair no mar e servir de comida para os peixes.

Bugs estava morrendo, mas sempre fora uma mulher pálida e muito esguia antes disso, então não houve grande diferença. Seus cabelos cor de prata brilhante tinham sido ajeitados pela filha Averill em um corte engenhoso e bufante. Sua palidez não chegava a ser repelente, e as blusas folgadas e os cafetãs que Averill fizera para ela escondiam o estado de seus braços e torso. Expressões ocasionais de fadiga e incômodo se misturavam a uma mais antiga: uma melancolia endurecida, bem-humorada. Ela não parecia muito ruim, e a tosse estava sob controle.

— Estou brincando — disse ela a Averill, que estava custeando a viagem com algum dinheiro que o pai, que Averill jamais vira, deixara para que ela se lembrasse dele. Quando fizeram os arranjos, não sabiam o que ia acontecer — ou que iria acontecer tão cedo como agora parecia.

— Na verdade minha intenção é durar muito e infernizar sua vida por muitos anos ainda — disse Bugs. — Eu já pareço melhor. Você não acha? Pelo menos de manhã. Eu estou comendo. Eu pensei em começar a dar uns passeios. Ontem eu caminhei até a amurada, quando você não estava.

Elas tinham uma cabine no convés com uma cadeira para que Bugs sentasse do lado de fora. Havia um banco sob a janela da cabine, ocupado agora por Averill e, pela manhã, pelo professor da Universidade de Toronto que Bugs chamava de seu admirador, ou de “professor babaca”.

Isso acontecia em um navio de passageiros norueguês no final dos anos 1970, no mês de julho. Por todo o trajeto pelo Atlântico Norte o clima era ensolarado, e o mar, brilhante e liso feito vidro.

O nome real de Bugs era June. Seu nome de verdade era o que ela usava quando cantava: June Rodgers. Já fazia um ano e três meses desde que ela se apresentara ao público pela última vez. Nos últimos oito meses ela não fora ao Conservatório para ensinar. Alguns dos seus alunos iam até o apartamento na Huron Street, à noite e aos sábados, para que Averill os acompanhasse ao piano. Averill trabalhava no Conservatório, na secretaria. Ia de bicicleta almoçar em casa todos os dias para ver se Bugs estava bem. Ela não dizia que aquele era o motivo. A desculpa era seu almoço especial: leite desnatado, germen de trigo e banana no liquidificador. Averill estava sempre tentando perder peso.

Bugs cantara em casamentos, fora solista paga em corais de igreja, cantara no *Messias* e na *Paixão de São Mateus* e nas operetas de Gilbert e Sullivan. Cantara em papéis coadjuvantes em produções de ópera em Toronto com famosos astros estrangeiros. Por algum tempo nos anos 1950, tivera um programa de rádio com um tenor bêbado popular, que fizera os dois serem demitidos. O nome de June Rodgers era bem conhecido durante a época em que Averill crescia. Pelo menos era conhecido o suficiente entre as pessoas que Averill costumava encontrar. Era uma surpresa para Averill, mais do que para Bugs, encontrar pessoas que não o reconhecessem.

As pessoas no navio não a tinham reconhecido. Quase metade dos trinta e tantos passageiros era canadense, a maioria de Toronto, mas não tinham reconhecido o nome.

— Minha mãe cantou no papel de Zerlina — disse Averill na primeira conversa que teve com o professor. — No *Don Giovanni*, em 1964. — Ela tinha dez anos na época e se lembrava da ocasião como um evento cheio de glória. Apreensão, frenesi, crise, uma garganta inflamada curada com ioga. Uma roupa de camponesa com uma saia bufante rosa e dourada por cima de camadas espessas de anáguas. Glória.

— Meu bem, Zerlina não é um nome muito conhecido — Bugs disse a ela, depois. — Além disso, professores são gente burra. São mais burros do que o normal. Eu até podia ser simpática e dizer que eles sabem de coisas que a gente não sabe, mas a verdade é que eles não sabem de porra nenhuma.

Mas ela permitia ao professor que se sentasse ao seu lado e lhe contasse coisas sobre a vida dele todas as manhãs. Ela disse a Averill o que descobrira. Ele caminhava pelo convés durante uma hora antes do café. Em casa ele caminhava dez quilômetros todo dia. Ele causara algum escândalo na universidade há alguns anos ao se casar com uma esposa mais jovem (“esposa tapada”, dizia Bugs), chamada Leslie. Fizera inimigos, causara inveja e descontentamento entre os colegas por causa desse romance, e depois por se divorciar da antiga esposa e casar com essa moça que era um ano mais jovem que o filho mais velho dele. Daí em diante, certas pessoas o marcaram como inimigo e o perseguiram. Ele era biólogo, mas desenvolvera um tipo de curso de ciências gerais — que ele chamava de curso científico-literário — para estudantes de humanas: um curso discreto e animado que ele esperava que se tornasse uma inovação modesta. Ele obteve aprovação dos superiores, que arquitetaram todo tipo de requerimentos e pré-requerimentos bestas para atrapalhá-lo. Ele se aposentou cedo.

— Acho que foi isso — disse Bugs. — Não pude manter a mente concentrada. Além disso, mulheres jovens acabam sendo companheiras frustrantes para homens mais velhos. A juventude pode ser tediosa. Ah, sim. Com uma mulher mais velha um homem consegue relaxar. Os ritmos de seus pensamentos e lembranças,

sim, os ritmos de seus pensamentos e lembranças estarão mais em sintonia com os dele. Que trouxá!

Sob o convés, Leslie, a jovem esposa, sentava-se trabalhando em uma capa de cadeira em ponto cheio. Era a terceira capa que fazia e ela precisava de seis. As duas mulheres com quem ela se sentava ficavam felizes em admirar o padrão — chamava-se “Rosa dos Tudor” — e conversavam sobre as capas em ponto cheio que tinham feito. Descreviam como casavam com a decoração de suas casas. Leslie sentava-se entre elas, protegida em certa medida. Ela era uma moça de cabelos castanhos e pele rosada e macia cuja juventude se esvaía. Ela predispunha os outros à bondade, mas Bugs não foi muito boa quando ela tirou o trabalho da bolsa.

— Ah, minha nossa — disse Bugs. Ela ergueu os braços, mexendo os dedos magros. — Estas mãos aqui — disse ela, depois de superar um acesso de tosse — já fizeram muitas coisas de que eu não me orgulho, mas pelo menos jamais pegaram em linha nem agulha de crochê, de tricô, nem pregaram um botão. Um alfinete de segurança resolve tudo. Então acho que não vou saber apreciar seu trabalho, querida.

O marido de Leslie riu.

Averill pensou que o que Bugs dissera não era de todo verdade. Fora Bugs quem a ensinara a coser. Bugs e Averill tinham se interessado por roupas e prestavam atenção à moda, de um jeito destemido e brincalhão. Tinham passado alguns de seus melhores momentos juntas cortando tecido, fazendo ajustes com alfinetes, obtendo inspiração.

Os cafetãs, as blusas folgadas que Bugs usava no navio eram retalhos de seda e veludo, de renda de crochê e algodão em padrões brilhantes — tudo adaptado de vestidos velhos, cortinas e toalhas de mesa que Averill obtivera em lojas de segunda mão. Essas criações eram muito admiradas por Jeanine, uma americana que viajava no navio e que fazia amigas com um zelo fervoroso.

— Onde você encontrou essas coisas lindas? — perguntou Jeanine, e Bugs respondeu:

— Averill. Averill fez tudo. Ela não é inteligente?

— Ela é um gênio — disse Jeanine. — Você é um gênio, Averill.

— Ela tinha de produzir figurinos para o teatro — disse Bugs. — Eu vivo dizendo isso a ela.

— É, por que você não faz isso? — perguntou Jeanine.

Averill corou e não conseguiu pensar em nada para dizer, nada que satisfizesse Bugs e Jeanine, que sorriam para ela.

Bugs disse:

— Mas fico feliz por ela não fazer isso. Fico feliz por ela estar aqui. Averill é o meu tesouro.

Caminhando pelo convés, longe de Bugs, Jeanine perguntou a Averill:

— Se importa de me dizer sua idade?

Averill disse que tinha vinte e três e Jeanine suspirou, dizendo que tinha quarenta e dois. Ela era casada, mas o marido não a acompanhava. Tinha um rosto longo, bronzeado, com lábios brilhantes cor-de-rosa e malva, e cabelos na altura dos ombros, espessos e macios feito uma tábua de carvalho. Ela disse que as pessoas costumavam dizer que ela parecia da Califórnia, embora na verdade ela fosse do Wisconsin. Ela era de uma pequena cidade do Wisconsin, onde fora apresentadora de um programa de rádio com participação dos ouvintes. Sua voz era baixa, persuasiva e cheia de satisfação, mesmo quando ela revelava um problema, uma mágoa, uma vergonha.

Ela disse:

— Sua mãe é muito charmosa.

— Minha mãe causa dois tipos de reação: ou as pessoas a consideram charmosa, ou não a suportam.

— Ela já está doente há muito tempo?

— Ela está se recuperando — disse Averill. — Ela teve pneumonia na primavera passada. — Era isso que tinham combinado dizer.

Jeanine estava ávida por tornar-se amiga de Bugs, mas a recíproca não era verdadeira. Ainda assim Bugs passou a comportar-se com sua quase intimidade costumeira, confidenciando algumas coisas sobre o professor e usando o apelido que ela inventara para ele: dr. Fausto. O apelido da esposa dele era Rosa

dos Tudor. Jeanine achou que os apelidos eram apropriados e engraçados.

— Ai, maravilhoso! — disse ela.

Ela não sabia do apelido que recebera de Bugs. Xana Festeira.

Averill caminhava pelo convés ouvindo as conversas. Ela pensou em como viagens por mar supostamente serviriam para que as pessoas se afastassem de tudo, e como “tudo” presumivelmente significava a vida delas, a maneira como viviam, a pessoa que eram em casa. Mas em todas as conversas ela escutava as pessoas fazendo justo o contrário. Estavam se estabelecendo — falando sobre o emprego e os filhos e os quintais e as salas de jantar. Eram oferecidas receitas para tortas de fruta e pilhas de composto orgânico. Bem como maneiras de lidar com noras e investimentos. Histórias de doenças, traição, casos imobiliários. *Eu disse. Eu fiz. Eu sempre acreditei. Bom, não sei quanto a você, mas eu.*

Averill, passando por ali com o rosto voltado para o mar, se perguntava como as pessoas aprendiam a fazer aquilo. Como aprender a ser tão teimosos e insistentes, a sempre pedir sua vez?

Eu refiz tudo no outono passado em azul e pérola.

Infelizmente eu nunca pude entender qual o charme da ópera.

Essa última quem disse foi o professor, imaginando que podia colocar Bugs no lugar. E por que ele disse “infelizmente”?

Averill não conseguiu caminhar sozinha por muito tempo. Ela tinha seu próprio admirador, que a seguia e a surpreendia perto da amurada. Um artista canadense, de Montreal, que se sentava à frente dela na mesa de jantar. Ao ser perguntado, no primeiro jantar, que tipo de pinturas ele fazia, ele respondeu que sua última obra representava um vulto com dois metros e setenta de altura, completamente envolto em bandagens que traziam citações da Declaração de Independência norte-americana. “Que interessante”, disseram alguns americanos educados, e o artista respondeu, com um mal disfarçado desdém: “Fico feliz que vocês achem isso”.

— Mas por que — perguntou Jeanine, com o traquejo de entrevistadora ante a hostilidade (certa riqueza na voz, um sorriso mais alerta e interessado) — você não usou citações canadenses?

— É, eu também estava me perguntando isso — disse Averill. Às vezes ela tentava entrar nas conversas assim, ecoando ou expandindo as coisas que os outros falavam. Geralmente não funcionava muito bem.

Parece que citações canadenses eram um assunto delicado para o artista. Os críticos o haviam interpelado pelo mesmo motivo, acusando-o de não ser nacionalista, sem entender justo o ponto que ele tentava comunicar. Ele ignorou Jeanine, mas seguiu Averill quando ela saiu da mesa, e discutiu com ela pelo que pareceram ser horas, e desenvolveu uma paixonite feroz por ela. Na manhã seguinte ele estava esperando para tomar café com ela, e depois ele perguntou se ela já havia trabalhado como modelo.

— *Eu?* Eu sou muito gorda.

Ele disse que queria dizer “sem roupa”. Ele disse que, se fosse outro tipo de artista (ela imaginou que o outro tipo era o que ele detestava), imediatamente a teria classificado como modelo. Suas grandes coxas douradas (ela estava usando shorts, que não voltou a usar durante a viagem), seus longos cabelos como açúcar caramelizado, os ombros quadrados e a cintura de linha suave. Uma imagem de deusa, cores de deusa — deusa da colheita. Ele disse que ela fazia um biquinho puro e infantil.

Averill pensou que era melhor não esquecer de sorrir sempre.

Ele era um homem de aparência irritável, moreno e troncado. Bugs o apelidou de Toulouse-Lautrec.

Homens já haviam se apaixonado por Averill antes. Duas vezes ela prometera casar com eles, para então cair fora. Tinha dormido com aqueles com quem noivara, e com dois ou três outros. Na verdade, quatro outros. Fizera um aborto. Ela não era frígida — não achava que era —, mas havia algo sobre a maneira como fazia sexo que era polida e chocada, e era sempre um alívio quando eles a largavam.

Ela tratou com o artista concedendo-lhe uma conversa no começo do dia, quando se sentia forte e quase de coração leve. Ela não se sentava com ele, e durante a tarde e a noite ela o mantinha a uma distância segura. Parte da estratégia dela era andar com

Jeanine. O que não seria problema, contanto que Jeanine falasse da própria vida e não se metesse na de Averill.

— Sua mãe é muito charmosa e galante — disse Jeanine. — Mas pessoas charmosas podem ser bem manipuladoras. Você vive com ela, não?

Averill assentiu e Jeanine disse:

— Ah, desculpe. Espero não estar sendo intrometida? Espero não ter ofendido você.

Averill só estava intrigada, de um jeito familiar. Por que as pessoas imediatamente presumiam que ela era burra?

— Sabe, eu fiquei tão acostumada a entrevistar pessoas — disse Jeanine — que acabei ficando ruim de conversação normal. Eu esqueci como me comunicar em uma situação não profissional. Sou direta e *interessada* demais. Eu preciso de ajuda com isso.

Ela disse que o objetivo principal de sua viagem era retornar à realidade normal e descobrir quem ela era de verdade quando não estava tagarelando no microfone. E também descobrir quem ela era fora do casamento. Jeanine disse que era um acordo entre ela e o marido: de vez em quando eles viajavam sozinhos para testar os limites da relação.

Averill sabia o que Bugs diria sobre aquilo: “Testar os limites da relação... ela quer dizer trepar na embarcação”.

Jeanine disse que não descartaria um romance a bordo. Quer dizer, não tinha descartado até dar uma olhada nos homens. Quando os viu, se resignou. Com quem poderia ser? O artista era pequeno e feio e antiamericano. Isso por si só não teria sido tão ruim, mas ele estava apaixonado por Averill. O professor estava com a esposa a bordo — Jeanine não iria se sujeitar a fazer sexo escondida em um armário de cabine. E também ele era prolixo, tinha pequenas verrugas granuladas nas pálpebras, e estava interessado em Bugs. Todos os outros homens foram desclassificados por um motivo ou outro — estavam com as esposas, ou eram velhos demais para lhe dar prazer ou jovens demais para que ela lhes desse prazer, ou estavam interessados uns nos outros ou em membros da tripulação. Ela teria que usar seu tempo livre ali para dar um bom trato na pele e ler um livro inteiro.

— Mas quem você escolheria — perguntou ela a Averill — se você fosse escolher por mim?

— E o capitão? — perguntou Averill.

— Brilhante — disse Jeanine. — Meio difícil, mas brilhante.

Ela descobriu que a idade do capitão era ok: ele tinha cinquenta e quatro. Era casado, mas a esposa ficara em Bergen. Ele tinha três filhos, já crescidos ou quase. Não era norueguês e sim escocês, nascido em Edimburgo. Partira para o mar aos dezesseis e já capitaneava aquele navio havia dez anos. Jeanine descobriu tudo isso perguntando a ele. Ela lhe disse que ia escrever um artigo para uma revista, sobre navios de passageiros (talvez ela fizesse isso mesmo). Ele lhe mostrou todo o navio, incluindo a própria cabine. Ela achou que isso era um bom sinal.

A cabine dele era asseada e organizada. Havia uma foto de uma mulher gorda, de aparência agradável, usando um suéter grosso. O livro que ele estava lendo era de John le Carré.

— Essa ele não sapeca, não — disse Bugs. — Ele é metido demais para ela. Escocês metido.

Averill não hesitara em revelar as confidências de Jeanine, se é que eram confidências. Ela estava acostumada a relatar tudo, todos os detalhes vívidos — ela levava tudo para o apartamento na Huron Street, ou para a cabine no convés do navio: para Bugs. Tudo misturado no caldeirão da fofoca. A própria Bugs era perita em obter informações dos outros — ela obtinha revelações extravagantes e emaranhadas das fontes mais improváveis. Pelo que Averill sabia, ela não fazia segredo de nada.

Bugs disse que já tinha visto o tipo de Jeanine antes. Brilhante na superfície, uma catástrofe por baixo. Ela avisou a Averill que era um engano ficar muito próxima dela, embora ela mesma continuasse próxima. Ela contava a Jeanine histórias que Averill já ouvira antes.

Falou sobre o pai de Averill, que não foi descrito como um babaca ou admirador, mas como um velho medroso. Velho para o modo de Bugs pensar, pois ele só tinha quarenta anos. Ele era médico em Nova York. Bugs estava vivendo lá. Era uma jovem cantora tentando começar a carreira. Ela foi vê-lo por conta de uma

garganta inflamada (garganta inflamada era o bicho-papão de sua existência).

— Um sujeito que futuca olho, ouvido, nariz, garganta — disse Bugs. — Eu não imaginei que ele ia futucar em outras partes.

Ele tinha família. É claro. Ele foi a Toronto uma vez para uma conferência médica. Viu Averill.

— Ela estava em pé no bercinho, e quando o viu, começou a berrar feito uma ambulância. Eu disse a ele: “Você acha que ela puxou a minha voz?”. Mas ele não estava para piada. Ela o assustou. Velho medroso. Acho que ele só traiu a esposa essa vez.

“Eu sempre usei linguagem baixa. Eu gosto. Já gostava bem antes de ficar tão popular. Quando Averill tinha começado a estudar, a professora me telefonou e pediu que eu fosse à escola para conversarmos. Ela disse que estava preocupada por causa de algumas palavras que Averill andava usando. Quando Averill quebrava o lápis ou alguma coisa assim, ela dizia: ‘Ah, merda’. Ou talvez: ‘Ah, porra’. Ela dizia tudo o que estava acostumada a ouvir em casa. Eu nunca a repreendi. Eu só imaginei que ela se daria conta de que não eram palavras para todas as ocasiões. Mas como ela poderia perceber isso sozinha? Pobre Averill. Eu fui uma mãe muito ruim. E essa não é a pior parte. Você acha que eu assumi a responsabilidade para a professora e disse que ela tinha aprendido comigo? Não falei mesmo! Eu me comportei feito uma dama. ‘Oh, minha nossa. Oh, fico feliz de a senhora ter me contado. Oh, minha nossa.’ Eu sou uma pessoa horrível. Averill sempre soube disso. Não é, Averill?”

Averill disse que sim.

No quarto dia, Bugs parou de descer até o salão de jantar.

— Tenho notado que minhas guelras ficam cinzentas nesse horário — disse ela. — Eu não quero causar má impressão no professor. Ele pode não gostar tanto de mulheres mais velhas quanto gosta de dar a entender.

Ela disse que já comia o bastante no café e no almoço.

— O café da manhã sempre foi minha refeição favorita. E aqui o café da manhã é farto.

Averill retornou do jantar com pastéis e pães doces.

— Que bom — disse Bugs. — Mais tarde.

Ela tinha que dormir quase na vertical, apoiada em travesseiros.

— Talvez a enfermeira tenha oxigênio — disse Averill. Não havia médico a bordo, mas havia uma enfermeira. Bugs não quis vê-la. Não quis oxigênio.

— Não estão tão ruins — disse ela, referindo-se aos acessos de tosse. — Não são tão ruins como parece pelo som. São só espasmos pequenos. Eu acho que descobri... que eles são uma punição, e o motivo... já que eu nunca fumei... Eu pensei que talvez tenha sido... cantar na igreja sem acreditar? Mas não. Acho que foi... *A noviça rebelde*. Maria. Deus odeia esse musical.

Averill e Jeanine jogavam pôquer com o artista e o imediato norueguês. Averill sempre voltava algumas vezes ao convés para ver como Bugs estava. Bugs estaria dormindo ou fingindo dormir, e ao seu lado estariam as frutas e os pãezinhos, intocados. Averill abandonava o jogo cedo. Ela não ia imediatamente para a cama, embora dissesse estar com tanto sono que não conseguia manter os olhos abertos. Ela entrou sorrateiramente na cabine para pegar os pãezinhos e depois retornou para o convés. Ficou sentada no banco sob a janela. A janela sempre ficava aberta nas noites serenas e cálidas. Averill ficou ali sentada e comeu os pãezinhos o mais silenciosamente que pôde, mordendo com cuidado a crosta tostada e deliciosa. O ar marinho a deixava com fome, como deveria. Ou então era a sensação de ter alguém apaixonado por ela — a tensão. Em situações assim ela geralmente ganhava peso.

Ela ouvia a respiração de Bugs. Haustos breves, interrupções, acelerações esgarçadas, roncões, alguma apneia, até conseguir respirar de forma desimpedida. Ouvia Bugs quase acordando, mudando de posição, esfalfando-se, tentando ficar em melhor posição sentando-se na cama. E via o capitão, sempre que ele saía

para caminhar. Ela não sabia se ele a via. Nunca deu indicação disso. Nunca olhou em sua direção. Sempre olhava para a frente. Estava fazendo seu exercício à noite, quando havia menos chance de precisar ser sociável. Indo e voltando, indo e voltando perto da amurada. Averill não se mexeu — sentia-se como uma raposa na moita. Um animal noturno observando-o. Mas achava que ele não se espantaria se ela se mexesse ou o chamasse. Ele estava alerta a tudo o que se passava no navio, certamente. Sabia que ela estava ali, mas podia ignorá-la, por cortesia ou por seu próprio senso de confiança.

Ela pensou nas intenções de Jeanine por ele e concordou com a opinião de Bugs de que estavam condenadas ao fracasso. Averill ficaria decepcionada se não estivessem condenadas ao fracasso. O capitão não lhe parecera um homem necessitado. Ele não precisava perturbar ninguém, ou lisonjear, ou provocar, ou emboscar. Com ele não havia nada de “olhe para mim, me escute, me admire, me dê”. Nada disso. Ele tinha outras coisas em mente. O navio, o mar, o clima, a carga, a tripulação, os compromissos. Ele já devia ter se acostumado aos passageiros. Outro tipo de carga, precisando de outro tipo de atenção. Ociosos ou doentes, lubrificados ou enlutados, curiosos, impacientes, traquinas, reservados — ele já tinha visto de tudo. Ele saberia coisas sobre eles assim que os visse, mas nunca mais do que precisava saber. Ele saberia sobre Jeanine. História antiga.

Como ele decidia a hora de voltar? Cronometrava, ou contava seus passos? Ele tinha cabelos grisalhos e as costas retas, com uma solidez corporal na altura da cintura e do estômago evidenciando não indulgência mas autoridade pacífica. Bugs não pensara em nenhum apelido para ele. Ela o chamara de escocês metido, mas não teve mais interesse além disso. Não havia etiquetas fáceis nele por onde Bugs pegar, nada de exposições pessoais ou camadas brilhantes prontas para serem descascadas. Ele era um homem já feito havia muito, não um homem se construindo momento a momento e usando quem quer que aparecesse pela frente no processo.

Uma noite, antes de o capitão aparecer, Averill ouviu alguém cantando. Era Bugs quem cantava. Ela ouviu Bugs acordando, se ajeitando na cama e cantando.

Às vezes, nos últimos meses, Bugs cantava uma frase durante uma lição, baixinho, com grande cuidado e por pura necessidade, para demonstrar algo. Não era daquele jeito que ela cantava agora. Agora ela cantava levemente, como costumava cantar nos ensaios, guardando as forças para a apresentação. Mas ela cantava com verdade, apropriadamente, com doçura desimpedida — ou quase.

— *Vedrai carino* — cantava Bugs, como costumava cantar ao pôr a mesa, ou ao olhar pela janela do apartamento para a chuva lá fora, fazendo um esboço vocal delicado que poderia ser enriquecido com notas de adorno se ela assim quisesse. Ela talvez esperasse por alguém nessas ocasiões, ou cortejasse uma felicidade improvável, ou talvez apenas treinasse para o concerto.

Vedrai carino,

Se sei buonino,

Che bel remedio,

Ti voglio dar.

Averill erguera a cabeça de súbito ao ouvir a cantoria e seu corpo retesara como se na iminência de uma crise. Mas ninguém chamou seu nome e ela permaneceu onde estava. Depois do primeiro instante de alarme, ela sentiu a mesma coisa que sempre sentia quando a mãe cantava. As portas se abriram sem esforço, havia um espaço iluminado mais à frente, uma revelação de bondade e seriedade. Júbilo abençoado, desejável, e seriedade, um jogo bondoso que não pedia nada de quem escutava. Nada além de aceitar aquela ordem luminosa. Aquilo alterava tudo, e quando Bugs parava de cantar, tudo sumia. Sumia. Parecia que a própria Bugs tomava de volta. Bugs podia insinuar que era apenas um truque e nada mais. Ela podia insinuar que o ouvinte era um tanto tolo ao notar aquilo. Era um presente que Bugs era obrigada a oferecer a todos.

Pronto. Isso é tudo. De nada.

Não é nada de mais.

Bugs tinha aquele segredo, que ela exibia abertamente, e então protegia ferrenhamente — de Averill e de todo o resto.

Averill não é muito musical, graças a Deus.

O capitão apareceu no convés assim que Bugs parou de cantar. Ele pode ter ouvido a última parte, ou estar esperando decentemente nas sombras até que terminasse. Ele caminhava e ela observava.

Averill conseguia cantar mentalmente. Mas mesmo em sua mente ela nunca cantava as canções que associava a Bugs. Nenhuma das canções de Zerlina, nem as partes para soprano dos oratórios, nem mesmo “Farewell to Nova Scotia” ou alguma das canções folclóricas que Bugs ridicularizava por causa do sentimentalismo, embora as cantasse como um anjo. Averill cantava um hino. Ela não sabia de onde ele tinha vindo. Não poderia tê-lo aprendido com Bugs. Bugs não gostava de hinos, geralmente. Averill deve tê-lo aprendido na igreja, quando era criança e tinha de acompanhar Bugs quando ela cantava.

Era o hino que começa com “O Senhor é meu pastor”. Averill não sabia que ele vinha de um salmo — ela não tinha frequentado a igreja o suficiente para saber sobre os salmos. Conhecia todas as palavras do hino, que — ela tinha de admitir — era cheio de egoísmo árduo, triunfo direto e, particularmente em um verso, uma espécie de jactância infantil:

Preparaste minha mesa

Diante de meus inimigos

Mentalmente, Averill cantava aquelas palavras de modo descuidado, confiado e irracional, enquanto observava o capitão andando à frente e, mais tarde, enquanto caminhava em segurança ao longo da amurada:

Bondade e misericórdia

Me seguirão por toda a vida;

E habitarei na casa do Senhor

Por todo o sempre.

Seu canto silencioso envolvia a história que ela contava para si mesma, e que aumentava a cada noite passada no convés (Averill contava histórias para si mesma frequentemente — isso parecia tão inevitável quanto sonhar). Seu canto era uma barreira interposta entre o mundo em sua cabeça e o mundo exterior, entre seu corpo e o dilúvio de estrelas, o espelho negro do Atlântico Norte.

Bugs parou de aparecer para o almoço. Ela ainda aparecia para o café, e comportava-se de maneira jovial, e ainda uma hora depois disso, mais ou menos. Dizia que não se sentia pior, que estava cansada de escutar e falar. Ela não cantou novamente, pelo menos não quando Averill podia ouvir.

Na nona noite, que era a última antes de atracarem em Tilbury, Jeanine deu uma festa em sua cabine. Ela tinha a maior e melhor cabine no convés. Ela trouxe champanhe, que levava a bordo para esse fim, uísque e vinho, junto com caviar, uvas, pilhas de salmão defumado, *steak tartare* e queijo e pão ázimo, encontrados inesperadamente na cozinha do navio. Ela dizia:

— Estou esbanjando. Estou gastando mesmo. Vou acabar mendigando na Europa com uma trouxa nas costas, roubando ovos de galinheiro. Eu não me importo. Eu vou pegar o endereço de vocês e quando ficar pobre, vou visitar vocês e passar um tempo. Não é para rir!

Bugs fizera menção de ir à festa. Ela ficara de cama o dia todo, sem nem sair para o café, para poupar forças. Levantou-se, tomou banho e ficou apoiada nos travesseiros, se maquiando. Produziu-se com esmero e pintou os olhos. Escovou, remexeu e passou spray nos cabelos. Pôs o grande vestido de solista que Averill fizera: um vestido longo de corte quase reto de seda púrpura e mangas amplas forradas de seda em prata e rosa iridescente.

— Cor de berinjela — disse Bugs. Ela se virou para fazer a barra do vestido ondular. Ao fazer isso ela perdeu o equilíbrio e teve que se sentar.

— É melhor eu pintar as unhas — disse ela. — Mas vou esperar mais. Estou tremendo um pouquinho.

— Eu posso fazer isso — disse Averill, que prendia grampos no cabelo.

— Pode? Mas eu acho que... acho que não vou. É melhor não. Acho melhor ficar aqui descansando. Amanhã tenho que estar em boa forma. Vamos atracar.

Averill a ajudou a tirar o vestido e lavar o rosto e colocar a camisola de volta. Ela a ajudou a se deitar.

— Que pecado, com um vestido desses — disse Bugs. — Não ir à festa. Um vestido assim merece sair. Você podia usá-lo. Use. Por favor.

Averill achava que púrpura não lhe caía bem, mas acabou deixando de lado o vestido verde e usando o de Bugs. Ela foi para a festa sentindo-se estranha, desafiadora e absurda. Estava tudo bem — todos tinham se arrumado, alguns até demais. Até os homens pareciam vestidos com maior esmero. O artista usava uma velha jaqueta de smoking com jeans, e o professor apareceu em um terno branco de corte folgado, parecendo um frequentador de bailes da saudade. O vestido de Jeanine era preto e exíguo. Ela também usava meias-calças pretas de costura aparente e grandes joias de ouro. Leslie se afogava em tafetá, com rosas vermelhas e cor-de-rosa em um fundo bege. O material se juntava em uma grande rosa sobre suas nádegas generosas; o professor ficava ajeitando, arranjando e mexendo as pétalas para obter o melhor efeito. Parecia que ele estava novamente fascinado por ela. Ela estava aliviada e altiva, florescendo timidamente.

— Sua mãe não vem? — perguntou o professor a Averill.

— Ela fica entediada em festas — disse Averill.

— Eu tenho a impressão de que muitas coisas a entediam. Eu já notei isso em artistas, e é compreensível. Eles têm que se concentrar muito neles mesmos.

— Quem é essa, a Estátua da Liberdade? — perguntou o artista, alisando a seda do vestido de Averill. — Há alguma uma mulher aí dentro, afinal?

Averill soubera que ele vinha falando sobre ela com Jeanine ultimamente, perguntando se ela era lésbica, se Bugs não seria sua rica e ciumenta amante, e não sua mãe.

— Isso é uma mulher ou um pedaço de concreto? — disse ele, ajustando a seda ao quadril dela.

Averill não se importou. Era a última noite em que ela o veria. E ela estava bebendo. Ela gostava de beber. Gostava especialmente de beber champanhe. A bebida não a deixava excitada, mas sim desatenta e complacente.

Ela conversou com o imediato, que estava noivo de uma moça das montanhas e demonstrava uma agradável falta de interesse romântico por Averill.

Ela conversou com a cozinheira, uma bela mulher que antes ensinara inglês em colégios noruegueses e agora se atirava a uma vida com mais aventura. Jeanine dissera a Averill que parecia que a cozinheira e o artista andavam dormindo juntos, e o leve tom irônico e desafiador na amabilidade da cozinheira fez Averill achar que era verdade.

Ela conversou com Leslie, que disse já ter sido harpista. Uma jovem harpista tocando música no restaurante de um hotel, e o professor a avistara de entre as samambaias. Ela não tinha sido estudante, como as pessoas pensavam. Foi depois de terem se envolvido que o professor a fez matricular-se em alguns cursos para expandir sua mente. Ela deu uma risadinha enquanto bebia champanhe, e disse que não tinha funcionado. Ela resistira à expansão da mente, mas parara de tocar harpa.

Jeanine falou com Averill no tom mais baixo e sigiloso que conseguiu:

— Como você vai se virar com ela? Como vai ser na Inglaterra? Como você vai levá-la no trem? Isso é sério.

— Não se preocupe — respondeu Averill.

— Eu não fui franca com você — disse Jeanine. — Eu preciso ir ao banheiro, mas quando eu voltar eu quero contar uma coisa para você.

Averill esperava que Jeanine não quisesse revelar mais coisas sobre o artista ou dar mais conselhos quanto a Bugs. Não era o

caso. Quando ela voltou do banheiro, começou a falar de si mesma. Disse que não estava de férias como antes declarara. Tinha sido abandonada. Pelo marido, que a deixara por uma idiota gostosona, recepcionista na estação de trem. O trabalho de recepcionista envolvia ficar pintando as unhas e de vez em quando atender ao telefone. O marido achava que ele e Jeanine ainda podiam ser amigos, e ia visitá-la, bebendo o vinho da casa e descrevendo as fofuras da amante. O jeito como ela ficava na cama fazendo as unhas — tinha que ser as unhas. Ele queria que Jeanine risse junto com ele e se apiedasse de seu amor mal escolhido e embriagado. E ela o fazia. Vez após vez ela cedia ao que ele queria e escutava as histórias e via seu vinho desaparecer. Ele disse que amava Jeanine — como a irmã que ele nunca teve. Mas agora Jeanine queria arrancá-lo de sua vida pela raiz. Afastara-se, estava longe. Queria viver.

Ela ainda estava de olho no capitão, embora o tempo estivesse acabando. Ele recusara o champanhe e bebia uísque.

A cozinheira tinha trazido uma bandeja de café para os que não bebiam ou que queriam ficar sóbrios mais rápido. Quando alguém finalmente provou uma xícara, descobriu-se que o creme estava azedando, provavelmente por ficar muito tempo em um ambiente morno. Sem se abalar, a cozinheira levou tudo de volta, prometendo trazer mais.

— Vai ficar bom com panquecas de manhã — disse ela. — Com açúcar mascavo nas panquecas.

Jeanine disse que alguém lhe dissera que quando o leite azedava era sinal de que havia alguém morto no navio.

— Eu achava que era superstição — disse Jeanine. — Mas a pessoa falou que não, que existe um motivo. É o gelo. Eles usam o gelo todo para preservar o corpo, e aí o leite azeda. Ela disse que já tinha visto isso acontecer em um navio nos trópicos.

Entre risadas, perguntaram ao capitão se o navio estava com algum problema parecido.

— Não que eu saiba. E temos muito espaço no refrigerador.

— Bom, mas vocês fazem o enterro no mar, não é? — disse Jeanine. — Dá para casar no mar e ser enterrado no mar, não é? Ou

vocês os guardam no refrigerador mesmo e depois mandam para casa?

— Nós agimos conforme cada caso.

Então perguntaram se já havia acontecido com ele, se ele já guardara corpos, se já os enterrara no mar.

— Um rapaz, uma vez. Um dos tripulantes; morreu de apendicite. Ele não tinha família conhecida e nós o enterramos no mar.

— Essa é uma expressão engraçada, quando a gente para e pensa — disse Leslie, que já estava rindo de tudo. — “Enterrado no mar.”

O capitão disse:

— E teve outra vez, só que foi uma mulher.

Então ele contou uma história a Jeanine, Averill e alguns outros que estavam por perto (mas não para Leslie, cujo marido já a havia levado embora).

Certa vez havia duas irmãs viajando no navio dele. Era um itinerário diferente, alguns anos atrás, no Atlântico Sul. As irmãs pareciam ter vinte anos de diferença, mas isso era apenas porque uma delas estava muito doente. Ela talvez nem fosse muito mais velha — e talvez não fosse mesmo. Provavelmente as duas estavam na casa dos trinta. Nenhuma era casada. A que não estava doente era muito bonita.

— A mulher mais bonita que já vi na vida — disse o capitão, solene como se descrevesse uma paisagem ou um edifício.

Ela era muito bonita, mas não prestava atenção em mais ninguém além da irmã, que jazia na cabine com o que parecia ser um problema de coração. A outra costumava sair à noite e sentar-se no banco embaixo da janela da cabine. Às vezes ela caminhava pela amurada, indo e voltando, mas nunca se afastava muito da cabine. O capitão imaginava que ela queria ficar a uma distância em que ainda pudesse ouvir a irmã, caso a irmã precisasse dela (não havia médicos a bordo na ocasião). O capitão a via sentada lá quando saía para seu passeio noturno, mas fingia não vê-la, porque lhe parecia que ela não queria ser vista nem ser forçada a dar um alô.

Mas certa noite ele estava passeando pelo convés e a ouviu chamar. Ela chamou tão baixinho que ele mal a ouviu. Ele foi até o banco e ela disse: “Capitão, com licença, minha irmã acabou de morrer”.

Com licença, minha irmã acabou de morrer.

Ela o levou até a cabine e ele viu que ela estava certa. A irmã jazia na cama perto da porta. Seus olhos estavam semiabertos — ela acabara de morrer.

— As coisas ficaram um pouco bagunçadas, como é normal em situações assim — disse o capitão. — E pelo jeito que a moça reagiu, eu soube que ela não estava na cabine quando aquilo aconteceu, ela estava fora.

Nem o capitão nem a mulher disseram uma palavra. Começaram a ajeitar e limpar tudo, juntos, e lavaram o corpo e o endireitaram e fecharam seus olhos. Quando terminaram, o capitão perguntou a quem ele devia informar o acontecido. “Ninguém”, respondera a mulher. Ninguém. “Somos só nós duas”, disse ela. O capitão perguntou se ela queria que o corpo fosse sepultado no mar, e ela disse que sim. Ele marcou para o dia seguinte — para a manhã seguinte, e ela perguntou: “Por que precisamos esperar? Não podemos fazer isso agora?”.

Claro que era uma boa ideia, embora o capitão não tivesse desejado forçar a mulher àquilo. Quanto menos os outros passageiros, e mesmo a tripulação, soubessem do que tinha acontecido, melhor. E era a época quente, verão no Atlântico Sul. Enrolaram o corpo em um dos lençóis e passaram pela janela, aberta para ventilar. A irmã morta era leve — tinha se consumido na doença. Eles a levaram até a amurada. Então o capitão disse que iria pegar corda para amarrar bem o corpo, de forma que não se soltasse do lençol ao ser jogado pela amurada. A mulher perguntou se não poderiam usar cachecóis, e então correu até a cabine, retornando com vários cachecóis e xales, peças de roupa muito bonitas. O capitão amarrou o corpo com os tecidos e disse que iria à cabine pegar o livro para ler as palavras do rito. A mulher riu e disse: “De que serve esse livro aqui? Está escuro demais para ler”. Ele viu que ela temia ficar sozinha com o corpo. Ela estava

certa sobre estar escuro demais para ler. Ele podia pegar uma lanterna. O capitão não se lembrava se tinha chegado a pensar nisso. Ele não queria mesmo deixá-la sozinha; não gostava do estado em que ela estava.

Ele perguntou a ela o que deveria dizer então. Alguma oração?

Ela disse para ele dizer o que quisesse, e ele recitou o Pai Nosso — ele não se lembra se ela o acompanhou — e depois algo como “Senhor Jesus Cristo, em Teu nome enviamos esta mulher às profundezas, tende piedade da alma dela”. Algo assim. Eles ergueram o corpo e o largaram sobre a amurada. Quase não fez barulho algum ao bater na água.

Ela perguntou se aquilo era tudo, e ele respondeu que sim. Ele teria de preencher alguns formulários e redigir o atestado de óbito. Ele perguntou de que ela tinha morrido. Fora um ataque cardíaco? Ele se perguntou que encanto o enfeitiçara para não ter se lembrado de perguntar aquilo antes.

A mulher respondeu: “Ah ... eu matei ela”.

— Eu sabia! — gritou Jeanine. — Sabia que era assassinato!

O capitão levou a mulher de volta ao banco sob a janela da cabine — que agora estava acesa feito árvore de Natal — e perguntou o que ela queria dizer com isso. Ela disse que estava sentada ali naquele local, e ouvira a irmã chamar por ela. Ela sabia que a irmã estava com problemas. Sabia o que era: a irmã precisava de uma injeção. Mas a mulher não se mexeu. Ela tentou se mexer — quer dizer, ficou pensando em se mexer; viu-se levantando e indo até a cabine, pegando a seringa... ela se viu fazendo tudo aquilo, mas não estava se mexendo. Ela se forçou, mas não conseguiu. Ficou ali parada feito pedra. Não conseguiu se mover, como não conseguimos fugir do perigo em pesadelos. Ela ficou sentada e escutou até perceber que a irmã tinha morrido. Então o capitão aparecera e ela chamara por ele.

O capitão disse que ela não tinha matado a irmã.

Ele perguntou se a irmã dela não teria morrido de qualquer maneira. Se não teria morrido em breve — se não naquela noite, em breve. Ela respondeu que sim. Provavelmente. “Provavelmente não”, respondeu o capitão. “Com certeza. Provavelmente não:

certamente.” Ele iria colocar ataque cardíaco no atestado de óbito, e isso seria tudo. Ele disse a ela que ficasse calma. “Vai ficar tudo bem”, ele disse.

Ele pronunciou “calma” à maneira escocesa, rimando com “lamb”.

A mulher disse que sim, que sabia que em parte as coisas ficariam bem. “Eu não me sinto culpada”, ela disse, “eu acho que a gente deve se lembrar do que fez.”

— Então ela foi até a amurada — disse o capitão. — E claro que eu fui com ela, pois não sabia o que ia fazer. E ela começou a cantar um hino. Isso foi tudo. Acho que foi a contribuição dela ao serviço. Ela cantou tão baixo, mal dava para ouvir, mas eu conhecia o hino. Não consigo me lembrar qual era, mas eu conhecia perfeitamente.

Averill começou a cantar:

— Bondade e misericórdia me seguirão por toda a vida.

Ela cantou baixo mas com segurança, a ponto de Jeanine agarrá-la pela cintura, gritando:

— Olha a Maria Champanhe!

O capitão pareceu surpreso por um instante. Então ele disse:

— Acho que pode ter sido esse. — Ele pode ter cedido algo de sua história, um cantinho dela, para Averill. — Pode ter sido esse, sim.

Averill disse:

— Esse é o único hino que eu conheço.

— Mas isso é tudo? — disse Jeanine. — Não havia nenhuma herança da família? Elas não estavam apaixonadas pelo mesmo homem? Não? Não foi como nas novelas, então.

O capitão disse que não, não foi como nas novelas.

Averill achava que sabia o resto. Como poderia não saber? Era a sua história. Ela sabia que depois que a mulher terminou de cantar o hino o capitão pegou a mão dela da amurada. Levou a mão à boca e a beijou. Beijou as costas da mão, depois a palma (que em seu sotaque escocês rimava com “lamb”). A mão que havia pouco participara de um ritual funéreo.

Em algumas versões da história, isso foi tudo o que ele fez, e foi o suficiente. Em outras versões, ele não se satisfaria tão facilmente. Nem ela. Ela o acompanhava pelo corredor até o interior da cabine iluminada, e ali ele fazia amor com ela na mesma cama que, de acordo com ele, eles tinham desocupado e limpo, mandando a ocupante e um lençol para o fundo do oceano. Eles ficaram ali porque não conseguiram esperar até chegarem à outra cama debaixo da janela, não podiam esperar até começar a fazer amor, que duraria até o amanhecer e que teria que durar até o fim dos seus dias.

Às vezes eles desligavam a luz, às vezes não se importavam.

O capitão contara a história como se a mãe e a filha fossem irmãs e ele fizera o navio estar no Atlântico Sul, e deixara de fora o final — também acrescentara vários detalhes por conta própria — mas Averill achava que ele tinha contado a sua história. Era a história que ela vinha contando para si mesma noite após noite no convés, sua história perfeitamente secreta, contada para ela. Ela a tinha criado e ele a pegara e contara em segurança.

Acreditar que algo assim podia acontecer a fazia sentir-se sem peso, distinta, brilhante como um peixe na água.

Bugs não morreu aquela noite. Ela morreu duas semanas depois, na Enfermaria Real em Edimburgo. Conseguira chegar até lá de trem.

Averill não estava junto quando ela morreu. Estava a alguns quarteirões de distância, comendo uma batata assada em uma lanchonete.

Bugs deu uma de suas últimas declarações coerentes sobre a Enfermaria Real. Ela disse:

— Parece algo do *Velho Mundo*, não é?

Averill, saindo para comer depois de passar o dia todo no hospital, ficara surpresa ao descobrir que ainda havia tanta luz no céu, e que tantas pessoas alegres, em roupas coloridas, estavam pelas ruas, falando francês e alemão, e provavelmente outras tantas línguas que ela não reconhecia. Todo ano, por aquela época, a cidade natal do capitão promovia um festival.

Averill levou o corpo de Bugs para casa de avião, para um funeral com boa música em Toronto. Ela se viu sentada ao lado de outro canadense retornando da Escócia — um jovem que competira em um famoso torneio de golfe amador e não se saíra tão bem quanto esperava. Fracasso e perda fizeram com que fossem bons um para o outro, e cada um ficou facilmente fascinado com a ignorância do outro a respeito de esporte e música. Como ele vivia em Toronto, foi fácil para o jovem comparecer ao funeral.

Em pouco tempo ele e Averill se casaram. Depois de algum tempo já não eram tão bons nem tão fascinados um com o outro, e Averill começou a pensar que tinha escolhido o marido principalmente porque Bugs teria considerado a escolha impensável. Eles se divorciaram.

Mas Averill encontrou outro homem, bem mais velho que ela, um professor de teatro do segundo grau e diretor de peças. Seu talento era mais confiável que sua boa vontade — seus modos eram irônicos, casuais, petulantes de um jeito perturbador. Ou ele fascinava as pessoas, ou causava considerável repulsa. Ele tinha tentado se manter livre de relacionamentos.

Mas a gravidez de Averill os persuadiu a se casar. Ambos desejavam uma filha.

Averill nunca mais viu nem ouviu falar das pessoas que estavam no navio.

Averill aceita a oferta do capitão. Ela foi absolvida e teve sorte. Ela flutua como os peixes brilhantes em seu vestido de seda escuro.

Ela e o capitão se despedem desejando boa noite. Suas mãos se tocam cerimoniosamente. A pele de suas mãos formiga com o toque.

AH, DE QUE SERVE

i – zé-caolho

Eles estão na sala de jantar. O assoalho envernizado está completamente exposto, exceto pelo tapete em frente ao aparador de louça. Não há muita mobília: uma mesa longa, algumas cadeiras, o piano, o aparador de louça. Do lado interno das janelas, todas as persianas de madeira estão fechadas. São de um azul-fosco, azul-cinzentos. Parte da tinta que as recobre, e aos caixilhos da janela, já descascou. Parte foi se deixando descascar pelas unhas de Joan.

É um dia bastante quente em Logan. O mundo além das persianas está nadando em luz branca; as árvores e colinas longínquas ficaram transparentes; cães procuram as bombas-d'água e as poças ao redor dos bebedouros.

Uma amiga da mãe deles está ali. É a professora Gussie Toll, ou a esposa do funcionário da estação? As amigas da mãe deles são mulheres vivazes, frequentemente de passagem — à deriva e independentes, na atitude, se não de fato.

Na mesa sob o ventilador as duas mulheres espalharam cartas e estão lendo a sorte. Joan acha que elas conversam e riem como se conspirassem, provocando. Morris jaz no assoalho, escrevendo em um caderno. Ele escreve quantos exemplares da revista *Nova Liberdade* vendeu aquela semana, e quem pagou e quem ainda deve dinheiro. Ele é um rapaz de aparência sólida, perto dos quinze anos, bem-disposto, mas reservado; uma das lentes dos seus óculos é mais escura.

Quando Morris tinha quatro anos, ele vagava em meio à grama alta no canto do quintal, perto do regato, e tropeçou em um ancinho que fora deixado lá com as pontas para cima. Ele tropeçou, caiu nas pontas, sua testa e pálpebra se cortaram feio e o globo ocular se feriu. Por tanto tempo quanto Joan consegue lembrar — ela ainda era bebê quando isso aconteceu — ele teve aquela cicatriz, era cego de um olho e usava óculos com uma lente mais escura.

Um vagabundo deixara o ancinho ali. Assim dissera sua mãe. Ela disse que daria um sanduíche ao vagabundo se ele juntasse as folhas sob as amendoeiras. Ela entregou o ancinho e quando foi olhar de novo ele já tinha sumido. Ele se cansara de trabalhar ou ficara com raiva por ela ter pedido que ele trabalhasse antes. Ela esqueceu de ir lá fora procurar o ancinho — não tinha ninguém que a ajudasse a fazer nada. Em pouco mais de meio ano ela teve de aguentar três coisas: o nascimento de Joan, a morte do marido em um acidente de carro (ela acreditava que ele não estava bêbado, embora tivesse bebido) e a queda de Morris sobre o ancinho.

Ela nunca levou Morris para ver um médico em Toronto, um especialista, para tratar melhor da ferida ou obter melhores opiniões sobre as condições do olho. Ela não tinha dinheiro. Mas ela não poderia pegar algum emprestado (Joan, já velha, se perguntava isso), não podia ter ido até o Lions Club e pedido ajuda, como às vezes eles faziam com pobres em uma emergência? Não. Não, não podia. A mãe de Joan não podia crer que ela e os filhos fossem pobres à maneira que as pessoas que o Lions Club ajudava eram. Eles viviam em uma casa grande. Eram proprietários, recebiam aluguel de três casas menores do outro lado da rua. Ainda eram donos da serraria, embora às vezes ficassem com apenas um empregado (a mãe deles gostava de se chamar de “Mãe Fordyce”, por causa da Mãe Perkins, uma viúva de uma radionovela, que também era dona de uma serraria). Eles não tinham a liberdade de movimentos dos que são realmente pobres.

O que é mais difícil para Joan entender é por que o próprio Morris nunca fez nada a respeito. Agora Morris tem dinheiro. E não seria mais nem pelo dinheiro. Morris paga as prestações do plano de saúde do governo, como todo mundo. Ele tem o que a Joan

parecem noções direitistas sobre paparicagem do governo, responsabilidade individual e a imoralidade da maior parte dos impostos, mas ele paga. Não faria sentido para ele tentar obter algo em retorno? Um trabalho melhor de reconstrução da pálpebra? Um desses olhos artificiais novos, com uma sensibilidade mágica que lhes permite se mover com o outro olho? Isso só requereria uma ida à clínica, algum incômodo, aturar os médicos mexendo e cutucando um pouco...

Tudo o que seria necessário seria Murray admitir que gostaria de mudar. Que não é vergonhoso tentar devolver o infortúnio que o destino pendurou em seu pescoço.

A mãe deles e uma amiga estão bebendo rum com Coca-Cola. Existe um clima de relaxamento na casa que surpreenderia quase todos os companheiros de escola de Joan e Morris. A mãe deles fuma, e bebe rum com Coca-Cola nos dias quentes de verão, e permitiu que Morris fumasse e dirigisse quando ele fez doze anos (ele não gosta de rum). A mãe deles não menciona o infortúnio. Ela fala sobre o vagabundo e o ancinho, mas o olho de Morris já parece ser apenas um elemento decorativo um pouco diferente. Ela lhes transmite a sensação de serem parte de algo especial. Não porque o avô deles fundou a serraria — ela ri disso, diz que ele foi apenas um lenhador que deu sorte, e ela mesma não era ninguém; tinha vindo para a cidade como caixa de banco — e não por causa da casa grande, fria e difícil de cuidar, mas por causa de algo particular, reservado, em sua pequena família. Tem a ver com a maneira como eles fazem piada, como falam das pessoas. Eles têm apelidos secretos — a mãe deles inventou a maior parte para quase todo mundo na cidade. E ela conhece muita poesia, dos tempos de escola ou algo assim. Ela tasca um dístico em alguém, resumindo a pessoa inteira de uma forma absurda e inesquecível. Ela olha pela janela, diz alguns versos e eles já sabem quem foi que passou. Às vezes ela declama enquanto mexe o mingau que eles comem no almoço, no jantar e no café, por ser barato.

As piadas de Morris são trocadilhos. Ele é turrão e cara limpa a respeito disso, e a mãe finge que ele a deixa louca. Uma vez ela

disse que se ele não parasse, ela derramaria açúcar no purê de batatas dele. Ele não parou, e ela derramou mesmo.

Há um cheiro na casa dos Fordyce, e vem do gesso e do papel de parede nos cômodos que foram trancados, dos pássaros mortos nas chaminés desativadas, ou dos ratos cujos grãosinhos de cocô são encontrados no armário de tecidos. As portas de madeira na arcada entre a sala de jantar e a de estar estão trancadas, e apenas a sala de jantar é usada. Uma partição barata isola o saguão lateral do salão da frente. Eles não compram carvão nem consertam a fornalha decrépita. Aquecem os quartos que ocupam com dois fogões, queimando aparas da serraria. Nada disso importa, nenhuma privação, dificuldade ou pobreza importa. O que importa? Piadas e sorte. Eles têm sorte por serem os produtos de um casamento cuja felicidade durou cinco anos e se proclamou do alto de festas e bailes e em fugas maravilhosas. Lembretes permanecem por toda parte — discos de gramofone, vestidos frágeis e já sem forma feitos de materiais como georgete cor de abacate ou seda muaré cor de esmeralda, uma cesta de piquenique com um frasco prateado. Não era uma felicidade do tipo quieto; havia muita bebida, roupas chiques, eventos com amigos — a maioria de outros lugares, até de Toronto — que agora se esvaneceram, muitos deles também obliterados pela tragédia, pela pobreza súbita daqueles anos, pelas complicações.

Eles escutam a aldrava batendo na porta da frente de um jeito que nenhum visitante com modos decentes bateria.

— Eu sei, eu sei bem que é — diz a mãe deles. — É a Dona Doida Buttler, querem apostar? — Ela descalça os sapatos de lona e abre com cuidado as portas da arcada para não rangerem. Ela vai na ponta dos pés até a janela da frente da sala de estar desativada, de onde ela pode espiar pelas persianas e ver a varanda da frente. — Ah, droga, é ela.

A sra. Buttler mora em uma das três casas de cimento do outro lado da rua. É inquilina. Ela tem os cabelos brancos, mas ajeitados no alto sob um turbante feito de retalhos coloridos de veludo. Usa

um longo casaco escuro. E tem o hábito de parar crianças na rua para perguntar coisas. “Só agora você está indo pra casa da escola? Eles fizeram você ficar até mais tarde? Sua mãe sabe que você masca chiclete? Você jogou tampinhas de garrafa no meu quintal?”

— Ah, droga — diz a mãe deles. — Se tem alguém que eu não queria ver agora...

A sra. Buttler não os visita sempre. Ela aparece irregularmente, trazendo alguma lenga-lenga de reclamação, alguma notícia terrivelmente urgente. Muitas mentiras. Então, pelas semanas seguintes, ela passa pela casa sem olhar, com as passadas longas e rápidas e o meneio de cabeça para diante que acabam com toda a dignidade de suas roupas negras. Ela sempre parece ter sido afrontada, sempre preocupada, sempre murmurando para si mesma.

A aldrava soa outra vez, e a mãe deles caminha devagarzinho até a porta no saguão da frente. Ali ela para. Em um lado da grande porta da frente há um painel de vidro colorido com um design tão intrincado que é difícil ver através dele; do outro lado, onde o painel foi quebrado (“foi numa noite em que exageramos um pouco na festa”, disse a mãe deles), há uma placa de madeira. A mãe deles fica diante da porta latindo. *Au, au, au*, e soa como um cãozinho zangado, trancado sozinho na casa. A cabeça metida no turbante da sra. Buttler se aperta contra o vidro enquanto ela tenta ver o que se passa ali dentro. Ela não consegue. O cachorrinho late mais alto. Um frenesi de latidos — excitação zangada — no qual a mãe intromete palavras, dizendo “sai, sai, sai”. E “doida-au, doida-au, doida-au. Sai, sai, sai, dona doida, sai, sai, sai!” A sra. Buttler fica do lado de fora por algum tempo no calor insuportável, bloqueando a luz através do vidro.

Na próxima visita ela diz:

— Eu não sabia que vocês tinham um cachorro.

— Nós não temos — diz a mãe deles. — Nunca tivemos cachorro. Às vezes eu acho que gostaria de um. Mas nós nunca tivemos.

— Bom, eu vim aqui outro dia e não tinha ninguém em casa. Ninguém atendeu a porta, e posso jurar que ouvi um cachorro

latindo.

— Pode ser algum distúrbio no seu ouvido, sra. Buttler — diz a mãe deles. — É melhor ver um médico.

Mais tarde, a mãe diz para eles:

— Acho que eu viraria um cachorro fácil, fácil. Meu nome podia ser Skippy.

Eles têm um apelido para a sra. Buttler. “sra. Buncler”, “sra. Buncle”, finalmente “sra. Carbúnculo”. Caiu bem. Sem saber direito o que era um carbúnculo, Joan percebeu como o nome era adequado, vinculando-se memoravelmente a algo nodoso, mortiço, esquisito, intratável, no rosto e no caráter da vizinha.

A sra. Carbúnculo tinha uma filha chamada Matilda. Não tinha marido, apenas a filha. Quando os Fordyce se sentavam na varanda lateral depois do jantar — a mãe fumava e Morris fumava também, como homem da casa — às vezes viam Matilda dobrando a esquina, indo até a confeitaria que ficava aberta até tarde, ou pegar um livro da biblioteca antes que fechasse. Ela nunca aparecia com algum amigo. Quem levaria um amigo para uma casa governada pela sra. Carbúnculo? Mas Matilda não parecia solitária ou tímida ou infeliz. Ela estava usando uma bela roupa. A sra. Carbúnculo sabia costurar — de fato, era como ganhava algum pouco dinheiro, costurando e fazendo ajustes para a Gillespie’s Moda Feminina e Masculina. Ela vestia Matilda em cores pálidas, quase sempre com longas meias brancas.

— Rapunzel, Rapunzel, jogue as tranças cor de mel! — diz a mãe deles, baixinho, vendo Matilda passar. — Como é que ela pode ser a filha da sra. Carbúnculo? Alguém me diz!

A mãe deles diz que há algo suspeito aí. Ela não ficaria surpresa — não ficaria surpresa *mesmo* — se descobrisse que Matilda é na verdade a filha de alguma moça rica, ou o produto de alguma paixão adúltera, de quem a sra. Carbúnculo é paga para cuidar. Talvez, por outro lado, Matilda tenha sido sequestrada quando era bebê, e não sabe de nada a respeito.

— Essas coisas acontecem — diz a mãe deles.

A beleza de Matilda, que provocara aquela conversa, era realmente do tipo “princesa cativa”. Era a beleza das ilustrações de livros de histórias. Cabelos castanho-claros longos, ondulantes, com luzes douradas, que era chamado de louro na época em que o louro artificial só existia nos tons mais descarados. Pele branca e rosada, olhos azuis grandes e amenos. “O leite da bondade humana” era a expressão que surgia misteriosamente na cabeça de Joan quando ela pensava em Matilda. E havia algo de lácteo no azul dos olhos de Matilda, e em sua pele e em sua aparência. Alguma coisa láctea, fria e bondosa — talvez algo burro. Todas aquelas princesas das histórias não tinham afinal uma marca de ternura, um véu de estupidez cobrindo suas belezas douradas, um ar de sacrifício inconsciente, de benevolência impotente? Tudo aquilo transparecia em Matilda na idade de doze ou treze. Tinha a idade de Morris e estava na mesma sala de aula de Morris. Mas ela se saía bem lá, então parecia que não era burra. Era conhecida como soletradora campeã.

Joan coletava todas as informações sobre Matilda que encontrava e familiarizou-se com todas as roupas que Matilda usava. Ela armava planos para topa com ela, e como moravam no mesmo quarteirão, isso frequentemente acontecia. Lânguida de amor, Joan notava cada variação na aparência de Matilda. O cabelo dela caía para a frente sobre os ombros hoje, ou era afastado do seu rosto?

Ela tinha passado esmalte claro nas unhas? Estava usando a blusa de raíom azul-pálido com gola de renda, que lhe emprestava um ar suave e caprichoso, ou a camisa branca engomada, que a transformava em uma estudante dedicada? Matilda tinha um colar de contas de vidro cor-de-rosa claro, e ao vê-lo no alvo pescoço de Matilda, Joan sentia um suor delicado porejar do lado interno dos braços.

Certa vez Joan inventou nomes para ela. “Matilda” fazia pensar em cortinas rotas, tendas de tecido cinzento, em uma velha de pele frouxa. Que tal Sharon? Lilliane? Elizabeth? E então, sem que Matilda soubesse como, o nome de Matilda se transformou. E

começou a brilhar feito prata. O “il” era de prata, mas não metálico. Na mente de Joan o nome agora reluzia feito uma dobra de cetim.

Quanto às saudações, eram extremamente importantes, e Joan sentia a pulsação adejar na garganta enquanto esperava. Matilda deveria falar primeiro, é claro. Ela dizia “oi”, que era despreocupado, companheiro, ou “olá”, que era mais gentil e pessoal. De vez em quando ela dizia “Olá, Joan”, que indicava uma atenção tão especial que imediatamente deixava os olhos de Joan rasos d’água, e a prostrava em um delicioso, embaraçoso, fardo de felicidade.

Aquele amor feneceu, é claro. Como outras provações e emoções, passou, e o interesse de Joan por Matilda Buttler voltou ao normal. Matilda também mudou. Na época em que Joan estava no segundo grau, Matilda já trabalhava. Ela arranjou emprego em um escritório de advocacia, onde era secretária júnior. Agora que ganhava o próprio dinheiro e estava em parte livre do controle da mãe — apenas em parte, pois ainda vivia com ela —, ela mudou de estilo. Parecia que queria ser bem menos princesa e bem mais igual aos outros. Ela mudou o cabelo, usando-o na moda de então, que era de cortes curtos. Começou a usar maquiagem, batom brilhante vermelho, que endurecia a forma de sua boca. Vestia-se como as outras moças — em saias apertadas, longas, com fenda, blusas com laços fofos no pescoço e sapatos de bailarina. Perdeu a palidez e o distanciamento. Joan, que planejava obter uma bolsa e estudar arte e arqueologia na Universidade de Toronto, cumprimentava essa Matilda com formalidade. E o último fiapo de adoração se foi quando Matilda apareceu com um namorado.

O namorado era um homem bonito cerca de dez anos mais velho que Matilda. Tinha cabelo negro ralo, bigode fino e uma expressão determinada, desconfiada e pouco amigável. Era muito alto e se curvava sobre Matilda com o braço em sua cintura enquanto caminhavam pelas ruas. Eles ficavam pelas ruas o tempo todo porque a sra. Carbúnculo antipatizara fortemente com ele, e não permitia que ele entrasse em sua casa. De início ele não tinha

carro. Mais tarde conseguiu um. Diziam que era piloto de avião ou garçom em um restaurante chique, e não se sabia onde Matilda o tinha conhecido. Quando caminhavam, o braço dele ficava na verdade abaixo da cintura de Matilda — seus dedos espalmados repousavam firmes em seu osso da bacia. A Joan parecia que aquela mão firme e ousada tinha algo a ver com sua expressão sinistra e desafiadora.

Mas antes disso, antes de Matilda arranjar emprego ou cortar o cabelo, algo aconteceu que mostrou a Joan — na época já havia muito desapaixorada — um aspecto ou efeito da beleza de Matilda de que ele não suspeitara. Ela viu que uma beleza assim marcava as pessoas — em Logan, pelo menos — da mesma forma que ser coxo ou ter a língua presa. Era algo que isolava a pessoa — talvez mais severamente que uma leve deformidade, pois podia ser visto como uma repreensão. Depois que Joan compreendeu isso, já não se surpreendia — embora ainda se decepcionasse — ao ver que Matilda fazia o possível para camuflar ou se livrar de sua beleza assim que podia.

A sra. Buttler — sra. Carbúnculo —, quando invade a cozinha deles (e ela o faz com frequência), nunca tira o casaco preto nem o turbante multicolorido. Isso é para dar esperança, diz a mãe deles. Esperança de que ela já vá embora, de que você vai se ver livre dela em menos de três horas. E também para cobrir seja lá qual roupa horrorosa ela esteja usando por baixo. A sra. Carbúnculo usa o casaco preto todos os dias do ano, e por isso nunca precisa mudar de roupa. Dela vem um cheiro enjoativo de cânfora.

Quando ela chega, já está na metade da arenga, prosseguindo com a conversa da rua — falando sobre algo que lhe aconteceu, alguém que a ultrajou, como se as pessoas já soubessem o que — ou quem — tinha sido. Como se a vida dela fosse notícia e as pessoas tivessem perdido os últimos dois boletins. Joan está sempre disposta a ouvir a primeira meia hora do relatório — ou arenga —, de preferência de algum lugar fora da sala, para que possa se afastar quando começar a ficar repetitivo. Quando alguém

tenta sair do lugar e a sra. Carbúnculo vê, ela costuma perguntar sarcasticamente para onde a pessoa está indo com tanta pressa, ou então acusa a pessoa de não acreditar nela.

Joan está escutando da sala de jantar enquanto finge praticar a peça de piano para o concerto de Natal da escola. Joan está no último ano do primário e Matilda está no último ano de colégio. (Morris vai abandonar os estudos depois do Natal para assumir o controle da serraria.) É uma manhã de sábado no meio de dezembro: céu cinzento e geada forte. À noite haverá o Baile de Natal do colégio, o único baile formal do ano, e será no arsenal da cidade.

Quem pisou no calo da sra. Carbúnculo dessa vez foi o diretor do colégio. Trata-se de um homem ordinário chamado Archibald Moore, que é chamado costumeiramente pelos alunos de Ai-Que-Bola-Murcha ou só Bola-Murcha. A sra. Carbúnculo diz que ele não presta para o cargo. Diz que ele pode ser comprado e que todo mundo sabe disso. Só se passa no colégio molhando a mão dele.

— Mas as provas são preparadas em Toronto — diz a mãe de Joan, como se estivesse realmente intrigada. Ela gosta de ficar dando corda ao assunto por algum tempo, com objeções amenas e perguntas.

— Ele anda de conluio com eles também — diz a sra. Carbúnculo. — Com eles também. — Ela diz que se ele não tivesse molhado a mão de alguém, também não teria saído do colégio. Ele é muito burro. Um ignorante. Não sabe resolver os problemas no quadro-negro nem traduzir do latim. Ele anda com um caderno com as palavras do inglês todas escritas. E há alguns anos ele emprenhou uma moça aí.

— Oh, eu nunca ouvi falar disso! — diz a mãe de Joan, com gentileza a toda prova.

— Ele pagou para ficar tudo debaixo dos panos.

— Será que isso gastou o dinheiro todo que ele ganhou com as provas?

— Tinham é que ter chicoteado ele.

Joan toca suavemente o piano — *Jesus, alegria dos homens* é a peça, dificultada pelo fato de ela querer escutar o nome da tal

moça, ou saber como se livraram do bebê (certa vez a sra. Carbúnculo descreveu o jeito que um médico da cidade descartava os bebês frutos de seus acessos de lubricidade). Mas a sra. Carbúnculo agora rodeia o fulcro de sua irritação, e parece ser algo sobre o baile. Archibald Moore não organizou o baile direito. Ele devia sortear os nomes dos parceiros de cada um. Ou então dizer para irem sem parceiros. Ou um ou o outro. Assim Matilda poderia ir. Matilda não tem um parceiro — nenhum rapaz a convidou —, e ela diz que não vai sozinha. A sra. Carbúnculo falou que ela vai. Diz que vai fazê-la ir. O motivo é que o vestido do baile custou bem caro. A sra. Carbúnculo detalha o custo da tela, do tafetá, das borlas, do corpete reforçado (o vestido não tem alças), do zíper de cinquenta e cinco centímetros. Ela mesma fez o vestido, trabalhando nele horas sem conta, e Matilda o usou uma vez. Na noite anterior, na peça do colégio no palco da prefeitura, e só. Ela diz que não vai usá-lo aquela noite, que não irá ao baile porque ninguém a convidou. É tudo culpa de Archibald Moore, o trapaceiro, fornicador, ignorante.

Joan e a mãe viram Matilda na noite anterior. Morris não foi — ele não quer mais sair com elas à noite. Prefere ficar ouvindo o rádio ou rabiscar contas, provavelmente da serraria, em um caderno especial. Matilda fez o papel de um manequim por quem um jovem se apaixona. Quando voltaram, a mãe deles disse a Morris que ele tinha sido esperto por não ir — era uma peça boba até não poder mais. Matilda não falou, é claro, mas se manteve parada por um bom tempo, mostrando o perfil adorável. O vestido era maravilhoso: uma nuvem de neve com borlas de prata faiscante como geada.

A sra. Carbúnculo disse a Matilda que ela tem de ir. Com ou sem acompanhante, ela tem que ir. Ela tem que usar o vestido e vestir um casaco e sair de casa até as nove em ponto. A porta vai ficar trancada até as onze, quando a sra. Carbúnculo vai dormir.

Mas Matilda repete que não vai. Diz que vai só ficar sentada no depósito de carvão no quintal. Não é mais um depósito, é só um barracão, pois a sra. Carbúnculo, assim como os Fordyce, não tem dinheiro para comprar carvão.

— Ela vai congelar — diz a mãe de Joan, preocupada pela primeira vez durante a conversa.

— Bem feito — diz a sra. Carbúnculo.

A mãe de Joan olha para o relógio, pede desculpas por ser rude e diz que se lembrou de um compromisso na cidade. Ela tem que fazer uma obturação e tem que se apressar — e por isso pede licença para sair.

Assim a sra. Carbúnculo vai — dizendo que é a primeira vez que ela ouviu falar de fazerem obturações num sábado — e a mãe de Joan telefona imediatamente para a serralha para dizer a Morris que venha para casa.

Então ocorreu a primeira discussão — a primeira discussão pra valer — que Joan ouviu entre Morris e a mãe. Morris insiste em dizer não. Ele não vai fazer o que a mãe lhe pede. Ele soa como se nada pudesse convencê-lo ou compeli-lo. Ele não soa como um garoto falando com a mãe, e sim como um homem falando com uma mulher. Um homem mais astuto que a mulher, que está pronto para todos os truques que ela usará para fazê-lo ceder.

— Bom, eu acho que você está sendo egoísta — diz a mãe. — Eu acho que você não pensa em mais ninguém além de você. Eu estou muito decepcionada com você. Queria ver se fosse você no lugar daquela pobre moça com essa mãe maluca. Ficar no *depósito de carvão*? Cavalheiros agem de uma certa forma, sabia? Seu pai teria sabido o que fazer.

Morris não responde.

— Quem vê jura que você vai propor casamento. O que é que custa? — pergunta a mãe, desdenhosa. — Dois dólares?

Morris responde em voz baixa que não se trata disso.

— Eu fico pedindo para você fazer coisas que você não quer fazer? Fico? Eu trato você feito homem grande. Você tem todas as liberdades. Bom, agora eu peço para você fazer algo para mostrar que você pode agir como adulto, que merece essa liberdade, e o que você responde?

Isso continua por mais algum tempo e Morris resiste. Joan não vê como a mãe pode vencer e se pergunta por que ela não desiste. E ela insiste:

— E nem venha dizer que é porque você não sabe dançar, porque você sabe, eu mesma ensinei. Você é muito elegante dançando!

Então, inesperadamente, Morris deve ter concordado, porque a próxima coisa que Joan ouve é a mãe dizendo:

— Vá vestir um suéter limpo. — As botas de Morris soam pesadas na escadaria de trás e a mãe chama atrás dele: — Você vai ficar feliz de ter feito isso! Você não vai se arrepender!

Ela abre a porta da sala de jantar e diz para Joan:

— Faz tempo que eu não escuto nada de piano vindo daqui. Você já está boa para parar de praticar? Olha que da última vez que eu ouvi você tocar essa peça, estava horrível.

Joan retoma do começo outra vez. Mas ela não continua: Morris desce as escadas e bate a porta, e a mãe, na cozinha, liga o rádio, abre os armários e começa a preparar algo para o almoço. Joan se levanta do banco e vai calmamente até a sala de jantar, pela porta até o saguão, direto até a porta da frente. Ela encosta o rosto no vidro colorido. Não é possível ver o lado de dentro pelo vidro, pois o saguão está às escuras, mas dá para ver o lado de fora por um nicho. Ela escolhe o vidro vermelho para olhar, pois é o maior pedaço — embora ela já tenha espiado por todas as outras cores: azul, dourado e verde. Ela conseguia espiar até mesmo através dos menores pedaços.

A casa de cimento do outro lado da rua se torna cor de lavanda. Morris está na porta. A porta se abre e Joan não consegue ver quem abriu. Será Matilda ou a sra. Carbúnculo? As árvores nuas e a moita de lilases perto da porta são de um tom vermelho-escuro feito sangue. O suéter amarelo de Morris é uma mancha de vermelho dourado, como um semáforo, na porta.

Bem para dentro da casa, a mãe de Joan está cantando junto com o rádio. Ela não está ciente de perigo algum. Entre a porta da frente, a cena lá fora e a mãe cantando na cozinha, Joan sente a tenuidade, a frieza, a fragilidade e a transitoriedade dessas salas semidesertas de pé-direito alto — de sua casa. É só mais um lugar a ser julgado como os outros lugares — não é nada especial. Não oferece proteção. Ela sente isso porque considera que a mãe pode

ter se enganado. Nesse caso — e em outros, tanto quanto sua fé e suposições alcançam —, ela pode ter se enganado.

É a sra. Carbúnculo. Morris se voltou e começa a retornar enquanto ela o segue. Morris desce os dois degraus até a calçada, depois atravessa a rua bem rápido sem olhar ao redor. Ele não corre, mantém as mãos nos bolsos, e há um sorriso em seu rosto rosado, de olhos injetados, que significa que nada do que aconteceu o pegou de surpresa.

A sra. Carbúnculo está usando o vestido roto de ficar em casa, raramente visto; seus cabelos rosados estão bagunçados como se ela fosse uma aparição. No alto dos degraus ela para e grita para ele, para que Joan possa ouvi-la atrás da porta:

— A gente não tá tão por baixo que precise de um Zé-Caolho para levar minha filha pro baile!

ii – gelo frazil

Joan acha que Morris parece um zelador quando o vê na frente do prédio cortando a grama. Ele usa calça de uniforme verde-fosco e camisa quadriculada e, é claro, os óculos com uma lente escura. Ele parece um homem competente, até com autoridade, mas que responde a outra pessoa. Vendo-o com seu grupo de trabalhadores (ele diversificou os negócios e além da serraria entrou no ramo da construção), seria possível confundi-lo com o capataz — um capataz justo, observador, com ambição sólida, mas limitada. Não o chefe. Não o dono do prédio de apartamentos. Ele tem o rosto redondo e é um tanto calvo, com um bronzeado e sardas recém-adquiridos aparecendo em cima da testa. Robusto, mas os ombros já começam a arredondar, ou será que é só a impressão que ele causa quando empurra o cortador de grama? Será que existe um visual que os solteiros assumem, filhos solteiros que precisam cuidar dos pais idosos, especialmente das mães? Uma aparência reservada e paciente que chega a parecer humildade? Ela pensa que é quase como se estivesse indo visitar um tio.

O ano é 1972 e Joan parece mais jovem do que há dez anos. Ela usa o cabelo escuro longo, enfiado atrás das orelhas. Pinta os olhos, mas não a boca. Veste roupas de algodão volumosas, suaves, brilhantes, ou pequenas túnicas modernas que só cobrem alguns centímetros de coxa. Ela pode usar essas roupas — ou pelo menos espera poder — por ser uma mulher alta, de cintura esguia, com pernas longas e bem torneadas.

A mãe deles morreu. Morris vendeu a casa e construiu, ou reconstruiu, aquele e outros prédios de apartamentos. As pessoas que compraram a casa estão transformando-a em um asilo para idosos. Joan disse ao marido que deseja ir para casa — quer dizer, de volta a Logan — para ajudar Morris a ajeitar-se na vida, mas ela sabe que na verdade ele já terá se ajeitado. Com seu entendimento das coisas, Morris sempre pareceu ajeitado. Ele só precisa da ajuda de Joan para verificar algumas caixas e um baú cheio de roupas, livros, pratos, quadros, cortinas, que ele não quer ou para o qual não tem espaço, e que guardou temporariamente no porão do prédio.

Joan já está casada há anos. O marido é jornalista. Eles moram em Ottawa. As pessoas conhecem o nome dele — sabem até como ele é, ou como era cinco anos atrás, pela foto no topo de uma coluna de última página em uma revista. Joan está acostumada a ser reconhecida como esposa dele, ali e em todo lugar. Mas em Logan aquele reconhecimento tem um significado especial. A maioria das pessoas ali não se importa com a verve do jornalista, que eles consideram cínica, ou com suas opiniões, mas elas ficam satisfeitas ao ver que uma moça local se juntou com uma pessoa famosa, ou quase famosa.

Ela disse ao marido que ficaria ali por uma semana. Ela chega no domingo à noite, no final de maio, quando Morris está cortando a primeira grama do ano. Ela planeja partir na sexta e passar sábado e domingo em Toronto. Se o marido descobrir que ela não passou a semana inteira com Morris, ela já preparou uma história — sobre ter decidido, ao ver que Morris já não precisava dela, visitar uma amiga dos tempos de faculdade. Talvez seja melhor contar a

história logo, é mais seguro assim. Ela se pergunta se deve avisar à amiga do que planeja para não ser desmentida.

É a primeira vez que ela prepara algo do tipo.

O prédio de apartamentos se estende até os fundos do terreno, e as janelas dão para o pátio de estacionamento ou para a Igreja Batista. Um barracão para veículos ficava ali antes, onde os fazendeiros deixavam os cavalos durante o culto na igreja. É um prédio de tijolos vermelhos. Sem sacadas. Simples, simples.

Joan abraça Morris. Ela sente cheiro de cigarros, gasolina, da camisa macia, gasta e suada, de grama recém-cortada.

— Ah, Morris, sabe o que você tinha que fazer? — grita ela por cima do barulho do cortador de grama. — Você tinha que arranjar um tapa-olho. Aí você ia ficar igualzinho ao Moshe Dayan!^[11]

Toda manhã Joan caminha até os correios. Ela espera uma carta de um homem em Toronto, cujo nome é John Brolier. Ela escreveu para ele dizendo o nome de Morris, o nome de Logan, o número da caixa postal de Morris. Logan cresceu, mas ainda é pequena demais para ter entrega em domicílio.

Na manhã de segunda ela quase não espera que chegue carta. Na terça ela espera que chegue. Na quarta ela sente uma expectativa perfeitamente justificável. A cada dia ela se decepciona. A cada dia a suspeita de que tenha feito papel de boba — uma sensação de estar isolada, de não ser desejada — se aproxima da superfície. Ela aceitou a palavra de um homem, e o homem não falava sério. Ele mudou de ideia.

A agência dos correios à qual ela vai fica em um prédio novo, baixo, de tijolos rosados. O prédio antigo, que a fazia pensar em um castelo, foi posto abaixo. A aparência da cidade mudou bastante. Poucas casas foram derrubadas, mas a maioria foi renovada. Fachadas de alumínio, tijolo jateado, telhados brilhantes com janelas de revestimento duplo, pátios demolidos ou fechados em varandas. E os quintais amplos e selvagens desapareceram — eram terrenos duplos, na verdade —, e os terrenos remanescentes foram vendidos para a construção civil. Novas casas se apertam

entre as casas velhas. Todas têm o estilo suburbano, alongadas e baixas, ou são de dois níveis. Os quintais são asseados e foram planejados adequadamente, com touceiras de moitas ornamentais, canteiros de flores redondos e em forma de crescente. O antigo hábito de plantar flores em horta, em fileiras, ao lado de feijões ou batatas, parece ter sido esquecido. Muitas das grandes árvores que davam sombra foram derrubadas. Provavelmente estavam ficando velhas e perigosas. As casas desmazeladas, a grama alta, as calçadas rachadas, as sombras profundas, as ruas não pavimentadas cheias de poeira ou poças — tudo isso, de que Joan se recorda, já não existe. A cidade parece atulhada, menor, com muitas propriedades embelezadas, muitos arranjos deliberados. A cidade de sua infância — a Logan sonhadora e caótica — era apenas Logan passando por uma fase. Suas cercas de madeira inclinadas, suas paredes tostadas de sol, a erva daninha fluorescente, nada disso era uma expressão permanente do que a cidade podia ser. E pessoas como a sra. Buttler — vestidas a rigor, obcecadas — pareciam estar vinculadas àquela antiga cidade, pareciam já não ser possíveis.

O apartamento de Morris tem um quarto e ele o cedeu a Joan. Ele dorme no sofá da sala de estar. Um apartamento com dois quartos certamente seria mais conveniente quando para receber hóspedes. Mas ele provavelmente não tenciona receber visitas seja em que número forem. E ele não gostaria de desembolsar mais pelo aluguel de um apartamento maior. Ele deve ter pensado em ficar com um dos apartamentos de solteiro do porão, para poder alugar o apartamento de um quarto também, mas no final deve ter decidido que aí já seria demais. Pareceria cobiça demais e chamaria a atenção. Seria um tipo de indulgência pessoal que era melhor evitar.

Os móveis do apartamento vêm da casa onde Morris vivia com a mãe, mas a maioria não é da época em que Joan ainda morava com eles. Tudo o que parecia antiguidade foi vendido e substituído por mobília mais durável e confortável, que Morris comprou em

quantidade. Joan vê algumas coisas que mandou de presente de aniversário ou de Natal. Não casam perfeitamente com o lugar, nem animam o visual da casa como ela esperava.

Uma imagem da Igreja St. Giles a faz lembrar-se do ano que ela e o marido passaram na Inglaterra — as saudades embaraçosas que sentira de casa após ter se formado, a afeição que sentia do outro lado do oceano. E em uma bandeja de vidro em cima da mesinha de centro, exibido com propriedade e proeminência, está o livro que ela mandou para Morris. É uma história das máquinas. Há diagramas de máquinas nele, esboços de máquinas, dos dias antes da fotografia, dos tempos gregos e egípcios. Também há fotografias do século XIX até os dias atuais — maquinário rodoviário, maquinário agrícola, maquinário industrial, às vezes fotografado a distância, às vezes distante no horizonte, às vezes mostrado de perto e de baixo. Algumas fotografias evidenciam o funcionamento das máquinas, delicado e prodigioso; outras se esforçam por mostrar as máquinas esplêndidas feito castelos, emocionantes feito monstros. “Que excelente esse livro para meu irmão!” — Joan se lembra de ter dito à amiga que estava com ela na livraria. “Meu irmão é louco por máquinas.” *Louco por máquinas* — foi isso o que ela disse.

Agora ela se pergunta o que Morris realmente achou do livro. Será que gostava dele? Ele não chegaria a desgostar. Poderia ficar intrigado com o livro, poderia desconsiderá-lo. Pois não era verdade que ele fosse louco por máquinas. Ele usava máquinas — era para isso que elas serviam.

Morris a leva para passear de carro nas longas noites de primavera. Ele a leva pela cidade até o campo, onde ela pode ver os campos enormes, as paisagens de milho e feijão ou trigo ou cravo que aquelas máquinas criaram pelas mãos dos fazendeiros, os gramados vastos iguais a parques, graças aos cortadores de grama elétricos. Aglomerados de lilases florescem sobre os porões de fazendas abandonadas. Morris lhe diz que certas fazendas foram compradas. Ele sabe por quanto. Ele conhece o valor não só de casas e prédios, mas de campos e árvores. Lotes de lenha e colinas aparecem em sua mente com uma etiqueta de preço e um histórico

de flutuação de valor, assim como todas as pessoas que ele menciona são definidas em termos de quem se deu bem, e quem não. Essa maneira de olhar para as coisas não é mesmo popular nos dias atuais — é considerada sem imaginação, antiquada, arrogante e destrutiva. Morris não sabe disso, e sua conversa sobre dinheiro prossegue com um prazer sereno. Ele faz um trocadilho aqui e ali. Ele dá risinhos ao falar de certas transações arriscadas ou fiascos extravagantes.

Enquanto Joan escuta Morris, e conversa um pouco, seus pensamentos se desgarram e afundam em um fluxo subterrâneo irresistível e familiar. Ela pensa em John Brolier. Ele é geólogo, já trabalhou para uma companhia petrolífera e agora ensina ciência e artes dramáticas no que se chama escola alternativa. Ele costumava ser alguém que estava se dando bem, e agora já não está mais se dando bem. Joan o conheceu em um jantar em Ottawa há uns dois meses. Ele estava visitando amigos que também eram amigos dela. Não estava acompanhado da esposa, mas trouxera dois filhos. Disse a Joan que se ela acordasse bem cedo no dia seguinte ele a levaria para ver algo chamado “gelo frazil” no rio Ottawa.

Ela pensa em seu rosto e em sua voz e se pergunta o que a teria feito gostar daquele homem àquela altura. Não parece ter muito a ver com seu casamento. Seu casamento parece cômodo o bastante — ela e o marido se imiscuíram um no outro, desenvolveram uma linguagem, uma história, uma maneira de olhar para as coisas. Eles conversam o tempo todo. Mas sabem se deixar em paz também. As tristezas e maldades que apareceram durante os primeiros anos se amainaram, perderam força.

O que ela quer de John Brolier parece ser algo que alguém novo, alguém que antes não estava presente em seu casamento ou em sua vida, poderia querer. O que ela vê nele? Ela não acha que ele seja particularmente inteligente, e ela não sabe se ele é confiável (seu marido é inteligente e confiável). Ele não é tão bonito quanto o seu marido, não é um homem tão “atraente” quanto ele. Mas ainda assim ele atrai Joan, e ela já suspeita que ele tenha atraído outras mulheres. Por causa de sua intensidade,

certa severidade, uma seriedade — tudo direcionado ao sexo. O interesse dele não será tão rapidamente satisfeito, não será evitado tão facilmente. Ela sente isso, sente essa promessa, embora até o momento ela não possa ter certeza de nada.

O marido dela foi incluído no convite para ver o gelo frazil. Mas apenas Joan se levantou e dirigiu até a margem do rio. Ali ela encontrou John Brolier e os dois filhos, e os dois filhos de seu anfitrião na gélida aurora rósea e nevada de inverno. E ele realmente falou sobre o gelo frazil com ela, como ele se forma sobre as cachoeiras sem ter chance de se solidificar, sobre como, ao ser varrido sobre um local profundo, ele imediatamente começa a avolumar-se de forma magnífica. Disse que foi assim que descobriram que havia buracos profundos no leito do rio. E ainda mais:

— Olha, se você conseguir um tempo só para você... Se for possível... Você me avisa? Eu quero muito ver você. Você sabe que eu quero. Quero muito.

Ele lhe entregou um pedaço de papel que já devia ter levado pronto. Um número de caixa postal escrito nele, de uma agência de correios em Toronto. Ele nem tocou os dedos dela. Seus filhos brincavam por ali, tentando chamar a atenção dele. “Quando podemos ir patinar? Podemos ir ao museu de aviões de guerra? Podemos ir ver o Bombardeiro Lancaster?” (Joan lembrou-se dessa para contar ao marido, que gostaria de ouvir, considerando o pacifismo de John Brolier.)

Ela contou ao marido, e ele a provocou:

— Eu acho que aquele babaca com cabelo de monge está a fim de você — disse ele. Como seu marido poderia crer que ela se apaixonaria por um homem que usava uma franja de cabelo ralo penteado por cima da testa, de ombros estreitos e com um espaço entre os dentes da frente, com cinco filhos de duas esposas, renda inadequada, um jeito pedante de se expressar e um interesse declarado pelos escritos de Alan Watts?^[12] (Mesmo quando chegou a hora de ele acreditar, ele não conseguiu.)

Quando ela escrevia, mencionava os almoços, bebidas, cafés. Ela não disse quanto tempo tinha disponível. Ela acha que talvez

isso seja tudo que vai acontecer. No final ela iria mesmo visitar a amiga. Ela se pôs à disposição daquele homem, ainda que de forma cautelosa. Indo até os correios, verificando a aparência nas vitrines, ela se sente solta, em perigo. Não sabe sequer por que fez isso. Só sabe que não pode retornar à vida que vivia, ou à pessoa que ela era antes de sair naquele domingo de manhã para ver o rio. Sua vida de compras e tarefas domésticas e sexo casado e trabalho de meio expediente na livraria da galeria de arte, e de jantares e férias e saídas para esqui em Camp Fortune — ela não pode aceitar isso como sua única vida, não pode continuar sem aquele segredo que a sustenta. Ela acredita querer continuar com aquela vida, e que para fazer isso, ela precisa desta outra... Outra o quê? Essa investigação — ela pensa consigo mesma que é uma investigação.

Colocando dessa forma, o que ela está aprontando parece mesmo algo frio. Mas como é possível chamar de fria uma pessoa que caminha até a agência dos correios toda manhã em tal estado de nervos, que treme e prende a respiração ao girar a chave da fechadura, que caminha de volta até o apartamento de Morris sentindo-se tão exaurida, atordoada, abandonada? A menos que isso também faça parte da investigação.

Claro que ela precisa parar e conversar com as pessoas sobre o filho e a filha e o marido e sobre sua vida em Ottawa. Ela precisa reconhecer amigos do colégio e lembrar a infância, e tudo isso a irrita e entedia. As próprias casas quando ela passa — os quintais arrumados e as papoulas brilhantes e as peônias em flor — parecem tão entediantes que chegam a enjoar. As vozes das pessoas que falam com ela parecem ásperas, estúpidas, satisfeitas consigo mesmas. Ela se sente como se tivesse sido enviada para algum canto do mundo onde os pensamentos e a vida real, a energia e a vitalidade dos últimos anos não tivessem chegado. Também não tinham chegado direito em Ottawa, mas lá pelo menos as pessoas tinham ouvido algo a respeito, tinham experimentado imitações, tinham ouvido falar de mudanças na moda que podiam ser chamadas de profundas, bem como triviais. (Joan e o marido na verdade costumam fazer troça dessas pessoas

— as que adotam tendências para se exhibir, que participam de grupos, que consultam curandeiros holísticos e trocam a bebida por drogas.) Ali, ninguém ouviu falar nem mesmo das mudanças triviais. Na semana seguinte ela terá retornado a Ottawa e, sentindo-se especialmente benévola para com o marido, ansiosa por preencher o tempo que passam juntos com conversa, Joan dirá:

— Eu já teria achado ótimo se alguém tivesse me dado um sanduíche de broto de alfafa ou qualquer coisa natureba. Sério, estava muito chato.

— Não, eu não tenho espaço — repete Joan enquanto ela e o irmão vasculham as caixas. Há coisas ali que ela tinha imaginado que iria querer, mas não quer. — Não. Não tenho onde colocar.

Ela diz não para os vestidos de baile da mãe, a seda frágil, a georgete diáfana que parece teia de aranha. Vão cair em pedaços a primeira vez que alguém vestir, e Claire, sua filha, jamais se interessará por esse tipo de coisa — ela quer ser treinadora de cavalos. Não para as cinco taças de vinho que não se quebraram, não para os exemplares encadernados em couro artificial de Lever and Lover, George Borrow, A. S. M. Hutchinson.

— Eu já tenho coisas demais — diz ela com tristeza enquanto Morris acrescenta tudo aquilo à pilha das coisas que serão leiloadas. Ele sacode o pequeno tapete que ficava em frente ao aparador de louças, afastado da luz, no qual eles não podiam pisar porque era valioso.

— Eu vi um igualzinho há alguns meses — diz ela. — Foi numa loja de segunda mão, não foi nem em um antiquário. Eu estava procurando gibis antigos e pôsteres para o aniversário de Rob. Aí vi um igualzinho. No começo eu nem lembrava onde já tinha visto um igual. Então levei um choque. Como se só pudesse existir um no mundo inteiro.

— Quanto eles estavam pedindo por ele?

— Eu não sei. Estava em melhor condição.

Ela ainda não entende que não quer levar nada de volta para Ottawa porque ela mesma não vai ficar muito mais tempo por lá. A época de acumular, de adquirir e rearranjar, de forrar os cantos de sua existência, chegou ao fim (anos depois essa época irá retornar,

e então ela desejará ter ficado ao menos com as taças de vinho). Em Ottawa, em setembro, seu marido perguntará se ela ainda quer comprar móveis de palha para a sala de estar, e se ela quer ir à loja, onde está havendo uma liquidação de verão. Um calafrio de desgosto perpassará por ela então — só de pensar em ficar olhando cadeiras e mesas, pagar por elas, arranjá-las na sala — e finalmente ela saberá qual é o problema.

Na sexta de manhã há uma carta na caixa postal com o nome de Joan datilografado nela. Ela não olha para o carimbo; abre o envelope com gratidão, passa os olhos pela carta com avidez, lê sem entender. Parece ser uma carta dessas de corrente. Uma paródia de corrente, uma piada. Se ela quebrar a corrente, diz a carta, terríveis consequências a atingirão. Suas unhas vão apodrecer e seus dentes criarão limo. Verrugas grandes feito couves-flores rebentarão em seu queixo e os amigos a evitarão. “O que diabos é isso?”, ela se pergunta. John Brolier achou melhor escrever para ela em código? Então ela se lembra de olhar para o carimbo, e vê então que a carta vem de Ottawa. Obviamente é do seu filho. Rob adora esse tipo de brincadeira. O pai deve ter datilografado o envelope.

Ela pensa na alegria do filho ao fechar o envelope, em seu próprio estado mental ao rasgá-lo para ler a carta.

Traição, confusão.

Depois, naquela tarde, ela e Morris abrem o baú, que deixaram por último. Ela pega um terno de homem — roupas formais de homem, ainda na embalagem plástica, como se não tivessem sido usadas desde a lavagem.

— Devem ter sido do papai — diz ela. — Olhe, as roupas de festa antigas do papai.

— Não, isso é meu — diz Morris. Ele pega o terno, sacode o plástico e fica segurando a roupa diante do corpo, dobrada sobre os braços. — É minha velha beca — era para estar pendurada no armário.

— Para que você comprou isso? — pergunta Joan. — Algum casamento? — Alguns dos operários de Morris têm vidas muito mais

extravagantes e formais que a dele, e costumam convidá-lo para casamentos elaborados.

— Isso, e para algumas coisas onde eu tenho de comparecer com Matilda — diz Morris. — Jantares, bailes, eventos grandes, com roupa formal.

— Com Matilda? — pergunta Joan. — Matilda *Buttler*?

— Isso mesmo. Ela não usa o nome de casada. — Morris parece estar respondendo a uma pergunta levemente diferente, não a que Joan tinha em mente. — Estritamente falando, acho que ela não tem um nome de casada.

Joan ouve novamente a história que — ela acaba de se lembrar — já ouvira antes, ou lera antes, em uma das longas e vívidas cartas da mãe. Matilda Buttler fugiu para se casar com o namorado. A expressão “fugiu” é da mãe dela, e Morris parece usá-la com ênfase inconsciente, um respeito filial — como se fosse a única maneira como ele poderia falar ou teria o direito de falar sobre aquilo fosse usando a linguagem da mãe. Matilda fugiu e se casou com o homem de bigode, e parece que pelo menos daquela vez as suspeitas e acusações extravagantes da mãe tinham razão de ser. O namorado acabou se revelando um bígamo. Ele tinha uma esposa na Inglaterra, seu lugar de origem. Depois de ficar com Matilda por dois ou três anos — por sorte não houve filhos —, a outra esposa, a esposa de verdade, o encontrou. O casamento com Matilda foi anulado. Matilda retornou a Logan para viver com a mãe e conseguiu um emprego no fórum.

— Como ela pôde? — pergunta Joan. — Mas que coisa mais imbecil de se fazer.

— Bom. Ela era jovem. — diz Morris, com um traço de desconforto ou teimosia na voz.

— Não estou falando *disso*. Falo de voltar para cá.

— Bom, ela tem a mãe aqui — diz Morris, pelo jeito, sem ironia. — Acho que ela não tinha mais ninguém.

Pairando acima de Joan com o olho tapado pela lente escura, o terno dobrado sobre os braços como um corpo, ele parece sombrio e melancólico. Seu rosto e pescoço se apresentam corados, manchados. O queixo treme de leve e ele morde o lábio inferior.

Saberá ele como sua aparência o denuncia? Quando ele recomeça a falar, é no tom razoável de quem explica. Ele diz que acha que Matilda não se importava muito onde iria morar. De certa forma, para ela a vida tinha acabado. E era aí que ele entrava na história. Porque de vez em quando Matilda tinha que ir a eventos. Banquetes de políticos, jantares de aposentadoria. Eventos. Era parte do seu trabalho, e seria estranho se ela não comparecesse. Mas também era estranho para ela ir sozinha: ela precisava de um acompanhante. E ela não podia ir com um homem que talvez ficasse achando coisas, um homem que não compreenderia a situação. Que não compreenderia que a vida de Matilda, ou certa parte dela, tinha acabado. Ela precisava de alguém que entendesse tudo e não precisasse de explicações.

— Esse sou eu — diz Morris.

— Por que ela pensa assim? — pergunta Joan. — Ela não é tão velha assim, aposto que ainda é bonita. Não foi culpa dela. Ela ainda ama o sujeito?

— Acho que não compete a mim ficar fazendo perguntas.

— Ah, Morris! — diz Joan, em um tom que a surpreende (pois lembra o tom da mãe), um tom de quem desconsidera carinhosamente. — Aposto que ela ainda está. Apaixonada pelo sujeito.

Morris sai para pendurar suas roupas de festa em um armário no apartamento, onde esperarão o próximo convite de Matilda.

Na cama aquela noite, acordada, olhando para a luz da rua brilhando entre as folhas frescas na torre baixa e quadrada da Igreja Batista, Joan tem algo mais em que pensar além do próprio problema (ela também pensa em seu problema, é claro). Ela imagina Morris e Matilda dançando. Ela os vê em salões de baile do Holiday Inn, em pistas de dança do clube de golfe, seja lá onde os eventos acontecem. Os cabelos bufantes de Matilda, perfeitamente laqueados, o rosto de Morris brilhando com o suor do esforço cortês. Mas provavelmente não é um esforço; provavelmente eles dançam bem juntos. São terrível e perfeitamente equilibrados, cada um com falhas preservadas teimosamente, aceitas de todo coração. Falhas que poderiam com facilidade desconsiderar ou reparar. Mas eles

jamais fariam isso. Morris apaixonado por Matilda — daquela maneira austera, jamais concretizada por toda uma vida — e ela amando o bígamo, teimosamente obcecada por seu próprio engano e desgraça. Eles dançam na imaginação de Joan — sedados, absurdos, românticos. No final, quem além de Morris, com a cabeça cheia de hipotecas e contratos, poderia se revelar tão romântico?

Ela o inveja. Inveja eles dois.

Ela se acostumou a adormecer com a lembrança da voz de John Brolier — sua voz sussurrada e baixa quando ele disse: “Eu quero muito”. Ou ela imaginava seu rosto: ela achava que era um rosto medieval: longo, pálido e anguloso, com o sorriso tático que ela desconsiderara, os olhos negros, sóbrios, brilhantes, impossíveis de desconsiderar. A imaginação não funcionará nessa noite; não abrirá os portões para territórios ternos e enevoados. Ela não consegue se situar em nenhum lugar que não ali, na cama dura de solteiro no apartamento de Morris — em sua vida real e aparente. E nada do que funciona para Morris e Matilda vai funcionar para ela. Nem a abnegação, nem a exaltação de desejos recusados, nem a impotência idealizada. Ela não se satisfará dessa maneira.

Ela sabe disso, e sabe o que terá que fazer. Ela projeta os pensamentos para diante — sem admitir, com vergonha, ela projeta os pensamentos à frente, tateando em busca da forma de seu próximo amante.

Isso não será necessário.

Joan se esqueceu de que a correspondência chega às cidades pequenas no sábado. Sábado não é um dia sem correspondência ali. Morris foi ver o que havia chegado para ele na caixa postal. Ele entrega uma carta a ela. A carta define um tempo e um local. É bem breve, assinada apenas com as iniciais de John Brolier. Isso é bem esperto de sua parte, é claro. Tal brevidade, precaução, não agrada Joan de todo, mas em seu alívio, sua transformação, ela não pensa muito naquilo.

Ela diz a Morris a história que planejou contar desde o começo. Tinha sido chamada por uma colega da faculdade que soube que

ela estava ali. Enquanto ela lava o cabelo e empacota as coisas, Morris leva o carro dela para o posto de gasolina com desconto e enche o tanque.

Dando adeus a Morris, ela não detecta nenhuma suspeita em seu rosto. Mas talvez um pouco de decepção. Ele tem dois dias a menos para estar com alguém agora, dois dias a mais para ficar sozinho. Ele não admitiria tal sentimento. Talvez ela esteja imaginando. Ela imagina aquilo porque tem a sensação de acenar adeus também para o marido e os filhos, para todos que a conhecem, exceto o homem com quem ela vai se encontrar. Todos enganados tão facilmente, completamente. E é certo que ela sente culpa. Ela se encanta com a inocência deles; ela reconhece um rasgo irreparável em sua vida. Isso é genuíno — seu pesar e culpa são genuínos naquele instante, e não desaparecerão de todo. Mas também não a atrapalharão. Ela está mais do que feliz; ela sente que não tem escolha a não ser ir.

iii – rosa matilda

Ruth Ann Leatherby vai ao cemitério com Joan e Morris. Joan está um pouco surpresa com isso, mas Morris e Ruth parecem achar aquilo natural. Ruth Ann é a contadora de Morris. Joan já sabe dela há anos, talvez até já a tenha visto antes. Ruth Ann é o tipo de mulher de aparência agradável, de meia-idade e proporções medianas cuja aparência é fácil de esquecer. Ela mora em um dos apartamentos de solteiro no porão do prédio de Morris. Ela é casada, mas o marido não aparece há muito. É católica, e por isso não pensa em pedir divórcio. Há alguma tragédia em sua vida — um incêndio, um filho? — mas isso já foi totalmente absorvido e não é mais mencionado.

Foi Ruth Ann quem obteve os botões de jacinto para plantar na sepultura dos pais deles. Ela ouvira Morris dizer que seria bom ter algo crescendo ali, e quando viu os botões à venda no supermercado ela comprou alguns. Uma mulher-esposa, é o que

Joan pensa ao observá-la. Mulheres-esposas são atenciosas mas recatadas, são dedicadas, mas frias. A que elas são dedicadas?

Joan mora em Toronto agora. Ela está divorciada há doze anos. Trabalha gerenciando uma livraria especializada em livros de arte. É um trabalho agradável, embora não pague muito. Ela teve sorte. Ela também tem sorte (ela sabe que as pessoas costumam dizer que ela tem sorte para uma mulher de sua idade) de ter um amante, um amigo-amante: Geoffrey. Eles não vivem juntos. Encontram-se nos finais de semana e duas ou três vezes durante a semana. Geoffrey é ator. Ele é talentoso, bem-humorado, flexível e pobre. Um final de semana por mês ele passa em Montreal com uma mulher com quem viveu junto e com os filhos. Nesses finais de semana Joan vai visitar os filhos, que cresceram e já a perdoaram. O filho dela também é ator — de fato, foi como ela conheceu Geoffrey. A filha virou jornalista como o pai. E o que há para se perdoar? Muitos pais se divorciaram, a maioria por culpa de casos amorosos, mais ou menos pela mesma época. Parece que muitos casamentos começaram nos anos 1950 de forma ingênua e sem receios, ou pelo menos os receios conhecidos, para então implodirem no começo dos anos 1970, com um monte de complicações espetaculares e — é o que parece agora — extravagantes e desnecessárias. Joan rememora a própria história de amor sem arrependimento, mas com algum assombro. É como se ela tivesse pulado de paraquedas.

E às vezes ela vai visitar Morris. Às vezes ela consegue fazer Morris falar sobre as mesmas coisas que para ela pareciam incompreensíveis, tediosas e tristes. A estrutura peculiar de lucros, pensões, hipotecas, empréstimos, investimentos e heranças que Morris vê por debaixo de cada vida humana. Aquilo a interessa. Ainda é mais ou menos incompreensível para ela, mas a existência daquilo já não lhe parece uma triste ilusão. Aquilo a reconforta de alguma maneira. Ela quer saber como as pessoas acreditam naquilo.

Essa mulher de sorte, Joan, com emprego e amante e aparência marcante — mais comentada agora do que jamais foi em sua vida (ela é tão magra quanto era aos catorze, e seus cabelos

bem curtos exibem uma mecha prateada que lembra uma asa de pássaro ou cauda de raposa) —, se dá conta de um novo perigo, uma ameaça que não poderia ter imaginado quando era mais jovem. Ela não poderia ter imaginado nem se alguém tivesse descrito para ela. E é difícil de descrever. A ameaça é de mudança, mas não o tipo de mudança contra a qual é possível se precaver. É apenas isto: que súbito, sem aviso, Joan acaba pensando: *destroços*. Destroços. Ao olhar para a rua é possível ver as sombras, a luz, as paredes de tijolo, o caminhão estacionado sob a árvore, o toldo escuro de verão, a neve cinzenta caindo — é possível ver todas essas coisas em sua individualidade temporária, todas conectadas de um modo tão satisfatório, necessário, problemático, indescritível. Ou é possível ver destroços. Estados transitórios, uma variedade inútil de estados transitórios. Destroços.

Joan quer manter essa ideia de destroços longe. Ela agora presta atenção em todas as maneiras como as pessoas parecem fazer isso. Atuação é uma excelente maneira — ela aprendeu isso ao conviver com Geoffrey. Mas há lacunas na atuação. No tipo de vida de Morris, na maneira como Morris encara as coisas, parece haver menos chance de topar com uma lacuna.

Enquanto dirigem pela rua ela nota que muitas das antigas casas estão reaparecendo; portas e varandas que eram alterações modernas de bom gosto há quinze ou vinte anos estão cedendo espaço às varandas e claraboias. Certamente é uma boa coisa. Ruth Ann aponta um ou outro detalhe e Joan aprova, mas acha que há algo ali de laborioso, de meticuloso.

Morris para o carro em um cruzamento. Uma senhora idosa cruza a rua no meio do quarteirão à frente deles. Ela atravessa a rua na diagonal, sem olhar se algum carro vem vindo, em um passo determinado, alheio a tudo e até desdenhoso e de certa forma familiar. A velha senhora não está em perigo: não há mais carros na rua, nem ninguém caminhando, apenas duas meninas andando de bicicleta. A velha nem é tão velha, na verdade. Por essa época Joan está constantemente revisando as impressões sobre se as pessoas

são velhas ou não. Aquela mulher tem cabelos brancos até os ombros e usa uma saia folgada e calças cinza. Não é o suficiente para sair na rua, pois o dia está frio, embora claro.

— Lá vai a Matilda — diz Ruth Ann. O jeito como ela diz “Matilda” (sem sobrenome, em um tom tolerante, divertido e distante) anuncia que Matilda é um personagem local.

— Matilda! — diz Joan, virando-se para Morris. — Aquela é Matilda? O que aconteceu com ela?

É Ruth Ann quem responde do banco traseiro.

— Ela só começou a ficar esquisita. Quando foi isso? Uns dois anos atrás? Ela começou a se vestir toda desleixada e a achar que as pessoas estavam roubando coisas da mesa dela no trabalho. A gente dizia algo perfeitamente normal para ela, e ela respondia com quatro pedras na mão. Pode ser alguma coisa que ela puxou.

— *Puxou?* — pergunta Joan.

— Hereditariedade — diz Morris, e eles riem.

— Isso, foi isso o que eu quis dizer — diz Ruth Ann. — A mãe dela estava do outro lado da rua, no asilo de idosos. Ela ficou lá por anos antes de morrer, completamente tonta das ideias. E mesmo antes de ela ir para lá, a gente a via espreitando pelo quintal — parecia um bicho do Dia das Bruxas. Mas então Matilda pegou uma aposentadoriazinha quando a despediram do tribunal. Agora ela só fica andando por aí. Às vezes ela fala com a gente toda simpática, outras vezes não diz palavra. E ela nunca se arruma. Ela era tão bonita.

Joan não deveria ter ficado tão surpresa, tão chocada. As pessoas mudam. Elas desaparecem, e algumas nem precisam morrer para isso. Algumas morrem — John Brolier tinha morrido. Quando Joan soube, vários meses depois, sentiu uma pontada, mas não uma pontada tão forte quanto a que sentira quando uma mulher disse em uma festa:

— Ah, John Brolier, sim. Não era ele que estava sempre tentando seduzir você, arrastando você para ver alguma maravilha natural? Meu Deus, que constrangedor!

— Ela tem casa própria — diz Morris. — Eu vendi uma para ela há uns cinco anos. E tem a aposentadoriazinha. Se ela aguentar até

os sessenta e cinco, vai ficar bem.

Morris escava a terra em frente à lápide; Joan e Ruth Ann plantam os bulbos. A terra está fria, mas não congelada. Longas setas de luz do sol caem entre os cedros podados e os choupos farfalhantes, ainda repletos de folhas douradas na rica grama verde.

— Escute — diz Joan, olhando para as folhas dos choupos —, é como o som da água.

— As pessoas gostam — responde Morris. — A música do Chopin é show.

Joan e Ruth Ann fazem uma careta e Joan diz:

— Não sabia que você ainda gostava de trocadilhos, Morris.

— Ele faz isso o tempo todo — diz Ruth Ann.

Eles lavam as mãos em uma torneira ali perto e leem alguns nomes nas lápides.

— Rosa Matilda — diz Morris.

Por um instante Joan acha que é algum nome que ele leu; então ela percebe que ele está pensando em Matilda Buttler.

— O poema que a mamãe recitava sobre ela — diz ele. — “Rosa Matilda”.

— Rapunzel — diz Joan. — Era assim que a mamãe a chamava. “Rapunzel, Rapunzel, jogue as tranças cor de mel.”

— Eu sei que ela dizia isso. Mas ela também falava algo sobre “Rosa Matilda”. Era o começo de um poema.

— Parece um nome de creme de beleza — diz Ruth Ann. — Não é uma loção para pele?

— “Ah, de que serve?” — diz Morris, com firmeza. — Era assim que começava. “Ah, de que serve?”

— Ah, claro que eu não conheço nada de poesia — diz Ruth Ann, versátil, sem constrangimento. Ela diz a Joan: — Lembra alguma coisa para você?

— Sim, lembra. — diz Joan. — Mas não consigo me lembrar do que vem depois.

Morris passou um pouco para trás todas essas três mulheres: Joan, Ruth Ann e Matilda. Morris não é habitualmente desonesto — ele não é tolo dessa maneira —, mas às vezes toma seus atalhos. Ele enganou Joan há muito tempo, quando a casa foi vendida. Ela recebeu cerca de mil dólares a menos do que deveria. Ele achou que ela compensaria com as coisas que levaria para casa em Ottawa. Mas aí ela não levou nada. Mais tarde, quando ela e o marido se divorciaram e ela ficou por conta própria, Morris considerou mandar um cheque para ela, explicando que tinha havido um erro. Mas ela conseguiu um emprego e não pareceu precisar de dinheiro. Ela também não tem muito tino pra mexer com dinheiro — como fazer o dinheiro trabalhar para ela. Ele deixou a ideia para lá.

O modo como ele enganou Ruth Ann foi mais complexo e consistiu em fazê-la declarar que era empregada de meio período, quando não era o caso. Isso o eximiu de pagar certos benefícios a ela. Ele não ficaria surpreso se descobrisse que ela percebera tudo e que tinha feito arranjos compensatórios por conta própria. Ela era assim: nunca dizia nada, nunca discutia, mas discretamente garantia o que era seu. E enquanto ela só resguardasse seus direitos — Morris logo notaria se ela ousasse querer mais —, ele também não diria nada. Os dois achavam que quem não cuida de si mesmo não tem do que reclamar ao tomar prejuízo. E de qualquer forma ele planeja cuidar de Ruth Ann no futuro.

Se Joan descobrisse o que ele tinha feito, ela provavelmente também não diria nada. A parte interessante para ela não seria o dinheiro. Falta-lhe certo instinto nessas matérias. A parte interessante seria: por quê? Ela ficaria dando voltas no assunto e extrairia um prazer peculiar daquilo. Esse fato a respeito do irmão se alojaria em sua mente como um cristal duro — um objeto pequeno, estranho, refratário à luz, um pedaço de tesouro alienígena.

Ele não enganou Matilda quando vendeu a casa a ela. Matilda obteve a casa por um preço muito bom. Mas ele lhe disse que o aquecedor de água que ele instalara havia coisa de um ano era novo, e claro que não era. Ele nunca comprava materiais ou

utilitários novos quando renovava os lugares de que era dono. Em junho fizera três anos em que, em um jantar dançante no Valhalla Inn, Matilda lhe dissera:

— O aquecedor de água lá de casa pifou. Eu tive de trocar.

Não estavam dançando na hora. Estavam sentados a uma mesa redonda, com algumas outras pessoas, sob um toldo de balões flutuantes. Estavam bebendo uísque.

— Não era para ter quebrado — disse Morris.

— Não mesmo, já que você instalou um novo — disse Matilda, sorrindo. — Você sabe o que eu acho?

Ele continuou olhando para ela, esperando.

— Acho melhor dançarmos mais um pouco antes de continuarmos bebendo!

Eles dançaram. Sempre dançaram bem juntos, quase sempre com algum floreio especial. Mas daquela vez Morris sentiu o corpo de Matilda mais pesado e rígido — suas reações eram lentas ou exageradas. Era estranho que seu corpo parecesse tão relutante quando ela sorria e falava com ele com tamanha animação, movendo a cabeça e os ombros como se flertasse charmosamente. Também aquilo era novo — não era mesmo o que ele estava acostumado a experimentar com ela. Ano após ano ela dançara com ele com uma suavidade de sonho e expressão séria, quase sem conversar. Então, depois de alguns drinques, ela falava com ele sobre suas preocupações secretas. Sua preocupação. Que era sempre a mesma. Ron, o inglês. Ela esperava que ele entrasse em contato. Ela ficara lá, voltara para lá apenas para que ele soubesse onde encontrá-la. Esperava e duvidava que ele fosse se divorciar da esposa. Ele prometera, mas ela não tinha fé nele. Por fim ele entrou em contato. Disse que estava de mudança, mas que escreveria de novo. E ele escreveu. Disse que ia procurá-la. As cartas eram postadas do Canadá, de cidades diferentes, distantes entre si. Então ele não fez mais contato. Ela se perguntou se ele estava vivo; pensou em contratar detetives. Ela disse que não tinha falado sobre aquilo com ninguém mais além de Morris. O amor dela era sua doença, que ninguém mais podia ver.

Morris nunca dava conselhos. Nunca pousava a mão nela para confortá-la; só o fazia dançando, quando era apropriado. Ele sabia exatamente como absorver o que ela dizia. Ele também não demonstrava pena. Respeitava todas as escolhas que ela fizera.

Era verdade que o tom tinha mudado antes daquela noite no Valhalla Inn. Assumira um gume sarcástico, azedo, que o machucava e não condizia a ela. Mas aquela fora a noite em que ele sentiu tudo se quebrar — a longa cumplicidade, a harmonia estável da dança. Eles pareciam outros casais de meia-idade, fingindo mover-se com leveza, com prazer, ansiosos para não deixar o momento entrar em colapso. Ela não mencionou Ron, e Morris não perguntou, é claro. Ele começou a imaginar que ela finalmente o havia encontrado. Ela encontrara Ron ou soubera de sua morte. Mais provavelmente o encontrara.

— Eu sei como você pode me compensar pelo aquecedor — provocou ela. — Você pode plantar um gramado para mim! Acho que nunca prepararam aquele gramado. Está tão feio... cheio de hera rasteira. Eu queria ter um gramado decente. Estou pensando em reformar a casa. Queria instalar persianas cor de vinho para contrastar com todo aquele cinza. E queria um janelão na lateral. Estou farta de ficar olhando para o asilo de idosos. Ah, Morris, sabia que eles derrubaram suas nogueiras? Aplainaram o terreno e cercaram o córrego!

Ela usava um vestido longo, farfalhante, azul-pavão. Pedras azuis em discos prateados pendiam de suas orelhas, seu cabelo estava rígido e opaco. Havia mossa na carne de seus braços; seu hálito recendia a uísque. Seu perfume e maquilagem, seu sorriso, tudo para ele falava de falsidade, determinação e tristeza. Ela perdera o interesse em sua doença. Perdera a coragem de continuar como era. E em sua tolice simplória e atordoante, perdera o amor de Morris.

— Se você aparecer semana que vem com as sementes e me mostrar como faz, você ganha um drinque — disse ela. — Eu até faço o jantar para você. Sinto vergonha de esses anos todos você nunca ter sentado à minha mesa.

— Você vai ter de limpar tudo e começar do zero.

— Eu limpo tudo, então. Por que você não aparece na quarta? Ou essa é a sua noite com Ruth Ann Leatherby?

Ela estava bêbada. Sua cabeça caiu sobre o ombro dele, e ele sentiu o volume duro do brinco pressionando a jaqueta e a camisa e mordendo a carne.

Na semana seguinte ele mandou um dos seus operários limpar e semear o gramado de Matilda, de graça. O homem não ficou muito tempo. De acordo com ele, Matilda saiu e gritou para que ele saísse de sua propriedade. O que ele achava que estava fazendo ali? Ela podia cuidar do próprio quintal. Ela disse para ele passar fora.

“Passar fora.” Morris lembrava da própria mãe usando aquele termo. E a mãe de Matilda também usava, nos dias antigos de vigor e mau gênio. Sra. Buttler, sra. Carbúnculo. “Passa fora daqui.” Zé-Caolho.

Ele não encontrou Matilda por algum tempo depois disso. Se havia algum negócio a tratar no fórum, ele mandava Ruth Ann. Ele soube de certas mudanças, e não diziam respeito a persianas cor de vinho ou reforma da casa.

— “Ah, de que serve o cetro à raça!” — diz Joan de súbito enquanto dirigem de volta ao apartamento. E assim que chegam lá ela vai até a estante de livros — é a mesma estante antiga com frente de vidro. Morris não a vendeu, embora seja quase alta demais para a sala de estar. Ela encontra a *Antologia do verso inglês*.

— Primeiras linhas — diz ela, indo até o final do livro.

— Por que você não senta e fica confortável? — diz Ruth Ann, entrando com os drinques de fim de tarde. Morris bebe uísque com água, Joan e Ruth bebem rum branco e soda limonada. A preferência por aquele drink tornou-se uma piada, um vínculo esperançoso entre elas duas, que entendem que vão precisar de alguma coisa.

Joan se senta e bebe, satisfeita. Ela desce o dedo pela página, murmurando: “Ah, de quê, ah, de quê”.

— Ah, tal diva forma! — diz Morris, com um grande suspiro de lembrança e satisfação.

Joan pensa que eles tiveram alguém que lhes ensinara o valor das coisas especiais. Ela não sente nenhum arrependimento em particular. O enigma do poema, o primeiro gole de álcool, a última luz de uma tarde de outono talvez sejam o que a predispõem à paz e à indulgência. Eles tiveram alguém que lhes ensinara a ter uma consideração especial e delicada por eles mesmos, que os fizera sair para o mundo e agarrar o que desejavam, fosse amor ou dinheiro. Mas isso não é de toda verdade, não é? Morris tem sido bastante disciplinado quanto ao amor, e abstêmio. E ela da mesma forma quanto ao dinheiro — em matéria de dinheiro ela permanece desajeitada e virginal.

Mas há um problema, um defeito no prazer inesperado que ela sente. Ela não consegue encontrar a linha.

— Não está aqui — diz ela. — Como pode não estar aqui? Tudo que a mamãe conhecia está aqui. — Ela toma mais um gole sério e encara a página. Então ela diz: — Já sei! Já sei!

Logo depois ela encontra. Joan lê para eles com uma voz cheia de emoção animada:

Ah, de que serve o cetro à raça

Ah, tal diva forma para quê!

Ainda que toda virtude e graça,

Rose Aylmer — Rosa Matilda — pertencessem a você!

Morris tirou os óculos. Ele agora já faz isso diante de Joan. Talvez já fizesse antes, diante de Ruth Ann. Ele esfrega a cicatriz como se coçasse. Seu olho é escuro, raiado de cinza. Não é difícil de se encarar. Sob a capa de tecido da cicatriz é inofensivo como uma ameixa ou cascalho.

— Então é isso — diz Morris. — Então eu não estava errado.

DIFERENTE

Uma vez Georgia teve aulas de escrita criativa e seu instrutor lhe disse: “Coisas demais. Muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo; muitas pessoas também. Pense. Qual é o ponto importante? Para o que você quer chamar nossa atenção? Pense”.

Por fim ela escrevera uma história sobre o avô matando galinhas e o instrutor pareceu satisfeito com ela. Georgia achou que a história tinha ficado falsa. Ela fez uma longa lista de todas as coisas que tinham sido deixadas de fora e entregou-lhe como um apêndice. O instrutor disse que ela estava esperando demais, dela mesma e do processo de escrita, e que ela o estava cansando.

O curso não foi um prejuízo total porque Georgia e o instrutor acabaram vivendo juntos. Eles ainda vivem juntos, em Ontário, em uma fazenda. Vendem framboesas e são donos de uma pequena editora. Quando Georgia consegue dinheiro ela vai a Vancouver visitar os filhos. Neste sábado de outono ela pegou a barca para Victoria, onde vivia antes. Ela fez isso por um impulso em que não confiava, e pelo meio da tarde, ao se dirigir até a entrada da esplêndida casa onde costumava visitar Maya, ela cruzou um terreno emocional particularmente acidentado.

Quando ela telefonou para Raymond, não tinha certeza de que ele a convidaria para ir lá. Não tinha certeza nem se queria ir lá. Não fazia ideia se seria bem recebida. Mas Raymond abre a porta antes que ela toque a campainha, e a abraça e beija duas vezes (ele não costumava fazer isso) e apresenta a esposa, Anne. Ele diz que contou a ela sobre sua antiga amizade, Georgia, Ben, ele e Maya. Grandes amigos.

Maya morreu. Georgia e Ben se divorciaram há muito.

Eles vão se sentar no que Maya costumava chamar, com certa alegria factual, de “sala da família”.

(Certa noite Raymond dissera a Ben e Georgia que parecia que Maya não conseguiria ter filhos.

— Nós tentamos muito — disse ele. — Usamos travesseiros, o diabo. Mas nada.

— Preste atenção, velhote, não é para fazer com o travesseiro — disse Ben, provocando. Estavam todos um tanto bêbados. — Eu achava que você era um perito com essas parafernalias, mas pelo jeito você e eu vamos precisar de uma conversa.

Raymond era obstetra e ginecologista.

Por aquela época Georgia já sabia sobre o aborto em Seattle, que fora arranjado por Harvey, o amante de Maya. Harvey também era médico, um cirurgião. O apartamento sombrio no prédio depauperado, a mulher de gênio ruim que tricotava um suéter, o médico chegando com as mangas arregaçadas, carregando uma sacola de papel pardo que devia conter as ferramentas do seu ofício, segundo Maya acreditava, histérica. Na verdade era o almoço dele — um sanduíche de cebola e ovos. Maya sentiu aquele cheiro por todo o tempo em que ele e mme. Defarge trabalharam nela.

Maya e Georgia sorriram delicadamente uma para a outra enquanto os maridos continuavam a conversação leve.)

O cabelo castanho encaracolado de Raymond tornou-se como algodão prateado, e seu rosto cheio de vincos. Mas nada horrível aconteceu a ele — nada de olheiras ou papadas ou rubor alcoólico ou o abatimento mordaz que vem com a derrota. Ele ainda é magro e esticado, seus ombros são retos, ele ainda tem um cheiro fresco e se veste de maneira adequada, imaculada e cara. Ele será um velho elegante e seco, com um sorriso condescendente de rapaz. Existe certo brilho neles dois — Maya dissera isso, desalentada. Ela falava de Raymond e Ben. “Talvez devêssemos mergulhá-los em vinagre”, dissera ela.

A sala mudou mais do que Raymond. Um sofá de couro cor de marfim substituiu o sofá coberto em tapeçaria de Maya, e claro, todas as antigas tralhas de covil de ópio, as almofadas de Maya e a decoração com capim dos pampas e o maravilhoso elefante

multicolor com os pequenos espelhos costurados — tudo se foi. A sala foi pintada nas cores bege e marfim, suave e confortável como a nova esposa loira, que se senta no braço da cadeira de Raymond, pega o braço dele e se envolve nele, colocando a mão do marido sobre a coxa. Ela usa calças brancas lisas coladas, um suéter branco e cor de creme com apliques e joias douradas. Raymond dá dois tapinhas calorosos e provocantes.

— Você vai a algum lugar? — pergunta ele. — Fazer compras, talvez?

— Ééé — responde a esposa. — História antiga — diz ela, e sorri para Georgia. — Está tudo bem. Eu tenho mesmo que fazer compras.

Depois que ela sai, Raymond serve drinques para eles dois.

— Anne se preocupa demais com bebida — diz ele. — Ela não põe sal na mesa. Jogou fora todas as cortinas da casa pra se livrar do cheiro dos cigarros de Maya. Eu sei o que você deve estar pensando: Raymond arranjou uma loira, dessas gostosas. Mas ela é uma moça muito séria, na verdade, e muito estável. Eu fiquei com ela no meu escritório, sabe, por algum tempo antes de Maya morrer. Quer dizer, fiquei *trabalhando com ela* no meu escritório. Eu me expressei mal! E ela não é tão jovem quanto parece, também. Ela tem trinta e seis.

Georgia tinha chutado quarenta. Ela já está cansada da visita, mas precisa falar de si. Não, ela não está casada. Sim, ela trabalha. Ela e o companheiro têm uma fazenda e uma editora. Coisa pequena, não dá muito dinheiro. Interessante. Um amigo, sim.

— Por algum motivo eu perdi Ben de vista — diz Raymond. — Da última vez que soube dele, ele estava vivendo num barco.

— Ele e a esposa velejam pela Costa Oeste todo verão — diz Georgia. — No inverno eles vão pro Havaí. A Marinha deixa as pessoas se aposentarem cedo.

— Que maravilha.

Encontrar Raymond faz Georgia notar que não tem ideia de como Ben deve estar agora. Será que seus cabelos ficaram brancos, será que ele ganhou volume na cintura? Ambas as coisas aconteceram com ela — ela se tornou uma mulher corpulenta com

saudável pele cor de oliva, uma crista de cabelos brancos, usando roupas folgadas e chamativas. Quando ela pensa em Ben, ainda o vê como um oficial da Marinha bonito, com um perfeito visual da Marinha — tenaz, sério e discreto. A aparência de alguém que ansiava, bravamente, por receber ordens. Os filhos dela devem ter fotos dele por perto — eles o visitam, passam os feriados em seu barco. Talvez escondam as fotos quando ela vai visitá-los. Talvez pensem em proteger as imagens dele de alguém que o machucou tanto.

No caminho para a casa de Maya — a casa de Raymond —, Georgia passou por outra casa que ela poderia ter evitado facilmente. Uma casa em Oak Bay, que na verdade ela só pôde ver porque saiu consideravelmente da sua rota.

Ainda era a casa sobre a qual ela e Ben tinham lido nas colunas imobiliárias do *Colonist* de Victoria. Um bangalô espaçoso sob pitorescos carvalhos. Medronheiro, corniso, sofá de janela, lareira, janelas em folha de diamante, personalidade. Georgia ficou do lado de fora do portão e sentiu uma dor quase previsível. Ali Ben cortara a grama, ali as crianças fizeram suas trilhas e esconderijos nas moitas e construíram um cemitério para os pássaros e cobras mortos por Dominó, o gato preto. Ela se lembrava do interior da casa perfeitamente — o assoalho de carvalho que ela e Ben tinham polido com tanto esforço, as paredes que tinham pintado, a sala onde ela ficara deitada, dopada e infeliz depois de arrancar os dentes de leite. Ben tinha lido para ela trechos de *Dublinenses*. Ela não conseguia se lembrar do título do conto. Era sobre um jovem tímido com um quê de poeta, casado com uma moça bela e má. “Pobre trouxa”, disse Ben ao terminar de ler.

Ben gostava de ficção, o que era surpreendente em um homem que também gostava de esportes e que tinha sido popular na escola.

Ela devia ter ficado longe daquela vizinhança. Sempre que passava por ali, sob as castanheiras de folhas douradas, os medronheiros de galhos rubros e os altos carvalhos brancos que faziam pensar em contos de fadas, florestas europeias, lenhadores, bruxas — por toda parte seus passos a repreendiam, dizendo “para

quê, para quê, para quê”. Tal reprovação era bem o que ela tinha esperado — era àquilo que ela se arriscava — e havia um quê de ordinário em fazer aquilo. Um quê de ordinário e inútil. Ela sabia disso. Mas ela prosseguiu, e seus pés tolos continuaram com a censura: “Para quê, para quê, que-erro, que-erro”.

Raymond quer que Georgia dê uma olhada no jardim, que ele diz ter sido feito para Maya durante seus últimos meses de vida. Maya o projetou; então ficou no sofá de tapeçaria (ateando fogo a ele duas vezes, diz Raymond, ao adormecer segurando um cigarro aceso), de onde via tudo tomando forma.

Georgia vê um laguinho de borda de pedra com uma ilha no meio. A cabeça de uma criatura de aparência sinistra — um cabrito montês? — assoma da ilha, jorrando água. Ao redor do lago, uma selva de margaridas gigantes, amores-de-moça cor-de-rosa e púrpura, pinheiros anões e ciprestes, mais algumas árvores em miniatura com folhas vermelhas brilhantes. Na ilha, agora que ela vê mais de perto, há muralhas de pedra musgosa — ruínas de uma pequena torre.

— Ela contratou um moço aí para fazer o trabalho — diz Raymond. — Ela ficou aqui só observando. Levou o verão todo. Ela só ficou deitada aqui e o observou construindo o jardim. Então ele vinha para cá e eles tomavam chá, conversando a respeito. Sabe, Maya não apenas projetou esse jardim. Ela o imaginou. Ela lhe dizia o que andava imaginando, e ele assumia a partir daí. Quer dizer, para eles, não era apenas um jardim. O laguinho era um lago de verdade em um país que eles tinham inventado, e ao redor do lago havia florestas e territórios onde tribos e facções diferentes viviam. Você consegue imaginar?

— Sim — diz Georgia.

— Maya tinha uma imaginação fascinante. Ela podia ter escrito livros de fantasia ou ficção científica. Qualquer coisa. Ela era uma pessoa criativa, sem dúvida nenhuma. Mas não dava para fazê-la usar a criatividade a sério. Aquele cabrito era um dos deuses desse país inventado, e a ilha era um lugar sagrado, com um antigo templo. Dá pra ver as ruínas. Eles já tinham inventado a religião todinha. Ah, e a literatura, os poemas e lendas, a história... tudo.

Tinham inventado a canção que a rainha cantava. Mas claro que era para ser uma tradução da língua original. Eles também chegaram a imaginar a língua. Era a história de uma rainha que tinha sido trancafiada naquelas ruínas. Naquele templo. Eu esqueci o motivo. Ela ia ser sacrificada, provavelmente. Iam arrancar o coração dela ou alguma coisa sangrenta assim. Era tudo bem complicado e melodramático. Mas pense só no esforço que isso demandou. A criatividade. O tal rapaz era artista de profissão. Acho que ele achava que era artista. Na verdade eu não sei como ela o descobriu. Ela conhecia bastante gente. Acho que ele se mantinha fazendo esse tipo de trabalho. Ele trabalhava bem. Instalou os canos, a coisa toda. Aparecia todos os dias. E todos os dias ele entrava depois de terminar o trabalho, e tomava chá e conversava com ela. Bom, na minha opinião, eles não tomavam apenas chá. Pelo que eu sei, não era só chá. Ele trazia um produtinho, eles fumavam um pouco. Eu disse que ela devia escrever tudo.

“Mas, sabe, na hora em que ele finalmente terminou o trabalho, ele foi embora. Foi embora. Eu não sei. Talvez ele tenha arranjado outro emprego. Eu achava que eu não tinha o direito de perguntar. Mas eu acho que mesmo que ele tivesse arranjado um emprego, ele podia ter voltado e visitado ela de vez em quando. Ou se ele tivesse ido viajar para longe, ainda assim podia ter escrito algumas cartas. Eu achava que ele podia ter feito isso. Eu esperava isso dele. Não ia matar ele, ter feito isso. Não do jeito que eu vejo. Teria sido decente da parte dele fazê-la pensar que não tinha sido só um caso de, sabe, amizade comprada esse tempo todo.”

Raymond está sorrindo. Ele não consegue reprimir, ou talvez não se dê conta do sorriso.

— Pois essa deve ter sido a conclusão a que ela chegou. Depois de todo aquele período divertido, de ficar imaginando as coisas juntos, incentivando um ao outro. Ela deve ter ficado decepcionada. Deve ter ficado. Mesmo naquele estágio da doença, algo assim seria importante para ela. Você e eu sabemos disso, Georgia. Teria feito diferença. Ele podia tê-la tratado um pouco melhor. Não precisava ser por muito tempo.

Maya morrera no ano anterior, no outono, mas Georgia não soube até o Natal. Ela soube por uma carta de Natal de Hilda. Hilda, que fora casada com Harvey, agora está casada com outro médico, em uma cidade no interior da Colúmbia Britânica. Há alguns anos ela e Georgia, ambas de visita, se encontraram por acaso em uma rua de Vancouver, e desde então se escrevem ocasionalmente.

Hilda escreveu:

“Claro que você conhecia Maya bem melhor do que eu. Mas eu me surpreendi com o quão frequentemente eu pensei nela. Na verdade eu ando pensando muito em todos nós, como nós éramos há uns quinze anos, e acho que nós éramos tão vulneráveis à nossa maneira quanto esses garotos com essas viagens de ácido e não-sei-o-que-mais, que dizem que deixam marcas para vida inteira. Nós também não fomos marcados? Destruindo nossos casamentos e saindo por aí em busca de aventura? É claro que Maya não destruiu seu casamento. Justo ela ficou direitinho onde estava, então acho que o que estou dizendo não faz muito sentido. Mas Maya parecia a mais vulnerável de nós, tão talentosa e frágil. Eu me lembro que mal suportava ver aquela veia que ela tinha na têmpora, onde partia o cabelo.”

Georgia achou que Hilda tinha escrito uma carta estranha. Ela se lembrava dos caros saíões xadrez em tom pastel que ela usava, seus cabelos claros bonitos e curtos, seus bons modos. Será que Hilda realmente acreditava que tinha destruído o casamento e saído por aí procurando aventura sob a influência de drogas, rock'n'roll e costumes revolucionários? A impressão de Georgia era de que Hilda tinha abandonado Harvey ao descobrir o que ele andava aprontando — ou parte do que ele andava aprontando —, e tinha se mudado para uma cidade do interior, onde sensatamente voltara à antiga profissão de enfermeira e no devido tempo se casara com outro médico, supostamente mais confiável. Maya e Georgia jamais pensaram em Hilda como uma mulher em pé de igualdade com elas. E Hilda e Maya não eram próximas — não tinham nenhum motivo em particular para ser. Mas Hilda não as perdera de vista; ela sabia da morte de Maya, ela escreveu aquelas palavras generosas. Sem Hilda, Georgia não teria sabido. Ela ainda

estaria pensando que algum dia precisava escrever para Maya, que talvez houvesse um tempo futuro em que sua amizade podia ser refeita.

A primeira vez que Ben e Georgia foram à casa de Maya, Harvey e Hilda estavam lá. Maya estava dando um jantar só para os seis. Georgia e Ben tinham se mudado recentemente para Victoria e Ben telefonara para Raymond, que era seu amigo na época da escola. Ben não conhecia Maya, mas disse a Georgia que tinha ouvido falar que ela era muito inteligente e esquisita. As pessoas diziam que ela era esquisita. Mas ela era rica — uma herdeira — e por isso podia ser o que quisesse.

Georgia fez um ruído de descaso quando soube que Maya era rica, e de novo ao ver a casa — a grande casa em blocos de pedra com terraços gramados, arbustos podados e entrada circular para carros.

Georgia e Ben eram da mesma cidade pequena em Ontário, e suas famílias eram parecidas. Foi por sorte que Ben foi para uma boa escola particular — o dinheiro viera de uma tia-avó. Mesmo na adolescência, quando se sentia orgulhosa por ser a namorada de Ben e ainda mais orgulhosa do que gostava de transparecer por ser convidada para os bailes da escola, Georgia tinha uma opinião sofrível a respeito das moças que conheceu lá. Ela achava que moças ricas eram mimadas e burras. Ela as chamava de imbecis. Ela pensava em si mesma como uma moça — e depois, mulher — que não gostava de outras moças e mulheres. Ela chamava as outras esposas de oficiais da Marinha de "*senhorinhas* da Marinha". Ben às vezes se divertia com as opiniões dela sobre as pessoas, e às vezes perguntava se ela tinha mesmo que ser tão crítica.

Ele disse que suspeitava que Georgia iria gostar de Maya. Isso não dispôs Georgia a favor de Maya. Mas no final Ben estava certo. Ele ficou muito feliz na época por ter encontrado alguém como Maya, como se ela fosse uma oferenda para Georgia, por ter encontrado um casal com quem ele e Georgia podiam se unir como amigos.

— Vai ser bom para gente ter amigos fora da Marinha — ele dizia. — Uma esposa que não é convencional com quem você pode se divertir. Não dá para dizer que Maya seja convencional.

Georgia não podia. A casa era mais ou menos o que ela tinha esperado — logo ela soube que Maya chamava o lugar de “fortaleza dos amigos da vizinhança” — mas Maya a surpreendeu. Ela mesma abriu a porta, descalça, usando um longo robe sem forma definida feito de tecido marrom áspero que parecia estopa. Seus cabelos eram longos e lisos, partidos no alto da têmpora. Era quase da mesma cor baça do robe. Ela não usava batom e sua pele era áspera e pálida, com marcas como tênues pegadas de pássaro nas bochechas côncavas. Essa falta de cor, essa textura áspera pareciam uma esplêndida declaração de qualidade. Quão indiferente ela parecia, quão arrogante e indiferente com seus pés descalços, unhas sem pintura e robe esquisito. A única coisa que ela fizera no rosto tinha sido pintar as sobrancelhas de azul — na verdade, arrancar todos os pelos das sobrancelhas e pintar a pele de azul. Nem sequer uma linha arqueada — só um pequeno borrão azul sobre cada olho, como uma veia inchada.

Georgia, cujos cabelos escuros eram armados, cujos olhos eram maquiados no estilo da época, cujos seios se projetavam com estilo, achou aquilo desconcertante e maravilhoso.

Harvey foi a outra pessoa presente cuja aparência impressionou Georgia. Ele era um homem baixo com ombros fortes, barriga um pouco proeminente, olhos azuis estufados e expressão combativa. Era de Lancashire. Seus cabelos grisalhos eram ralos no topo mas longos nas laterais — penteados sobre as orelhas de um jeito que o fazia parecer mais um artista que um cirurgião.

— Ele nem parece ser limpo o suficiente para ser cirurgião — Georgia disse a Ben depois. — Você não acha que ele parece um escultor? Com as unhas sujas? Eu acho que ele trata mal as mulheres. — Ela se lembrava de como ele tinha encarado seus seios. — Ele não é como Raymond. Raymond idolatra Maya. E é muito limpo.

(Algumas semanas depois do jantar Maya disse a Georgia, com precisão cirúrgica, que Raymond tinha a aparência que a mãe de

todo mundo adora.)

A comida que Maya serviu não era melhor que a que se espera em um jantar familiar, e os talheres pesados de prata estavam um pouco manchados. Mas Raymond serviu vinho branco sobre o qual teria gostado de falar. Ele não conseguiu interromper Harvey, que contava histórias de hospital indiscretas e escandalosas, e falava com leve ultraje sobre necrofilia e masturbação. Mais tarde, na sala de estar, o café foi preparado e servido com alguma cerimônia. Raymond chamou a atenção de todos enquanto moía os grãos em uma máquina turca. Ele falou sobre a importância dos óleos aromáticos. Harvey, interrompido no meio de uma anedota, ficou olhando com um sorrisinho antipático, e Hilda com atenção paciente e polida. Era Maya quem encorajava o marido, radiante, e ficava perto dele como uma assistente, ajudando com humildade e graça. Ela serviu o café em pequenas e bonitas xícaras turcas, que ela e Raymond tinham comprado em uma loja em San Francisco junto com o moedor de café. Ela escutou com ar de recato enquanto Raymond falava da loja, como se lembrasse de outros prazeres das férias.

Harvey e Hilda foram os primeiros a partir. Maya disse adeus dependurada do ombro de Raymond. Mas quando eles se foram ela se afastou dele, descartando o comportamento de esposa e sua graça sinuosa. Ela se espreguiçou no sofá bem à vontade, de um jeito estranho, e disse:

— Então, não vão embora ainda. Ninguém consegue falar quando Harvey está por perto. A gente tem que esperar para poder falar depois.

E Georgia compreendeu. Ela viu que Maya esperava não ter que ficar sozinha com o marido que ela tinha excitado — sabe-se lá com que intenções — com sua demonstração espalhafatosa de atenção. Ela compreendeu que Maya estava triste e que sentia certo medo familiar ao fim do jantar. Raymond estava feliz. Ele se sentou na ponta do sofá, erguendo os pés relutantes de Maya para conseguir espaço. Ele esfregou um dos pés dela entre as mãos.

— Que selvagem! — disse ele. — Essa mulher não usa sapatos.

— Conhaque! — disse Maya, levantando-se rapidamente. — Eu sabia que tinha outra coisa que as pessoas fazem em jantares. Elas bebem conhaque!

— Ele a ama, mas ela não o ama — disse Georgia para Ben, logo depois de dizer que Raymond idolatrava Maya e era bem limpo. Mas Ben, talvez não tendo ouvido direito, pensou que ela se referia a Harvey e Hilda.

— Não, não, não — respondeu Georgia. — Acho que é o contrário. É difícil dizer como os ingleses. Maya estava só representando para eles. Eu acho que sei por quê.

— Você acha que sabe de tudo — disse Ben.

Georgia e Maya ficaram amigas em dois níveis: eram amigas como esposas no primeiro nível, e depois eram amigas como mulheres. No primeiro nível, iam a jantares uma na casa da outra. Escutavam os maridos falando sobre a época de escola. As piadas e brigas, as conspirações e desastres, os agressores e as vítimas. Colegas e professores terríveis ou dignos de pena, ameaças e humilhações. Maya perguntou se eles tinham certeza de que não tinham lido sobre aquilo em livros.

— Parece uma história — disse ela. — Uma história de garotos sobre a época de escola.

Eles responderam que o que os livros relatavam era a experiência deles. Quando tinham falado o bastante sobre a escola, falavam sobre filmes, política, personalidades públicas, lugares para onde tinham viajado ou para onde queriam viajar. Então Maya e Georgia podiam participar. Ben e Raymond não acreditavam em deixar as mulheres de fora da conversa. Eles acreditavam que as mulheres eram tão inteligentes quanto os homens.

No segundo nível, Georgia e Maya conversavam nas cozinhas de suas casas, tomando café. Ou almoçavam no centro. Havia dois lugares, e apenas dois, onde Maya gostava de almoçar. Um era o Moghul's Court — um bar antigo, enorme e sujo em um hotel de estação de trem igualmente tanto enorme como sujo. O Moghul's Court tinha cortinas roídas de traça em veludo cor de abóbora,

samambaias secas e garçons que usavam turbante. Maya sempre se vestia com apuro para ir lá, com vestidos de seda com bastante caimento, com luvas brancas não muito limpas e chapéus fantásticos encontrados em brechós. Ela fingia ser uma viúva que tinha servido com o marido em vários postos avançados do Império. Falava em tons melífluos com os jovens garçons de cara fechada, perguntando a eles:

— Poderia me fazer a gentileza de... — e então dizendo a eles que tinham sido muito, muito gentis.

Georgia e ela inventaram o passado da viúva do Império, e Georgia foi adicionada à história como uma acompanhante paga, azeda e secretamente socialista chamada srta. Army Jukes. O nome da viúva era sra. Allegra Forbes-Bellyea. O marido se chamara Nigel Forbes-Bellyea. Às vezes, sir Nigel. A maior parte de uma tarde chuvosa no Moghul's Court foi passada criando os horrores da lua de mel dos Forbes-Bellyea em um hotel com infiltração no País de Gales.

O outro lugar de que Maya gostava era um restaurante hippie na Blanchard Street, onde havia almofadas sujas presas em cima de tocos de árvore para sentar-se, e onde era possível comer arroz integral com legumes gosmentos e beber cidra turva (no Moghul's Court, Maya e Georgia só bebiam gim). Quando almoçavam no restaurante hippie, usavam vestidos de algodão indianos longos e baratos, e fingiam ser fugitivas de uma comuna, onde tinham sido ajudantes ou concubinas de um cantor *folk* chamado Bill Bones. Elas inventaram várias músicas para Bill Bones, canções inofensivas, amenas e ternas que contrastavam de forma chocante com seus costumes lúbricos e gananciosos. Bill Bones tinha vários hábitos curiosos.

Quando não estavam brincando de inventar, falavam precipitadamente sobre suas vidas, infâncias, problemas e maridos.

— Parecia um lugar horrível — disse Maya. — Aquela escola.

Georgia concordou.

— Eles eram meninos pobres em uma escola de ricos — disse Maya. — Por isso tiveram que se esforçar. Tinham que dar orgulho para as famílias.

Georgia não teria considerado a família de Ben pobre, mas ela sabia que havia diferentes maneiras de julgar essas coisas.

Maya disse que sempre que eles tinham convidados para o jantar, Raymond escolhia todos os discos que considerava adequados e os colocava em ordem de antemão.

— Acho que qualquer dia ele vai entregar cartõezinhos com os tópicos de conversa na entrada — disse Maya.

Georgia revelou que Ben escrevia uma carta toda semana para a tia-avó que o tinha mandado para a escola.

— São cartas bonitas?

— Sim. Ah, sim, são cartas bonitas.

Elas se entreolharam, sérias, e riram. Então anunciaram — admitiram — o que lhes incomodava. Era a inocência dos maridos — a inocência contente, firme, calorosa. Isso é cansativo, e termina por ser desencorajador. Torna a intimidade uma tarefa.

— Mas você se sente mal falando assim? — perguntou Georgia.

— É claro — disse Maya, sorrindo e exibindo os dentes grandes e perfeitos (produto de trabalho ortodôntico caro, de quando ela ainda não tinha tomado o controle da própria aparência). — Eu tenho outro motivo para me sentir mal — disse ela. — Mas não sei se me sinto mal. Eu sinto e não sinto.

— Eu sei o que é — disse Georgia, que até aquele momento não tinha sabido ao certo.

— Você é muito inteligente — disse Maya. — Ou então eu sou muito óbvia. O que você acha dele?

— Acho que é uma encrenca da grande — disse Georgia, imparcial. Ela gostou daquela resposta, que não mostrava o quão lisonjeada ela se sentia com o desabafo, ou o quão intoxicante ela achava aquela conversa.

— É, você sabe do que fala mesmo — disse Maya, e então contou a história do aborto. — Eu vou terminar com ele qualquer dia desses.

Mas ela continuou se encontrando com Harvey. Durante algum almoço ela contava alguns fatos sobre ele que a desiludiam, e então anunciava que tinha que ir, que ia encontrá-lo em um motel em Gorge Road, ou no chalé que ele tinha em Prospect Lake.

— Tenho que ir — dizia.

Ela abandonara Raymond uma vez. Não foi por Harvey. Ela tinha fugido com, ou para os braços de um músico. Um pianista — nórdico e de aparência sonolenta, mas de temperamento ruim — de seus dias de dama da sociedade e concertos beneficentes. Ela viajou com ele por cinco semanas, e ele a deixou em um hotel em Cincinnati. Então ela começou a sentir terríveis dores no peito, apropriadas para um coração partido. O que ela teve na verdade foi um ataque da vesícula. Mandaram chamar Raymond, ele foi até lá e a pegou no hospital. Passaram férias curtas no México e então voltaram para casa.

— E foi o bastante para mim — disse Maya. — Olha aí o seu amor verdadeiro e desesperado. Nunca mais.

Mas Harvey era o que então?

— Exercício.

Georgia conseguiu um emprego de meio período em uma livraria, trabalhando várias noites por semana. Ben partira no cruzeiro anual. O verão mostrara-se quente e ensolarado demais para a Costa Oeste. Georgia mexeu no cabelo, parou de usar muita maquiagem e passou a usar vestidos curtos de alça. Sentada em seu banquinho na frente da livraria, mostrando os ombros nus bronzeados e pernas fortes e bronzeadas, ela parecia uma estudante de faculdade — inteligente mas cheia de energia e opiniões ousadas. As pessoas que iam à livraria gostavam de moças — de mulheres — com a aparência de Georgia. Gostavam de falar com elas. A maioria aparecia sozinha. Não eram exatamente pessoas solitárias, mas sentiam falta de alguém com quem falar sobre livros. Georgia plugava a chaleira elétrica na tomada atrás do balcão e fazia chá de framboesa. Alguns clientes favorecidos traziam as próprias canecas. Maya ia visitá-la e ficava pelos fundos do salão, divertindo-se e sentido inveja.

— Você sabe o que você tem? — disse ela a Georgia. — Você tem um *salon* só seu! Ah, eu queria um emprego assim! Até gostaria de um emprego comum numa loja comum, onde a gente

fica dobrando coisas, procurando coisas para as pessoas, catando troco, dizendo "muito obrigada, está frio lá fora né, será que vai chover?".

— Você pode arranjar um emprego assim — disse Georgia.

— Não, não posso. Eu não tenho disciplina. Eu fui muito mal criada. Eu não consigo nem cuidar da casa sem a ajuda da sra. Hanna, da sra. Cheng e de Sadie.

Era verdade. Para uma mulher moderna, Maya tinha muitas empregadas, embora elas aparecessem em horários diferentes, fizessem coisas diferentes e não se parecessem nem um pouco com os domésticos de casas mais tradicionais. Até a comida das festas que ela dava, que pareciam exibir seu toque indiferente, eram preparadas por outra pessoa.

Geralmente, Maya estava ocupada à tarde. Georgia gostava disso, pois não queria Maya aparecendo na loja perguntando por livros com títulos estapafúrdios que ela tinha inventado, tornando o emprego de Georgia uma espécie de piada. Georgia levava a livraria a sério. Ela tinha um apego sério e secreto pela loja que não conseguia explicar. Era uma loja estreita e comprida com uma entrada afunilada antiquada entre duas vitrines em ângulo. De seu banco atrás do balcão Georgia via os reflexos de uma janela refletindo na outra. Aquela não era uma rua preparada para receber turistas. Era uma rua larga, de leste a oeste, imersa em tênue luz amarela no início da tarde, uma luz que se refletia dos prédios pálidos de estuque, prédios não muito altos, fachadas de lojas simples, calçadas quase vazias. Georgia achava aquela simplicidade libertadora depois das ruas tortuosas onde soprava o vento, os quintais floridos e as janelas adornadas de hera de Oak Bay. Ali os livros podiam ser eles mesmos, como não podiam em livrarias suburbanas mais arrumadas e modernas. Longas fileiras de brochuras (a maior parte dos livros da Penguin na época ainda tinha as capas laranja e branca ou azul e branca, sem imagens ou desenhos: só os títulos simples e sem explicação). A loja era uma avenida repleta de recompensas e promessas plausíveis. Certos livros que Georgia não tinha lido e provavelmente jamais leria eram importantes para ela, por causa da nobreza dos títulos. *Elogio da*

loucura, As razões da coincidência, Florescimento da nova Inglaterra, Ideias e integridades.

Às vezes ela se levantava e arrumava os livros de maneira mais estrita. Ficção era arrumada alfabeticamente por autor, o que era sensato mas não muito interessante. Os livros de história, no entanto, e livros de filosofia e psicologia, bem como outros livros de ciência, eram arranjados de acordo com certas regras complexas e deliciosas — respeitando cronologia e conteúdo — que Georgia compreendeu imediatamente e até mesmo aperfeiçoou. Ela não precisava ler muito de um livro para conhecê-lo. Ela conseguia uma impressão facilmente, quase imediatamente, como se pelo cheiro.

Às vezes a loja ficava vazia e ela sentia calma abundante. Não eram nem mesmo os livros que importavam. Ela ficava sentada no banquinho e olhava para a rua — paciente, à espera, sozinha, em um estado delicadamente equilibrado e suspenso.

Ela viu o reflexo de Miles na janela — um fantasma de capacete parando a motocicleta no meio-fio — antes de vê-lo diretamente. Ela acreditava que tinha notado seu perfil valente, sua palidez, seus cabelos rubros foscos (ele tirou o capacete e sacudiu os cabelos antes de entrar na loja) e seu modo de andar rápido, insolente e encurvado já no reflexo da vitrine.

Não a surpreendeu que ele imediatamente começasse a conversar com ela, como os outros faziam. Ele disse que era mergulhador. Procurava destroços de navios, aviões perdidos e cadáveres. Tinha sido contratado por um casal rico de Victoria que estava planejando um cruzeiro de caça ao tesouro, e estava preparando tudo. O nome do casal e o destino eram secretos. Caça ao tesouro era um ramo para lunáticos. Ele já trabalhara nisso antes. A casa dele ficava em Seattle, onde ele tinha uma esposa e uma filha pequena.

Tudo o que ele disse podia facilmente ser mentira.

Ele mostrou a Georgia imagens em livros — fotografias e desenhos de moluscos, águas-vivas, caravelas portuguesas, alga do sargaço, o peixe voador caribenho, o cinturão de Vênus. Ele apontou quais imagens eram exatas, quais eram falsas. Então ele se afastou, sem dar mais atenção a ela, e até saiu da loja enquanto

ela se ocupava com outro cliente. Nem sombra de adeus. Mas ele voltou em outra noite e contou a ela sobre um homem afogado imprensado na cabine de um barco, olhando pela janela inundada com expressão de interesse. Com demonstrações de atenção e afastamento, conversas impessoais conduzidas bem de perto, olhares sérios e velados de predador desinteressado, logo ele pôs Georgia em um estado perturbador e não de todo desagradável. Ele não apareceu por duas noites seguidas, então apareceu e perguntou de chofre se ela não queria uma carona para casa de moto.

Georgia disse que sim. Nunca tinha andado de moto na vida. Seu carro estava no estacionamento; ela sabia o que ia acontecer.

Ela disse a ele onde morava:

— Fica a alguns quarteirões da praia.

— Então vamos para a praia. A gente senta naqueles troncos que tem lá.

Foi o que fizeram. Ficaram sentados por algum tempo nos troncos secos. Então, embora a praia não estivesse completamente às escuras ou completamente deserta, eles fizeram amor ao abrigo imperfeito de algumas giestas. Georgia foi para casa a pé, uma mulher mais leve, fortalecida, longe de estar apaixonada, favorecida pelo universo.

— Meu carro não quis ligar — disse ela à babá, uma avó que morava na mesma rua. — Eu caminhei até aqui. Mas foi uma delícia vir caminhando. Uma delícia. Estava tão bom.

Seu cabelo estava despenteado, os lábios estavam inchados, as roupas, cheias de areia.

Sua vida se encheu de mentiras assim. Seu carro ficava estacionado perto de praias mais afastadas, nas estradas de transporte de madeira convenientemente perto da cidade, nas tortuosas estradas secundárias da península Saanich. O mapa da cidade que ela tinha na mente até então, com as rotas para as lojas, para seu trabalho, para a casa das amigas, foi sobreposto a outro mapa de rotas intrincadas percorridas com medo (não vergonha) e excitação, de

abrigos frágeis, esconderijos temporários onde ela e Miles faziam amor, frequentemente próximos o bastante para ouvir o barulho do tráfego, de um grupo em excursão ou família fazendo piquenique. E a própria Georgia, vendo os filhos no carrossel, ou sopesando a forma perfeita de um limão no supermercado, continha outra mulher, que havia apenas algumas horas estava gemendo e se revirando entre as samambaias, na areia, no chão duro ou, durante uma tempestade, no próprio carro — que fora arrancada ríspida e gloriosamente da própria mente, deixada à deriva e depois recomposta, para então procurar o caminho de casa outra vez. Aquela era uma história comum? Georgia lançou um olhar para as outras mulheres no supermercado. Ela procurava sinais — de expressões sonhadoras, exibicionistas, um quê de drama no modo de se vestir, um ritmo especial nos movimentos.

— Quantas? — perguntou ela a Maya.

— Sabe lá Deus — disse Maya. — Faça uma pesquisa.

O problema talvez tenha começado quando eles disseram que se amavam. Por que eles fizeram isso — definindo, inchando, obscurecendo seja lá o que era que sentiam? Parecia ser exigido, isso foi tudo — da mesma maneira que se podia querer mudanças, variações, elaborações no ato de fazer amor. Era um modo de ir mais além. Então eles disseram, e naquela noite Georgia não conseguiu dormir. Ela não se arrependeu do que foi dito, nem achou que fosse mentira, embora soubesse que era absurdo. Ela pensou na maneira como Miles tentava fazer com que ela olhasse em seus olhos durante o ato — algo que Ben não fazia mesmo — e pensou em como seus olhos, a princípio brilhantes, desafiadores, tornavam-se enevoados, calmos e sombrios. Assim ela confiava nele — era a única maneira em que poderia. Ela imaginou ser lançada em um mar magnífico, cinzento, profundo e ruinoso. Amor.

— Eu não sabia que isso ia acontecer — disse ela, na cozinha de Maya no dia seguinte, tomando café. O dia estava quente, mas ela vestira uma suéter para ter em que se aninhar. Ela se sentia perturbada e submissa.

— Não. E você não sabe — disse Maya, um tanto ríspida. — Ele também disse? Ele também disse que amava você?

Georgia disse que sim, sim, é claro.

— Então cuidado. Cuidado com a próxima vez. A vez seguinte sempre é complicada depois que eles dizem isso.

E foi. Da vez seguinte, um abismo se abriu. A princípio eles apenas o testaram, para ver se estava ali mesmo. Era quase como uma nova dimensão para eles. Mas o abismo se abriu e se ampliou. Antes que quaisquer palavras fossem ditas para confirmar a presença do abismo, Georgia o sentiu crescer, embora quisesse desesperadamente que ele se fechasse. Será que ele sentia o mesmo? Ela não sabia. Ele também parecia frio — pálido, deliberado, brilhando com alguma intenção maliciosa.

Estavam sentados, despreocupados, tarde da noite, no carro de Georgia, entre os outros amantes em Clover Point.

— Todo mundo nesses carros está fazendo o mesmo que nós — disse Miles. — Isso não te deixa excitada?

Ele dissera aquilo no mesmo momento, na vez anterior, em que se sentiram movidos a falar de maneira solene e alquebrada sobre amor.

— Já pensou nisso? — disse ele. — Por exemplo, Ben e Laura. Já imaginou como seria com você, eu, Ben e Laura?

Laura era sua esposa, que estava em casa, em Seattle. Ele não a mencionara antes, exceto para dizer seu nome a Georgia. Ele falara de Ben de um modo que não agradou Georgia, mas ela deixou para lá.

“O que o Ben acha que você faz para se divertir quando ele está cruzando o oceano azul?”, perguntava ele.

“Você e Ben fazem alguma coisa para se divertir quando ele volta?”

“Ben gosta dessa sua roupa que nem eu?”

Ele falava como se ele e Ben fossem amigos de certa forma, ou pelo menos sócios, coproprietários.

— Você, eu, Ben e Laura — disse ele, em um tom que a Georgia pareceu insistente e artificialmente desdenhoso, matreiro e lascivo. — Aumentando a diversão.

Ele tentou boliná-la, fingindo não notar o quão ofendida, o quão amargamente atingida ela se sentia. Ele descreveu as trocas

generosas que aconteceriam entre os quatro na cama. Ele perguntou se ela estava ficando excitada. Ela disse que não, que estava enojada.

— Ah, está sim, mas não admite — disse ele. — Sua voz, suas carícias ficaram mais opressivas. — O que há de tão especial a seu respeito? — perguntou ele, suavemente, com desprezo, apertado os seios dela com força. — Georgia, por que é que você se acha a rainha, hein?

— Você está sendo cruel, e sabe disso — disse Georgia, afastando as mãos dele. — Por que você está fazendo isso?

— Amorzinho, eu não estou sendo cruel — disse Miles, em uma voz melíflua, de ternura fingida. — Eu estou é com tesão. Estou com tesão de novo, é só isso. — Ele começou a empurrar e puxar Georgia, arranjando-a para seu uso. Ela disse para ele sair do carro.

— Fresca — disse ele, na mesma voz artificial odiosamente tenra, como se beijasse em frenesi alguma coisa repelente. — Putinha fresca é o que você é.

Georgia disse que ia tocar a buzina se ele não parasse. Ela tocaria a buzina se ele não saísse do carro. Iria gritar para alguém chamar a polícia. Ela tocou a buzina enquanto lutavam e ele a empurrou, soltando um palavrão baixo que ela já ouvira ele usar outras vezes, mas significando outra coisa. Ele saiu do carro.

Ela não conseguia acreditar na hostilidade que surgira, nem que as coisas tivessem mudado tão drasticamente. Quando ela pensou naquilo mais tarde — bem mais tarde —, imaginou que talvez ele tivesse agido assim por causa das mordidas da consciência, para diferenciá-la de Laura. Ou para apagar o que tinha dito da última vez. Para humilhá-la, pois estava com medo. Talvez. Ou talvez para ele tudo aquilo fosse apenas um desenvolvimento verdadeiramente interessante do ato de fazer amor.

Ela teria gostado de falar sobre isso com Maya. Mas a possibilidade de conversar com Maya já não existia. A amizade delas chegara ao fim abruptamente.

Na noite após o incidente em Clover Point, Georgia estava no chão da sala de estar jogando um jogo de cartas com os filhos, perto da hora de dormir. O telefone tocou, e ela teve certeza de que era Miles. Ela estivera pensando o dia todo que ele ligaria, ele teria que ligar para explicar-se, pedir seu perdão, dizer que a estava testando, ou que tinha ficado louco momentaneamente por causa de circunstâncias sobre as quais ela nada sabia. Ela não o perdoaria imediatamente. Mas não desligaria o telefone.

Era Maya.

— Adivinha uma coisa esquisita que aconteceu — disse Maya. — Miles me telefonou. O seu Miles. Tudo bem, Raymond não está aqui. Como é que ele sabia o meu nome?

— Eu não sei — disse Georgia.

Era ela quem tinha falado, é claro. Ela oferecera a imprevisível Maya para o divertimento dele, ou para enfatizar o quão ela ainda era uma novata naquele jogo — um prêmio relativamente casto.

— Ele disse que quer vir aqui falar comigo — disse Maya. — O que você acha? O que há com ele? Vocês brigaram?... É? Ah, bom, então ele deve querer que eu convença você a voltar com ele. Tenho que admitir que ele escolheu a noite certa. Raymond está no hospital. Tem uma mulher em trabalho de parto que empacou, e ele talvez tenha que fazer uma cesariana nela. Eu ligo para você e conto como foi tudo. Que tal?

Depois de duas horas, com os filhos já há muito dormindo, Georgia começou a aguardar o telefonema de Maya. Ela assistiu ao jornal para distrair a mente. Levantou o receptor do gancho para se certificar de que havia linha. Desligou a televisão depois do jornal, depois ligou-a novamente. Começou a assistir a um filme; viu três partes com comercial sem ir até a cozinha para ver a hora.

Meia-noite e meia ela saiu, pegou o carro e foi até a casa de Maya. Não tinha ideia do que faria lá. E não fez muito, mesmo. Ficou dirigindo pela estradinha circular com os faróis apagados. A casa estava às escuras. Ela viu a garagem aberta, sem o carro de Raymond. A moto não estava em parte alguma.

Ela tinha deixado os filhos sozinhos e a porta destrancada. Nada acontecera com eles. Não tinham acordado e descoberto que

ela sumira. Nenhum ladrão, assassino ou predador a surpreendeu na volta. Um pouco de sorte que ela nem sequer soube apreciar. Ela saíra deixando a porta aberta e as luzes acesas, e ao retornar mal reconhecia a tolice que fizera, mas fechou a porta e apagou algumas luzes, deitando-se no sofá da sala em seguida. Ela não dormiu. Ficou quieta ali, como se o menor movimento piorasse seu sofrimento, até ver que o dia clareava e ouvir os pássaros despertando. Seus membros estavam duros. Ela se levantou outra vez, foi até o telefone e ergueu o receptor para verificar o tom de discagem. Ela caminhou rígida até a cozinha, colocou uma chaleira no fogo dizendo para si mesma as palavras: "*paralisada de dor*".

"Paralisada de dor." O que ela estava pensando? Era assim que se sentiria, era assim que descreveria seus sentimentos se um de seus filhos morresse. Dor é para assuntos sérios, perdas importantes. Ela sabia disso. Ela não teria trocado uma hora da vida de um filho para que o telefone tivesse tocado às dez da noite anterior, para ouvir Maya dizer: "Georgia, ele está desesperado. Ele sente muito. Ele ama muito você".

Não. Mas parecia que aquele telefonema teria lhe dado uma felicidade que nenhum olhar ou palavra vindos de seus filhos poderiam lhe dar. Que nada jamais poderia lhe dar novamente.

Antes das nove ela ligou para Maya. Enquanto discava, pensou que ainda havia algumas possibilidades pelas quais esperar. O telefone de Maya tinha dado defeito temporariamente. Maya tinha ficado doente na noite anterior. Raymond tinha se envolvido em um acidente de carro no caminho do hospital para casa.

Todas aquelas possibilidades desapareceram ao primeiro som da voz de Maya, que parecia sonolenta (fingindo estar sonolenta?) e sedosa, cheia de subterfúgio.

— Georgia? É Georgia? Ah, eu achei que era Raymond. Ele teve que ficar no hospital para o caso da coitada da mulher precisar de cesariana. Ele ficou de me ligar...

— Você me disse isso a noite passada — disse Georgia.

— Ele ficou de me ligar... Ah, Georgia, eu fiquei de ligar para você! Agora eu me lembro. Sim, era para eu ligar para você, mas

eu achei que já estava muito tarde. Achei que o telefone podia acordar as crianças. Eu pensei: "Ah, melhor deixar para de manhã!".

— Muito tarde quanto?

— Não muito. Eu só pensei.

— O que aconteceu?

— Como assim, "o que aconteceu"? — Maya riu como uma dama em uma peça tola. — Georgia, você está nervosa?

— O que aconteceu?

— Ah, Georgia — disse Maya, gemendo magnânima, mas transparecendo algum nervosismo. — Georgia, eu sinto muito. Não foi nada. Foi só isso, nada. Eu fui podre, mas não foi por querer. Eu ofereci uma cerveja a ele. Não é isso que se faz quando alguém chega na sua casa de moto? Oferecer uma cerveja? Mas aí ele se achou todo importante e falou que só bebia uísque. E disse que só bebia uísque se eu acompanhasse. Eu o achei bem metido. Assim cheio de pose, sabe. Mas eu estava fazendo isso por você, Georgia, eu queria descobrir o que ele queria. Então eu falei para ele guardar a moto atrás da garagem e fui com ele até o quintal. Porque aí se eu ouvisse o carro de Raymond eu podia expulsá-lo pelos fundos da casa, ele podia ir empurrando a moto pela saída. A essa altura eu não ando querendo jogar nenhuma história nova no colo de Raymond. Assim, mesmo que fosse inocentemente, porque começou bem inocente.

Georgia rilhava os dentes quando bateu o telefone. Ela nunca mais falou com Maya. Um pouco depois, Maya apareceu à porta, claro, e Georgia teve que deixá-la entrar porque as crianças estavam brincando no quintal. Maya sentou-se à mesa da cozinha, contrita, e perguntou se podia fumar. Georgia não respondeu. Maya disse que fumaria assim mesmo e que esperava que tudo bem. Georgia fingiu que Maya não estava lá. Enquanto Maya fumava, Georgia limpava o fogão, dismantelando as peças e remontando-as. Esfregou os balcões e poliu as torneiras e ajeitou a gaveta de facas. Passou o pano no chão ao redor dos pés de Maya. Ela trabalhou rápido, com afinco, sem olhar direito para Maya uma única vez. No começo ela não teve certeza se conseguiria manter aquilo. Mas foi ficando mais fácil. Quanto mais sincera Maya ficava

— quanto mais ela se distanciava do remorso sensato, da confissão semidivertida, aproximando-se do remorso real e assustador —, mais Georgia confirmava sua decisão, mais satisfeita ela ficava intimamente, de um jeito sinistro. Ela tomou cuidado, no entanto, para não parecer sinistra. Ela se movia levemente. Estava quase cantarolando.

Ela pegou uma faca para raspar a gordura entre os ladrilhos do balcão perto do fogão. Ela tinha deixado juntar muita sujeira.

Maya fumava um cigarro atrás do outro, apagando-os em um pires que pegara de um armário. Ela disse:

— Georgia, isso é tão besta. Eu sei o que digo, ele não vale a pena. Não foi nada. Foi só uísque e oportunidade.

Ela disse:

— Eu sinto muito mesmo. Sinto de verdade. Eu sei que você não acredita em mim. Como eu posso falar de um jeito que você acredite?

E ainda:

— Georgia, escute. Você está me humilhando. Tudo bem. Tudo bem. Talvez eu mereça. Eu mereço. Mas depois que você tiver me humilhado o bastante nós vamos voltar a ser amigas e vamos rir disso tudo. Quando nós estivermos bem velhinhas, eu juro, nós vamos rir disso. Nós nem vamos lembrar do nome dele. Vamos chamar ele de “selvagem da motocicleta”. Nós vamos...

E depois:

— Georgia, o que você quer que eu faça? Você quer que eu me jogue no chão? Eu estou quase fazendo isso. Eu estou me esforçando para não fungar e não consigo, está vendo, Georgia, eu estou chorando e fungando, Georgia, ok?

Ela tinha começado a chorar. Georgia pôs as luvas de borracha e começou a limpar o forno.

— Você venceu — disse Maya. — Vou pegar meus cigarros e vou embora.

Ela telefonou algumas vezes. Georgia desligou na cara. Miles telefonou e Georgia desligou na cara dele também. Ela achava que ele soava cuidadoso, mas presunçoso. Ele telefonou novamente e sua voz tremia, como se ele se esforçasse por transparecer

franqueza e humildade, amor simples. Georgia desligou imediatamente. Ela se sentiu violada, perturbada.

Maya escreveu uma carta, que dizia, em parte: "Acho que você sabe que Miles vai voltar para Seattle, para seja lá qual for o lar que ele tem lá. Parece que a história de caçar tesouros não deu em nada. Mas você devia saber que uma hora ele iria embora, e você teria se sentido péssima, então pelo menos você já passou pelo sentimento péssimo e já está bem, isso não é bom? Eu não digo isso para me desculpar. Eu sei que eu fui fraca e abjeta. Mas será que não dá para deixar isso para trás?". Ela continuou dizendo que ela e Raymond estavam indo passar férias há muito planejadas na Grécia e na Turquia, e que ela esperava receber uma carta de Georgia antes de partir. Mas se ela não recebesse nada, iria tentar entender a mensagem, e não iria incomodar escrevendo novamente.

Ela manteve a palavra. Não escreveu mais. Da Turquia ela enviou um tecido bonito, listrado, grande o suficiente para a mesa de jantar. Georgia o dobrou e o guardou. Deixou que Ben encontrasse, depois que ela foi embora muitos meses depois.

— Estou feliz — diz Raymond a Georgia. — Muito feliz, e o motivo é que eu estou contente em ser uma pessoa comum, com uma vida calma e comum. Eu não procuro nenhuma grande revelação, nenhum grande drama ou um messias do sexo oposto. Eu não ando por aí me esforçando para deixar as coisas mais interessantes. Eu posso dizer francamente a você que acho que Maya cometeu um engano. Não estou dizendo que ela não era muito talentosa e inteligente e criativa etc. mas ela estava procurando por alguma coisa — talvez estivesse procurando por algo que nunca existiu. E ela tendia a desprezar grande parte do que tinha. É verdade. Ela não queria os privilégios de que dispunha. Quando nós viajavamos, ela não queria ficar em um hotel confortável. Não. Ela tinha que inventar algum passeio subindo nas costas de burros caquéticos, bebendo leite azedo de manhãzinha. Acho que eu pareço bem sem graça. Bom, eu acho que sou mesmo. Eu sou sem graça. Sabe, ela

tinha uma prataria tão bonita. Linda prataria, veio da família. E ela não se importava, não limpava nem pedia para moça da limpeza limpar nem polir. Ela só enfiou tudo num saco plástico e guardou. Escondeu como se fosse uma vergonha. Como você acha que ela se via? Como tipo uma hippie? Ou um espírito livre? Ela nem percebia que era o dinheiro que permitia a ela agir assim. Eu digo para você, alguns dos espíritos livres que eu vi se encostarem aqui nesta casa não teriam ficado muito tempo se não fosse esse dinheiro.

— Eu fiz tudo o que eu pude — disse Raymond. — Eu não a desprezei nem a abandonei, como o tal Príncipe da Ilha da Fantasia.

Georgia obteve um prazer vingativo ao romper com Maya. Ela ficou satisfeita com o modo controlado como o fez. O modo como a ignorara. Ela se surpreendeu ao ver-se capaz de tamanho controle, de infligir um castigo tão completo. Ela castigara Maya. Castigara Miles através de Maya, tanto quanto pôde. Sabia que do que precisava era esfregar-se até ficar em pele viva, arrancar todo o vício pelas dádivas daqueles dois prodígios pálidos. Miles e Maya. Ambos lisos, luzidios — mentirosos, sedutores, trapaceiros. Mas era de imaginar que depois de tamanho suplício ela voltaria correndo para o casamento, trancaria as portas e ficaria muito grata pelo que tinha, como jamais fora antes.

Não foi isso o que aconteceu. Ela rompeu com Ben. Em um ano ela tinha ido embora. Seu jeito de romper foi árduo e maldoso. Ela contou a ele sobre Miles, embora poupasse o próprio orgulho ao omitir a parte sobre Miles e Maya. Ela não se importou — nem sequer tinha o desejo disso — em evitar ser maldosa com Ben. Na noite em que ela esperara o telefonema de Maya, um espírito amargo e incerto se apossara dela. Ela se viu como uma pessoa cercada por falsidade, vivendo em meio à falsidade. Como ela tinha sido tão prontamente infiel, seu casamento era uma farsa. Agora ela temia uma vida como a de Maya. Temia igualmente uma vida como a dela própria antes de aquilo acontecer. Ela só podia destruir.

Tanta energia fria se acumulou nela que ela precisou destruir a própria casa.

Junto com Ben, quando ambos eram muito jovens, ela ingressara em um mundo de cerimônia, de segurança, de gestos, de acobertamentos. Aparências agradáveis. Mais que aparências. Invenções laboriosas e agradáveis (ela achava ao partir que não teria mais espaço na vida para invenções). Ocasionalmente ela fora feliz ali. Tinha ficado amuada, inquieta, atônita e feliz. Mas ela repetia, veemente: "Nunca, nunca. Eu nunca fui feliz". As pessoas sempre dizem isso.

As pessoas provocam desvios notáveis, mas não as mudanças que imaginam causar.

Da mesma forma, Georgia sabe que o remorso que ela sente sobre o modo como mudou sua vida é desonesto. É real e desonesto. Ouvindo Raymond falar, ela sabe que o que quer que tenha feito, ela teria de fazer de novo. Ela teria de fazer de novo, já que tinha de ser quem ela era.

Raymond não quer deixar Georgia ir embora. Ele não quer se separar dela. Oferece-se para levá-la de carro até o centro. Quando ela se for, ele não poderá mais falar sobre Maya. Provavelmente Anne o avisou de não querer mais ouvir falar de Maya.

— Obrigado por vir — diz ele, no umbral. — Tem certeza sobre a carona? Tem certeza de que não pode ficar para jantar?

Georgia menciona outra vez o ônibus, a última barca. Ela diz que não, não, ela realmente quer caminhar. São só uns poucos quilômetros. O final da tarde está tão lindo, Victoria está tão linda. Ela diz que tinha esquecido como era.

Raymond diz mais uma vez:

— Obrigado por vir.

— Obrigada pelas bebidas — diz Georgia. — Obrigada mesmo. Acho que nós nunca acreditamos que vamos morrer.

— Ora essa... — diz Raymond.

— Não. Quis dizer que nós nunca nos comportamos... nós nunca nos comportamos como se acreditássemos que vamos

morrer.

Raymond sorri mais e mais e pousa a mão no ombro dela.

— Como é que devíamos nos comportar? — pergunta ele.

— Diferente — diz Georgia. Ela acentua a palavra de um jeito bobo, sinalizando que sua resposta é tão fraca que só pode mesmo ser uma piada.

Raymond a abraça e então a envolve com um longo beijo frio. Ele a agarra forte, com um apetite atroz, mas pouco convincente. Uma paródia de paixão, cuja intenção nenhum dos dois tentará decifrar.

Ela não pensa nisso ao caminhar de volta ao centro pelas ruas cobertas de folhas amarelas, entre os cheiros e os silêncios do outono. Ela passa por Clover Point, vendo os penhascos coroados de giestas, as montanhas além da água. As montanhas da Península Olímpica, reunidas como um cenário evidente, um recorte de papel machê colorido. Ela não pensa em Raymond, Miles ou Maya, nem sequer em Ben.

Ela pensa sobre ficar sentada na livraria à tarde. A luz da rua, os reflexos complicados nas janelas. A clareza acidental.

OLHA A PERUCA

Quando a mãe de Anita estava morrendo no Hospital de Walley, ela voltou para sua cidade natal para tomar conta dela — embora já não fosse enfermeira. Um dia ela foi interpelada no corredor por uma mulher pequena, de ombros e quadris largos e cabelo curto castanho agrisalhado.

— Eu soube que você estava aqui, Anita — disse ela, com um sorriso que parecia agressivo e envergonhado. — Não fique tão sem graça!

Era Margot, a quem Anita já não via havia mais de trinta anos.

— Eu quero que você vá lá em casa — disse Margot. — Se dê uma folga. Apareça logo.

Anita tirou um dia de folga e foi visitá-la. Margot e o marido tinham construído uma casa nova de frente para o porto, em um local onde não havia nada além de tufo de capim e trilhas secretas de crianças. Era comprida e baixa, feita de tijolo cinza. Mas Anita sugeriu que era alta o bastante — alta o bastante para entortar alguns narizes empinados do outro lado da rua, nas belas casas centenárias com vista privilegiada.

— Que se danem — disse Margot. — Eles fizeram uma petição contra nós. Foram até o Comitê.

Mas o marido de Margot já havia acertado tudo com o Comitê.

O marido de Margot era bem de vida. Anita já tinha ouvido falar. Ele era o dono de uma frota de ônibus que levava crianças para a escola, e aposentados para ver as flores de Niágara e as folhas de outono em Haliburton. Às vezes eles levavam clubes de solteiros ou grupos em férias para viagens mais excitantes — Nashville ou Las Vegas.

Margot mostrou o lugar a Anita. A cozinha era toda cor de amêndoa — Anita cometeu um engano ao chamar de “bege” — com quinas em amarelo-manteiga e verde-cobalto. Margot disse que cor natural de madeira era *démodé*. Elas não entraram na sala de estar, com o carpete rosa, cadeiras em seda listrada e metros e metros de cortinas estampadas em verde-pálido. Apenas admiraram da porta — era tudo belo, crepuscular e inviolado. A suíte principal era pintada de branco, dourado e vermelho-papoula. Havia uma jacuzzi e uma sauna.

— Eu não queria nada muito brilhante — disse Margot. — Mas não dá para esperar que um homem durma entre tons pastéis.

Anita perguntou se ela alguma vez tinha pensado em arranjar um emprego.

Margot jogou a cabeça para trás e riu fungando.

— Você está falando sério? Bom, eu tenho um emprego. Espere só para você ver os cavalões que eu tenho de alimentar. E esse lugar não funciona na base da mágica.

Ela pegou uma jarra de sangria da geladeira e a pôs numa bandeja com dois copos do mesmo conjunto.

— Você gosta disso? Ótimo. Vamos ficar ali no deque bebendo e conversando.

Margot usava shorts verdes com estampa de flores e uma blusa combinando. Suas pernas eram grossas, marcadas de veias inchadas; a carne dos braços tinha pequenas mossas, sua pele era morena, pintalgada de verrugas, parecendo couro, de tanto tomar sol.

— Mas como é que você continuou tão magra? — perguntou ela, como se achasse engraçado. Ela mexeu no cabelo de Anita. — Como você não ficou grisalha? Ajudinha da farmácia? Você está bonita.

Ela diz isso sem inveja, como se falasse com alguém mais jovem, ainda sem experiência e com a vida pela frente.

Parecia que todos os seus cuidados e vaidades eram para a casa apenas.

Margot e Anita cresceram em fazendas em Ashfield Township. Anita vivia na carcaça esburacada e fria de uma casa de tijolos que não tinha recebido papel de parede ou linóleo novos em vinte anos, mas havia um fogão na sala de estar que podia ser aceso, e ela ficava sentada lá, em paz e confortável, fazendo o dever de casa. Margot costumava fazer o dever sentada na cama que dividia com as duas irmãs menores. Anita não costumava ir à casa de Margot por causa do aperto, da confusão e do temperamento terrível do pai dela. Uma vez ela fora lá quando eles estavam preparando os patos para levar ao mercado. Penas voavam para todo lado. Havia penas na jarra de leite e um cheiro horrível de penas queimando no fogão. Havia sangue empoçado na toalha de mesa, pingando no chão.

Margot raramente ia à casa de Anita, porque a mãe de Anita não aprovava aquela amizade, embora não dissesse nada exatamente contra. Quando a mãe de Anita olhava para Margot, parecia estar contabilizando itens: o sangue e as penas, a chaminé do fogão se projetando pelo telhado da cozinha, o pai de Margot gritando que ia arrancar o couro de alguém.

Mas elas se encontravam todas as manhãs, enfrentando de cabeça baixa a neve que soprava do lago Huron, ou caminhando o mais rápido que podiam antes do amanhecer por um mundo de campos brancos, pântanos gélidos, céu rosado, estrelas evanescentes e frio excruciante. Ao longe, além do gelo no lago, elas viam uma fita de água desimpedida, cor de tinta azul ou de ovo de melro, dependendo da luz. Pressionados contra o peito levavam cadernos, livros escolares e o dever de casa. Elas usavam as saias, blusas e suéteres adquiridos com dificuldade (no caso de Margot, com subterfúgios e pancadas), e que mantinham em estado decente a muito custo. Exibiam o brasão do Ginásio de Walley, para onde iam, e se cumprimentavam com alívio. Tinham se levantado no escuro em quartos frios com as janelas brancas de geada e vestido as roupas de baixo sem tirar as camisolas, enquanto tampas de fogão batiam na cozinha, os abafadores se fechavam e os irmãos e irmãs mais novos corriam para se vestir no andar de baixo. Margot e a mãe se revezavam indo até o celeiro ordenhar as vacas e juntar o feno. O pai era linha dura ao extremo com eles, e

Margot dizia que se ele não espancasse alguém antes do café, era sinal de que estava doente. Anita podia se considerar com sorte, tendo irmãos para fazer as tarefas no celeiro e um pai que não batia em ninguém com frequência. Mas ela ainda se sentia nessas manhãs como se tivesse emergido de águas negras e profundas.

— Pense no café — elas diziam uma para a outra, abrindo caminho até a lojinha na autoestrada, um refúgio periclitante. Na casa das duas, a bebida de sempre era o chá, preto e feito à moda do campo.

Teresa Gault abria a loja antes das oito, para que elas entrassem. Apertadas contra a porta, elas viam as luzes fluorescentes se acendendo, jorros azuis piscando nas extremidades dos tubos, tremeluzindo, quase se apagando e então de súbito acendendo num clarão branco. Teresa vinha sorrindo como uma anfitriã, circundando o balcão do caixa, segurando o vestido de cetim vermelho acolchoado bem firme na garganta, como se aquilo pudesse protegê-la do ar gelado quando abrisse a porta. Suas sobancelhas eram asas negras feitas a lápis, e ela usava outro lápis, vermelho, para delinear a boca. A curva do lábio superior parecia ter sido cortada à tesoura.

Que alívio, que alegria era então entrar, sentir a luz e o cheiro do aquecedor a óleo, colocar os livros no balcão, tirar as luvas e esfregar os dedos doloridos. Então se agachavam e esfregavam as pernas — os centímetros nus que estavam quase congelando, anestesiados pelo frio. Elas não usavam meia-calça porque não era a moda. Usavam meias soquete dentro das botas (os sapatos bicolores ficavam na escola). As saias eram longas — era o inverno de 1948-9 —, mas ainda havia um trecho importante de perna desprotegida. Algumas moças do interior usavam meia-calça debaixo das meias. Algumas usavam até volumosas calças de esqui sob as saias. Margot e Anita, não. Preferiam congelar a virar motivo de chacota por causa dessas invencionices interioranas.

Teresa trazia xícaras de café para elas, café preto quente, bem forte e doce. Ela se maravilhara com aquela coragem. Tocava as mãos ou o rosto delas com um dedo e dava um gritinho, tremendo.

— Que gelo! Que gelo!

Para ela era incrível que alguém saísse de casa no inverno canadense, que dirá caminhar dois quilômetros. O que elas faziam todos os dias para ir à escola as tornava heroicas e estranhas aos olhos dela, e um pouco grotescas.

Isso especialmente porque elas eram meninas. Ela queria saber se essa exposição ao frio interferia na menstruação delas. Uma vez ela chegou a dizer:

— Mas não vai congelar os óvulos?

Margot e Anita entenderam e passaram a brincar com isso, sempre recomendando uma à outra cuidado para não congelar os óvulos. Teresa não era vulgar, era apenas estrangeira. Reuel a conhecera e casara com ela no além-mar, na Alsácia-Lorena, e quando ele foi para casa, ela o seguiu de navio assim como todas as outras noivas da guerra. Era Reuel quem dirigia o ônibus escolar quando Margot e Anita, com dezessete anos, estavam no terceiro ano do segundo grau. O itinerário dele começava ali na loja e no posto de gasolina que os Gault tinham comprado na estrada Kincardine, de onde dava para ver o lago.

Teresa contou sobre seus dois abortos. O primeiro aconteceu em Walley, antes de se mudarem para ali e antes de terem um carro. Reuel a ergueu nos braços e a carregou até o hospital (a ideia de ser erguida nos braços de Reuel causou tamanha comoção prazerosa no corpo de Anita que para experimentar aquilo ela quase se sentia pronta a suportar a agonia que Teresa dissera ter sofrido). A segunda vez aconteceu ali na loja. Reuel, trabalhando na oficina, não conseguiu ouvir os gritos fracos de Teresa, caída no chão em meio ao sangue. Um cliente entrou e a encontrou. Teresa disse:

— Graças a Deus, mais por causa de Reuel que de mim. Reuel não teria se perdoado.

Suas pálpebras adejavam, seus olhos se voltavam devotamente para o chão quando ela falava de Reuel e da vida íntima deles.

Enquanto Teresa falava, Reuel ficava entrando e saindo da loja. Ele ia lá fora e ligava o motor, então saía do ônibus e ia até os alojamentos sem olhar para elas, ou nem sequer responder Teresa,

que se interrompia para perguntar se ele tinha esquecido os cigarros, ou se ele queria mais café, ou se não queria usar luvas mais grossas. Ele batia a neve das botas de um jeito que era mais para anunciar sua presença que um sinal de preocupação com o assoalho. Seu corpo alto e ágil trazia uma lufada de ar frio com ele, e a barra de sua parca aberta geralmente derrubava alguma coisa — caixas de gelatina ou latas de milho, que Teresa arrumava de um jeito interessante. Ele não se virava para olhar.

Teresa dizia ter vinte e oito anos — a mesma idade de Reuel. Todos acreditavam que ela era mais velha — até dez anos mais velha. Margot e Anita tinham-na examinado de perto e decidiram que ela parecia queimada. A pele dela, particularmente na linha do cabelo e ao redor da boca e dos olhos, fazia pensar em uma torta deixada tempo demais no forno; não chegava a queimar, mas ficava com um tom castanho-escuro nas bordas. Seus cabelos eram finos, como se afetados pela mesma seca ou febre, e era preto demais — elas tinham certeza de que era tingido. Ela era pequena e tinha ossos pequenos, com pés e punhos pequenos, mas seu corpo parecia inchado abaixo da cintura, como se jamais tivesse se recuperado completamente das duas experiências curtas e atroztes de gravidez. Seu cheiro era o de algo doce cozinhando — geleia apimentada.

Assim como ela contava tudo, ela perguntava tudo. Ela perguntou a Margot e Anita se elas já estavam saindo com rapazes.

— Ah, por que não? Os pais seus não deixam? Eu comecei gostar dos meninos quando tinha catorze anos, mas papai não deixava. Eles vêm, assobiam debaixo de janela, papai corre com eles. Vocês deviam fazer sobancelhas. Os meninos gostam da menina que fica bonita. Isso eu nunca esqueço. Quando eu estava no navio vindo pelo Atlântico com outras esposas, todo o tempo eu ficava me arrumando para marido. Outras esposas só ficavam jogando baralho. Eu não! Eu só lavando cabelo e botando óleo lindo para pele ficar macia, e eu esfrega, esfrega assim para raspar a pele dura dos pés. Eu esqueço como chama... como é, a pele dura dos pés? E pintar a unha e fazer sobancelha e ficar toda linda, uma boneca! Para encontrar marido em Halifax. Enquanto as outras

todas só ficam sentadas jogando cartas e só fofoca, fofocando uma com a outra.

Elas tinham ouvido uma história diferente sobre o segundo aborto de Teresa. Tinham ouvido que tinha acontecido porque Reuel dissera a Teresa que estava cansado dela, e que queria que ela voltasse para a Europa, e em desespero ela se jogara contra uma mesa, desalojando o bebê.

Reuel parava em estradas secundárias e portões de fazenda para pegar os estudantes, que esperavam batendo os pés para se aquecer ou brigavam nos montes de neve. Margot e Anita eram as únicas garotas daquela idade pegando o ônibus naquele ano. A maior parte dos outros eram meninos da oitava série e do primeiro ano. Eles podiam dar trabalho, mas Reuel os colocava no lugar já enquanto subiam os degraus.

— Podem parar. Andem logo. Se vão subir, então subam.

E se houvesse um princípio de confusão no ônibus, gritos ou gente se agarrando ou dando socos, ou mesmo mudando de um banco a outro, ou rindo demais e falando alto, Reuel gritava:

— Fique quieto senão você vai andando! É, você mesmo, estou falando com você!

Uma vez ele expulsara um menino por fumar, a quilômetros de Walley. O próprio Reuel fumava o tempo todo. Usava a tampa de um pote de maionese como cinzeiro em cima do painel. Ninguém jamais o contestava, seja lá o que ele fizesse. Seu temperamento era bem conhecido, e era considerado normal nos ruivos como ele.

As pessoas diziam que ele era ruivo, mas Margot e Anita tinham notado que somente o seu bigode e o cabelo acima das orelhas era vermelho. O resto, o cabelo que se rareava das têmporas mas que se mantinha espesso e ondulado no resto da cabeça, especialmente na nuca (que era o que elas mais viam), era de uma cor fulva feito o pelame da raposa que elas tinham visto cruzando a estrada branca certa manhã. E os pelos de suas sobancelhas grossas, de seus braços e das costas da mão eram ainda mais claros, embora rebrilhassem em qualquer luz. Como o

bigode tinha preservado a chama? Elas falavam sobre isso. Discutiam em detalhes, friamente, tudo a respeito dele. Ele era ou não era bonito? Ele tinha a pele corada e manchada dos ruivos, uma testa alta e brilhante, olhos claros que pareciam ferozes mas indiferentes. Elas decidiram que ele não era bonito. Na verdade ele era esquisito.

Mas quando Anita estava perto dele, sentia como que um desespero controlado formigando por toda a pele. Era quase como o princípio de um espirro. A sensação era pior quando ela tinha que descer do ônibus e ele estava perto dos degraus. A tensão atravessava seu corpo, da frente para as costas, enquanto ela passava perto dele. Ela nunca mencionou isso a Margot, cujo desprezo pelos homens parecia ainda mais firme que o seu. A mãe de Margot temia o sexo com o pai dela tanto quanto as crianças temiam seus cascudos e chutes, e certa vez dormira a noite inteira no celeiro, com a porta fechada, para fugir dele. Margot chamava fazer amor de “arrumar coisa”. Ela falava com escárnio sobre Teresa “arrumando coisa” com Reuel. Mas Anita percebera que esse mesmo desprezo de Margot, sua expressão fechada, seu desdém, podiam ser atraentes para os homens. Margot podia ser atraente de um jeito que Anita não conseguia ser. Não tinha nada a ver com beleza. Anita achava que era mais bonita, embora fosse claro que Teresa não daria uma nota muito alta nesse quesito para nenhuma das duas. Tinha a ver com uma lassidão decidida que Margot às vezes exibia ao se mover, com a expansão séria dos quadris, a curva já feminina do estômago e uma expressão que podia dominar seus grandes olhos castanhos — uma expressão desafiadora e impotente, que não batia com nada que Anita já a tinha ouvido dizer.

Quando chegavam a Walley, o dia já tinha começado pra valer. Já não se via mais estrelas, nem uma nesga rosada no céu. A cidade, com seus prédios, ruas e rotinas entrecruzadas, postava-se como uma barricada contra o mundo tempestuoso ou congelado no qual tinham acordado. É claro que suas casas eram barricadas também, assim como a loja, mas não eram nada comparadas à cidade. Entrando um quarteirão na cidade já era como se o interior

não existisse. As grandes rajadas de neve nas estradas e o vento soprando e uivando pelas árvores não existiam. Na cidade, era necessário comportar-se como se sempre se tivesse estado na cidade. Os estudantes que moravam na cidade, e agora enchiam as ruas perto do colégio, levavam vidas de privilégio e facilidades. Levantavam-se às oito da manhã em casas com quartos e banheiros aquecidos (não era sempre o caso, mas Margot e Anita acreditavam que era). Não era provável que soubessem o seu nome, mas esperavam que você soubesse o nome deles, e você saberia.

O colégio era como uma fortaleza, com janelas estreitas e muros decorados de tijolos de tom vermelho-escuro, longos lances de escadas, portas imponentes e as palavras em latim insculpidas em pedra: *Scientia Atque Probitas*. Ao passarem por aquelas portas, perto das quinze para as nove, Margot e Anita, tendo vindo de casa, que era tão longe, tinham a sensação de que suas casas e todas as etapas da jornada até ali pareciam improváveis. O efeito do café já teria passado. Bocejos nervosos as acometiam sob as luzes duras do saguão. À frente, os desafios do dia: latim, inglês, geometria, química, história, francês, geografia, educação física. A campainha tocava dez minutos antes de cada hora, libertando-as por algum tempo. Escada acima, escada abaixo, levando livros e tinteiros, elas prosseguiram ansiosas sob as luzes dependuradas e os retratos da realeza e de educadores mortos. Os lambris das paredes, envernizados todo verão, tinham o mesmo brilho implacável dos óculos do diretor. A humilhação era iminente. O estômago de Margot e Anita doía e ameaçava roncar à medida que a manhã progredia. Elas receavam o suor debaixo das axilas e o sangue debaixo das saias. Tremiam indo para as aulas de inglês ou geometria, não porque se saíam mal nas lições (a verdade é que se saíam bem em quase tudo), mas por causa do risco de serem instadas a se levantar para ler alguma coisa, recitar um poema de cor ou escrever a solução para um problema no quadro na frente da classe. *Na frente da classe* eram palavras terríveis para elas.

Então, três vezes por semana, havia aulas de educação física — um problema principalmente para Margot, que não conseguira

obter do pai o dinheiro para comprar a roupa de ginástica. Ela era obrigada a dizer que tinha esquecido a roupa em casa ou pegar emprestada a roupa de uma colega que fosse dispensada. Mas depois de obter a roupa ela conseguia relaxar e correr pelo ginásio, se divertindo, gritando para receber a bola de basquete, enquanto Anita ficava absorta observando a si mesma, com tanta intensidade e rigor de julgamento que frequentemente a bola a atingia na cabeça.

Mas havia momentos melhores. Ao meio-dia elas caminhavam até o centro e olhavam as vitrines de uma linda loja acarpetada que vendia apenas roupas formais e de casamento. Anita planejava um casamento na primavera, com damas de honra em seda verde e rosa e saíões de organza branca. O casamento de Margot aconteceria no outono e as damas de honra usariam veludo damasco. Na Woolworth's elas namoravam batons e brincos. Corriam para a farmácia e se borrifavam com amostras de colônia. Se tivessem algum dinheiro para comprar algo para as mães, gastavam parte do troco em refrigerantes ou balas de caramelo. Elas não tinham como ser infelizes de verdade, pois acreditavam que algo notável estava fadado a acontecer com elas. Elas podiam se tornar heroínas; amor e algum tipo de poder estavam esperando por elas, com certeza.

Teresa lhes dava as boas-vindas quando elas voltavam, com café ou chocolate quente com creme. Ela metia a mão em um pacote de biscoitos e lhes dava goiabinhas ou pedaços de marshmallow polvilhados com flocos de coco colorido. Ela olhava os livros e perguntava sobre o dever de casa. Seja lá o que mencionassem, ela também tinha estudado. Em todas as aulas ela tinha brilhado.

— Inglês, notas perfeitas em inglês! Mas eu não sabia que ia me apaixonar e vir morar no Canadá. Canadá! Acho que só urso-polar mora no Canadá!

Reuel não entrava. Estaria mexendo no ônibus ou em alguma coisa na oficina. Seu humor estava relativamente brando enquanto elas subiam no ônibus.

— Quem vai, vai! — chamava ele. — Apertem os cintos! Ajustem as máscaras de oxigênio! Podem rezar! A gente vai cair na estrada!

Então ele cantava para si mesmo sob o estrépito do ônibus enquanto se afastavam da cidade. Perto de casa o temperamento da manhã retornava, com seu distanciamento e desdém sem alvo certo. Talvez ele dissesse:

— Prontinho, senhoritas. O final de um dia perfeito — enquanto elas desciam do ônibus. Ou talvez não dissesse nada. Mas na loja, Teresa conversava bastante. As histórias da escola que ela contava tornaram-se aventuras de guerra: um soldado alemão se escondendo no jardim, para quem ela levava um pouco de sopa de repolho; os primeiros americanos que ela viu — negros — chegando de tanque e causando a impressão boba e maravilhosa de que estavam colados aos pesados veículos. A história do seu vestidinho de casamento, feito com a toalha de mesa da mãe na época da guerra. Rosas presas no cabelo. Infelizmente o vestido fora feito em pedaços e os trapos foram usados na oficina. Como Reuel poderia adivinhar?

Às vezes Teresa estava conversando com um freguês a quem dava toda a atenção. Nessas ocasiões não servia doces ou bebidas quentes — tudo o que Margot e Anita conseguiam era um aceno, como se Teresa estivesse passando de carruagem em um desfile. Elas ouviam pedaços das mesmas histórias. O soldado alemão, os americanos negros, outro alemão feito em pedaços (o pé metido na bota indo parar na porta da igreja, onde ficou, e todos que passavam chegavam perto para olhar). As noivas no navio. O espanto de Teresa com quanto tempo levava para chegar de Halifax até ali de trem. Os abortos.

Elas a ouviram dizer que Reuel tinha medo que ela engravidasse outra vez.

— Por isso agora ele sempre usa proteção.

Havia pessoas que diziam que tinham parado de entrar na loja, pois não sabiam o que podiam acabar ouvindo, ou quando poderiam sair.

Margot e Anita ficavam se demorando no ponto onde se separavam, a menos que o tempo estivesse horrível. Tentavam esticar o dia um pouco mais, conversando. Qualquer assunto servia. O professor de geografia ficava mais bonito com ou sem o bigode? Teresa e Reuel ainda arrumavam coisa, como Teresa insinuara? Elas conversavam tão fácil e prolongadamente que pareciam falar sobre tudo. Mas havia coisas que guardavam para si.

Anita guardava para si suas duas ambições, que ela não revelava a ninguém. Uma — tornar-se arqueóloga — era esquisita demais, e a outra — virar modelo — era muito presunçosa. Margot contou sua ambição, que era tornar-se enfermeira. Não era necessário ter muito dinheiro para isso, ao contrário da universidade — e depois da formatura era possível ir para qualquer lugar e conseguir um emprego. Nova York, Havaí... dava para ir tão longe quanto se desejasse.

Anita achava que o que Margot não lhe contava era como sua vida devia ser de verdade em casa com o pai. De acordo com Margot, era como um filme de comédia. O pai possesso, um comediante atrapalhado, perseguindo em vão a veloz Margot, que zombava dele, chacoalhando portas fechadas (do celeiro), gritando ameaças monstruosas e sacudindo acima da cabeça qualquer arma em que pudesse pôr as mãos — uma cadeira, machadinha ou pedaço de lenha. Ele tropeçava nos próprios pés e se atrapalhava com as acusações. E não importava o que ele fizesse, Margot ria. Ela ria, o desprezava, o mantinha afastado. Nunca, nunca ela tinha derramado uma lágrima ou gritado de terror como a mãe. Assim dizia ela.

Quando Anita se formou em enfermagem, partiu para trabalhar no Yukon. Lá ela conheceu e se casou com um médico. Esse deveria ter sido o final da história para ela, e um final feliz de acordo com a opinião prevalecente em Walley. Mas ela se divorciou e seguiu em frente. Voltou a trabalhar, juntou dinheiro e se inscreveu na Universidade de Colúmbia Britânica, onde estudou antropologia.

Quando ela voltou para casa para cuidar da mãe, tinha acabado de completar seu ph.D. Ela não teve filhos.

— E o que você vai fazer agora que se formou? — perguntou Margot.

As pessoas que aprovavam o rumo que Anita dera à vida geralmente diziam aquilo. Frequentemente uma mulher mais velha dizia: “Fez muito bem!” ou “Bem que eu queria ter tido coragem para fazer isso quando era jovem, quando ainda ia fazer diferença”. Às vezes a aprovação vinha de cantos insuspeitos. E é claro que não se encontrava aprovação em toda parte. A mãe de Anita não demonstrava nenhuma, e era por isso que por muitos anos ela não voltara para casa. Mesmo no estado atual exaurido, alucinando, a mãe a reconhecera, e reuniu forças para murmurar: “Pelo ralo”.

Anita inclinou-se para perto.

— *Vida* — disse a mãe. — Pelo *ralo*.

Mas outra vez, depois que Anita trocou a gaze das escaras, ela disse:

— Tão feliz. Tão feliz de ter... uma *filha*.

Margot não parecia aprovar ou desaprovar. Ela parecia intrigada de um jeito indolente. Anita começou a falar com Margot sobre algumas coisas que poderia fazer, mas logo elas começaram a ser interrompidas. Os filhos de Margot tinham chegado, trazendo amigos. Os filhos eram altos e seus cabelos tinham tons diferentes de vermelho. Dois deles estavam no colégio e um estava em casa de visita da universidade. Havia outro ainda mais velho, casado e vivendo no Oeste. Margot era avó. Seus filhos falavam com ela aos brados, perguntando onde estavam suas roupas, como estava o estoque de comida, cerveja e refrigerantes da casa e quais bondes iriam para onde em que horários. Então todos foram nadar na piscina próxima à casa e Margot gritou:

— Não é para ninguém entrar na piscina com protetor solar!

— Não tem ninguém usando — respondeu um dos filhos, afetando cansaço e paciência.

— Bom, ontem alguém entrou na piscina usando protetor — respondeu Margot. — Então deve ter sido alguém que veio escondido da praia, não foi?

Debbie, a filha de Margot, chegou em casa da aula de dança e mostrou a fantasia que usaria na apresentação que a escola faria no shopping. Ela seria uma libélula. Tinha dez anos, era troncuda e tinha cabelos castanhos, como Margot.

— Pesadinha essa libélula — disse Margot, recostando-se de volta na cadeira. A filha não suscitava nela a energia combativa que os filhos suscitavam. Debbie tentou pegar um gole da sangria mas Margot a enxotou.

— Vá pegar bebida da geladeira — disse ela. — Escute. Essa aqui é uma visita, ok? Por que você não vai ligar para Rosalie?

Debbie se afastou, desfiando uma reclamação automática: eu não queria limonada *rosa*. Por que você sempre faz limonada *rosa*?

Margot se levantou e fechou as portas deslizantes da cozinha.

— Paz — disse ela. — Beba. Daqui a pouco eu pego uns sanduíches para nós.

A primavera chega depressa àquela parte de Ontário. O gelo fragmenta em blocos que raspam uns nos outros colidindo pelos rios e ao longo da costa. O gelo afunda nos lagos e deixa a água verde. A neve derrete, os córregos inundam, e sem aviso chega o dia em que luvas e cachecóis passam a ser guardados nos bolsos dos casacos. Ainda há neve nos bosques quando os borrachudos saem e o trigo de primavera começa a brotar.

Teresa não gostava do inverno nem da primavera. O lago era grande demais, os campos eram muito amplos e o tráfego passava muito rápido na estrada. Agora que as manhãs tinham ficado agradáveis, Margot e Anita não precisavam do abrigo da loja. Estavam cansadas de Teresa. Anita lera em uma revista que café desbotava a pele. Elas discutiram sobre se abortos podiam causar mudanças químicas no cérebro. Elas ficaram em frente à loja se perguntando se deviam entrar só por educação. Teresa apareceu na porta e acenou para elas, gritando "bem-te-vi!". Elas acenaram — um gesto rápido de mão como Reuel fazia, erguendo a mão do volante no último momento antes do ônibus entrar na estrada.

Reuel estava cantando no ônibus uma tarde, depois de deixar todos os outros passageiros: “A melhor coisa da vida / Perseguir a uhm-hm-hmm”.

Ele cantava a última palavra tão baixo que elas não conseguiam entender. Ele fazia isso de propósito, provocando. Então ele cantou de novo, alto e claro para não haver dúvida: “A melhor coisa da vida-a / Perseguir a perseguida-a”.

Elas não se entreolharam nem disseram nada até estarem caminhando pela estrada. Então Margot disse:

— Cara de pau a dele de cantar aquilo na nossa frente. Cara de *pau* — disse ela, espremendo a última palavra como um bicho de goiaba.

Mas já no dia seguinte, pouco antes de o ônibus chegar ao fim do itinerário, Margot começou a cantarolar. Ela convidou Anita a se juntar a ela, cutucando-a nas costelas e girando os olhos. Elas murmuraram a melodia da canção de Reuel, então começaram a usar palavras, abafando uma aqui, cantando a outra claramente ali, até finalmente juntarem coragem para cantar as duas linhas completas, de um jeito doce e inocente como se cantassem “Jesus Loves Me”:^[13] *A melhor coisa da vida-a / Perseguir a perseguida-a.*

Reuel não disse palavra. Não olhou para elas. Saiu do ônibus antes delas e não ficou segurando a porta. No entanto, menos de uma hora antes, ao pegá-las na escola, ele se mostrara simpático. Um dos outros motoristas olhou para Margot e Anita e disse:

— Carga boa é essa aí.

— Olha pra frente, Zé — Reuel respondeu, interpondo-se de forma que o outro motorista não pudesse vê-las subindo no ônibus.

Na manhã seguinte, antes de começar a jornada, ele passou um sermão nelas.

— Espero que hoje eu esteja levando duas mocinhas, e não que nem aquela história de ontem. Uma moça não pode dizer certas coisas que nem homem pode, não é igual. É que nem mulher se embebedando. Moça que se embebeda, que fala baixaria, quando você vai ver está se metendo em encrenca. Pensem nisso.

Anita se perguntou se elas tinham sido burras. Tinham ido longe demais? Elas tinham desagradado Reuel, talvez o tivessem

enojado, feito com que ele sequer tolerasse vê-las, como acontecia com Teresa. Ela teve vergonha e se arrependeu e ao mesmo tempo achou que Reuel estava sendo injusto. Olhou para Margot e baixou os cantos da boca, indicando o que sentia, mas Margot não notou. Ela estava batendo as pontas dos dedos, olhando de um jeito recatado cínico para a nuca de Reuel.

Anita acordou durante a noite com uma dor incrível. Pensou a princípio que tinha sido acordada por alguma calamidade, como uma árvore caindo na casa ao lado ou um incêndio. Isso foi pouco antes do final do ano letivo. Ela tinha se sentido mal na noite anterior, mas todos na família reclamavam de alguma doença e estavam culpando o cheiro da tinta e da aguarrás. A mãe de Anita estava pintando o linóleo, como fazia sempre naquela época do ano.

Anita gritou de dor antes de acordar completamente e todos acordaram. O pai não achou direito ligarem para o médico antes de o dia amanhecer, mas a mãe dela ligou mesmo assim. O médico disse para levarem Anita para o hospital de Walley. Lá ele a operou e removeu um apêndice rompido, que em algumas horas a teria matado. Ela ficou muito doente por vários dias depois da operação, e teve que ficar quase três semanas no hospital. Só nos últimos dias ela pôde receber visitas de mais alguém além da mãe.

Aquilo foi um drama para a família. O pai de Anita não tinha dinheiro para pagar a operação e a estadia no hospital — ele teria que vender um lote de bordos para pagar. A mãe dela ficou com o crédito por salvar a vida de Anita, e com razão. Pelo resto da vida ela mencionaria aquilo, acrescentando frequentemente que agira contra as ordens do marido (embora não tivesse sido uma ordem, e sim um parecer). Em uma demonstração de independência e autoestima ela começou a dirigir o carro, algo que não fazia havia anos. Ela visitava Anita todas as tardes e levava notícias de casa. Tinha terminado de pintar o linóleo em um padrão de branco e amarelo, usando uma esponja sobre um fundo verde-escuro. Dava a impressão de uma campina distante salpicada de pequenas flores.

O inspetor de leite a cumprimentara por isso, em um dia em que ele ficou para o jantar. Um novilho nascera do outro lado do córrego e ninguém sabia como a vaca tinha chegado lá. As madressilvas estavam florescendo na sebe, e ela trouxe um buquê e conseguiu um vaso com as enfermeiras. Anita jamais vira a mãe tão sociável antes, com ninguém da família.

Anita estava feliz, apesar da fraqueza e da dor que perduravam. Tanto trabalho para impedir que ela morresse. Até a venda do lote de bordos a agradara, fizera ela se sentir única, desejada. As pessoas eram boas e não pediam nada dela, e ela recebeu aquela bondade e a estendeu para tudo ao seu redor. Ela perdoou todos de quem lembrou — o diretor com os óculos brilhantes, os meninos fedidos do ônibus, o injusto Reuel, a falastrona Teresa, as moças ricas com suéteres de lã, sua própria família e o pai de Margot, que devia sofrer durante seus acessos de raiva. Por todo o dia ela não se cansou de olhar para as finas cortinas amarelas na janela, para o tronco e os galhos de uma árvore próxima. Era um freixo, com linhas austeras com textura de veludo pela casca e folhas finas feito pétalas que estavam perdendo a fragilidade e o verde forte da primavera, tornando-se robustas e escurecendo ao assumirem a maturidade do verão. Tudo que existia e crescia no mundo parecia merecer seus parabéns.

Mais tarde ela pensou que aquele humor talvez fosse resultado dos comprimidos que tinham dado a ela, para a dor. Mas talvez não de todo.

Ela tinha ficado com um quarto só para ela, pois estava muito mal (o pai pedira à mãe que perguntasse quanto a mais aquilo custaria, mas a mãe achava que eles não seriam cobrados, já que não tinham pedido). As enfermeiras traziam revistas para Anita, que ela folheava sem ler, pois sentia-se ainda tonta e confortavelmente distraída. Ela não sabia dizer se o tempo passava rápido ou devagar, e não se importava. Às vezes ela sonhava ou imaginava que Reuel a visitava. Ele demonstrava uma ternura sombria, uma paixão muda. Ele a amava, mas abria mão dela, acariciando seus cabelos.

Alguns dias antes de voltar para casa, a mãe de Anita apareceu com uma expressão afogueada no rosto; era o verão que havia chegado, e uma outra coisa que havia acontecido. Ela se postou ao pé da cama de Anita e disse:

— Eu sempre soube que você achava que eu era injusta.

Por aquela época a felicidade de Anita já recebera alguns golpes. Ela fora visitada pelos irmãos, que trombaram contra a cama; pelo pai, que parecera surpreso pela filha querer dar-lhe um beijo; e pela tia, que dissera que depois de uma operação daquelas geralmente as pessoas engordavam. Agora o rosto da mãe, a voz dela feito um punho rasgando gaze.

A mãe falava sobre Margot. Anita soube imediatamente por um repuxão característico da boca da mãe.

— Você sempre achou que eu era injusta com sua amiga Margot. Eu nunca gostei daquela moça e você achava que eu era injusta. Agora veja só o que acontece. Parece que eu não estava tão errada no fim das contas. Desde que ela era pequena eu já sabia. Eu via o que você não via. Que ela tinha um quê dissimulado e era obscena.

A mãe disparava cada sentença fazendo pausas, numa voz alta e descuidada. Anita não olhou em seus olhos. Ficou olhando para a pequena verruga marrom debaixo de uma narina. Parecia cada vez mais repelente.

A mãe se acalmou um pouco, e disse que Reuel levara Margot até Kincardine no ônibus escolar, no final do dia, no último dia de aula. E claro que desde que Anita adoecera eles ficavam sozinhos no ônibus, na ida e na volta. Eles disseram que tudo o que fizeram em Kincardine foi passear e comer batata frita. Que cara de pau! Usar um ônibus escolar para escapadas e sem-vergonhice. Eles voltaram à noite, mas Margot não foi para casa. Ainda não tinha aparecido em casa. O pai dela fora até a loja e batera nas bombas de gasolina, quebrando-as, espalhando vidro até na estrada. Ele ligou para a polícia reclamando sobre Margot, e Reuel ligou para eles reclamando sobre as bombas. Reuel tinha amigos na polícia, e o pai de Margot foi obrigado a sossegar. Margot ficou na loja, aparentemente para escapar de uma surra.

— Então foi só isso — disse Anita. — Só uma porra de uma fofoca escrota.

— Ah, não. Ah, não. E veja como fala comigo, mocinha.

A mãe disse que tinha escondido tudo de Anita. Aquilo tudo acontecera e ela não dissera nada. Tinha dado a Margot o benefício da dúvida. Mas agora não havia dúvida. Souberam que Teresa tinha tentado se envenenar. Ela se recuperara. A loja tinha fechado. Teresa ainda vivia lá, mas Reuel levava Margot com ele, e ambos agora viviam em Walley. Em algum quartinho dos fundos, na casa de amigos dele. Estavam vivendo juntos. Reuel ia trabalhar na oficina todo dia, então era como se na verdade estivesse morando com as duas. Será que o deixariam dirigir o ônibus escolar no futuro? Era improvável. Todos diziam que Margot devia estar grávida. Água sanitária Javex era o que Teresa havia ingerido.

— E Margot nunca contou nada para você — disse a mãe de Anita. — Nunca mandou um bilhete, nada, esse tempo todo que você está aqui. E ainda é sua amiga.

Anita tinha a sensação de que a mãe estava zangada com ela não só por sua amizade com Margot, uma moça que havia se desgraçado, mas por outro motivo. Ela tinha a sensação de que a mãe via o que ela também podia ver — a inadequada Anita, preterida, desconsiderada, não só por Margot mas pela vida. Será que a mãe não sentia uma decepção zangada por não ter sido Anita a moça escolhida, envolvida em drama, transformada em mulher, arrebatada pela vida impetuosa? Ela jamais admitiria isso. E Anita não conseguia admitir que se sentia como um grande fracasso. Ela era uma criança, não sabia de nada, tinha sido traída por Margot, que no final sabia de muitas coisas. Amuada, ela disse:

— Estou cansada de falar.

Ela fingiu adormecer para que a mãe tivesse de partir.

Então ela ficou na cama, acordada. Ficou acordada a noite toda. A enfermeira que veio na manhã seguinte disse:

— Mas que cara é essa! A incisão está incomodando? Você quer que eu veja se você ainda pode tomar alguma coisa?

— Eu odeio esse lugar — disse Anita.

— Odeia? Bom, só falta um dia para você ir para casa.

— Não estou falando do hospital. Estou falando *daqui*. Eu queria viver em outro lugar, longe daqui.

A enfermeira não pareceu muito surpresa.

— Você já terminou o segundo grau? Então. Você pode pegar um estágio como enfermeira. O único custo é o de comprar o seu material. Eles não pagam muito enquanto você está no estágio, mas depois você pode conseguir um emprego em qualquer lugar. Dá pra arranjar emprego em qualquer lugar do mundo.

Era o que Margot tinha dito. E agora seria Anita quem iria se tornar enfermeira, e não Margot. Ela se decidiu naquele dia. Mas achou que era um prêmio de consolação. Ela teria preferido ser escolhida. Teria preferido ser esmagada por um homem e seu desejo e o destino que ele preparasse para ela. Ela teria preferido ser motivo de escândalo.

— Você quer saber? — disse Margot. — Quer saber como eu consegui esta casa? Quer dizer, eu não saí procurando nada até podermos arcar com as despesas. Mas você sabe como é com os homens, tem sempre alguma coisa mais importante para resolver. Eu passei um bom tempo vivendo em muquifos. Tinha um lugar que era cheio daquele treco, sabe, que fica embaixo do carpete, pelo chão? Aqueles tufo marrons que ficam pela casa e parecem pelo de bicho? Eu olho para aquilo e já me dão umas coisas. Na época eu andava doente o tempo todo. Estava grávida do Joe. Isso era atrás do prédio Toyota, só não se chamava Toyota ainda. Reuel conhecia o síndico. Claro. Então foi barato para gente.

Margot continuou, dizendo que um dia, há cerca de cinco anos, algo tinha acontecido. Debbie ainda não estava indo à escola. Foi em junho. Reuel ia passar o final de semana fora; ia pescar no norte de Ontário, perto do rio dos Franceses. Margot recebera um telefonema sobre o qual não falara a ninguém.

— É a sra. Gault?

Margot disse que sim.

— É a sra. Reuel Gault?

“Sim”, disse Margot, e a voz — era uma voz de mulher, talvez de uma moça, abafada e dando risinhos — perguntou se ela queria saber onde o marido podia ser encontrado no fim de semana.

— Me diga — disse Margot.

— Por que não dá uma olhada em Georgian Pines?

— Muito bem — disse Margot. — Onde fica isso?

— Ah, é um acampamento — disse a voz. — É bem bonito. Você não conhece? Fica em Wasaga Beach. Vá ver lá.

O lugar ficava a cento e sessenta quilômetros dali. Margot fez arranjos para o domingo. Ela teve que conseguir uma babá para Debbie. Não podia chamar Lana, a babá de sempre, porque Lana estava indo a Toronto numa escapada de fim de semana com membros da banda do colégio. Ela conseguiu chamar uma amiga de Lana que não estava na banda. Ela gostou desse arranjo, pois temia encontrar Reuel justamente com a mãe de Lana, Dorothy Slote. Dorothy Slote era a contadora de Reuel. Ela era divorciada, e tão famosa em Walley por seus inúmeros casos que os moleques do colégio às vezes gritavam para ela na rua, ao passarem de carro: “Dorothy Slot, curte um bafo no cangote!”. E às vezes a chamavam de Dorothy Slut.^[14] Margot sentia pena de Lana — por isso ela começara a chamá-la para tomar conta de Debbie. Lana não ia ser bonita como a mãe, e era tímida, e não muito inteligente. Margot sempre comprava um presentinho para ela no Natal.

Na tarde de sábado Margot foi de carro até Kincardine. Ela só ia ficar fora umas duas horas, e por isso deixou que Joe e a namorada levassem Debbie para a praia. Em Kincardine ela alugou outro carro — uma van, um calhambeque azul como os que os hippies dirigiam. Ela também comprou algumas roupas baratas e uma peruca muito cara, muito realista. Ela deixou tudo na van, e estacionou a van no lote atrás de um supermercado. Na manhã de domingo ela foi de carro até lá, deixou o carro no lote, pegou a van, trocou de roupa, colocou a peruca e aplicou mais maquiagem. Então continuou dirigindo para o norte.

A peruca tinha uma bonita cor castanho-clara, era ondulada na frente e longa e lisa nas costas. As roupas eram umas calças jeans rosa apertada e uma blusa listrada branca e rosa. Margot era mais

magra na época, embora não fosse *magra* de verdade. Além disso, usava sandálias de couro, brincos balangandã, enormes óculos de sol rosa. Toda montada.

— Eu fiz tudo — disse Margot. — Pinte os olhos que nem a Cleópatra. Acho que nem meus filhos iam me reconhecer. Eu só errei nas calças — eram muito apertadas, muito quentes. As calças e a peruca quase me mataram. Estava um dia de muito calor. E eu demorei a estacionar a van porque nunca tinha dirigido uma antes. Mas tirando isso, tudo tranquilo.

Ela dirigiu até a Rodovia 21, a Bluewater, com a janela abaixada para sentir a brisa do lago, com o cabelo longo esvoaçando e o rádio da van sintonizado em uma estação de rock, para entrar no clima. No clima de quê? Não fazia ideia. Ela fumou um cigarro atrás do outro tentando acalmar os nervos. Os homens que passavam dirigindo buzonavam para ela. É claro que a estrada estava lotada, claro que Wasaga Beach estava cheia em um dia quente e brilhante de junho feito aquele. Perto da praia o tráfego se arrastava, e o cheiro de batata frita e churrasco recobria tudo feito um lençol. Levou algum tempo apenas para encontrar o acampamento, mas ela o encontrou, pagou a diária e entrou dirigindo. Margot ficou dirigindo pelo pátio do estacionamento, tentando localizar o carro de Reuel. Ela não o encontrou. Então pensou que o pátio seria só para os visitantes diurnos. Ela encontrou um local para estacionar.

Agora ela precisava fazer o reconhecimento de todo o lugar a pé.

Primeiro ela caminhou pela parte do acampamento mais afastada da água. Trailers, barracas, pessoas sentadas em frente aos trailers e barracas bebendo cerveja, jogando baralho e fazendo churrasco — mais ou menos a mesma coisa que estariam fazendo em casa. Havia um playground central, com balanços e escorregadores repletos de crianças, crianças arremessando frisbees, bebês nas caixas de areia. Uma barraca de refrescos, onde Margot comprou uma Coca. Ela estava nervosa demais para comer. Era estranho para ela estar em um lugar para famílias e não fazer parte de nenhuma.

Ninguém assobiou ou falou nenhuma gracinha para ela. Havia várias moças de cabelos longos ao redor mostrando mais o corpo do que ela. E era preciso admitir que o que mostravam estava em melhores condições.

Ela caminhou pelas trilhas de areia sob os pinheiros, afastando-se dos trailers. Chegou a um local que parecia um resort mais antigo, que provavelmente estava ali antes que alguém pensasse em instalar ganchos para trailers. A sombra dos pinheiros era um alívio. O chão estava marrom de tantas agulhas e o barro duro tornara-se poeira macia e esfarelenta. Havia chalés duplos e simples, pintados de verde-escuro, com mesas de piquenique ao lado. Lareiras de pedra. Vasos de flores em botão. Era bonito.

Havia alguns carros estacionados perto das cabines, mas o de Reuel não estava lá. Ela não viu ninguém por perto — talvez as pessoas que alugavam chalés fossem do tipo que preferia ficar na praia. Do outro lado da estrada havia um banco, um bebedouro e uma lata de lixo. Ela se sentou no banco para descansar.

E então ele apareceu. Reuel. Saindo do chalé bem em frente ao local onde ela estava sentada. Bem diante do seu nariz. Ele usava os shorts de banho e trazia duas toalhas sobre os ombros. Caminhava de um jeito preguiçoso, encurvado. Um montinho de gordura alva sobressaía acima da linha dos shorts. Margot sentiu vontade de gritar: “Pelo menos endireite as costas!”. Será que ele caminhava assim encurvado porque se sentia traíçoeiro, com vergonha? Ou apenas estaria cansado de fazer o exercício gostoso? Ou já andaria assim encurvado há um bom tempo e ela não havia notado? Seu corpo outrora grande e forte estava assumindo uma consistência mole.

Ele foi até o carro estacionado perto do chalé, e ela soube que ele procurava pelos cigarros. Ela sabia, porque no mesmo instante estava vasculhando a própria bolsa à procura dos seus. Pensou que se aquilo fosse um filme, ele teria se aproximado correndo com um isqueiro, ansioso por ajudar a moça bonita sem reconhecê-la enquanto a plateia prendia o fôlego. Então uma sombra de reconhecimento e horror em seu rosto — incredulidade e horror. Enquanto ela, a esposa, apenas ficava sentada, composta e

satisfeita, tragando forte o cigarro. Mas nada disso aconteceu, é claro. Ele nem olhou em sua direção. Ela ficou ali sentada, suando no jeans, e suas mãos tremiam tanto que ela teve que apagar o cigarro.

O carro não era o dele. Era aquele o carro de Dorothy Slut?

Talvez ele estivesse com outra pessoa, alguém completamente desconhecida de Margot, uma estranha. Alguma estranha que pensava conhecê-lo tão bem quanto a esposa.

Não. Não. Não desconhecida. Não uma estranha. Não era uma estranha mesmo. A porta da cabine se abriu e eis Lana Slote. Lana, que era para estar em Toronto com a banda. Que não podia ficar de babá de Debbie. Lana, de quem Margot sempre se apiedara, com quem sempre fora bondosa por achar que ela era um tanto solitária e sem sorte. Porque achava que dava para ver que Lanatinha sido criada quase que apenas pelos avós já bem idosos. Lana parecia antiquada, prematuramente séria sem ser inteligente, e não era muito saudável, como se tivesse subsistido de refrigerantes e sucrilho açucarado, e fosse qual fosse a mistura gosmenta de milho enlatado, batata frita e macarrão com queijo que os velhos comiam. Ela pegava resfriados fortes, tinha complicações asmáticas, sua tez era baça e pálida. Mas seu pequeno corpo tinha um porte robusto, bem desenvolvido na frente e atrás; ela tinha bochechas de bichinho fofo quando sorria, e seu cabelo era naturalmente louro, liso e longo. Ela era tão tímida que até Debbie mandava nela, e os meninos caçoavam dela.

Lana usava um maiô que a avó poderia ter escolhido para ela. A parte de cima, sobre seus seios já volumosos, e uma saia florida. Suas pernas eram atarracadas e muito brancas. Ela ficou parada ali no degrau como se estivesse receosa em aparecer. Reuel teve de voltar para dar um empurrãozinho. Com inúmeros tapinhas nas costas, ele colocou uma das toalhas sobre seus ombros. Encostou seu rosto em sua cabeça loura e fina, esfregando o nariz no cabelo dela para, sem nenhuma sombra de dúvida, inalar aquela fragrância infantil. Margot tudo observava.

Eles foram andando pela estrada até a praia, mantendo uma distância respeitosa um do outro. Tal qual pais e filhos.

Margot agora tinha observado que o carro era alugado. De um lugar em Walkerton. Que engraçado, pensou, se tivesse sido alugado em Kincardine, no mesmo lugar onde ela alugara a van. Desejou colocar um aviso debaixo do limpador de para-brisa, mas não tinha nada para escrever nele. Nem papel nem caneta. Mas na grama do lado da lata de lixo ela achou um pacotinho do Kentucky Fried Chicken, quase sem sujeira nenhuma. Então ela o rasgou em pedaços e, nesses pedaços, escreveu — ou praticamente imprimiu, em letras maiúsculas — as seguintes mensagens:

é melhor você se cuidar,
pois vai acabar na cadeia

o esquadrão da lei vai te pegar se
você não ficar de olho

perversos nunca prosperam

tal qual mãe e filha

melhor jogar isso fora, de volta
no rio, já que ainda não cresceu o bastante

vergonha

vergonha

Ela escreveu outro bilhete que dizia “gordo nojento com uma criança retardada”, mas rasgou. Não gostou do tom. Histérico. Ela deixou os bilhetes onde tinha certeza de que seriam encontrados — debaixo de um limpador de para-brisa, na junção da porta, debaixo de pedras na mesa de piquenique. Então ela partiu depressa, com o coração em disparada. Ela dirigiu tão mal a princípio que quase matou um cachorro. Não confiava em si mesma na estrada, e por isso pegou vias secundárias de cascalho, e teve que ficar se lembrando de segurar a velocidade. Ela queria ir rápido. Queria

decolar. Sentia-se quase à beira de explodir em pedaços. Era bom ou terrível o modo como se sentia? Ela não sabia dizer. Ela sentia como se tivesse sido solta, nada importava para ela; sentia-se leve feito folha de grama.

Mas ela voltou a Kincardine. Trocou de roupa, tirou a peruca e tirou a maquilagem dos olhos. Descartou as roupas e a peruca na lixeira — não sem certo pesar — e devolveu a van. Queria ir ao bar do hotel para tomar uma bebida, mas tinha medo de como isso afetaria sua capacidade de direção. E tinha medo do que faria se qualquer homem que a visse bebendo sozinha fizesse o menor comentário. Mesmo que ele dissesse apenas “Dia quente”, ela era capaz de gritar, de rasgar seu rosto com as unhas.

Lar. Os filhos. Pagar a babá. Uma amiga de Lana. Teria sido ela quem telefonara? Pedir comida para o jantar. Pizza — não kfc, que agora sempre a lembraria daquilo. Então ficou acordada até tarde, esperando. Tomou alguns drinques. Certas noções ficavam cabriolando em sua mente. Advogado. Divórcio. Castigo. Tais noções a atingiam, reverberando, então sumiam sem deixar pista de como proceder. O que ela deveria fazer primeiro? E depois? Como sua vida prosseguiria? Os filhos todos tinham compromissos, os rapazes tinham empregos de verão, Debbie estava prestes a sofrer uma pequena operação no ouvido. Ela não podia partir com eles. Teria que fazer tudo sozinha, em meio à fofoca geral — que ela já provara uma vez, e tinha bastado. Além disso, ela e Reuel tinham sido convidados para uma grande festa de aniversário na semana seguinte; ela tinha que comprar o presente. Um homem estava vindo para consertar os ralos.

Reuel demorou tanto a chegar em casa que ela começou a temer que ele tivesse se acidentado. Ele tivera de passar por Orangeville, para deixar Lana na casa da tia. Fingira ser um professor do colégio transportando um membro da banda (o professor de verdade fora informado de que Lana estava em Orangeville cuidando da tia doente). Reuel sentiu o estômago atacar depois de ler os bilhetes. Ficou na cozinha mastigando

antiácidos e bebendo leite. Margot fez café para ficar sóbria para a briga.

Reuel disse que era tudo na inocência. Só um passeio com a menina. Assim como Margot, ele também se apiedara dela. Na inocência.

Margot riu daquilo. E riu ao contar a história:

— Eu disse a ele: “Inocência? Eu conheço a sua inocência! Com quem você acha que está falando? Com a Teresa?”, e ele disse: “Quem?”. Não, sério. Por um instante ele ficou sem expressão, sem lembrar de nada. Perguntou “Quem?”...

Margot se perguntou então: “Que castigo? E para quem?”. Ela pensou que ele provavelmente se casaria com a menina, haverá bebês com certeza e logo, logo o dinheiro vai escassear.

Antes de irem para cama já bem tarde da madrugada, ele lhe prometera a casa.

— Porque com homem chega uma hora que eles só não querem mais esquentar a cabeça. Preferem concordar logo. Eu discuti e barganhei duro com ele até o osso, e consegui quase tudo o que queria. Se ele começava a ratear mais para a frente, eu só tinha de dizer: “Olha a peruca!”. Eu contei tudo para ele: sobre a peruca, a van, onde eu fiquei sentada, tudo. Eu falava isso na frente das crianças, ou de qualquer um, e ninguém fazia ideia do que eu estava falando. Mas ele sabia! Reuel sabia. *Olha a peruca!* Eu ainda falo isso de vez em quando, sempre que acho apropriado.

Ela pegou uma fatia de laranja do copo, chupou, depois mastigou.

— Eu pus outra coisa aqui além do vinho — disse ela. — Pus um pouquinho de vodca também. Você notou?

Ela espichou braços e pernas ao sol.

— Sempre que eu acho... apropriado.

Anita achava que Margot podia ter desistido da vaidade, mas não tinha desistido do sexo. Margot talvez conseguisse contemplar o sexo sem corpos bonitos ou sentimentos bondosos. Uma bateção saudável.

E quanto a Reuel — do que ele desistira? Toda a dura barganha de Margot dependia apenas de um fato: se Reuel estava pronto ou

não.

Barganhas. Barganhas, cálculos, casas e dinheiro. Anita não conseguia imaginar aquilo. Como transformar amor e traição em bens sólidos? Ela optara em vez disso por chegadas e partidas, emoções em ponto de bala, uma fidelidade a um certo sentimento que frequentemente significava ser infiel a quase todo o resto.

— Agora você — disse Margot, parecendo muito satisfeita. — Eu contei uma coisa. Agora é a sua vez de me contar outra. Conte-me como você decidiu deixar o seu marido.

Anita contou o que acontecera em um restaurante da Colúmbia Britânica. Anita e o marido, de férias, entraram em um restaurante de beira de estrada e Anita viu um homem que a fez lembrar de outro homem que ela tinha amado — não, melhor dizendo, por quem tivera uma paixão — muitos anos antes. O homem no restaurante tinha um rosto pesado, pálido, com uma expressão evasiva de escárnio, quase uma cópia sem vida do rosto do homem que ela amara, e seu corpo de membros longos era quase uma cópia do corpo do outro, se ele sofresse de letargia. Anita mal conseguiu se arrancar dali quando chegou a hora de sair do restaurante. Ela entendeu aquela expressão: parecia que ela estava sendo arrancada dali, deixando fiapos rasgados de si para trás. Por todo o caminho até Island Highway, entre as fileiras cerradas e sombrias de altos abetos e pinheiros, e na barca até Prince Rupert, ela sentiu uma dor absurda pela separação. Ela decidiu que, se era capaz de sentir tamanha dor, se conseguia sentir mais por um fantasma do que jamais sentiria no casamento, então era melhor partir.

Assim ela contou a Margot. Tinha havido mais coisas, evidente, e nada foi assim tão claro.

— Então você foi e procurou esse homem? — perguntou Margot.

— Não. Foi algo platônico. Eu não fui atrás, não pude.

— Então outra pessoa.

— E outra pessoa, e outra pessoa — disse Anita, sorrindo. Na outra noite, sentada ao lado da mãe esperando para lhe dar injeção, ela pensou nos homens, empilhando os nomes deles um

sobre os outros como se para passar o tempo, como se nomeasse os grandes rios do mundo, ou as capitais, ou os filhos da rainha Vitória. Ela se arrependia de alguns deles, mas sem maiores remorsos. Na verdade, certo calor humano se irradiava daquela coleção de nomes. Uma satisfação pouco a pouco acumulada.

— Bom, há quem viva assim — disse Margot, resoluta. — Mas para mim parece esquisito. Parece mesmo. Quer dizer, se não é para casar, então pra que isso tudo? — Ela fez uma pausa. — Você sabe o que eu faço às vezes? — Ela se levantou rápido e foi até as portas deslizantes. Ela ficou ouvindo, então abriu a porta e meteu a cabeça para dentro. Então retornou e se sentou.

— Só vendo se Debbie não está bisbilhotando — disse ela. — Com os meninos, até dá para falar de coisas pessoais terríveis porque é que nem falar hindu, eles não prestam atenção na gente mesmo. Mas as meninas prestam atenção. Debbie presta... Vou dizer o que eu faço. Eu vou visitar Teresa de vez em quando.

— Ela ainda está lá? — perguntou Anita, com grande surpresa. — Teresa ainda está na loja?

— Que loja? Ah, não! Não, não. A loja fechou. O posto fechou. Foi derrubado há anos. Teresa está no asilo aqui do condado. Agora eles têm essa Ala Psiquiátrica lá. Estranho que ela trabalhou lá por anos a fio, servindo bandejas, arrumando o lugar, essas coisas. Aí ela começou a ter assim uns ataques de bobeira. Então agora ela às vezes trabalha lá, e às vezes só... *fica* lá, se é que você me entende. Quando ela tem os ataques, não dá trabalho a ninguém. Só fica muito confusa. E fala-fala-fala-fala.... Como sempre fez, só que mais. Ela só que saber de falar, falar, falar, e enfeitar-se. Ela sempre pede que a gente leve coisas para ela, óleo de banho, perfume, maquiagem. Da última vez que fui lá, levei aquele produto de fazer luzes no cabelo. Achei que não ia dar certo, é meio complicado de usar. Mas ela leu as instruções e fez direitinho. Não fez bagunça nem nada. Quando eu digo “confusa”, quero dizer que ela acha que ainda está no navio. O navio com as noivas de guerra, trazendo todas para o Canadá.

— Noivas de guerra — disse Anita. Ela as viu coroadas com penas brancas, resolutas, imaculadas. Era em cocares indígenas

que pensava.

Ela não precisava vê-lo, por anos não teve o menor desejo de vê-lo. Um homem esboroa a vida de uma mulher por um tempo indeterminado, e então certo dia já não há mais nada lá, só um buraco no lugar que ele ocupava, é bastante imprevisível.

— Sabe o que acaba de me passar pela cabeça neste instante? — perguntou Margot. — O jeito que a loja ficava pela manhã. E a gente entrando quase congeladas. Nossa vida era dura mas a gente não notava.

Anita pensou que elas tinham poder. É um poder de transformação, quando se está cheio de medo e ansiedade — nada na vida escapa da sensação de importância. Um poder que não se pensa em perder, porque nunca se sabe possuí-lo.

— Ela costumava ir bater na nossa porta — disse Margot, em uma voz sem entonação, incrédula. — Lá. Lá, quando Reuel estava comigo no quarto. Era horrível. Eu não sei. Eu não sei, você acha que era amor?

De onde elas estão os longos braços do quebra-mar parecem palitos de fósforo flutuando. As torres, as pirâmides, a esteira de minério da mina de sal parecem enormes brinquedos flutuantes. O lago faísca feito alumínio. Tudo parece brilhante, distinto e inofensivo, presa de um fascínio.

— Nós todas estamos no navio — diz Margot. — Ela pensa que nós estamos no navio. Mas é ela que Reuel vai encontrar em Halifax. Ela tem sorte.

Margot e Anita chegaram até ali. Ainda não estão prontas para parar de conversar. Elas são bem felizes.

- [1] Jogo de tabuleiro em que os jogadores se alternam arremessando discos com o objetivo de chegar às regiões de maior pontuação na superfície do tabuleiro e de afastar os discos do oponente dessas áreas. (n.t.)
- [2] Nomes de programas de rádio. (n.t.)
- [3] Movimento religioso escocês de papel importante na história da Escócia durante o século xvii. (n.t.)
- [4] James Graham, Marquês de Montrose (1612-1650). (n.t.)
- [5] Data observada pela Comunidade das Nações desde o final da Primeira Guerra Mundial em memória dos que morreram no cumprimento do dever. (n.t.)
- [6] Legião Real Canadense, entidade não lucrativa de apoio a veteranos de guerra fundada em 1925. (n.t.)
- [7] "A castanheira despede seus archotes", poema de Alfred Edward Housman (1859-1936). (n.t.)
- [8] Usada para se referir a mulheres de idade tentando se passar por jovens. (n.t.)
- [9] Termo pejorativo para nativos da ilha de Terra Nova. (n.t.)
- [10] Abrigo Seboso. (n.t.)
- [11] Moshe Dayan (1915-1981), líder militar e político israelense. (n.t.)
- [12] Alan Wilson Watts (1915-1973), filósofo inglês, conhecido principalmente como intérprete e divulgador da filosofia oriental. (n.t.)
- [13] Famoso hino cristão com letra de Anna Bartlett Warner (1827-1915). (n.t.)
- [14] "Dorothy Vadia". (n.t.)